



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**GOVERNAMENTALIDADE, BIOPOLÍTICA E BIOPODER: A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA PARA O
"CORPO VELHO" NOS DISCURSOS DA MÍDIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

MARIA EMMANUELE RODRIGUES MONTEIRO

ORIENTADORA: PROF^ª. DR^ª. MARIA REGINA BARACUHY LETTE

JOÃO PESSOA, PB

ABRIL - 2014

MARIA EMMANUELE RODRIGUES MONTEIRO

**GOVERNAMENTALIDADE, BIOPOLÍTICA E BIOPODER: A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA PARA O
"CORPO VELHO" NOS DISCURSOS DA MÍDIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Regina Baracuhy Leite.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais

Linha de pesquisa: Discurso e Sociedade

JOÃO PESSOA, PB

2014

M775g Monteiro, Maria Emanuele Rodrigues.

Governamentalidade, biopolítica e biopoder: a produção identitária para o corpo velho nos discursos da mídia brasileira contemporânea / Maria Emanuele Rodrigues Monteiro.-- João Pessoa, 2014.

240f. : il.

Orientadora: Maria Regina Baracuhy Leite

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL

**GOVERNAMENTALIDADE, BIOPOLÍTICA E BIOPODER: A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA PARA O "CORPO VELHO"
NOS DISCURSOS DA MÍDIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação da Profª Drª Maria Regina Baracuhy Leite.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora:	Prof.ª Dr.ª Maria Regina Baracuhy Leite Universidade Federal da Paraíba/UFPB <i>Maria Regina Baracuhy Leite</i>
Membro Titular:	Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa Universidade Estadual de Maringá/UEM <i>Pedro Luis Navarro Barbosa</i>
Membro Titular:	Prof.ª Dr.ª Maria Ester Vieira de Souza Universidade Federal da Paraíba/UFPB <i>Maria Ester Vieira de Souza</i>
Membro Titular:	Prof. Dr. Francisco Paulo da Silva Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN <i>Francisco Paulo da Silva</i>
Membro Titular:	Prof. Dr. Pedro Farias Francelino Universidade Federal da Paraíba/UFPB <i>Pedro Farias Francelino</i>
Membro Suplente:	Prof.ª Dr.ª Marluce Pereira da Silva Universidade Federal da Paraíba/UFPB

APROVADA EM 16/05/2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma maneira, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Especialmente:

- A minha família por ter aturado o meu humor instável durante a escritura deste trabalho.
- À tia Vitória, onde quer que esteja, por ter me apresentado as primeiras letras.
- A tio Rogério e tia Biná por me mostrarem que é possível amar a profissão de professor, mesmo dentro das condições que nos são impostas, a eles devo o meu amor pela linguagem.
- A minha amiga-irmã Juliene Betrine pelo seu coração tão grande quanto o calor do sertão no qual partilhamos os primeiros passos dessa jornada, lá na tão distante Graduação em Letras.
- A minha orientadora Regina Baracuhy por ter acreditado em mim e ter aberto as portas de sua casa e do mundo acadêmico. Regina, aguarde-me, esse é só o primeiro passo de mais uma longa jornada.
- A minha amiga-irmã Edileide Godoi, que quando da época do mestrado me ensinou a abraçar, e agora me ensina a importância de cultivar os afetos, afinal a gente “se torna responsável por aquilo que cativa”.
- A Helmut, meu Zazuzinho, por me amar mesmo, muitas vezes, à distância e por cantar para mim, quando eu estava desestimulada ou triste.
- Aos Professores Nilton Milanez e Francisco Paulo pelas valorosas contribuições na banca de qualificação.
- Aos professores que aceitaram o convite para compor a Banca Examinadora e se dispuseram a ler esta tese, contribuindo para a sua redação final.
- Aos colegas e amigos do CIDADI – Círculo de Discussões em Análise do Discurso pelas tardes compartilhando saberes e sabores.
- À Aninha, Gabriel, Evaldo, Alana, Do Carmo e Chiquinho por me mostrarem que há mais coisas entre o céu e a terra e por me tirarem da “caverna” pelo menos duas horas por semana.

A todos vocês, muitíssimo obrigada!

DEDICATÓRIA

À VOVÓ TETÊ, AO MEU PAI, A MINHA MÃE E A MEUS IRMÃOS E IRMÃS.
VOCÊS SÃO MINHA VIDA E MINHA HISTÓRIA.

"O CORPO É UMA REALIDADE BIOPOLÍTICA".

(MICHEL FOUCAULT)

RESUMO

Esta tese investiga a produção discursiva da Mídia sobre o “corpo velho”. O fato de a população brasileira de idosos ter quintuplicado nos últimos trinta anos, em termos quantitativos e qualitativos, despertou o interesse de instituições midiáticas pelos sujeitos idosos em razão do consumo aumentado de mercadorias e serviços. A partir disso questionamos: Como se desenvolve essa biopolítica, fomentada pela mídia, para o “corpo velho”? Como a contradição (quando centrada nas expressões “gerontolescente”, “envelhecete”, “superidoso”) afeta a produção de identidades para os sujeitos idosos? Esses problemas nos levou a objetivarmos analisar o “corpo velho” na mídia brasileira, a fim de explicar como ocorre a relação saber-poder na produção de identidades de inclusão/exclusão que resulta na espetacularização da posição sujeito “superidoso”/ “gerontolescente”, tendo como fio-condutor as noções de Biopolítica, Biopoder e Governamentalidade. Fundamentamos nossa pesquisa nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso a partir dos diálogos de Michel Pêcheux com Michel Foucault e as contribuições de Jean-Jacques Courtine para o estudo de uma Semiologia Histórica da imagem. A categoria identidade será discutida a partir de Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, e Zigmunt Bauman. Nosso *corpus* é composto pelos dizeres da Mídia sobre a velhice, formatados em diversos gêneros – reportagem, propaganda e capas de revista, materializados nas revistas Época, Isto é e Veja. Entre os resultados da pesquisa, constatamos que o corpo, do mesmo modo que a língua e a linguagem, é gerido socialmente, funcionando como matriz produtora de sentidos, dando suporte aos significados. O “corpo velho”, pensado a partir dessa ótica cultural, possibilita-nos observá-lo a partir das transformações simbólicas que esse corpo sofreu ao longo do tempo, dentro de uma memória coletiva, que é também cambiante, dos paradigmas de cada cultura, expressando, desse modo, aspectos da velhice constituídos historicamente.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Corpo Velho. Mídia. Biopolítica. Biopoder.

RESUMÉ

Cette thèse investigate la production discursive des médias sur le " corps vieux ". Le fait que la population brésilienne ont quintuplé au cours des trente dernières années, en termes quantitatifs et qualitatifs, a suscité l'intérêt des institutions médiatiques pour les sujets âgés en raison de la consommation accrue de biens et de services. Ainsi, nous avons cherché à analyser le "corps vieux " dans les médias brésiliens, afin d'expliquer comment la relation pouvoir-savoir se produit dans la production des identités d'inclusion / exclusion qui se traduit par le spectacularisation de position sujet "superâges" / "gerontolescent ". Nous avons aussi un guide les notions de biopolitique, biopouvoir et gouvernementalité. Nous fondons notre recherches sur les hypothèses théoriques et méthodologiques de l'Analyse du Discours des dialogues Pêcheux avec Michel Foucault et les contributions de Jean- Jacques Courtine pour l'étude historique sémiologie de l'image. La catégorie Identité sera discutée à partir de Stuart Hall , Tomaz Tadeu da Silva , et Zigmunt Bauman. Notre *corpus* se compose du libellé des médias sur la vieillesse , formatés dans des genres différents - reportage , publicité et couvertures de magazines, matérialisées dans les magazines **Época**, **Isto é** e **Veja**. Parmi les résultats de l'enquête , nous avons constaté que le corps de la même manière que la langue et la langue est géré social, travaillant comme un réseau de producteur de sens, soutenant significations . Le "corps vieux" pensé de ce point de vue culturel , nous permet d' observer des transformations symboliques que le corps a subi au fil du temps, dans une mémoire collective, qui est également en train de changer, les paradigmes de chaque culture, en exprimant ainsi constitué historiquement aspects du vieillissement .

Mots-clés: Analyse du Discours. "Corps Vieux". Médias. Biopolitique. Biopouvoir.

ABSTRACT

This thesis investigates media's discursive production about the "old body". The fact that the Brazilian elderly population has increased fivefold in the last thirty years, in quantitative and qualitative terms, aroused the interest of media institutions for elderly subjects due to increased goods and services consumption. Thus, we aimed to analyze the "old body" in Brazilian media, in order to explain how the knowledge-power relationship occurs in inclusion/exclusion identities production that results in the spectacle of "superelder" / "gerontolescent" subject position, with the conducting wire Biopolitics, Biopower and Governmentality notions. We base our research on Discourse Analysis' theoretical and methodological assumptions from Pêcheux with Michel Foucault's dialogues and Jean- Jacques Courtine's contributions for media wordings on old age, formatted in various genres - reportage, advertising and magazine covers, materialized in **Época**, **Isto é** and **Veja** magazines. Among the survey results, we found that the body, in the same way that idiom and language, is socially managed, working as producer of meanings matrix, supporting meanings. The "old body" thought from this cultural perspective, enables us to observe it from the symbolic transformations that body has undergone over time, within a collective memory, which is also changing, from the paradigms of each culture, expressing, thus, aspects of aging historically constituted.

Keywords: Discourse Analysis. Old body. Media. Biopolitics. Biopower.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 RECORTE DA CAPA DA REVISTA ÉPOCA, 05/07/2010.....	36
FIGURA 2 , FIGURA 3 E FIGURA 4.....	65
FIGURA 5.....	68
FIGURA 6.....	68
FIGURA 7.....	68
FIGURA 8 ÉPOCA, 2003, 2004, 2006, 2009.....	75
FIGURA 9 REVISTA ÉPOCA, 13/01/2003.....	76
FIGURA 10 REVISTA ÉPOCA, 12/04/2004.....	76
FIGURA 11 REVISTA ÉPOCA, 13/03/2006.....	79
FIGURA 12 REVISTA ÉPOCA, 09/01/2009.....	79
FIGURA 13 FONTE: GOOGLE IMAGENS.....	97
FIGURA 14 REVISTA VEJA, 25 DE NOVEMBRO DE 2009.....	106
FIGURA 15 CAPA DO LIVRO "DONA BENTA: COMER BEM".....	112
FIGURA 16 FOLHA DE S.PAULO. 09/05/2013.....	112
FIGURA 17 VEJA, 22/02/1995 P.32.....	131
FIGURA 18 VEJA, 22/02/1995 P.35.....	131
FIGURA 19. VEJA, 22/02/1995.....	134
FIGURA 20 HTTP://WWW.CAMPINAFM.COM.BR/JORNALINTEGRACAO/NOTICIA/STP-DISCUITE-VAGAS-DE-DEFICIENTES-EM-SEMINARIO	136
FIGURA 21 FONTE: GOOGLE IMAGENS.....	141
FIGURA 22 CENTRO DA PESSOA IDOSA - JOÃO PESSOA.....	146
FIGURA 23 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CLUBES DA MELHOR IDADE - SEDE PARAÍBA.....	148
FIGURA 24 ABCMI TURISMO DIFERENCIADO.....	148
FIGURA 25 REVISTA ÉPOCA, EDIÇÃO 243.....	150
FIGURA 26 APOSENTADOS JOGANDO BARALHO, REVISTA ÉPOCA, 16/01/2012.....	150
FIGURA 27 CAPA DA REVISTA ÉPOCA 29/09/2003 - ETERNAMENTE JOVEM.....	156
FIGURA 28 ÉPOCA, 16 DE NOVEMBRO DE 2009, P. 89.....	159
FIGURA 29 SUPER-HOMEM, ACESSADA EM 23/07/2013.....	160
FIGURA 30 A GERAÇÃO SEM IDADE - CAPA DA REVISTA VEJA EDIÇÃO 2121, 15/06/2009.....	163
FIGURA 31 VOCÊ QUE ENVELHECER... - REVISTA VEJA 23/06/2010.....	167
FIGURA 34 DIETA JÁ. JUN./2004.....	167
FIGURA 32 ANA MARIA, 10/01/2014.....	167
FIGURA 33 DIETA JÁ. ABRIL/2006.....	167
FIGURA 35 FACEBOOK, 20/02/2014.....	168
FIGURA 36 VEJA, EDIÇÃO 1140, 25/07/1990.....	176
FIGURA 37 ISTO É, EDIÇÃO 1675, 16/01/2002.....	177
FIGURA 38 ÉPOCA, EDIÇÃO 633, 05/07/2010.....	179
FIGURA 39 ÉPOCA, EDIÇÃO 298, 02/02/2004.....	190
FIGURA 40 ÉPOCA, EDIÇÃO 519, 28/04/2009.....	190
FIGURA 41 BE STYLE, EM 16/04/2013.....	191

FIGURA 42 REVISTA ÉPOCA, EDIÇÃO 408, 13/03/2006.	193
FIGURA 43 CORPO "VELHO-JOVEM" TATUADO.....	194
FIGURA 44 CORPO "VELHO-VELHO" TATUADO.....	194
FIGURA 45 VEJA, 25 DE FEVEREIRO DE 2009	201
FIGURA 46 REVISTA ISTO É, 11/06/2011.....	203
FIGURA 47 GLOBO REPÓRTER LONGEVIDADE. DISPONÍVEL EM: HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1N29G3C-POM	209
FIGURA 48 REVISTA VEJA, 23 DE JUNHO DE 2010.....	211
FIGURA 49 FOLHA DE SÃO PAULO, 02/05/1998.	211
FIGURA 50 REVISTA VEJA, 25/02/2009.....	212
FIGURA 51 FOLHA DE SÃO PAULO, 03/05/1998.	212
FIGURA 53 REVISTA ÉPOCA 28 DE ABRIL DE 2009	214
FIGURA 52 REVISTA ISTO É, 01 DE JUNHO DE 2011.....	214
FIGURA 54 ÉPOCA, EDIÇÃO 308, 08/04/2004 - SEGUNDA ADOLESCÊNCIA	217
FIGURA 55 ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA 2014	218
FIGURA 56 ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA PROJEÇÃO 2030.....	218

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – LER O “CORPO VELHO” NA CONTEMPORANEIDADE.....	15
0.2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	19
0.3. HIPÓTESE DE TRABALHO	20
0.4. OBJETIVOS	20
0.4. 1. OBJETIVO GERAL.....	20
0.4. 2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	20
0.5 JUSTIFICATIVA.....	21
0.6 DELIMITAÇÃO DO CORPUS.....	26
0.7. MÉTODO ARQUEGENEALÓGICO	32
CAPÍTULO I - “SOMOS VELHOS” – PERCURSO TEÓRICO.....	36
1.1 BIOPOLÍTICA, BIOPODER E DISPOSITIVO: CONDUZINDO A TESE NAS VEREDAS FOUCAULTIANAS	37
1.1.1 BIOPODER E BIOPOLÍTICA: A GESTÃO SOCIAL DO “CORPO VELHO”	37
1.1.2 A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE DISPOSITIVO E SUA RELAÇÃO COM OS DISCURSOS SOBRE A VELHICE.....	44
1.2 AD: DOS DISCURSOS SÓLIDOS A UMA “SEMIOLOGIA DO OLHAR”	49
1.2.1 ANÁLISE DO DISCURSO: DA FRANÇA DE 1980 AO BRASIL DAS MATERIALIDADES CONTEMPORÂNEAS.....	49
1.2.2 UMA “SEMIOLOGIA DO OLHAR”: LENDO IMAGENS NAS TRILHAS DA ANÁLISE DO DISCURSO	62
1.2.3 A COR E A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVO-CULTURAL DE IDENTIDADES PARA A VELHICE.	70
1.3 A CONTRADIÇÃO DO “CORPO VELHO”	80
1.4 PRÁTICAS DISCURSIVAS DE GOVERNAMENTALIDADE PARA O “CORPO VELHO”	88
CAPÍTULO II - “VELHO É A VOVOZINHA”: A MEMÓRIA COMO FATOR CONSTITUTIVO DA PRODUÇÃO IDENTITÁRIA MIDIÁTICA SOBRE A VELHICE.....	97
2.1 A LEMBRANÇA E OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DE UMA MEMÓRIA INDIVIDUAL SOBRE O “CORPO VELHO”	98
2.2 IDENTIDADE E MÍDIA: AS RELAÇÕES DE CONSUMO A PARTIR DOS DISCURSOS SOBRE A VELHICE.....	111
2.3 MICHEL DE CERTEAU, JEAN BAUDRILLARD E MICHEL FOUCAULT: NOTAS SOBRE A SOCIEDADE DE CONSUMO E O ENVELHECIMENTO	117
2.4 “CORPO VELHO”: O QUE A ESTATÍSTICA ENUNCIA?.....	125
CAPÍTULO III - “PANELA VELHA É QUE FAZ COMIDA BOA”: O VISÍVEL E O ENUNCIÁVEL NAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS PARA “O CORPO VELHO”	141

3.1 O "CORPO VELHO": AS COMUNIDADES DE RECREAÇÃO E A ORDEM DO SENSÍVEL.....	142
3.2 CURVAS DE VISIBILIDADE E REGIMES DE ENUNCIABILIDADES PARA O "CORPO VELHO".	152
3.3 A VONTADE DE VERDADE E A PRODUÇÃO DE DISCURSOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO.....	161
3.4 A MÍDIA E O MONSTRO: IDENTIDADES DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO	165
CAPÍTULO IV - "VÉI, NA BOA": RESISTIR, TRANSGREDIR OU... MORRER JOVEM?	170
4.1 A MÍDIA E A FORMAÇÃO DE UMA MEMÓRIA DE TRANSGRESSÃO PARA O "CORPO VELHO"	171
4.2 LUGARES DE TRANSGRESSÃO E INTERDIÇÃO: A MORTE, A PELE E O SEXO	181
4.2.1 A MORTE.....	181
4.2.2 A PELE.....	188
4.2.3 O SEXO	196
4.3 BRASIL, UM PAÍS DE "GERONTOLESCENTES"	206
"QUANDO CRESCER, QUERO SER VELHA": CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	220
REFERÊNCIAS	226
ANEXOS.....	235

INTRODUÇÃO – LER O “CORPO VELHO” NA CONTEMPORANEIDADE

“Interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela.”

(Michel Foucault)

Toda pesquisa parte de uma inquietação, seja ela pessoal, científica ou ambas. Essa inquietação nos impulsiona a buscar respostas, mas não funciona como em um “big-bang”, em que os questionamentos surgem prontos, uma vez que está mais próxima da “Teoria da Evolução” de Charles Darwin. Começa como um incômodo no pensamento do pesquisador e com o passar do tempo, vai se transformando em algo maior, uma questão de pesquisa.

Com esse trabalho não ocorreu de forma diferente. Começamos a nos questionar ao observamos, no cotidiano, algumas transformações sociais em relação à composição populacional de idosos e as atribuições, de natureza política e econômica, que passaram a incidir sobre o “corpo velho”.

Assim, o aumento sensível da população de idosos no Brasil provocou um crescimento do interesse nessa faixa etária, por parte da mídia. A disseminação de discursos sobre a velhice tornou-se uma questão governamental e de gestão das políticas públicas para a terceira idade.

As políticas públicas propõem para os idosos modos de se governar, que culminam com a aplicação de tecnologias de poder que têm como alvo a manutenção da saúde e da vida. Os idosos, ao se tornarem mais longevos, conseqüentemente, tornar-se-ão produtivos por mais tempo, tendo uma composição de renda que possibilita a eles continuar consumindo ou aumentar o seu padrão de consumo, o que inclui o lazer como uma das prioridades. A partir disso, o “corpo velho” passa a ser alvo do interesse da mídia, que passa a produzir discursos em que o foco é o sujeito idoso.

O corpo aparece como lugar de manifestação do discurso e do poder em diferentes esferas sociais. A história do corpo é marcada pelas movências nas relações de poder-saber, as quais convergem para se compreender os modos de subjetivação

ligados à transição do poder que se desloca da morte para a vida, tanto no âmbito das políticas públicas quanto na mídia.

As tecnologias incidentes sobre o “corpo velho” propiciam a construção dos modos de subjetivação e de identificação dos sujeitos idosos. O efeito disso é uma tentativa de homogeneização dessa faixa etária em relação às outras, através dos discursos médicos, pedagógicos, econômicos, gerontológicos, dentre outros.

É a partir do que propõem as políticas públicas que a mídia discursiviza o envelhecimento e sugere formas de controle dos efeitos negativos do processo de envelhecimento, que influenciam nas construções de identidades pela própria mídia para essa faixa etária.

A nossa preocupação em discutir o “corpo velho”, na condição de acontecimento histórico e linguístico, corresponde à mesma preocupação de Michel Foucault em **Arqueologia do Saber** [1972]: incorporar, a uma determinada visão de análise do discurso, o trabalho histórico, pois os discursos materializados nos textos de nosso *corpus* constituem a matéria-prima sem a qual não poderíamos desenvolver uma história do “corpo velho” na contemporaneidade da Mídia.

Tendo como cerne o viés linguístico, esta pesquisa traz à tona também a questão da leitura e exige um gesto de interpretação por parte do leitor. Por isso, com a epígrafe desta seção, compartilhamos a ideia de que o gesto de leitura, impresso nas análises que realizaremos durante todo o trajeto desta tese, é também uma maneira de propor outros olhares para o tema da velhice.

Quando entramos no campo do discurso, analisando-o, interpretando-o, deparamo-nos com conflitos e jogos de poderes que interferem na produção de sentidos. Assim, para observar o funcionamento desses jogos de poderes, nos discursos midiáticos sobre a velhice, partimos da unidade básica de análise, o enunciado, verificando a construção das “modalidades enunciativas” [cf. FOUCAULT, 1972] relativas à velhice.

Ao inscrevermos o “corpo velho” nas séries enunciativas que constituem as longas formulações pertencentes à memória discursiva sobre os corpos dos idosos,

interpretaremos os indícios corporais estabelecidos nos enunciados sobre a velhice a fim de estabelecer o trajeto temático-discursivo desse corpo no nosso *corpus*.

Além do mais, essa pesquisa consiste, também, em uma tentativa de reconstrução dos discursos – afiliados a diversos campos do saber – que estão relacionados ao tema do “corpo velho”. Antes de tudo, trata-se “de reconstruir, a partir de rastros de linguagens, os dispositivos dos quais os textos não são senão uma forma de existência material” [COURTINE, 2013, p.57].

A preocupação com a longevidade do “corpo velho”, sua saúde, sua relação com o mundo, seus prazeres, sua sexualidade e suas transgressões e interdições; em suma, interessa-nos analisar os discursos sobre o “corpo velho”, as características que lhe são pertinentes e que constituem o seu percurso histórico. Isso vai ao encontro da ideia foucaultiana de que, o corpo é, ao mesmo tempo um invólucro, uma superfície que se mantém ao longo da História.

Diferentemente da noção de sujeito, que não existe *a priori*, sendo constituído através das relações de saber e de poder, o corpo em Foucault preexiste como superfície e é transformável, moldável por técnicas disciplinares. Nas palavras deste filósofo:

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo [FOUCAULT, 2008a, p. 22].

Foucault se propôs a interpretar o corpo como uma superfície para o exercício de relações de poder, como um direcionamento para o processo de subjetivação. No entendimento de Dreyfus e Rabinow [2010, p. 125], “[...] um dos maiores empreendimentos de Foucault foi sua habilidade em isolar e conceituar o modo pelo qual o corpo se tornou componente essencial para a operação de relações de poder na sociedade moderna”.

É importante dizer que para Michel Foucault, o corpo torna-se passível de interpretação de acordo com a perspectiva que se lance sobre ele, pois ensinará valores, conforme quem olha e o lugar de onde ele é olhado. Assim, o valor do corpo depende do lugar que ele ocupa. Deleuze [1992], comentando **Arqueologia do Saber**, disse que

é de empiricidades feitas de coisas e palavras, de ver e de falar, de “páginas de visibilidade” e de “campos de legibilidade” que são formados os discursos.

Os processos de subjetivação, por meio das relações de poder-saber, como descritas e analisadas por Foucault, atuam sobre o corpo do indivíduo através de técnicas disciplinares, ou seja, por meio do disciplinamento e governo do corpo. As novas formas de subjetivação cada vez mais se relacionam com os modelos idealizados de corporeidade.

Esta tese é parte de uma das ramificações do projeto “guarda-chuva” *Discurso, História e Sentido: construções identitárias em diversos gêneros midiáticos*, cujo objetivo é analisar os processos de construção da identidade em vários gêneros midiáticos, desenvolvido pela Profa. Dra. Maria Regina Baracuhy Leite no Programa de Pós – Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba – Campus I. Ela se insere na linha de pesquisa “DISCURSO, HISTÓRIA E SENTIDO: OS DISCURSOS SOBRE O CORPO NA MÍDIA” do Círculo de Discussões em Análise do Discurso – CIDADI, liderado pela mesma professora orientadora desse trabalho.

Portanto, nossa pesquisa está embasada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso a partir dos diálogos de Michel Pêcheux com Michel Foucault e as contribuições de Jean-Jacques Courtine para o estudo de uma Semiologia Histórica da imagem. A categoria identidade será discutida a partir de Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, e Zigmunt Bauman, além da noção de comunidade, desenvolvida por este último autor.

Abordaremos o tema do envelhecimento do corpo, tanto o populacional quanto do corpo espécie¹, assim como as figurações desse “corpo velho” através da linguagem e seu enredamento no discurso. Propomos o estudo da produção do envelhecimento como um processo de construção identitária que pode ser fabricado e proposto de diversas formas no discurso, especialmente no discurso midiático e a propósito de um lugar de memória. A noção de lugar diz respeito ao espaço discursivo onde os enunciados circulam e/ou às possíveis posições que um sujeito pode ocupar. Por

¹ Aqui, tomamos emprestado esse termo foucaultiano para definir como sendo, também, no nível do sujeito que o tema da velhice será desenvolvido.

exemplo, Jean-Jacques Courtine (2006, p.88) afirma que o discurso comunista é um “lugar de memória” onde são recolhidos, transcritos e organizados os traços de identidade do Partido Comunista Francês. Dessa forma, quando nos referirmos ao processo de envelhecimento um “lugar”, nos textos que analisaremos, condicionaremos a nossa análise à posição e ao espaço ocupado pelos sujeitos envolvidos nesse processo nos discursos presentes nos gêneros suportados em **Isto é**, **Veja** e **Época**, por exemplo.

No campo da AD não se faz análise de discursos, utilizando-se apenas a materialidade do enunciado (linguístico e/ou imagético), mas buscando a história na língua [PÊCHEUX, 2008], pois sob essa perspectiva de análise, a qual nos filiamos, trata-se de “[...] efetivamente tentar reconstruir, para além das palavras, o regime dos olhares e a economia dos gestos próprios aos dispositivos que tornaram inteligível” [COURTINE, 2013, p. 57], no nosso caso, o “corpo velho” na contemporaneidade.

0.2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Vivemos em uma sociedade capitalista cujo consumo de bens materiais/imateriais e serviços para a manutenção de um corpo ativo, belo e produtivo é muito importante, devido à valorização excessiva da juventude em detrimento da velhice, ocorrendo isso em função da existência de um “lugar” de memória, que caracteriza a posição sujeito idoso a partir de traços identitários que desvalorizam essa posição sujeito e, que de acordo com Guita Debert (1997, p.40), “dão uma configuração específica à organização de mercados de consumo e à articulação de demandas políticas”. Isso acarreta múltiplos efeitos de sentido produzidos pela maneira como formam propostas essas identidades pela mídia. Além disso, essas construções identitárias nos últimos 30 anos reverberaram e ganharam cada vez mais espaço na ordem do discurso social, sendo fundamentadas nos saberes acumulados sobre o “corpo velho”, nas disciplinas do biopoder e tecnologias da biopolítica. **Assim, questionamos: Como se desenvolve essa biopolítica, fomentada pela mídia, para o “corpo velho”? Como a contradição (quando centrada nas expressões “gerontolescente”, “envelhecete”, “superidoso”) afeta a produção de identidades para os sujeitos idosos?**

0.3. HIPÓTESE DE TRABALHO

Trabalhamos com a hipótese de que a manutenção do corpo arregimenta efeitos de sentido que relacionam os discursos da mídia sobre o “corpo velho” a uma produção identitária de inclusão, que se manifesta através da espetacularização da posição sujeito “superidoso” / “gerontolescente”, fundamentada na promoção do consumo e da manutenção da produtividade dos sujeitos idosos, ao mesmo tempo em que os traços identitários relacionados ao arquétipo da velhice são interditados.

0.4. OBJETIVOS

0.4. 1. OBJETIVO GERAL

Para comprovar a nossa hipótese, o nosso objetivo maior é analisar os discursos sobre o “corpo velho” na mídia brasileira, a fim de explicar como ocorre a relação saber-poder na produção de identidades de inclusão/exclusão para a posição sujeito “superidoso”/ “gerontolescente”/“envelhescente”, tendo como fio-condutor as noções de Governamentalidade, Biopolítica e Biopoder.

0.4. 2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Como objetivos específicos, buscaremos analisar:

- as práticas discursivas de governamentalidade para o “corpo velho” que reverberam na mídia;
- a aplicação das técnicas de poder – biopoder e biopolítica – na administração do corpo populacional dos sujeitos que estão envelhecendo;
- os efeitos de sentido da produção cromático-discursiva nas construções identitárias midiáticas para o “corpo velho”;
- como a noção de corpo é discursivizada pela mídia, na condição mecanismo de ratificação de um modelo de beleza, interferindo na definição dos lugares que o sujeito idoso pode ocupar;
- à luz da Semiologia Histórica, a memória social, coletiva e cultural na materialidade sincrética dos textos;
- as curvas de visibilidade e os regimes de enunciabilidade para o “corpo velho”;
- a relação existente entre as comunidades de idosos e a produção identitária para midiática para essa faixa etária;

- o funcionamento dos mecanismos de transgressão e interdição do “corpo velho” e sua incidência sobre a pele, o sexo e a morte.

0.5 JUSTIFICATIVA

De acordo com Denise Bernuzze Sant’ana (2005), as consequências causadas ao ser humano e suas relações com o seu corpo e a sociedade pela implantação de uma ordem social baseada na tecnologia científica empresarial foram acentuadas a partir da década de 1970, quando houve a “fusão” do desenvolvimento da genética com o da informática e com a massificação global do consumo de bens industrializados.

Essas mudanças vêm suscitando diferentes olhares da mídia sobre os corpos velhos. Se por um lado as singularidades de um corpo “velho” são deixadas de lado, em favor das exigências econômicas do mercado, por outro, os sujeitos, cuja condição econômica possibilita tal fato, tendem a aumentar o espaço dedicado aos cuidados de si, influenciados não só pelo discurso médico, mas também pelo culto à beleza, na qualidade de produto a ser consumido. Isso incide sobre os discursos produzidos na e pela mídia para o “corpo velho”.

Em nossa sociedade, as construções identitárias para a velhice se tornam um acontecimento devido à maior circulação e a consequente reiteração dessas construções identitárias, nos *mass media* (televisão, rádio, imagem, internet, etc.), que “transformam em atos aquilo que não teria sido senão palavra no ar, dão ao discurso, à declaração, à conferência de imprensa a solene eficácia do gesto irreversível” (NORA, 1995, p.182).

O ajustamento da população acima dos sessenta anos, incluindo os fenômenos relacionados a ela, aos processos econômicos, às políticas para manutenção de um corpo jovem, saudável e produtivo, e à mídia, como mecanismo que atravessa as construções identitárias da velhice, serão, a partir do diálogo que Análise do Discurso estabelece com os Estudos Culturais, Jean-Jacques Courtine e Michel Foucault. Além disso, não há como tratarmos de questões relativas à produção de sentidos, se não estabelecermos essa ponte Foucault – Pêcheux.

Nos últimos 30 anos, houve um crescimento no interesse de pesquisadores, principalmente da Sociologia, da Antropologia e da Medicina, pelo tema da velhice, a partir de pontos-chave que incluem a violência, os cuidados de si e a sexualidade dos

idosos e idosas, em função do aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, do crescimento da população de idosos.

No entanto, apenas recentemente a discursivização do corpo passou a nortear as pesquisas em AD e a ser incorporada às temáticas já estabelecidas sobre a velhice como a seguridade social, o consumo, a sexualidade na terceira idade, a manutenção da saúde, entre outras.

De acordo com os dados do *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE², a população de idosos quintuplicou nos últimos quarenta anos, enquanto a população total residente no Brasil apenas duplicou.

Em dados numéricos, em 1970, a população total residente no Brasil era de 93.139.037 habitantes, dos quais 4.716.208 eram idosos, representando 5,06% da população; em 2010, ano da realização do censo mais recente, a população total residente era de 190.755.799 habitantes dos quais 20.590.597 eram idosos, representando 10,08 % da população.

O fato da população brasileira de idosos ter aumentado, não só em termos quantitativos, mas em termos qualitativos, despertou o interesse de instituições midiáticas em razão do consumo aumentado de mercadorias e serviços por sujeitos dessa faixa etária.

Mas qual é a relação existente entre os estudos do corpo e sobre o corpo, a mídia e a Análise do Discurso? Por que ter a velhice como tema, uma vez que se trata de um trabalho desenvolvido no âmbito da Linguística?

Há várias motivações para o desenvolvimento desse trabalho. Um dos motivos, a pertinência de se investigar, no âmbito da Linguística, sob o viés discursivo, as relações de poder da vida e sobre a vida de um grupo etário, que traz no corpo as marcas do tempo, dos afetos e dos desejos.

² Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>
Acessado em 04/05/2013.

Questionamos o “corpo velho”, assim, com aspas, por esta expressão ser uma produção discursiva construída alhures e que atravessa o discurso sobre o envelhecimento irrompendo como objeto de análise.

É necessário ressaltar que o “corpo velho”, nosso objeto de estudo, não é o corpo do indivíduo, mas sim, um corpo na condição de unidade discursiva, como “invólucro identitário”. Assim, trabalharemos com o corpo, considerando sua existência histórica e seu *status* material, observando o momento de sua irrupção e as condições de produção dos discursos sobre ele.

Parafrazeando o filósofo francês Michel Foucault, por que esses dizeres sobre o “corpo velho” e não outros em seu lugar? É a partir daí que a relação Análise do Discurso/ “corpo velho” toma forma e começa a se desenvolver.

Nos discursos midiáticos sobre o envelhecimento, verificamos que há um conjunto de mecanismos de divulgação da longevidade produtiva e do culto ao corpo belo e jovem, a qualquer custo. O que não se trata de uma simples prática corporal objetivante, mas de uma prática discursiva que torna possível a construção de identidades para a velhice dentro desse arquétipo de juventude espetacularizado pela mídia.

Esses mecanismos, nas últimas décadas, tornaram o envelhecimento dos sujeitos um acontecimento³ com a irrupção de uma outra regularidade discursiva sobre a velhice, cuja análise parte do conjunto de regras que compõem a condição para que esses discursos sobre a posição sujeito idoso possam irromper, uma vez que “[...] o acontecimento se dá em um momento singular, mas a sua essência se encontrará para sempre na própria estrutura do objeto cultural que o representa” (cf. GREGOLIN, 2011, p.90).

Assim, chamar de “velho” tudo que não é “jovem” é uma forma de reduzir a uma mera dualidade, um processo muito mais amplo de intervenções nos corpos dos idosos, sejam elas do âmbito da Biologia ou do âmbito discursivo.

³ No sentido proposto por Michel Foucault e os teóricos da Nova História.

A mídia fomenta maneiras de viver o processo de envelhecimento a partir das ideias de manutenção da saúde e atividade corporal como forma de responsabilidade pessoal de cada sujeito idoso. Dessa forma, o “corpo velho” materializa o acontecimento discursivo da velhice, que é o surgimento desse corpo como preocupação política e social.

Escolhemos o escopo teórico da Análise do Discurso (AD) para fundamentar nossas discussões sobre sujeito, identidade e memória social, pois ela é uma *disciplina que se faz no “entremeio”* (Orlandi, 2005) das Ciências Humanas e Sociais, e por isso nos possibilita abordar os aspectos sociais, históricos e psicanalíticos que envolvem e determinam a identidade e a memória social de um grupo social, no caso da nossa pesquisa, os sujeitos com mais de sessenta anos e suas especificidades.

Jean-Jacques Courtine formulou no seu texto “*O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político*” (1999, p. 18) que “[...] para trabalhar com a categoria de discurso, é necessário ser linguista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo”, ou na nossa maneira de entender, é preciso dar atenção à estrutura linguística, mas sem deixar de nos preocuparmos com o seu entorno, com os discursos que estas estruturas materializam e com a história que é parte constitutiva desses discursos.

Por isso, trabalharemos com o discurso como “estrutura e acontecimento” [PECHÊUX, 1983], quando formos trabalhar com as questões relacionadas à produção de sentido, principalmente; e com as contribuições de Michel Foucault, que propõe o discurso embasado pelas práticas discursivas do cotidiano, mas não pensou em fundar uma disciplina que fosse voltada para a interpretação e a produção de sentidos, como Michel Pêcheux se determinou a construir.

Procedemos dessa forma, pois quando Michel Pêcheux formulou os princípios e procedimentos de análise do discurso, ele o fez centralizando esse processo na materialidade linguística – “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de derivas possíveis [...]” (cf. PÊCHEUX, 2008, p. 53) –; diferentemente de Michel Foucault que propôs na “análise arqueológica” uma noção de enunciado que não é apenas linguística, alcança o aspecto semiológico (cf. GREGOLIN, 2011, p.86).

Assim, os discursos sobre a velhice são formados por enunciados que circulam principalmente na mídia. Esses enunciados, por serem históricos, trazem consigo vestígios de significações anteriores. É a repetição incessante desses vestígios de significação enunciativa que constituem os traços identitários da velhice, na condição de discurso.

Escolhemos trabalhar com o conceito de identidade como efeito de linguagem que é construído nos discursos sociais, baseado no diálogo que Análise do Discurso estabelece com os Estudos Culturais.

Na Análise do Discurso, a noção de sujeito deriva do pensamento lacaniano. Lacan propõe um sujeito que se constitui pela linguagem através dos jogos de imagens com ele mesmo, com outros sujeitos e com a sociedade. Nesse sentido, a identidade de um sujeito, assim como ele, é plural e cambiante.

Dessa forma, não se pode falar sobre identidade sem falar em alteridade, porque é pela diferença que a primeira é constituída. Em seu artigo “A produção social da identidade e da diferença”, Silva (2003, p. 76) afirma:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.

Assim, ser velho e adotar as construções identitárias sobre a velhice propostas pela mídia é também uma questão de “pertencimento” e de esforço para romper a barreira da exclusão social e, através do consumo, assumir traços e marcas que tornam o corpo velho aceitável. Pois para além da produção identitária midiática para a velhice há

[...] outras vozes, silenciadas, marginalizadas pelo poder, sufocadas pela ordem que constrói identidades, nelas fixa estereótipos, discriminações, produzindo subjetividades que não encontram lugar nas sociedades hegemônicas do discurso, nas formações discursivas – ao mesmo tempo regulares e dispersas”. (CORACINI, 2010, p.107)

Dessa forma, trataremos as questões identitárias do corpo velho, observando os efeitos do biopoder e da biopolítica na produção discursivo-midiática para esse sujeito.

Além disso, é possível encontrar, a partir do pensamento de Michel Foucault sobre corpo físico e populacional, subsídios para percebermos as novas maneiras de dominação capitalista sobre o corpo e a vida.

0.6 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Ao analisarmos qualquer texto com base na Teoria da Análise do Discurso, trabalhamos com séries enunciativas, uma vez que “[...] todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação [PÊCHEUX, 2008, p. 53].

Em nossa pesquisa, essas séries enunciativas foram montadas a partir dos enunciados recorrentes nos discursos sobre o envelhecimento materializados nos gêneros que circulam e /ou circularam, a partir da década de 1990, em **Veja, Época e Isto É**, revistas das quais recortamos o nosso *corpus*. Escolhemos esse recorte temporal devido à mudança da pirâmide etária brasileira (e suas consequências) culminar no acontecimento da oficialização do **Estatuto do Idoso** em 2003.

Por trabalharmos com a noção foucaultiana de *arquivo* que diz respeito ao “sistema geral da formação e da transformação dos enunciados” [FOUCAULT, 1972, p. 162], temos ciência que o arquivo de todas as coisas efetivamente ditas sobre a velhice é incontornável, por isso, pinçamos desse grande arquivo os dizeres da mídia sobre a velhice, mais especificamente os que foram materializados nos gêneros reportagem, propaganda, e capas de revista, materializados nas revistas **Época, Isto é e Veja**.

Pensando as regularidades que se formam dentro do arquivo dos discursos sobre o “corpo velho”, estabelecemos o recorte dado ao nosso *corpus* tendo como base a noção de “trajeto temático” (GUILHAUMOU, MALDIDIER, 2010) – operação de leitura do arquivo, que nos propicia a apreensão das regularidades em termos de modalidade enunciativa (posição sujeito), formação do conceito e organização de objeto.

A análise orientada pelo trajeto temático possibilita-nos encontrar as singularidades e as regularidades na produção de sentidos dos discursos da mídia sobre a velhice. A inscrição histórica desses discursos situa-os no centro dos deslocamentos dos saberes sobre o “corpo velho”, evocando a memória e resignificando os sentidos.

Quando selecionamos um tema, uma palavra ou expressão que analisaremos no interior de um arquivo, pontuando os sentidos advindos de uma memória discursiva, nós estamos estabelecendo um trajeto temático. O percurso de leitura, dentro do arquivo,

remete-nos ao conhecimento de usos da linguagem, cujo foco é o interesse pelo novo no interior da repetição. Guilhaumou e Maldidier (2010, p. 165) dizem que “[...] esse tipo de análise não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento na linguagem”. Na perspectiva dos autores, esse acontecimento “não se confunde nem com a notícia, nem com o fato designado pelo poder, nem mesmo com o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um dado momento” (p.164).

Como a coleta de dados para o *corpus* é de fluxo contínuo, sendo o recorte dado a esses materiais uma convenção do pesquisador, as revistas com as quais trabalhamos foram escolhidas com base no tempo que estão no mercado editorial e devido à maneira que elas se posicionam politicamente mediante o acontecimento discursivo da mudança da pirâmide etária brasileira.

Para a aquisição desse material, compramos os exemplares das revistas **Época**, **Isto é** e **Veja**, nos últimos quatro anos, e realizamos uma busca nos acervos digitais destas revistas.

O acervo digital da revista **Veja** dispõe para o acesso do público todos os seus exemplares a partir de 11 de setembro de 1968, ano de fundação da revista. A revista **Época** tornou disponível as suas capas a partir de 1998, ano de sua primeira publicação. A revista **Isto é**, apesar de ter sido fundada em 1976, disponibiliza suas edições antigas a partir de 1990.

Nessa pesquisa nos acervos digitais, tivemos como metas extrair apenas aquelas revistas que abordassem a temática da juventude/velhice e descobrir o momento em que o “corpo velho” tornou-se alvo das atenções da mídia impressa, para, a partir daí, tentarmos determinar que acontecimento discursivo serviu de gatilho na promoção dos discursos sobre o “corpo velho”.

Assim, elegemos 34 revistas, sendo 15 exemplares da revista **Época**, 13 exemplares da **Veja** e 6 da **Isto é**. Além das capas dessas revistas, trabalharemos 4 propagandas e 3 reportagens.

De início, definimos apenas o suporte, revistas de variedades, pois não tínhamos material suficiente para dar corpo à pesquisa nem a certeza se o acúmulo dos enunciados, produzidos pela mídia para a velhice, era suficiente para dar consistência aos nossos dados, devido à espessura histórica dos enunciados.

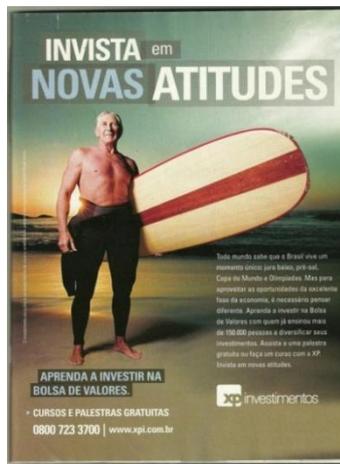
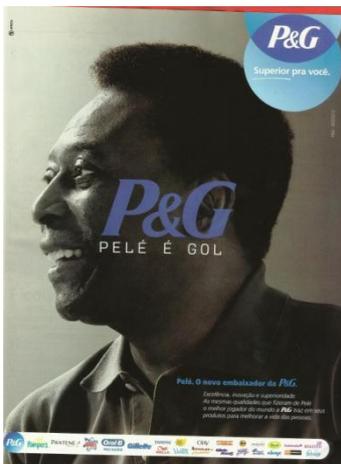
Com o decorrer da pesquisa, observamos que nas revistas **Época, Isto é e Veja**, os gêneros **capa de revista, reportagem e propaganda** que incluíam a temática do “corpo velho” estavam interligados dentro de cada exemplar, fazendo com que os elegêssemos como nosso *corpus*.

Para preparar nosso material para análise, partimos das grades de especificação dos sistemas de particularização [FOUCAULT, 1972], que nos fizeram notar nas capas, nas reportagens e nas propagandas presentes nas revistas **Época, Isto é e Veja**, a repetição recorrente de enunciados relacionados ao “corpo velho”.

Em função do método que utilizamos, partimos do princípio de unidade e dispersão, em seus variados sistemas, por isso, além das capas das revistas, elencamos outras materialidades, como as propagandas e reportagens, que trazem o tema da velhice subsidiado pelas práticas discursivas contemporâneas para o “corpo velho”. O trajeto temático funciona como uma lente de aumento ou uma chave, permitindo-nos pinçar do arquivo os feixes de relações e deslocamentos, por isso a importância da escolha do trajeto temático na leitura do arquivo. Segundo Gregolin (2007, p. 161)

[...] em termos analíticos, o trajeto temático permite visualizar, no interior da dispersão do arquivo, momentos de regularidade, de sistematicidades que - embora instáveis - permitem a inteligibilidade de certas escolhas temáticas num dado momento histórico. Mais do que uma forma geral ou o “espírito de uma época”, os trajetos temáticos são feixes de relações e de deslocamentos.

Em função da produção discursiva e da leitura contínua do arquivo, trouxemos outras materialidades extra *corpus*, pois, durante a pesquisa, percebemos que para dar conta dos discursos e contradiscursos produzidos sobre a velhice seria necessário abrir algumas exceções. Assim, as séries serão montadas a partir dos seguintes temas:



“Era só não queimar o arremesso que eu venceria”

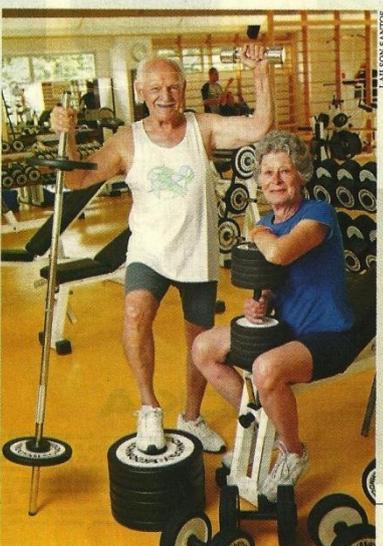
Ruth Frith, australiana, vencedora do arremesso de peso nos Jogos Mundiais de Masters, disputados em Sydney, Austrália. Ruth era a única competidora na categoria acima de 100 anos (ela nasceu em 23 de agosto de 1909). Seu arremesso de 4,07 metros estabeleceu o recorde mundial em sua faixa de idade. O recorde mundial feminino, de todas as idades, é 22,63 metros

Foto: Natacha Pisarenko/AP e Rick Rycroft/AP

19 de outubro de 2009. ÉPOCA > 35

“Como pesquisador na área, fico muito feliz de ver os últimos e excitantes achados da ciência chegando ao público de forma tão bem apresentada e ilustrada. Fascinante reportagem!”

MARCELO TÁVORA MIRA
Professor adjunto do programa de pós-graduação em ciências da saúde da Pontifícia Universidade Católica do Paraná Curitiba, PR

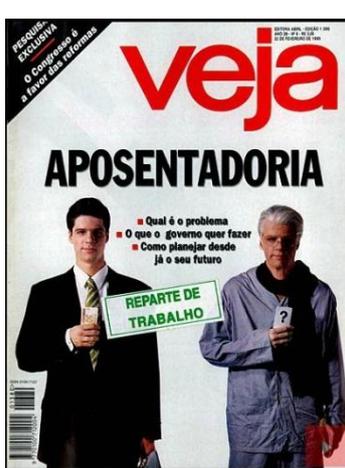


LALSON SANTOS

Saudáveis na terceira idade
O casal Daphnis de Lauro (84 anos) e Esther Citti (80 anos), que não tem doenças relacionadas ao envelhecimento, deve integrar um banco genético com amostras de DNA de idosos cheios de saúde

34 | 29 DE ABRIL, 2009 | veja

b) Aposentadoria:





DOIS SISTEMAS
Aposentados jogam cartas no Rio de Janeiro. As diferenças entre o sistema público e o privado criam duas classes de aposentadoria para esses brasileiros



Orgulho

Se o que mais importa para você é um futuro mais divertido, Previdência do HSBC.

Acesse agora mesmo oqueimportaparavoce.com.br e comece a planejar uma vida melhor para você.

oqueimportaparavoce.com.br
Fale com seu gerente

Avançar
HSBC Seguros
Protegendo suas emoções

c) Longevidade:



d) Os “novos” velhos:



0.7. MÉTODO ARQUEGENCEALÓGICO

No campo da Análise do Discurso (AD), não é possível conceber uma metodologia de pesquisa sem que esta esteja imbricada com o escopo teórico. Por isso, ao determinarmos a partir de quais noções serão desenvolvidas nossas análises, estaremos concomitantemente traçando nosso percurso metodológico e escolhendo os dispositivos que marcarão nossa metodologia.

Assim, esse trabalho está inserido no quadro metodológico proposto pela abordagem qualitativa que tem como marca a interpretação com base na organização e descrição dos dados, a partir de ângulos distintos e do uso e comparação de distintas fontes de dados, uma vez que “há múltiplas construções da realidade” (MOTTA-ROTH, HENDGES, 2010, p.113).

Além disso, a metodologia de leitura não é linear, tendo em vista que o texto não é transparente e os sentidos não estão ali postos. A leitura na AD funciona como um batimento constante entre descrever/interpretar, ou seja, acontece no vai e vem entre a descrição e a interpretação, na qual se verificam, por exemplo, as posições-sujeito assumidas a partir das regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades.

Por isso, relacionarmos às pesquisas no campo da AD ao caráter qualitativo-interpretativista. De maneira geral, buscamos exaurir verticalmente o nosso *corpus* até o ponto de qualquer outra materialidade adicionada apenas nos dirá mais do mesmo do que já está posto nos dados desse *corpus*, considerando os objetivos.

A AD constitutivamente é afeita a desconstruções e deslocamentos em seu escopo teórico, tendo em vista seu horizonte de transformações históricas. Por isso, atualmente, surge a necessidade de integrar, ao estudo dos discursos, outras materialidades discursivas. Essas materialidades, em sua espessura histórica, requerem a necessidade de outras ferramentas e noções.

Portanto, as nossas análises partem da produção de sentidos em torno do entrecruzamento das imagens com a estrutura linguística, uma vez que a materialidade da noção utilizada de enunciados é sincrética – “nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material” [FOUCAULT, 1972, p. 108].

Os enunciados trazem, na sua existência, vestígios de outros enunciados. Assim, ao analisarmos imagens, levaremos em consideração que estas, como os enunciados linguísticos, sempre retomam outras imagens, possibilitando-nos interligá-las e analisá-las a partir da descontinuidade histórica do seu momento de irrupção.

De acordo com Courtine [2013, p.56], o método arqueológico, no campo da história, constituiu um tema controvertido, pois “[...] desencarnava os objetos históricos concretos através de uma abstração estrutural da linguagem”, o que levou Foucault a

distanciar-se disso, observando apenas algumas pertinências, e a propor, através da genealogia nietzschiana, uma destruição das evidências, que reintroduzisse o descontínuo, que fizesse ressurgir o acontecimento no que ele tem de único e agudo.

As tarefas do genealogista consistem em promover a dispersão dos acontecimentos; manter o que se passou na dispersão que lhe é própria; promover um corte na suposta relação determinista entre a coisa e a palavra que a nomeia, problematizando as relações de saber-poder que produziram realidades, saberes e subjetividades, um modo de ser, de sentir e de pensar; demorar-se sobre os documentos que narram o cotidiano e os detalhes considerados banais, que pareciam não ter história. Segundo Foucault,

A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos [...]. Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história [...]; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos [...] [FOUCAULT, 2008a, p. 15].

Santos [2010], discutindo a associação do pensamento de Michel Foucault ao escopo epistemológico da AD, discorre sobre duas fases foucaultianas: a arqueológica e a genealógica. Desta última, ele destaca a importância de compreendermos as posições dos indivíduos diante dos saberes e como tais posições influenciam o poder, a inclusão, a exclusão, a razão e a consciência.

Pereira [2013] afirma que esta fase está situada também na investigação das relações entre os indivíduos e os saberes para, de que forma, verificarmos com quais características, com quais objetivos os indivíduos agem. Do mesmo modo que Pêcheux, Foucault investigou as posições que os indivíduos ocupavam, a forma como se comportavam e a natureza de suas ações na sociedade e na história.

Assim, ao trazermos para nossa pesquisa a metáfora da escavação dos *vestígios enunciativos* [FOUCAULT, 1972] sobre o “corpo velho”, propomo-nos observar a singularidade do acontecimento desse corpo e as pistas do seu entorno para reconstituirmos os diferentes papéis e espaços cênicos que os idosos ocupam e ocuparam na sociedade, pois estamos executando o método arqueogenealógico.

No que diz respeito à estrutura da tese, serão desenvolvidos quatro capítulos:

No primeiro capítulo, *Somos velhos – Percurso teórico*, está exposta a historicização dos preceitos teóricos da Análise do Discurso, que subsidiarão nossa pesquisa.

No segundo capítulo, *“Velho é a vovozinha” - a lembrança e os lugares de memória na constituição de uma memória individual sobre o “corpo velho”*, serão analisadas como as influências do discurso econômico, através do consumo e do dispositivo da mídia, contribuem na produção das construções identitárias para o “corpo velho”, analisando, a partir disso, a genealogia desse corpo e as regras de formação do discurso que possibilitam a construção dos discursos sobre o “corpo velho”, como objeto.

Já no terceiro, *“Panela velha é que faz comida boa”*: o visível e o enunciável nas construções identitárias para “o corpo velho” serão abordadas as questões referentes às curvas de visibilidade e os regimes de enunciabilidades para o “corpo velho”. Uma vez que se tornar visível pode funcionar como uma armadilha para o “corpo velho”, quando as relações de poder e biopoder que incidem sobre este corpo, tornam-no alvo de um controle discursivo e corporal coercitivo com a finalidade de, na produção de determinados saberes sobre os sujeitos idosos, construir identidades de inclusão e exclusão.

E no quarto capítulo, *Velhice: resistir, transgredir ou ... morrer jovem*, trataremos das relações de poder que resultam em movimentos de transgressão de tabus e memórias cristalizadas, do rompimento dos limites estabelecidos a partir das memórias social e coletiva, os movimentos de resistência do “corpo velho” e os processos de interdição dos objetos que perpassam esse corpo



Figura 1 Recorte da capa da revista Época, 05/07/2010.

CAPÍTULO I

"SOMOS VELHOS"⁴ - PERCURSO TEÓRICO

⁴ O título foi “emprestado” da campanha publicitária do site de compras pela internet **Mercado Livre**® [cf. http://www.youtube.com/watch?v=rAt2a_rVgsA]. A propaganda desse site enuncia “Desde o século passado, especialistas em compra e venda. **Mercado Livre. Somos velhos**”.

1.1 BIOPOLÍTICA, BIOPODER E DISPOSITIVO: CONDUZINDO A TESE NAS VEREDAS FOUCAULTIANAS

1.1.1 BIOPODER E BIOPOLÍTICA: A GESTÃO SOCIAL DO “CORPO VELHO”

A produção de sentidos não pode ser aprisionada, ela constitui um estágio transitório da significação, porque “[...] inserido na história e na memória, cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno voo” (GREGOLIN, 2001, p. 10).

Nesse horizonte teórico, interessa-nos a produção de sentidos a partir dos discursos midiáticos sobre o “corpo velho”. Esse corpo está transpassado pelo Biopoder e constituído pela Biopolítica. Por isso, os efeitos de sentidos decorrentes dessa construção político-corporal constituem o fio condutor desse trabalho.

Pensar, sob a perspectiva do discurso, o “corpo velho” a partir da medicalização dos aspectos considerados negativos e da potencialização dos aspectos considerados positivos, é ter como norte as técnicas de biopoder sobre o corpo social. Com suas positivities, elas são fruto das necessidades de prolongamento da vida e do aumento da produtividade e do consumo.

Assim, as análises do *corpus* serão realizadas, também, a partir da noção de biopoder, compreendida a partir de Michel Foucault, em seu livro **História da Sexualidade I: a vontade de saber**, no qual ele põe em jogo a questão do biopoder. Para o autor supracitado, esse tipo de poder é exercido sobre a vida do indivíduo.

A noção de biopoder foi desenvolvida em 1970, após a afirmação do conceito de governamentalidade e a partir dos estudos sobre o século XVII. Nessa época, em que o cuidado com a vida tornou-se uma preocupação de Estado, o biopoder surgiu como uma tecnologia coerente de política.

Foucault explica que o biopoder “[...] misturou-se a dois polos no início da Época Clássica. Esses polos permaneceram separados até o início do século XIX, quando foram unidos para formar tecnologias de poder que ainda caracterizam a nossa situação atual” (DREYFUS;RABINOW, 2010, p.177).

Um dos polos de biopoder é o da **anátomo-política do corpo humano**, cujo cerne é o corpo na posição de máquina, com ênfase na sua disciplinarização, na ampliação das aptidões físicas com o objetivo de aumentar a produtividade. Por isso, foi necessário investir na saúde do sujeito, pois dela depende sua produtividade. Desse modo, construir os corpos para que eles atendam às exigências do capitalismo, em fase de expansão e consolidação, era a grande preocupação do início do século XIX, como ainda é até hoje.

A exigência produtiva demanda uma corporeidade de acordo com as modificações e ajustes permanentes do mercado de serviços e da indústria. Nesse cenário, o “corpo velho” pode configurar suas formas a partir dos processos biotecnológicos e sociais.

O segundo polo de biopoder tem como foco **o corpo – espécie**. Esse segundo tipo tem como procedimentos de controle as políticas sociais relativas à natalidade e à mortalidade associadas ao aumento da longevidade, ao culto do corpo saudável, incluindo práticas esportivas e o estímulo, principalmente da mídia, à busca de técnicas médicas de rejuvenescimento.

Dessa forma, as disciplinas do corpo e uma biopolítica da população formam os dois centros sobre os quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida.

Este biopoder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos. (FOUCAULT, 1999b, p. 132)

Assim, Michel Foucault demonstra que a evolução das tecnologias políticas ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento das tecnologias econômicas. Conforme as propostas desse autor, as tecnologias disciplinares, relacionadas ao crescimento e à propagação do Capitalismo, não teriam surtido efeito, caso não houvesse uma disciplinarização dos indivíduos, tornando-os dóceis e ordeiros. Isso implica dizer que as tecnologias disciplinares foram as condições sem as quais o Capitalismo não teria se desenvolvido da maneira que ocorreu.

Entendendo o corpo como “um lugar em que as práticas sociais ínfimas e localizadas se relacionam com a grande relação de poder” (DREUFUS e RABINOW,

2010, p.148), Foucault propõe a ideia de tecnologia política do corpo, que consiste na interseção entre saber, poder e corpo, não podendo ser identificada em uma única instituição nem apenas em um aparelho de poder, por exemplo, o Estado ou a mídia.

O uso dessa tecnologia não acarreta uma negatividade na execução dos poderes, pelo contrário, as tecnologias do poder (biopoder) são centradas na vida, visando a um equilíbrio global.

A noção de biopolítica surge nos estudos de Foucault, a partir da observação de alguns acontecimentos fundamentais no século XIX. Como efeito da industrialização e da urbanização, o corpo passou a ser considerado uma propriedade privada e uma questão de Estado, portanto, responsabilidade de cada um nas sociedades burguesas. Além disso, o processo de industrialização demandava corpos dóceis, úteis e saudáveis. Por isso, passou-se a dar mais importância à manutenção da saúde através do esporte.

No início do século XX, a questão militar acentuou a adestração dos corpos que já ocorria desde o século XVII, devido às demandas da segurança nacional em virtude das duas Guerras Mundiais (1914 a 1918, I Guerra Mundial; 1939 a 1945, II Guerra Mundial).

Nesse período que coincide com a “Era Vargas” em que Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos, de forma contínua (de 1930 a 1945), na Constituição brasileira de 1937, foi regulamentado o ensino de Educação Física nas escolas com a finalidade de ressaltar o adestramento físico e fomentar a disciplina moral, a fim de preparar os alunos para o cumprimento de seus deveres cívicos e para a defesa da nação.

Na cena mundial, a escalada do Nazismo e do Fascismo promoveu uma docilização e uma disciplinarização corporal que culminou com a utilização do processo de eugenia⁵ por Adolf Hitler.

Esses acontecimentos podem ser chamados de “uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo”. A biopolítica, que consiste em uma “estatização do biológico” (FOUCAULT, 2002, p.286), torna o corpo uma preocupação de Estado. Ela está voltada para a prevenção de doenças e consequente prolongamento da vida e

⁵ Ciência que pesquisa o aprimoramento genético da espécie humana, especialmente por cruzamentos seletivos, mas que durante a II Guerra se voltou para a eliminação dos corpos considerados indesejáveis, seja pela condição física e/ou psicológica, seja por questões étnicas.

propõe mecanismos bem mais suaves, perspicazes e economicamente mais racionais do que simplesmente dar assistência e/ou a disciplinarização explícita dos corpos.

Assim, a biopolítica, no século XIX, vai “fazer viver e deixar morrer” (*idem, ibidem*, p.287). O acontecimento do Capitalismo, entre os séculos XVIII e XIX, deu margem à constituição de uma economia do poder centrada no corpo e na Medicina como alicerces de sua conformação estrutural.

Foucault tornou pública em uma conferência proferida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em outubro de 1974, a abordagem da biopolítica cujo foco é Medicina Social. Essa conferência foi publicada na obra **Microfísica do Poder**, sob o título “*O Nascimento da Medicina Social*”. É nessa sobreposição da Medicina com a biopolítica que vai ser situado o “corpo velho”.

A outra perspectiva da noção de biopolítica foi apresentada nas aulas do Curso no Collège de France, ocorridas de 1975 a 1976 e publicadas no livro **Em Defesa da Sociedade**. Nesse livro, Michel Foucault [2008] questiona, de forma mais verticalizada, os diversos fatores que propiciam as relações de dominação nas sociedades modernas ocidentais, sendo decisivo para a produtividade dos questionamentos acerca da biopolítica colocar a guerra como ponto de partida para a análise política das relações de poder.

Além disso, Foucault [2008] realiza um estudo acerca da maneira de como se buscou, a partir do século XVII, compreender os problemas que dizem respeito a uma prática governamental dos fenômenos concernentes à população: uma biopolítica da população. Ele traçou, como fio condutor desse estudo, a discussão sobre o liberalismo e o neoliberalismo e como eles afetaram de uma forma ou de outra as questões que envolviam o manejo da população.

A biopolítica, especificamente, diz respeito à politização da Medicina, em que a coletividade passa a ser tomada como foco principal, tornando as necessidades médicas da população uma questão social.

A ideia do poder como forma de controle é alvo dos mecanismos do funcionamento desse poder na sociedade capitalista, cujos sujeitos integrantes necessitam exercitar a norma padrão no que diz respeito à manutenção do corpo, com a finalidade de propiciar um aumento da força de trabalho e da produtividade.

Desse modo, o Capitalismo volta-se para os elementos biológicos e corporais, dando margem ao aparecimento da Medicina como estratégia política constitutiva dos saberes sobre o “corpo velho” da mesma forma que o corpo, em geral, é o foco da biopolítica. Conforme Foucault (2008, p. 80):

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica.

A biopolítica conjura os corpos através dos biopoderes. Isso ocorre devido à necessidade do Estado de não permitir que os sujeitos idosos deixem de ser capazes de produzir, de serem economicamente viáveis e socialmente ativos, em função da falta de cuidados preventivos com a própria saúde. É a relação velhice / depreciação das capacidades de gerir a própria vida, bem como as de produção e consumo, que vão fazer com que a biopolítica introduza, não apenas instituições asilares, “mas mecanismos muitos mais sutis, economicamente muito mais racionais do que a grande assistência” [FOUCAULT, 2002, p.286].

Dessa maneira, constituem-se práticas de biopolítica, a natalidade, a morbidade, as incapacidades biológicas diversas – incluindo alguns aspectos da velhice –, os efeitos do lugar onde os indivíduos vivem. É partir de todos esses aspectos, que a biopolítica vai incidir seus saberes sobre o “corpo velho” para definir onde seus poderes irão agir.

Esse tipo de execução de poderes propõe um corpo diferente, um corpo múltiplo, formado pela população de indivíduos de uma determinada sociedade. Desse modo, a biopolítica ocupa-se da população como um problema político, científico, biológico, concentrando-se nos acontecimentos aleatórios de uma população durante um certo período de tempo, propondo mecanismos, cujas funções são distintas dos mecanismos disciplinares.

Não há como sustentar, em termos previdenciários, essa pirâmide etária ao contrário. Por isso, é necessário preservar o equilíbrio interno da população, manter uma média etária, cujo gráfico se assemelhe a uma árvore de natal ou a um corpo de um bandolim. Em suma, é preciso levar em conta a vida do homem-espécie e assegurar sobre ele, não uma disciplina, mas uma regulamentação para que o equilíbrio permaneça.

Portanto, no século XXI, a biopolítica vai propor para a população (especialmente para os idosos, como mostraremos nos próximos capítulos) que o poder é

[...] cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobre tudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, é evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. (FOUCAULT, 2002, p. 295-296).

A biopolítica atua através da aplicação de biopoderes locais e se ocupa, em suma, da falta de capacidade produtiva e da inatividade dos sujeitos, seja devido à velhice ou às doenças, ou por qualquer “[...] conjunto de fenômenos [...] que acarretam também consequências análogas de incapacidade, de por indivíduos fora de circuito, de neutralização” (FOUCAULT, 2002, p. 291), na proporção em que esses fenômenos se tornam preocupações políticas.

Assim, Michel Foucault [2008a] passa a observar o funcionamento da Medicina Social em suas diversas maneiras de existir. A forma de exercer essa ciência em diversos países europeus transforma o corpo e o saber médico em instrumentos políticos, fundamentados em estratégias que estão na base de sustentação da biopolítica, pois a “Medicina é uma prática social que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-paciente” [*idem, ibidem*, p.79].

De maneira geral, Foucault divide o desenvolvimento europeu da Medicina Social em três momentos distintos: a Medicina de Estado, a urbana e a da força de trabalho. Os tipos europeus, que surgiram no final do século XVII, passam a ser aplicados no Brasil a partir do século XIX, especialmente no ano de 1881, pois foi quando ocorreu a criação de novos campos de atuação e especialização da Medicina, devido a uma grande reforma educacional nos cursos de nível superior da Corte brasileira [*cf. MACIEL, 1999, p. 464 – 468*].

O tipo de Medicina Social, idealizado e realizado na Alemanha, no começo do século XVIII, enfatiza uma Ciência de Estado, cujo foco principal era “o funcionamento geral de seu aparelho político” (FOUCAULT, 2008, p. 81). Sob esse termo, “ciência do Estado”, foram agrupados, além dos recursos naturais de uma sociedade e o estado de sua população, o desempenho geral do aparelho público dessa comunidade, ou seja,

uma ciência estatal cujo objeto, dispositivo e espaço de formação de conhecimentos específicos é o Estado.

Enquanto França e Inglaterra viviam o auge das políticas mercantilistas, preocupando-se apenas em aumentar a população, sem levar em consideração a manutenção da saúde desta, a Alemanha passou a desenvolver “[...] uma prática médica efetivamente centrada na melhoria do nível de saúde da população” [FOUCAULT, 2008, p. 81].

Essa maneira de pensar a saúde da população organiza um saber médico estatal que normaliza a profissão médica e subordina os médicos a uma administração central estatal, integrando-os de forma a produzir uma cadeia de fenômenos novos, caracterizando a Medicina Estatal, em que o corpo dos indivíduos, como constituintes do Estado, formam a força estatal que a Medicina tem por obrigação aperfeiçoar e desenvolver.

No modelo francês de Medicina Social, o foco são as cidades e as coisas que as constituem. Distintamente da Alemanha, que tinha a estrutura do Estado como suporte para a Medicina; na França, o desenvolvimento dela teve como base de apoio a urbanização e a unificação dos poderes urbanos.

A forma de Medicina Social proposta pela Inglaterra era centrada na população pobre, o proletariado. Dessa maneira, na evolução da Medicina de cunho social e do processo de medicalização da população, em primeiro lugar, estava o “Estado, em seguida a cidade e finalmente os pobres e trabalhadores foram objetos” [FOUCAULT, 2008, 93].

No Brasil, mais de um século depois, o modelo de medicalização e a inserção biopolítica do “corpo velho” no sistema de promoção da saúde tem como centro gerador a instituição do Estado, que polariza as ações de maneira mais assertiva, pois há um gerenciamento da compra, distribuição, fabricação, inclusive com quebra de patentes, de medicamentos que são considerados essenciais para o provimento da população, inclusive a idosa (produtiva e capaz de consumir) e o gerenciamento da mão de obra médica (por exemplo, o **Programa Mais Médicos**).

O discurso da ciência entrelaçado com as estratégias de governo do Estado também promove a medicalização das cidades brasileiras através de ações relacionadas

ao saneamento básico e da implantação de Postos de Saúde Familiar (PSF), por exemplo. Essas ações são notadamente inseridas no sistema da mídia, na condição de dispositivo de poder, que as discursivizam e as espetacularizam, produzindo identidades.

Cada estratégia de poder influencia distintamente a constituição do panorama histórico do “corpo velho”. Não existe outra maneira de se falar em identidades de inclusão, sem levar em consideração os fatores que levam à exclusão identitária do “corpo velho”. Assim, é importante verificar as condições de possibilidades históricas que permeiam a irrupção dessas identidades de exclusão e inclusão nos discursos midiáticos. Mas em que consistem essas condições de possibilidades?

Da perspectiva arqueológica [FOUCAULT, 1972], essa noção de “condições de possibilidade” pode ser entendida como alternativas abertas, na área do conhecimento, resultantes das relações de força que definem as opções de emergência de determinados acontecimentos e saberes, em suma, “[...] a arqueologia é uma história das condições históricas de possibilidade do saber” [CASTRO, 2009, p.40]. Do ponto de vista genealógico, as condições de possibilidade dizem respeito a componentes de um dispositivo essencialmente estratégico.

Desse modo, há uma visibilidade maior das identidades de inclusão nas últimas três décadas que vem se intensificando nos últimos cinco anos (conforme pudemos constatar nos dados do nosso *corpus*), de modo que muitos discursos sobre a velhice, que têm como base a biopolítica e os biopoderes, ainda estão sendo discursivizados. Assim, as estratégias de análise dos poderes que agem no/sobre o “corpo velho” vão ter como condições de possibilidades uma história do presente.

1.1.2 A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE DISPOSITIVO E SUA RELAÇÃO COM OS DISCURSOS SOBRE A VELHICE

Para pensarmos o conceito de “dispositivo”, partimos das ideias propostas por Michel Foucault [2010a], no livro **Vigiar e Punir**, no qual, a partir do estudo sobre as sociedades disciplinares como estrutura de governo, Foucault o Panóptico pensado por Jeremy Bentham [1791].

A formulação do desenho do panóptico possibilita a um(a) observador(a), seja ele ou ela agente da lei ou até mesmo um(a) diretor(a) por meio de câmeras instaladas nas salas de aulas, vigiar de maneira mais eficaz os prisioneiros sem que haja a possibilidade de eles saberem se estão sendo vigiados ou não, pois o princípio que rege o dispositivo do panóptico subverte o princípio da masmorra.

O dispositivo pensado por Bentham “organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. [...] A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia” [FOUCAULT, 2010, p.190]. Por meio do efeito de visibilidade constante, que funciona como uma armadilha [*op.cit.*], surpreendendo os sujeitos de maneira impessoal e automática, o panóptico induz o prisioneiro, independentemente da presença dos vigias, a se sentir observado. Dessa maneira, o “[...] estado consciente e permanente de visibilidade [...] assegura o funcionamento automático do poder” [*op. cit.*, p.191].

Esse dispositivo de poder se propagou, desenvolvendo-se em outros mecanismos (como o monitoramento por câmeras) relacionados às empresas, às escolas, aos hospitais, aos hospícios, por exemplo, como uma espécie de contaminação multiplicadora dos dispositivos que se criam, se transformam e se articulam como o “nó de uma rede” [*cf.* FOUCAULT, 1972, p.34]

Castro [2009, p.123] afirma que “[...] é costume distinguir em Foucault, ao menos, um período arqueológico e outro genealógico”. Os livros **As Palavras e as Coisas** e **Arqueologia do Saber** estão associados à fase arqueológica de Michel Foucault. Nessa fase, o autor está preocupado em descrever a *episteme* e os problemas metodológicos que esse objeto da descrição arqueológica coloca. De acordo com Castro [2009, p.139], é “[...] necessário ter em conta que, na medida em que Foucault se interessa pela questão do poder e pela ética, o conceito de *episteme* será substituído, como objeto de análise, pelo conceito de dispositivo e, finalmente, pelo conceito de prática”.

Ainda segundo Castro [2009], as obras **Vigiar e Punir** e **A Vontade de Saber** estão atreladas à fase genealógica do filósofo. Nesse momento, Foucault está interessado em descrever e analisar o poder e suas relações e, para isso, ele focaliza no conceito de **dispositivo**, mais amplo do que o conceito de *episteme*. Este pode ser

entendido como um dispositivo estritamente discursivo, pois poderia descrever os discursos das mais variadas *epistemes*, mas não possibilitaria a análise das mudanças em si mesmas, apenas poderia discorrer sobre os seus resultados.

Courtine [2013, p.57], ao definir os procedimentos de análise do discurso sob a perspectiva foucaultiana, afirma que “[...] o material da linguagem [é] nada mais que um dos rastros concretos da existência de um dispositivo muito mais vasto e complexo que Foucault denominou então ‘formação discursiva’”. É a partir da determinação da formação discursiva que podemos distinguir os outros dispositivos específicos.

Por isso, essa mudança na maneira de construir o método, introduzindo o conceito de dispositivo, abriu espaço para estabelecer a análise do poder, pois Foucault define dois momentos da formação dos dispositivos. O primeiro diz respeito ao predomínio do objetivo estratégico e o segundo, à constituição dos dispositivos em si.

Foucault [2008, p.244] afirma que, entre os elementos discursivos ou não discursivos, existem as trocas de posição, as transformações no funcionamento dos discursos, certas alterações das relações de força que, racionalmente, usam, bloqueiam, estabilizam, determinam direções específicas, numa função estratégica dominante, como em um jogo, tendo como função, a princípio, “responder a uma urgência”.

Perguntado sobre qual a função metodológica do conceito de “dispositivo”, Michel Foucault o definiu como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos [Foucault, 2008, p. 244].

Caso aliássemos o dispositivo da mídia às tecnologias de governo do “corpo velho”, como forma de arriscar minimamente algo que seja distinto das “peças” já exploradas por Michel Foucault, ainda correríamos o risco de estarmos montando um quebra-cabeças já desvendado por este pensador.

Assumimos o método como um direcionamento de trajetória ao alcance do objeto pesquisado – o “corpo velho” – seria possível afirmarmos que o “dispositivo” mapeia a trajetória a ser percorrida durante o desenvolvimento da pesquisa, mas

também constitui o fim para o qual aponta o objeto, sendo, também, um operador metodológico que nos auxilia na análise das práticas discursivas, de poder e de subjetivação.

Na obra de Michel Foucault, não há como apontar para um método fechado e que permite generalizações. Porém, é a partir de interlocutores como Deleuze, Dreyfus e Rabinow, além do que consta nos volumes (II e IV), dos **Ditos e Escritos** organizados por Manuel Barros Mota, que é possível assumir o *dispositivo* com um conceito central do pensamento de Foucault.

Porém, ainda nos colocamos em um terreno de areia movediça, quando asseveramos que o conceito de dispositivo sintetizaria o pensamento foucaultiano. Mesmo assim, não podemos deixar de dizer que conceitos como **sistema, técnica** ou **tecnologia**, de forma mais geral, tiveram seus horizontes conceituais ampliados a partir do momento em que foram articulados com o conceito de dispositivo, vez que esse conceito funciona como um veículo que estabelece um lugar para a produção de sentidos a partir dos objetos a serem investigados. No estudo dos discursos produzidos pela mídia para o “corpo velho”, podemos observar, por exemplo, o entrecruzamento dos dispositivos da segurança, da sexualidade, da seguridade social, do dispositivo da verdade, de saber e poder, dispositivo da sexualidade, dispositivo da confissão, dispositivo da seleção (normais/anormais), dentre outros. [CORAZZA, 2000].

Ao propormos essa investigação, em relação aos dispositivos de poder, tais como os de confissão, verdade, sexualidade, segurança e seguridade social, possibilitamos traçar uma estratégia de pesquisa em que a construção de um lugar de acessibilidade aos jogos de poder e saber, propiciam um espaço provável de análise dos dados que compõem o nosso *corpus*.

Para Foucault [2008, p.246], o dispositivo possui uma formação histórica, tem uma função estratégica e está sempre disposto em um jogo de poder ligado a configurações de saber e subjetividade.

O discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou como lei, justificando a implantação de um dispositivo ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar essas práticas que permanecem mudas. Existem algumas

possibilidades de exploração do dispositivo, pois “a forma de pesquisar se constrói em função da especificidade de cada objeto”.

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. E isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles [FOUCAULT, 2008, p.246].

A noção de dispositivo estabelece diversas relações de interdependência, como está exposto em Dreyfus e Rabinow (2010). Por isso, esses autores propuseram uma maneira de orientar a leitura do conceito foucaultiano de “dispositivo”.

A partir dos componentes díspares propostos por Foucault, Dreyfus e Rabinow (2010, p.161) instituem um conjunto maleável de relações de poder, alocando-as em um único aparelho, de modo a isolar um problema histórico específico. Esse aparelho articula “saber e poder em uma grade específica de análise”.

É possível afirmar ainda que o conceito em questão reúne as instâncias do “poder e [do] saber em uma grade específica de análise”. Finalmente, Dreyfus e Rabinow concebem o dispositivo como as “práticas elas mesmas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando” [*idem, ibidem*, p. 161].

Ao nos propormos a utilizar o conceito de dispositivo como uma das categorias que norteiam a nossa pesquisa, deparamo-nos com uma multiplicidade metodológica e conceitual. Para pesquisar os discursos midiáticos sobre a velhice a partir do pensamento de Michel Foucault, precisamos delimitar os suportes teóricos a determinar o caminho.

O dispositivo é o veículo que se estende nas redes da produção de sentidos, de saber e de poder, estabelecendo, desse modo, as bordas que delimitam os elementos de análise de nossa pesquisa.

Assim, metodologicamente, usaremos a arqueologia do saber, a genealogia do poder, sintetizadas na intercessão de ambas. A arqueogenealogia, para dar suporte ao nosso método de análise, uma vez que tentaremos formular uma “*episteme*” das construções identitárias do “corpo velho”, imbricando essa produção de saberes com a

constituição das relações de poderes incidentes sobre o sujeito idosos através, por exemplo, do dispositivo do panóptico⁶, da sexualidade⁷ e de segurança⁸.

Embora Foucault não tenha pensado o termo “dispositivo” a partir de uma preocupação linguística, será a partir dos discursos, “[...] entendidos como um conjunto de enunciados ancorados em algum tipo de saber” (PEREIRA; BARACUHY, 2012, p.34), que realizaremos as análises fundamentadas nesse conceito de dispositivo.

Há uma demanda discursiva sobre a velhice que tem como ponto de apoio o entrecruzamento dos discursos da mídia e da Medicina Geriátrica, o segundo embasando o primeiro. Isso cria um espaço propício à normalização do sujeito idoso.

A norma é parte constitutiva do biopoder, esses discursos da mídia e da Medicina Geriátrica apontam para mecanismos de poder que definem as características aceitáveis da velhice no século XXI, determinando quais funções os sujeitos idosos podem e devem exercer na sociedade.

Conseguimos relacionar “corpo velho” e AD, pois, ao abordarmos o tema da velhice, estaremos optando por um determinado viés discursivo do corpo e sobre o corpo.

1.2 AD: DOS DISCURSOS SÓLIDOS A UMA “SEMILOGIA DO OLHAR”

1.2.1 ANÁLISE DO DISCURSO: DA FRANÇA DE 1980 AO BRASIL DAS MATERIALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Pensar sobre o território teórico que constitui uma pesquisa significa discutir qual é a contribuição desse campo para a análise do objeto proposto. Sendo este um trabalho de pesquisa linguística, como foram desenvolvidos os entrelaçamentos dos pressupostos da Análise do Discurso e suas outras interfaces?

A resposta será dada a partir do percurso histórico dessa disciplina, que constitui, para nós, um dispositivo teórico e de análise. Entretanto, é necessário enfatizar

⁶ Cf. Vigiar e Punir.

⁷ Cf. História da Sexualidade: Vontade de Saber.

⁸ Cf. Segurança, Território e População, que reúne as aulas ministradas por Michel Foucault, no período de 11 de janeiro a 5 de abril de 1978, no Collège de France.

que a Análise do Discurso (AD) com a qual trabalhamos é derivada dos estudos de Michel Pêcheux, a qual, ao longo de sua consolidação, foram reunidas as pesquisas de Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine.

Para procedermos à descrição do percurso histórico desenvolvido pela AD, operaremos uma escolha, uma curva, nessa cronologia. Pontuaremos o projeto da Análise do Discurso a partir de um de seus momentos de cisão, deslocamentos e reconstruções que marcam o seu percurso teórico.

As reflexões epistemológicas, realizadas durante o trajeto histórico da AD, possibilitaram inserir, no seu escopo analítico, outras materialidades que não são apenas linguística ou estritamente do campo político.

Visando os objetivos traçados para nossa pesquisa, levando em consideração a especificidade de nosso objeto e sua materialidade sincrética, caminharemos na direção dos acontecimentos que marcaram a última época da Análise do Discurso na França, e das reconstruções e deslocamentos que a AD vem sofrendo no Brasil por causa das pesquisas realizadas sobre as materialidades contemporâneas e as consequências da fluidez da mídia.

A análise investigativa que propomos está pautada nos procedimentos teórico-metodológicos da terceira época da Análise do Discurso, doravante AD, e seus desdobramentos no cenário acadêmico-científico brasileiro. Essa terceira fase (1980-1983), que Maldidier [2003] chama de “desconstrução domesticada” tem como ponto de partida o **Colóquio Materialidades Discursivas**⁹.

⁹ Organizado por Bernard Conein, Jean-Jacques Courtine, Françoise Gadet, Jean-Marie Marandin e Michel Pêcheux, esse colóquio foi publicado pela Press universitaires de Lille, em 1981. Além dos organizadores, participaram do colóquio Pierre Kuentz, Ernesto Laclau, Jacques Guilhaumou, Denise Maldidier, Alain Lecomte, Paul Henry, Jacqueline Authier, Claudine Haroche, Jean-Michel Rey, Françoise Davoine, Jean Max Gaudillière, Évelyn Alain Manier, Antoine Culioli, Jean-Pierre Faye, Jacques Rancière, Elisabeth Roudinesco. As discussões giraram em torno dos temas, a saber: 1) Objeto da Análise de Discurso; 2) Discurso e história; 3) Discurso e lógica; 4) Discurso e Linguística; 5) Discurso, história e língua. [Apud FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. In.: *Estudos da Língua(gem)*. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso - Vitória da Conquista, n.1, p. 91-97, junho de 2005].

Além do mais, ao historicizarmos, tendo como ponto de partida as rupturas, damos a possibilidade, de a partir da abertura dos *corpora* da AD, no Brasil, propor os objetivos para o desenvolvimento do nosso estudo.

A terceira época da AD tem como principal característica a confluência das ideias de Michel Pêcheux com outros pensadores, especialmente os pensadores da “Nova História”, como Guilhaumou e Maldidier e da aproximação, por intermédio de Jean-Jacques Courtine, com as teses foucaultianas, em função do momento sociopolítico que vigorava na França e que colocava em xeque, nessa região do mundo, o Estruturalismo. Nas palavras do próprio Pêcheux (2008, p. 47-48):

O paradoxo desse início dos anos 80, é que o deslizamento do estruturalismo político francês, seu desmoronamento enquanto “ciência régia” [...] coincide com a recepção dos trabalhos de Lacan, Barthes, Derrida e Foucault no domínio anglo-saxão, tanto na Inglaterra, quanto na Alemanha, assim como nos Estados Unidos. Assim, por um estranho efeito de oscilação, no momento preciso em que a América descobre o estruturalismo, a intelectualidade francesa “vira a página”, desenvolvendo um ressentimento maciço face a teorias, suspeitas de terem pretendido falar em nome das massas, produzido uma longa série de gestos simbólicos ineficazes e performativos políticos infelizes.

Em função dessas condições sociopolíticas da época, houve um enfraquecimento das teses althusserianas dentro do campo da AD. Além disso, Michel Foucault propôs a teoria da **microfísica do poder** e das **resistências**, a qual analisa as relações de poder no nível em que esse poder atinge os indivíduos no corpo, através das instituições. Foucault concebe o poder como sendo molecular e tendo uma existência própria e formas específicas. Nas palavras desse filósofo [1999, p. 88]:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através das lutas e afrontamentos incessantes ao domínio onde se exercem as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas as outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagem e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.

Essa forma de encarar as relações de poder diverge da teoria althusseriana, devido ao fato de conceber o poder como uma força central que emana do Estado em direção à classe dominada através dos “aparelhos ideológicos” e dos “aparelhos repressores”. Nas palavras de Althusser [1992, p.65]:

O Estado (e sua existência em seu aparelho) só tem sentido em função do *poder de Estado*. Toda luta política das classes gira em torno do Estado. Entendamos: em torno da posse, isto é, da tomada e manutenção do poder de Estado por uma certa classe ou por uma aliança de classes ou frações de classes.

Michel Foucault causa um grande problema para os althusserianos: se o poder é disperso e funciona numa rede de “microlutas”, não há como existir uma concentração absoluta de poder por parte do Estado (no sentido ideológico proposto pelos marxistas), já que, na teoria foucaultiana, há uma pulverização das relações de poder, que perpassam todo o corpo social. Embora, nas lutas cotidianas e, principalmente, sob o aspecto econômico, existam sujeitos para os quais as relações de poder convergem e aqueles sujeitos que sofrem os efeitos dessa concentração.

Na abertura do **Colóquio Materialidades Discursivas**, cujos trabalhos se desenvolveram de 24 a 26 de abril de 1980, em Nanterre na França, as discussões se acirraram, pois o cerne deste colóquio era a questão das *discursividades*. Esse termo designava um novo horizonte de trabalho, e marca para a Análise do Discurso, um “novo ponto de partida” [MALDIDIER, 2003, p. 71]. A participação de Michel Pêcheux nesse evento, dentre outros deslocamentos, provoca uma mudança no conceito de discurso, colocando-o “sob o signo da heterogeneidade” [*idem, ibidem*].

Em seu discurso de abertura do **Colóquio**, Michel Pêcheux [1981, p.15] expunha que “*ce colloque sur les matérialités discursives constitue un pari. En l’organisant, nous avons voulu provoquer une rencontre entre des historiens, des linguistes e des analystes*”, ou seja, esse evento era uma aposta na qual a principal meta era propiciar um reencontro entre os historiadores, os linguistas e os analistas. Pêcheux dá ênfase à ideia de que esse evento se constitui em um espaço de embates estabelecidos em campos radicalmente heterogêneos (a língua, a história, o inconsciente), mas que têm em comum o discurso.

Essa meta primeira, propiciar um reencontro entre os historiadores, os linguistas e os analistas, reverbera no pronunciamento final do **Colóquio**, intitulado “*L’ennoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison*” (O enunciado: encaixe, articulação e desligamento), em que por “articulação”, entende-se “o mecanismo de base da abstração científica que liga entre si as construções lógicas” [PÊCHEUX, 2009, p.115], sendo assim, uma das características da noção pecheutiana de enunciado à época do Colóquio.

Além disso, ao por em destaque a questão das materialidades discursivas, “enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem língua, nem literatura, nem mesmo as ‘mentalidades’ de uma época, mas remete às condições verbais de existência dos objetos [...] em uma conjuntura histórica dada” [PÊCHEUX, 1984, 2011, p. 151-152], o autor supracitado abre os horizontes da AD para outros objetos além do discurso político. Pêcheux, sem explicitar, retoma e parafraseia, uma fala de Foucault [1972, p.39], em seu texto de abertura pergunta: “*Pourquoi seulement ça, et pas autre chose?*” [idem, *ibidem*, p.16], Por que apenas isso, e não outra coisa? Por que essa materialidade discursiva e não outra¹⁰?

As discussões pré-colóquio foram essenciais na formulação do que é hoje o campo disciplinar da Análise do Discurso, como, por exemplo, a parceria entre Michel Pêcheux e a linguista Jacqueline Authier-Revuz, autora da **Teoria da Heterogeneidade Discursiva**, que modifica a concepção de sujeito proposta pela Análise do Discurso e traz à tona a questão do “real da língua” através do pensamento de Jacques Lacan.

A noção de “real” empregada por Pêcheux e Gadet (2004) remonta a Milner (1987), no emprego de real emprestado de Jacques Lacan. Para esse autor, os fatos do cotidiano e as experiências vividas não podem ser confundidos com o real, profundamente ligado ao impossível, mas não como uma construção hipotética, pois o material concreto com o qual a Linguística exerce a sua atividade, de natureza negativa, é uma fenômeno estritamente linguístico desse real [cf. PÊCHEUX; GADET, 2004, p. 33].

Uma vez que as condições de produção do *corpus* não eram mais homogêneas e estáveis, como a princípio apontava a teoria pensada por Michel Pêcheux, na primeira fase da AD, a volta de um sujeito interpretante modifica completamente o estatuto da disciplina, pois, agora,

[...] o problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento[...] (PÊCHEUX, 2008, p. 54).

Essas reformulações no campo da Análise do Discurso foram possíveis a partir das aproximações ocorridas entre Michel Pêcheux e teóricos de diversas áreas, entre

¹⁰ Paráfrase nossa.

eles Jean-Marie Marandin e Jean-Jacques Courtine, cujos trabalhos foram essenciais para que Michel Pêcheux trouxesse as ideias de Michel Foucault para a Análise do Discurso.

Em março de 1978, dois anos antes do **Colóquio**, Pêcheux fez parte do júri da tese **Problemas de Análise do Discurso. Ensaio de descrição do discurso francês sobre a China** de Jean-Marie Marandin. A tese de Marandin criticava os conceitos propostos por Michel Pêcheux em **Semântica e Discurso**.

Marandin observara que “os dispositivos da AAD 69, orientados para a ‘deslinearização’ e a constituição dos domínios semânticos, conduzia a ‘negligenciar’ o interdiscurso” (MALDIDIER, 2003, p. 72) e discutindo a questão da “discursividade” através de uma leitura de Foucault, que permitia reorientar a análise para a singularidade do acontecimento discursivo. Além disso, em 17 de março de 1978, a tese de Marandin iria possibilitar à Análise do Discurso, o trabalho com o “intradiscurso” e o “fio do discurso”, relacionando-os com o interdiscurso.

Posteriormente, no prefácio do livro de Jean-Jacques Courtine sobre **O Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos**, Pêcheux desenvolveu a tese da existência de uma relação “em espelho” entre a paráfrase, a repetição e o objeto privilegiado da análise de discurso, o discurso político. A reflexão crítica de Michel Pêcheux provocou uma mudança nos objetos da análise de discurso, que passou a privilegiar para além dos “‘Grandes Textos’ (da Ciência, do Direito, do Estado)” a circulação dos discursos do cotidiano “tomados no ordinário de seu sentido” (cf. PÊCHEUX, 2008, p.48).

Na década de 1980, o discurso deixa de ser tratado de forma mais estrutural, pois se torna primordial, devido a sua aproximação com as teses foucaultianas e com os teóricos da “nova História”, propor uma nova maneira de pensar o funcionamento das práticas discursivas que abriam espaço para as resistências, como fato constitutivo e estruturante do discurso.

Assim, aparece, mediante essa reorientação teórica, a pergunta “Discurso: estrutura ou acontecimento”? [PÊCHEUX, 2008]. Em um de seus últimos textos, cujo título é essa pergunta (mas que ao ser publicado como livro no Brasil, foi retirado o ponto de interrogação), Pêcheux atesta que a história é constitutiva da linguagem.

De fato, o que motiva Michel Pêcheux a trazer Michel Foucault para a AD é a questão da análise das discursividades e a construção teórica da intertextualidade e do interdiscurso, uma vez que nesta terceira fase de consolidação teórica da AD, o objeto de estudo desta disciplina passa do discurso para o interdiscurso. Pêcheux, no artigo **Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso**, em 1983, afirma que:

Na análise das discursividades, as posições teóricas e práticas de leitura desenvolvidas nos trabalhos de M. Foucault constitui um dos signos recentes dos mais claros da projeção da análise de discurso: a construção teórica da intertextualidade, e de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como um dos pontos cruciais desse empreendimento, conduzindo a análise de discurso a se distanciar ainda mais de uma concepção classificatória que dava aos discursos escritos oficiais “legitimados” um privilégio que se mostra cada vez mais contestável[idem, ibidem, 2011a].

O livro **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos** de Jean-Jacques Courtine era uma tentativa de síntese entre o pensamento de Michel Foucault e a teoria do discurso. Tal obra traz uma contribuição importante para a reformulação da Análise de Discurso: a introdução da noção de “memória discursiva”.

No livro supracitado, fruto da tese “Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens, de Jean-Jacques COURTINE, Michel Pêcheux, em seu prefácio, “*O estranho espelho da análise de discurso*” (*L'étrange miroir de l'analyse de discours*), também publicado na Revista LANGAGES, nº 62, de junho de 1981, afirma que a impaciência, no tocante à ciência e à política, só poderia encontrar o 'discurso comunista' como seu objeto principal, arriscando-se a se encontrar preso nele ao ponto de refleti-lo e de reproduzi-lo.

A grande questão, feita por Pêcheux, foi porque o discurso comunista, a Análise do Discurso e os pesquisadores, que tratavam a ciência e a política, estavam interligados de forma condensada, como se para o analista realizar o seu trabalho de análise fosse estritamente necessário fazê-lo do ponto de vista político e comunista. Nas palavras deste autor:

Cette impatience ne pouvait pas ne pas rencontrer le « discours communiste » comme son objet privilégié, quitte à parfois se trouver pris en lui au point de le refléter et de le reproduire : s'agirait-il, finalement, d'une affaire de chercheurs communistes se livrant à l'analyse de discours à travers le discours communiste, entendu comme ce miroir historique exceptionnel où, précisément, la « science » est censée venir se condenser dans la politique ? [PÊCHEUX, 1981, p. 6]

É importante observar que, nesse prefácio escrito por Pêcheux, ele questiona teórica e politicamente, a ideia das discursividades serem homogêneas, pois a partir de seu contato com as teses foucaultianas, Pêcheux passa a aceitar a heterogeneidade como constitutiva das formações discursivas. Desde então, Pêcheux reconhece o quão artificial é a homogeneidade do discurso político. Acentuando a crítica ao Partido Comunista Francês, ao comparar a relação entre o discurso comunista e a vontade popular com o dogma da transubstanciação¹¹.

Michel Pêcheux conclui que analisar as heterogeneidades discursivas a partir de cacos e fragmentos discursivos permitirá recuperar as contradições que produzem a história. Com esse trabalho feito "nas bordas discursivas da língua", é possível perceber que "[...] as ideologias dominadas nascem no mesmo lugar da dominação ideológica, sob a forma dessas múltiplas falhas e resistências que o estudo discursivo concreto pode fazer emergir" (PÊCHEUX, 1981, p.7).

Para tanto, é preciso buscar o efeito do interdiscurso no intradiscurso, ou seja, o efeito do real histórico e o efeito do real sintático. Para Pêcheux (1981, p.7) "[...] a Análise do Discurso, presa entre o real da língua e o real da história, não pode ceder nem sobre um nem sobre outro sem dar imediatamente na pior da complacência narcisística", por isso encerra com a seguinte advertência: "Já é tempo de começar a quebrar os espelhos."

Porém esse "encontro epistemológico", não era mútuo, uma vez Michel Pêcheux não era interlocutor de Michel Foucault.

A teoria da Análise do Discurso da época, com seus métodos e objetos não era totalmente incompatível com a teoria foucaultiana, mas também não havia muito pontos de contato possíveis, em função do caráter, do alcance e da abrangência da teoria foucaultiana. Desse modo, as "luzes" de Michel Foucault para a teoria da AD foram muitas, mas o contrário não foi possível ocorrer.

Courtine [2011] afirma que Michel Pêcheux, assim como a maioria dos pesquisadores que viveram no meio político científico do início da década de 1980, foi

¹¹ Quando o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo

afetado pelas transformações históricas, como a crise da esquerda francesa, a revelação dos crimes stalinistas e a mudança no jeito de se fazer política na França e no mundo.

Essas transformações incidiram sobre o campo da fala política, nos países ocidentais cujo regime era democrático, e provocaram reconfigurações em diversos campos que lidam de alguma forma com o sujeito social, inclusive a própria Análise do Discurso como disciplina.

Jean-Jacques Courtine [*idem*, p. 146] continua dizendo que não era de se admirar que Michel Pêcheux estivesse sensível a essas mudanças, afinal

[...] ele sempre pensou a ciência a partir da base política, mesmo que houvesse nele uma certa resistência em analisar até o fim as condições ideológicas de engendramento do que era até então nossa própria atividade científica, a elaboração de uma análise do discurso.

Mas de qualquer maneira, mesmo que brevemente, no livro **A língua inatingível** [1981, 2004], Michel Pêcheux propõe a questão do que ele chama de “línguas de vento”, termo tomado de empréstimo de Régis Debrey que o havia forjado por ocasião de maio de 1968.

Essa “língua de vento” diz respeito aos efeitos das propagandas e da publicidade no meio político, havendo uma mudança na forma de se produzir as discursividades políticas, encurtando-as, sintetizando-as, conforme o regimento das formas vivas, voláteis e breves do discurso publicitário.

De acordo com Malidier (2003, p. 76), foi a leitura dos textos de Michel Foucault que deu a ideia de “memória discursiva” a Jean-Jacques Courtine. “Ela resultava de uma extrapolação feita a partir do ‘campo associado’ apresentado por Foucault em **Arqueologia do Saber.**” Jean-Jacques Courtine (1999) lembra que “há sempre já um discurso”, ou seja, o enunciável é exterior ao sujeito enunciator. Esse autor entende o interdiscurso como:

séries de formulações, marcando cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraçando-se, opondo-se entre si, transformando-se...) É nesse espaço discursivo, que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, **‘domínio de memória’**, que se constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciator na formação dos enunciados pré-construídos, de que sua enunciação se apropria (COURTINE, 1999, p. 18).

É através da memória discursiva que é possível perceber a circulação de formulações anteriores. É ela que possibilita perceber no intradiscurso, elementos do interdiscurso que aparecem ressignificados, como afirma Foucault (1999, p. 26), quando formula a noção de comentário: “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

A memória discursiva não é a memória psíquica, ou neurofisiológica; ela é a restituição da exterioridade do discurso e das relações com a história, percebidas através da memória social e coletiva. São traços discursivos que oportunizam a interpretação dos textos, tendo em vista que “[...] a existência do outro, nas sociedades e na história, permite a interpretação, através da identificação e das transferências que organizam a memória e as relações sociais em redes de significantes” (GREGOLIN, 2001, p. 26).

De acordo com Pêcheux [1999, p. 52], “a memória discursiva vem restabelecer os implícitos [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Dessa forma, o leitor se subjetiva e dá sentido à imagem a partir da posição que ele ocupa na sociedade, por isso as práticas de leitura são definidas a partir do momento em que o leitor entra em contato com o texto (verbal e/ou não-verbal) e escolhe quais ferramentas irá acionar para interpretá-lo e realizar uma leitura possível.

Ainda no terceiro momento da Análise do Discurso na França, as reflexões de Bakhtin sobre dialogismo e polifonia chegam à AD através dos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz sobre a heterogeneidade discursiva. Desde 1978, ela “[...] colocava em evidência as rupturas enunciativas no ‘fio do discurso’, o surgimento de um discurso outro no próprio discurso” (MALDIDIER, 2003, p. 73), reflexões que deram novos impulsos aos estudos do enunciado na AD.

A discussão sobre o entrelaçamento do discurso com a história, a partir da leitura das propostas de Foucault, ganha importância, ao mesmo tempo em que a noção de heterogeneidade de Jacqueline Authier-Revuz.

Michel Pêcheux evidencia o seu afastamento das teses althusserianas, o que resulta na discussão das relações entre a materialidade discursiva e o interdiscurso, e na leitura de Mikhail Bakhtin e Michel de Certeau como ponto nodal para que a AD

incorpore, ao seu objeto, os discursos do cotidiano, ampliando as fronteiras do estudo da linguagem. Para Malidier (2003, p. 81):

O livro de Michel de Certeau, **A invenção do cotidiano** que acabava de aparecer, colocava questões cruciais. Deslocando “o objeto dos discursos escritos-legítimos-oficiais para o registro dos diálogos, réplicas, narrativas, histórias e histórias cômica, provérbio, aforismas...”, ele parecia oferecer à análise de discurso o objeto que ela procurava.

A abertura teórica da AD resultou na ampliação de conceitos operacionais e principalmente, no deslocamento do foco de análise, o que leva Michel Pêcheux a falar, nos seus últimos anos, em “análise de discurso” e não em “análise do discurso”. Já que antes se tratava da análise do discurso político e nesse momento não mais [cf. LEITE, 2004, p. 46].

Isso ocorre em virtude da mudança de foco dos *corpora* da AD, dos universos logicamente estabilizados (político, religioso, pedagógico), em que os sentidos são normatizados por uma “higiene pedagógica do pensamento” (PÊCHEUX, 1984), para os universos logicamente instáveis (os discursos do cotidiano e os literários, entre outros), onde os sentidos se transformam, dando margem a várias interpretações possíveis.

Pêcheux (1984, p. 24) argumenta que “[...] nesta categoria de universos discursivos, a ambiguidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável”. Dessa forma, a heterogeneidade, dos sujeitos e dos sentidos, impõe à pesquisa linguística – discursiva, a construção de procedimentos capazes de tratar explicitamente do equívoco na condição de ponto de desestabilização das representações lógicas dos “mundos normais”, procedimentos estes que tomam os discursos do cotidiano como o espaço ideal para o que falha, na língua e na história.

A revisão, tanto da metodologia quanto da teoria da Análise de Discurso peuchetiana, que aproximou teoricamente Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Michel de Certeau, resultou na análise do real da língua e da história, ou seja, onde o sentido “falha” e a história não alcança. Em virtude de a narrativa histórica ser uma construção, ela elege determinados aspectos de um fato e silencia outros. É nesse “vazio” existente entre o “dito” e o “não dito” que atua o analista do discurso, pois o que interessa são os motivos e mecanismos que tornaram possível a emergência, na história, de um

determinado enunciado e não de outro. Assim, o real da língua e da história passaram a ser o alvo das investigações nos *corpora* da AD.

Com o desaparecimento de Michel Pêcheux em 1983, a Análise do Discurso perdeu não apenas o seu fundador, mas também o seu principal enunciador, tornando-se uma teoria órfã devido ao apagamento brutal do nome Michel Pêcheux.

De acordo como Gregolin [2008, p. 27], no texto *No diagrama da AD Brasileira: heterotopias de Michel Foucault*:

[...] a narrativa da história desses trabalhos brasileiros geralmente situa o seu início no final dos anos 1970, com os trabalhos de um grupo da Unicamp orientados por Eni Orlandi. Essas pesquisas têm forte vinculação com o projeto pecheutiano, mas, evidentemente, têm diferenças – e a mais óbvia é a forma como se dá a interpretação dos textos teóricos: ao iniciarem-se as leituras no Brasil, os trabalhos franceses estavam convulsionados pelas crises que os fizeram ingressar na fase de “desconstrução domesticada” (MALDIDIER, 2006)– isto é, começa aqui no momento em que está em franca re-elaboração na França.

Conforme consta no texto *A estranha memória da Análise do Discurso* de Jean-Jacques Courtine (2005) que critica a maneira como foi proposto o “Dicionário da Análise do Discurso”:

Decididamente, estranha história, essa que a obra fabrica: essa corrente não foi “progressivamente marginalizada”, mas brutalmente interrompida pelo trágico fim de Michel Pêcheux. As razões históricas, as causas políticas, os fatores pessoais que poderiam dar conta de interrupção são numerosos e complexos, tendo em vista a desafeição da qual ia ser vítima o pensamento do filósofo. (op. cit., p.30)

Fernandes [2007, p.50] afirma que, atualmente, na França, pode-se observar o entrelaçamento de diferentes áreas do conhecimento, servindo de referência teórica no interior da Análise do Discurso, como as atividades de pesquisa realizadas pelos chamados historiadores do discurso, que tratam dos problemas relacionados à língua.

Ainda segundo Fernandes [2007, p.50], é esse grupo de historiadores que mantém atual, na França, a perspectiva arqueológica foucaultiana apontada por Pêcheux – no seu artigo “*Leitura e Memória: projeto de pesquisa*” (publicado por Denise Maldidier em 1990) e amadurecida em **Discurso: estrutura ou acontecimento**, em

1983 – como elemento central do destino teórico do conceito de *discurso*, que é marcado, em sua constituição, pela *historicidade*.

Esses historiadores, que influenciaram os deslocamentos epistemológicos dos estudos em Análise do Discurso, na França, tais como Jean-Jacques Courtine, Jacques Guilhaumou, Régine Robin, entre outros, também contribuíram com os trabalhos desenvolvidos no campo da AD, sob a perspectiva foucaultiana, no Brasil.

Foi o fato de Michel Pêcheux ter falecido precocemente que evitou o avanço da Análise do Discurso para um dispositivo “verticalizado” de leitura/interpretação de imagens, deixando esse aspecto no nível da “profecia”, pois até os últimos textos publicados por Pêcheux, a noção de “materialidade discursiva enquanto nível de existência sócio-histórica, [...] remete às condições verbais¹² de existência dos objetos [...] em uma conjuntura histórica dada” (*op.cit.*, 2011, p.151-152), ou seja, o foco privilegiado de análise da AD continuava sendo a materialidade verbal.

Embora Pêcheux tivesse apontado para um estudo da imagem como operador de memória social em alguns de seus textos e especialmente no ensaio “O Papel da Memória”, uma publicação das atas da mesa redonda “Linguagem e Sociedade”, realizada na Escola Normal Superior de Paris em abril de 1983. Esse texto é um comentário de Michel Pêcheux sobre as apresentações de Pierre Archad, Jean Davallon e Jean-Louis Durand durante o Colóquio. No Brasil, esses textos, incluindo o texto de Pêcheux, foram publicados no livro **O Papel da Memória**, em 1999, com tradução de Eni Orlandi.

É a partir do entrecruzamento das ideias contidas nesses textos de Jean Davallon e Michel Pêcheux que, mais tarde, serão desenvolvidas a relação da Análise do Discurso com o campo da Semiologia Histórica (como se convencionou chamar aqui, no Brasil) [*cf.* SARGENTINI; CURSINO; PIOVEZANI, 2011, p.149], através das pesquisas realizadas por Jean-Jacques Courtine em parceria com pesquisadores brasileiros, que resultou no livro **Discurso, Semiologia e História**, que é a reunião de textos do II Colóquio Internacional de Análise do Discurso, realizado em setembro de 2009, na Universidade Federal de São Carlos – SP (UFSCAR).

¹² Grifo nosso.

A história da Análise do Discurso no Brasil vem sendo tecida pelos grupos de pesquisa nessa área do conhecimento. Entre estes grupos estão o CIDADI (João Pessoa/PB), o GEADA (Araraquara/SP), o GEDAI (Belém/PA), o GEDUEM (Maringá/PR), GEDUERN (Mossoró/RN), o GEF (Uberlândia/MG), o GEPELD (São Luís/MA), o GRUDIOCORO (Vitória da Conquista/BA) e outros tantos mais que engrandecem a produção científica no campo da AD brasileira.

Gregolin (2011, p.97) destaca que “[...] para descrever e explicar os mecanismos da *ordem do olhar*, é necessário operar com os conceitos de *formação discursiva* e de *interdiscursividade*” e, assim, no jogo da memória e do esquecimento, determinar os porquês de certas palavras e imagens retornarem sempre, enquanto outras são simplesmente apagadas.

Nos últimos textos de Michel Pêcheux, essa relação conceitual é visível, principalmente, devido à aceitação do método arqueológico de Michel Foucault¹³. A partir daí, Michel Pêcheux traça projetos que apontam para uma Semiologia Histórica, que oferece um escopo teórico para a leitura de imagens, o papel da memória e da história, a volta do acontecimento e os jogos entre esquecimento e memória.

Para Pêcheux [2011], a memória preexiste e é exterior ao organismo, formando um conjunto complexo que é parte de um *corpus* sócio-histórico de traços e tecidos de índices legíveis. Essa ideia nos remete aos estudos de Carlo Guinzburg [1990] sobre os **Índices**, no seu livro **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**.

1.2.2 UMA “SEMILOGIA DO OLHAR”: LENDO IMAGENS NAS TRILHAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Jean-Jacques Courtine [2011, p.15], ao observar as “mutações da fala pública”, verificou a invasão paulatina de discursos pertencentes aos universos não logicamente estabilizados. Tais discursos tornavam impossível a apreensão dos efeitos de sentidos se fossem levadas em conta apenas as palavras e formas sintáticas, percebendo assim, que não podia deixar de empreender um projeto que propusesse analisar as representações feitas de discursos, de práticas e de imagens.

Assim, nas últimas duas décadas do século XX, depois de uma (re)leitura da *Arqueologia do Saber* de Michel Foucault, surgiu e foi desenvolvida a ideia de uma

¹³ Cf. PÊCHEUX, M.. *Leitura e Memória: projeto de pesquisa*. São Paulo: Pontes, 2011.

“Semiologia Histórica”, que marcou a despedida de Courtine do seu método de pesquisa do discurso político. Nas palavras desse autor: “Esse primeiro passo permitia me distanciar do que havia sido minha perspectiva desde então [...] agora tratava-se da história [...] eu conservava o termo “semiologia” e, com ele, a problemática do signo” [COURTINE, 2011, p.151].

O termo “semiologia”, continua Courtine [2011], como a maioria dos termos dentro da Ciência Linguística, aponta para perspectivas diversas, mesmo porque, antes mesmo de Ferdinand de Saussure dar pistas de um estudo do signo na vida social, já havia uma vertente semiológica mais antiga, a qual o *Curso de Linguística Geral (CLG)* não menciona e que remonta aos tempos dos homens das cavernas. Mesmo porque essa “semiologia primitiva” precede a invenção da ciência.

Sargentini [2011, p.111] afirma que a versão da “semiologia”, apresentada no CLG por Saussure, é um tanto paradoxal, pois ao mesmo em que o autor a institui como um sistema geral, que teria por objeto de estudo todo e qualquer signo, ele marginaliza o pertencimento da Linguística à Semiologia, em uma das passagens do CLG, Saussure (2006) coloca a língua como um sistema à parte do sistema semiológico.

A autora supracitada coloca ainda que para

Michel Arrivé [2002] em um artigo intitulado “La sémiologie saussurienne, entre Le CLG et recherche sur la légende” [...] esse gesto de dar atenção extrema à especificidade do signo linguístico e, portanto, da língua promoveu o isolamento do linguista. Tal perspectiva conduziu à compreensão da semiologia como de caráter ineficaz, quando comparado ao signo linguístico, e fortaleceu a linguística como ciência capaz de dar conta da abordagem dos outros sistemas de signo.

Outra perspectiva tradicional de emprego do termo “semiologia” é a da Medicina, em que esse termo diz respeito às “técnicas de observação dos índices que, na superfície do corpo visível, apresentam os sintomas”. Essa última perspectiva se materializa no trabalho de Carlo Ginzburg [1990] sobre o *paradigma indiciário*, que, por sinal, é contemporâneo do *Curso de Linguística Geral* de Saussure.

Carlo Ginzburg [1990] afirma que no final do século XIX, surgiu uma preocupação com a observação dos índices, dos detalhes presentes inclusive na superfície do corpo. Essa preocupação era difundida em diversos domínios como a Medicina, a Literatura, as Artes Plásticas, dentre outros.

Por exemplo, o caso de Geovani Morelli, historiador da arte e inventor de um método que qualificava determinadas obras como fruto do talento desse ou daquele pintor por meio da identificação dos mínimos detalhes, como o formato da orelha e/ou a extremidade dos pés. Assim, a *Monalisa* poderia ser considerada uma obra de Leonardo da Vinci pela repetição do formato das orelhas, mas não pelo sorriso. O caso de Freud, que, na cadeia do significante, ouve os lapsos, as falhas, os vestígios mínimos do inconsciente nas falas do consciente. No plano da Literatura, Sherlock Holmes, personagem de Sir Conan Doyle, decifrava os enigmas através dos rastros e pistas dos criminosos.

Ginzburg [1990] se questiona sobre a relação existente entre Morelli, Freud e Conan Doyle e constata que os três eram médicos e, portanto, adotavam em diferentes áreas, as técnicas preconizadas pela Medicina, na mesma época em que Ferdinand Saussure propunha a teoria da língua.

Partindo dessa visão indiciária da Semiologia, como a investigação de um objeto através dos seus índices/vestígios, Jean-Jacques Courtine formulou a noção de *intericonicidade*, que consiste em

[...] dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado, em uma rede de formulações, em Foucault; mas também imagens internas, que supõem a consideração de todo conjunto da memória da imagem no indivíduo e talvez também os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, resurgidas ou fantasiadas que frequentam o imaginário. (op. cit. p. 160)

É interessante observar que esse conceito de intericonicidade segue o mesmo fio condutor das noções de interdiscurso e, principalmente, da noção foucaultiana de comentário [“o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”], que faz com que o sujeito precise acionar os vestígios enunciativos presentes na memória discursiva para que os enunciados verbais e/ou imagéticos façam sentido. Como acontece, por exemplo, com a perpetuação da imagem do casamento nos contos de fadas, que ratifica um arquétipo de felicidade para as meninas em que elas só serão plenamente felizes depois de casadas. Essa imagem sofre reatualizações com frequência, tendo como item de ligação a “felicidade icônica”, assim como em todas as “Branças de Neves”, o item que produz intericonicidade é a maçã.

Da mesma forma, acontece com as imagens a seguir, em que o índice produtor de intericonicidade é o olhar.

A primeira é uma propaganda, veiculada em 2012. A segunda imagem é uma capa da revista *Veja* que traz a fotografia do Imperador Dom Pedro II. A terceira é uma capa da revista *Época*, de março de 2006.

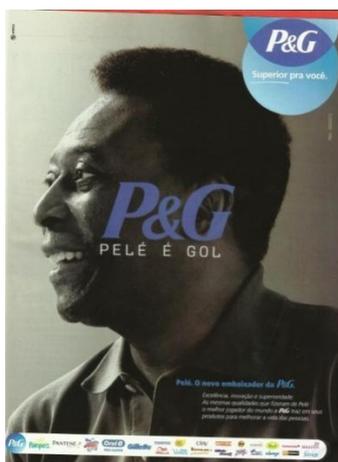


Figura 2

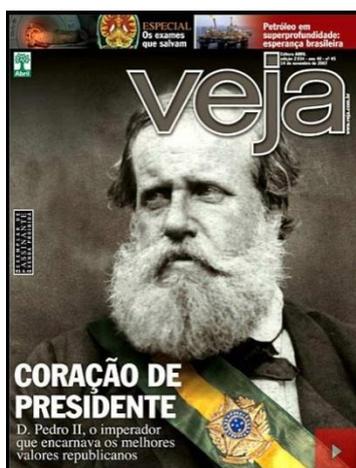


Figura 3



Figura 4

Essas imagens foram produzidas em épocas diferentes, com finalidades distintas, mas têm algo em comum: o olhar do monarca. É nesse olhar que reside a intericonicidade dessas imagens. Os personagens delas desviam o olhar da “lente que congela o momento” e passam a observar o horizonte, vislumbrando o “futuro” feliz especialmente no caso das propagandas.

Pensar esse “olhar do monarca”, presente nas imagens anteriormente expostas, exige certa incursão na “história do rosto” para tentar compreender até que ponto as maneiras de olhar, congeladas nas fotografias / imagens, dão ideia de certos padrões de comportamento dos sujeitos, fazendo com que o leitor, baseado nas imagens cristalizadas na memória social, dê aos “olhares” dos personagens das imagens fotográficas *status* de “rei”. Mesmo porque, culturalmente, circula, em nossa memória coletiva, a ideia de que a monarquia é símbolo de encantamento e de “coisas boas”.

Buscando embasar nossa teoria sobre o “olhar do monarca”, adotamos como base de sustentação, entre outras obras, o livro **História do rosto: exprimir e calar suas emoções (do século XIV ao início do século XIX)** de Jean-Jacques Courtine e

Claudine Haroche. Esse livro tem como ponto de partida a ideia de que o “rosto fala”. Haroche e Courtine realizaram uma vasta pesquisa de textos e imagens produzidos na Europa entre os séculos XIV e XIX que inclui tratados de fisiognomia, escritos médicos e anatômicos, manuais para pintores, escritos estéticos entre outros materiais.

Para desenvolver a história do rosto, Courtine e Haroche [1988], partindo de uma história de longa duração¹⁴, apoiam-se em trabalhos desenvolvidos nos campos da Sociologia, da Antropologia e da Filosofia para tentar entender o porquê da necessidade de ao mesmo tempo em que o sujeito vê-se na obrigação de exprimir-se, é coagido a medir/calcular suas formas de expressão. De acordo com os autores supracitados [idem, p. 12-13]:

Uma história do rosto [é] em primeiro lugar uma história do emergir da expressão, desta sensibilidade crescente, desta atenção mais exigente incidindo sobre a expressão do rosto como sinal de identidade individual, [iniciada] a partir do século XVI. A individualidade expressiva [é] tomada nas formas de observação do homem natural, na mudança da relação entre homem exterior e o homem interior, entre o homem físico e o homem psicológico. [...] Uma história do rosto é ao mesmo tempo a história do controle da expressão, das suas exigências religiosas, das suas normas sociais, políticas e estéticas que contribuíram desde o Renascimento para o aparecimento de um tipo de comportamento social, sentimental e psicológico baseado no afastamento dos excessos, no silenciamento do corpo. Estas exigências fizeram nascer um homem sem paixões com um comportamento moderado, medido, reservado, prudente, circunspecto, calculado¹⁵; muitas vezes reticente e por vezes silencioso. O homem racional das elites e depois das classes médias. O homem das paixões, o homem espontâneo e depois impulsivo, apagou-se progressivamente por detrás do homem sem paixão.

Dessa forma, ao pensarem a história do rosto, Courtine e Haroche fazem emergir a expressividade que se encerra no rosto e como esse rosto é representativo de uma época e, ao mesmo tempo, marca uma identidade individual.

A partir do século XVI, devido às transformações no cenário econômico que afetaram as artes, as religiões, o mundo científico, tecnológico e, principalmente, o mundo político, a partir de um modo burguês de pensar, foram produzidas reconfigurações específicas na maneira de expressar e de pensar dos europeus da época. No decorrer das eras essas reconfigurações instituíram novas maneiras de se expressar que afetam, inclusive, os sujeitos da atualidade.

¹⁴ A **longa duração** é um conceito histórico criado pelo francês Fernand Braudel. Esse teórico se interessa pelos fenômenos extremamente longos (evolução das paisagens, história do homem na sua relação com o meio).

¹⁵ Grifo nosso.

Sendo o olhar, um dos componentes da expressão, adaptamos essa perspectiva de Haroche e Courtine para os textos midiáticos produzidos na atualidade, pois esse olhar que “fala” pode fazer circular discursos sobre determinadas relações de poderes que envolvem interesses principalmente econômicos.

Essas relações de poderes também influenciam na atuação de um “efeito manual¹⁶” sobre o “corpo velho” para a produção de corpos longevos, saudáveis e produtivos.

Essa maneira de olhar dos personagens propõe para o leitor uma sensação de altivez, força e liderança, fazendo com que esse olhar seja incessantemente retomado pelas estratégias de *marketing*, principalmente, o *marketing* político, quando este trabalha na construção da imagem do sujeito da política.

Outro aspecto que chama a atenção é que tendo o mecanismo da fotografia como ponto de partida, as imagens das figuras **1**, **2** e **3** podem ser percebidas pelo público “como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” [DUBOIS, 2004, p. 25]. As imagens de Pelé, de D. Pedro II e da idosa com alteres são uma “foto-ficção”, termo proposto/discutido por Philippe Dubois [2006] em **O ato fotográfico e outros ensaios**.

De acordo com Dubois, na pós-fotografia, a imagem perde seu caráter de cópia do real, espelho, documento, para se tornar em uma peça de ficção, transformando a “realidade” em algo calculado, medido, planejado para funcionar como índice de referência no discurso.

Assim, ao retomarmos as imagens de Pelé, de D. Pedro II e da idosa esportista da capa da revista *Época*, tomamos o olhar como índice que reverbera no discurso, uma vez que essas e outras fotografias produzidas, no plano da memória, foram elaboradas a fim de transmitir ao leitor, um ideal de austeridade, nobreza e confiança. Por isso, não foram produzidas aleatoriamente, seguem as regras específicas do gênero propaganda e são moldadas para esse fim.

¹⁶ Cf. Tese de Eliza Freitas do Nascimento [2013].

Esse “olhar do monarca” e outras formas de olhar acabam por formar um fio condutor que atravessa todo o recorte que realizamos do arquivo e marca pontos de entrada para a interpretação do analista.

Observamos, assim, que o olhar marca o posicionamento da revista em relação a como ela quer expor o processo de envelhecimento. É um olhar para frente, como se o sujeito da capa estivesse encarando o leitor, produzindo uma sensação em espelho, que pode remeter ao dito popular “eu sou você amanhã”, mas também pode demarcar, como índice, uma dignidade que não se perde se o “corpo velho” for mantido fora do limite da decrepitude. Essa forma de olhar facilita a divulgação dos discursos da Medicina, da Pedagogia do Corpo, da Gerontologia e do consumo.



Figura 5



Figura 6



Figura 7

O que marca a regularidade nas imagens das revistas *Isto É*, *Época* e *Veja* nas figuras 4,5 e 6, é o *close* no rosto dos sujeitos e a interdição das palavras “velho/idoso”.

Verifica-se a proposta de um manual para o “corpo jovem” que se configura na série enunciativa “Como lidar com as crises de idade”, “A fonte da juventude”, “A idade real”.

O feixe de relações existentes entre essas imagens proporciona uma repetição imagética e enunciativa que ressalta as características do discurso midiático atravessado pelos discursos econômico e pedagógico. Econômico, devido a essa relação da mídia com o consumo. Pedagógico, por conta do efeito manual que perpassa os dizeres da mídia. De acordo com Nascimento [2013, p. 255], o efeito manual

[...] que como veículo midiático explora as visibilidades e dizibilidades por meio do controle do que vai ser dito. Com isso, seleciona casos que modelam a receita que quer vender para o público. Assim, o manual é uma ferramenta de instrução e normas a serem seguidas.

As capas das revistas apresentam uma “rusticidade” que funciona como um “supermercado” de identidades [cf. Bauman, 2005], propondo uma construção identitária que a mídia deseja e que inclui o sujeito idoso, e outra que está para além da borda da aceitabilidade. Assim, os diálogos dessas imagens se dão pelo imbricamento e reconhecimento dos discursos historicamente constituídos sobre o “corpo velho” na mídia através de uma ideia de positividade na velhice.

Quando utilizamos o termo “positividade”, fazemos conforme a definição proposta por Michel Foucault, em que esse termo refere-se à dispersão e à exterioridade do sujeito e “às formas específicas de acumulação discursiva” [cf. CASTRO, 2009, p. 336].

Em relação a nossa pesquisa, observamos como são acumulados os discursos sobre a velhice na mídia e como são estabelecidas as construções identitárias para esse sujeito idoso, cujo corpo é fruto de estratégias políticas.

“*Como lidar com as crises de idade*”. Esse enunciado parte do princípio de fatiamento etário da vida e que, a cada idade cronológica, infância, adolescência, idade adulta e velhice precedem certos ritos de passagem.

O discurso da mídia, especialmente, quando ele se volta para o “corpo velho” nessa materialidade sincrética da capa da revista *Isto é*, usa um efeito de gradação em que a última etapa é a velhice. Isso nos remete ao enunciado “*Viver para ser velho*” que Michel Foucault [2006, p136] destaca sobre a maneira dos gregos antigos enxergarem a velhice.

“*A fonte da juventude*”. “*A idade real*”. A manutenção de um “corpo jovem” como forma de apagamento discursivo de um “corpo velho” faz com que haja uma opacidade entre o espaço social em que a velhice é um fato biológico e o espaço discursivo, em que a velhice é uma construção discursiva e identitária, sem que isso seja necessariamente uma relação dicotômica.

Essa opacidade permite-nos remeter a uma “rosticidade”, em que o olhar do personagem é para frente, como estivesse olhando nos olhos do leitor; um olhar refratário em conjunção com uma expressão facial plácida estreitam as relações de poder, colocando o leitor diante de um espaço em que as construções identitárias para a velhice também são idealizadas a partir das relações construídas entre os sujeitos e os mecanismos de consumo.

Na sociedade ocidental contemporânea, não se trata mais de atingirmos à velhice, mas de como chegamos a ela, que instrumentos utilizamos para transformá-la.

Destarte, quando estivermos analisando a materialidade linguístico/imagética, no que concerne especialmente aos efeitos de sentido, é a partir das propostas de Michel Pêcheux e Jean-Jacques Courtine que o faremos. Em relação às propostas foucaultianas, elas servirão de lastro teórico, especialmente no estudo sobre o corpo.

1.2.3 A COR E A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVO-CULTURAL DE IDENTIDADES PARA A VELHICE.

“vesti azul, minha sorte então mudou”.

(Wilson Simonal)

Ao montarmos nosso *corpus*, percebemos que há nele a repetição de cores que embasam a produção discursiva-midiática sobre o “corpo velho”. Isso ocorre em função da existência de imagens cristalizadas na memória social e de formações discursivas que atravessam e autorizam certos posicionamentos e discursos dos personagens e instituições presentes nessas imagens.

Por isso, objetivamos, nessa seção, discutir a questão da cor naquilo que ela tem de entrecruzamento e de sustentação nas imagens do “corpo velho”, interditado ou não, pela mídia. É a partir dos elementos de cores que fazem interseção nas propagandas e reportagens que produziremos nossas análises, tendo como fio condutor “as cadeias de associações possíveis na história em consonância com as produções cromático-discursivas” [MILANEZ, 2012. p.588] presentes nos textos da série enunciativa que analisaremos.

Todo enunciado pertence à “ordem do repetível” [FOUCAULT, 1972, p. 131], quando o foco é a sua materialidade, mas se torna singular mediante as condições históricas de produção.

É por isso que pensamos as cores focalizando as capas de revistas, pois essa repetição nos fornece dados suficientes, uma vez que uma das características do enunciado é o acúmulo, princípio que consiste em procurar os modos de existência dos enunciados na sua espessura histórica, e que, “entretanto, não deixam de modificar, de inquietar, de agitar e, às vezes, de arruinar” (FOUCAULT, 1972, p. 154).

Foucault (1972, p. 155) explicita que todo enunciado em sua positividade “comporta um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas”.

Esse princípio traz para nossa pesquisa a meta de investigar que enunciados do nosso *corpus* estão na ordem do repetível, e de que maneira o acúmulo de tais enunciados organiza e dissemina os efeitos de sentido.

Essa característica do enunciado, o acúmulo, nos dá fundamento para pensarmos por que essas cores se repetem em determinados enunciados, notadamente os enunciados que materializam os discursos sobre o “corpo velho” nas capas de *Época*.

Ao longo do tempo e, especialmente no século XIX, quando se começou a pensar em tecnologias para a captura instantâneas de imagens, surgiu em vários campos do saber, a necessidade de se estudar as cores, tanto em seu aspecto técnico quanto em seu aspecto simbólico. Nos campos da Linguística e da História, por exemplo, apareceram os estudos sobre a nomenclatura das cores de Abraham Werner e os estudos de simbologia de Frédéric de Portal.

Portal [1857] já dizia no seu estudo *Des couleurs symboliques* que a cor azul, na linguagem cotidiana, refere-se à cor da abóbada celeste e da lealdade, na linguagem divina, era símbolo da verdade eterna. Segundo esse autor, os guerreiros egípcios usavam anéis de escaravelho adornados com pedra azul, pois era um símbolo de masculinidade. Brasões [de família] cuja cor azul predominava pretendia divulgar que os valores morais dessa família estavam baseados na castidade e fidelidade e, por isso, a boa reputação.

Dentro dessa produção de sentidos das cores, surge também a relação da cor com o dogma da sabedoria eterna do homem e a contemplação do dogma imortalidade. Isso fez com que os pensadores da época de Frédéric Portal esquecessem o azul como materialização do símbolo de lealdade. Outro aspecto relacionado à produção de sentidos da cor azul é que ela, pelo viés profano, está relacionada à virilidade e à sexualidade. Não é à toa que o Viagra® é azul, assim como o manto da Virgem Maria também o é, marcando a multiplicidade da produção de sentidos no uso da cor azul através das épocas.

Mas, essa forma de exegese das cores, de certa maneira, como reverberação discursiva, tem a ver com o percurso histórico-filosófico das teorias dos signos, recorrente entre os séculos XII e XVI, que corresponde aos períodos medieval e renascentista. Nessa época, o mundo era das similitudes, como afirma Foucault [2000], e a relação “palavra/coisa” decorria do modelo de signo proposto pela tríade estoica¹⁷ significante – significado – “conjuntura”, designando como sistema semiótico a similaridade, que acabou por desempenhar uma função essencial no Renascimento, determinando o caminho para a representação.

De acordo com o autor supracitado [Foucault, 2000, p.24], existem quatro modos essenciais que formatam e constituem a similitude. O primeiro deles citado por Michel Foucault é *Convenientia*, que é uma semelhança relacionada ao espaço sob a forma da “aproximação gradativa”. Essa similitude faz referência aos elementos que se avizinham, que se aproximam e se ligam uns aos outros. Há uma relação, uma comunicação entre as matérias naturais, como a terra, o mar, as plantas, o homem. Um exemplo dessa afirmação pode ser dado pela relação de semelhança que há nas rugas que aparecem no rosto dos homens, após determinada idade, com espécies de ervas que aparecem na natureza.

O segundo modo de similitude é a *Aemulatio*, que funciona como um reflexo, um tipo de conveniência espacial cujos elos constituintes da corrente de significação foram danificados. O semelhante envolve o semelhante e por duplicação pode se desenvolver ao infinito, mas sem que haja a necessidade de contato. Foucault afirma

¹⁷ Estoicismo: Fil. Doutrina filosófica (fundada por Zenão no séc. III a.C.) que prega a rigidez moral e a serenidade diante das dificuldades.
http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=estoicismo#ixzz213QXAihp

que “[...] há na emulação algo do reflexo e do espelho: por ela, as coisas dispersas através do mundo se correspondem” [*idem, ibidem*. p.26-28].

A terceira similitude é chamada de *Analogia* e se sobrepõe à conveniência e a emulação. Pode aproximar todas as coisas do mundo, tendo o seu ponto de aproximação no homem.

O espaço das analogias é, no fundo, um espaço de irradiação. Por todos os lados, o homem é por ele envolvido; mas esse mesmo homem, inversamente, transmite as semelhanças que recebe do mundo. Ele é o grande fulcro das proporções – o centro onde as relações vêm se apoiar e donde são novamente refletidas [*idem, ibidem*. p.29-31].

O quarto tipo de similitude é definido em função dos “jogos das simpatias” em que nenhum encadeamento é predeterminado. Dessa maneira, a similitude por simpatia executa suas funções livremente, sendo extremante móvel em suas relações.

Todo o volume do mundo, todas as aproximações da *convenientia*, todos os ecos da “emulação”, todos os nexos da analogia são sustentados, mantidos e duplicados por esse espaço da simpatia e da antipatia que não cessa de aproximar as coisas e de mantê-las à distância (*op. cit.*, 2000, p.32-35).

No século XVII, a semelhança deixa de ser a forma do saber; o pensamento clássico exclui a semelhança como experiência nodal. As palavras e as coisas que, no século XVI, remetiam-se umas às outras, não mais compunham o quadro das similitudes no século XVII: “[...] os signos da linguagem já não têm outro valor para além da tênue ficção daquilo que representam. A escrita e as coisas já não se assemelham” [Foucault, 2000, p.72].

A comparação, bem mais que a similitude, passou a contribuir para o objetivo maior de alcançar certezas:

A comparação pode, portanto, atingir uma certeza perfeita: nunca fechado, sempre aberto a novas eventualidades, o velho sistema de similitudes podia, efetivamente, por meio de confirmações sucessivas, tornar-se cada vez mais provável; nunca era certo (Foucault, 2000, p.72-73).

Foucault afirma que no século XIX, ocorreu uma nova transformação quando a visão classificatória do mundo, fundamentada na razão, dá lugar às regularidades históricas, à pesquisa da evolução e à historicidade das coisas. Foucault conclui que “a linguagem não está mais ligada ao conhecimento das coisas, mas à liberdade dos homens”. Mesmo porque com o passar dos séculos, as similitudes passaram a ser uma

espécie de solo sobre o qual o conhecimento [discursivo científico] se ocupou de lançar suas redes, estabelecendo suas relações, sua métrica e suas identidades. Por exemplo:

Goethe construiu um grandioso conceito de cor, com as variações inseparáveis de luz e de sombra, as zonas de indiscernibilidade, os processos de intensificação que mostram até que ponto também em filosofia há experimentações, enquanto que Newton tinha construído a função de variáveis independentes ou a frequência. Se a filosofia precisa fundamentalmente da ciência que lhe é contemporânea, é porque a ciência cruza sem cessar a possibilidade de conceitos, e porque os conceitos comportam necessariamente alusões à ciência, que não são nem exemplos, nem aplicações, nem mesmo reflexões. [DELEUZE; GATTARI, 1993, p.208]

O século XX é considerado o “século das imagens”. Primeiro, com o advento das imagens em movimento, através do cinematógrafo, de início, em preto em branco, décadas depois, colorido. Na década de 1950, surge a televisão levando a imagem em movimento para dentro das residências. A década de 1970 foi marcada pela explosão de cores tanto na mídia televisiva quanto na mídia impressa. Com o passar dos anos, a tecnologia evoluiu cada vez mais e a produção imagética deu saltos de qualidade em relação às suas características técnicas, facilitando a exploração das cores.

O século XXI é considerado como “a era digital”, marcado pela volatilidade das imagens em todos os campos da mídia e pela necessidade de se usar a cor “certa” em determinados enunciados¹⁸, a fim de se retomar alguns discursos, presentes no campo da memória, e marcar os lugares de enunciação que definem o que se quer propor com o uso da materialidade sincrética escolhida. A cor passa a ser uma das marcas que constituem e definem a identidade visual de um produto e de uma instituição.

Desse modo, a interpretação das cores e seu uso nos suportes midiáticos são recursos amplamente utilizados na proposição de um “corpo velho”, de uma velhice feliz.

Tendo como foco a mídia impressa, Guimarães [2003] postula que a cultura é um traço constitutivo da expressão que se pretende dar às cores. A exterioridade que constitui a produção de sentidos a partir delas, especialmente em veículos jornalísticos, serve de aparato discursivo à produção de capas de revistas, uma vez que o uso das cores nesse tipo de gênero, ancorado em um suporte midiático, tem caráter simbólico.

¹⁸ Tomamos como base a noção foucaultiana de enunciado.

Nas capas da revista *Época*, da série a seguir, observamos a predominância das cores azul, branca, vermelha e dourada. Apesar de terem sido produzidas em épocas diferentes, essas imagens têm como pano de fundo ou como predominância na vestimenta dos personagens a cor azul. Observe:



Figura 8 *Época*, 2003, 2004, 2006, 2009

As cores das capas de *Época* não foram escolhidas aleatoriamente e marcam os lugares de enunciação dos sujeitos e das instituições nos discursos presentes neste gênero capa de revista.

A intericonicidade, que permeia as capas das revistas *Época*, recupera os dizeres que permanecem no nível da memória coletiva e da memória individual sobre a significação das cores. A irrupção dos efeitos de sentido ocasionada pelo uso de determinada cor como “base de sustentação” de uma identidade visual nos remete ao processo de emulação da época das similitudes do qual falava Michel Foucault. Assim, o azul do mar reflete o azul do céu, cujas características propõem um jeito “azul” de se relacionar as “palavras e as coisas”, as pessoas e o mundo.

Essa lembrança ativada pelo uso da cor azul ressalta a questão do desejo. Ao “corpo velho” propõe-se estar diante do azul, como meta de aposentadoria, tê-lo como “pano de fundo” para as conquistas corporais de base biopolítica e usar essa cor como segunda pele. A mídia produz discursos para a velhice que atuam no corpo, produzindo saberes que trazem a cor como indício das relações de poderes que se exercem sobre o “corpo velho” através da atuação de biopoderes.

De acordo com Michel Foucault [1972, p.73], dentro do campo enunciativo, existe um campo chamado “domínio de memória”, composto pelos enunciados que

apesar de não serem mais discutidos, nem admitidos e conseqüentemente, não têm força de verdade nem de validade, mas permanecem e se estabelecem a partir de laços de filiações, de gênese, de relações de transformação, de continuidade e de descontinuidade no processo histórico.



Figura 9 Revista Época, 13/01/2003



Figura 10 Revista Época, 12/04/2004

Há um feixe de relações e pontos de contatos entre essas duas capas das figuras 9 e 10. Esses pontos de contatos dizem respeito às roupas que os personagens das capas vestem, funcionando como “forma de enunciação da pele”, [...] extrapolando o limite da anatomia biológica para, então, inserir as regras que determinam as maneiras como o sujeito idoso acontece, a partir do discurso da mídia, tanto nos níveis da pulsão e do desejo, quanto nos níveis culturais e sócio-histórico. Os azuis das roupas formam um *composé* de tons sobre tons que estabelecem uma regularidade, “uma ordem discursiva para o figurino, na qual não devemos/podemos usar qualquer roupa em qualquer lugar” [cf. MILANEZ, 2012, p.585].

Considerando a roupa uma segunda pele “Clothing, our second skin” [SPOONER, 2004, p.10 *apud* MILANEZ, 2012, p.585] e sendo esta constitutiva da construção do eu, podemos imaginá-la “[...] como uma luva, fazendo do conteúdo um

continente, do espaço interno uma chave para estruturar o externo, do sentir internamente uma realidade que se pode conhecer” [ANZIEU, 1989, p. 60].

Na epígrafe, ao recuperarmos no domínio da memória, enunciados como “*vesti azul, minha sorte então mudou*” da música de Wilson Simonal, observamos uma regularidade dos dizeres sobre azul e esta regularidade aponta para a formação discursiva do consumo de um ideal de felicidade e bem estar.

Nesse caso, o “Eu corporal”, plenamente dissociado do sujeito psíquico/mental interno, de forma secundária, tem marcada a sua identidade na pele e nas roupas através do discursivo-cromático da cor azul que atinge o “ser si” no limiar do corpo e do desejo, sendo a felicidade, como objeto do olhar, sintetizada, por um processo de sinestesia.

Assim, ao expor uma família com uma idosa no centro, em lugar de destaque, e todos os três sujeitos vestindo azul, o *design* da capa da revista pode estar marcando esse outro lugar que essa idosa está ocupando na sociedade. Segundo o discurso da mídia, ela está no mesmo patamar da filha e da neta, portanto, apesar da passagem dos anos, ela continua jovem e bonita.

Na capa que traz o casal pronto para viajar, os tons de azul e de cinza remetem à tranquilidade e à sensualidade. A virilidade retomada pela cor azul marca e recobre a superfície do corpo “gerontolescente”. Não se trata mais de apenas desejar, mas de ter o desejo concretizado. A cor envolve os sujeitos ficcionais propostos pela revista, fundamentando o discurso da felicidade.

Os enunciados que compõem essas edições, tanto as que falamos sobre a roupa usada na produção das imagens dos “corpos velhos”, quanto as que serão retomadas, têm como uma das características, no que tange a como chegar à velhice e continuar jovem, a fundamentação nos discursos médico, pedagógico e econômico.

Nesse caso, a cor azul também simboliza o ideal e o sonho. Essa identidade que está relacionada à construção cromático-discursiva da cor azul está ligada ao campo da memória a que os discursos e os enunciados sobre as cores se filiam. Michel Foucault [1972, p.154-155] diz sobre o pertencimento do enunciado a um campo de memória:

Dizer que os enunciados são remanescentes não é dizer que pertencem no campo da memória ou que se pode reencontrar o que queriam dizer; mas quer dizer que se conservam graças a um certo número de suportes e técnicas materiais [...], segundo certos tipos de instituições [...], e com certas modalidades estatutárias [...]. [...] todo enunciado comporta um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. Ele se constitui seu passado, define, no que o precede, sua própria filiação, redesenha o que o torna possível ou necessário, exclui o que não pode ser compatível com ele.

Como as cores se colocaram no centro de nossas atenções nessa seção, devemos observar também esse contraste entre o azul do céu e o amarelo /dourado dos letreiros. A cor amarela possui vários simbolismos. Se observarmos seus possíveis significados na língua latina, ela equivale à *amarus*, amargo, acre, difícil, com derivação para o hispânico *amarellu*, pálido. Por isso, há no campo da memória coletiva, a identificação da cor amarela/dourada tanto com as questões da riqueza, do poder, da prosperidade quanto a questão da covardia. Como, por exemplo, no esporte, a meta do atleta é o primeiro lugar representado pela medalha de ouro, e nos dizeres populares, quando alguém desiste de algo por medo, diz-se que essa pessoa “amarelou”.

Nas imagens a seguir, na capa de cada revista são destacados os aspectos positivos da atuação dos biopoderes sobre o corpo e da promoção de atitudes preventivas de manutenção da saúde, inclusive a saúde financeira, assim, nas capas abaixo a cor amarela nos letreiros pode está relacionando a velhice à prosperidade e ao discurso da felicidade.

Desse modo, nas redes da memória, as cores azul e amarela formam um “batimento cromático”, pois no campo da interpretação, acionam dizeres que remetem às coisas positivas.



Figura 11 Revista Época, 13/03/2006



Figura 12 Revista Época, 09/01/2009

O tom azul das capas das revistas ocorre, provavelmente, em função de uma imagem cristalizada na memória social de que a cor azul representa sensações boas ou estado de espírito como a tranquilidade ou, ainda, remete à liberdade que o céu representa. Nessa capa da direita, a imagem do idoso e/ou da idosa não aparece, ela é substituída pelo mar e por “idosos-jovens”. Essa posição sujeito só é possível nessa capa, devido a ser parte constituinte de uma das construções identitárias para a velhice aceita pela mídia, assim, para a revista, envelhecer é um processo em que a satisfação e o prazer estão no auge. Essa é a ideia aceita e propagada.

Na capa da esquerda, aparece o mesmo céu azul remetendo a um estado de tranquilidade. A imagem da idosa não foi interdita justamente porque ela está sofrendo a ação de biopoderes e de técnicas disciplinares, como a prática de esportes.

Na seção seguinte discutiremos como a contradição afeta a produção identitária para o “corpo velho”.

1.3 A CONTRADIÇÃO DO “CORDO VELHO”

“[...] uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão [...]”.

(Ferreira Gullart)

A epígrafe, que abre essa seção, é composta pela segunda estrofe do poema “Traduzir-se” de Ferreira Goullart. Ela é, também, um exemplo da contradição fundamental na construção discursiva do sujeito.

De acordo com Gregolin [2004, p.121], o texto “*Remontemos de Foucault a Spinoza*”, escrito por Michel Pêcheux e apresentado em 1977, no México, em um congresso cujo tema era “**O discurso político: teoria e análises**”, faz uma crítica feroz aos ramos da Linguística.

Pêcheux retorna insistentemente sobre esse tema em vários textos, como, por exemplo, com F. Gadet, em *Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo?*; *Os contextos epistemológicos da Análise do Discurso* e, ainda, em *A desconstrução das teorias linguísticas*, publicados mais recentemente, em 2011, na coletânea **Análise do Discurso: Michel Pêcheux**, organizada por Eni Puccinelli Orlandi.

Em “*Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo?*”, Pêcheux chama de logicismo e sociologismo, respectivamente, o Formalismo e o Historicismo, pois eles colocam a Linguística como uma ciência apolítica.

Pelo viés pecheutiano, excluir a política do trabalho com a linguagem é algo inconcebível, pois para esse filósofo-linguista, não há como produzir uma teoria sem que esta esteja com suas raízes fincadas nas questões da ideologia e da luta de classes.

Enquanto categoria filosófica, a Ideologia – distinta de conhecimentos científicos do materialismo histórico [...] designa o espaço de luta “eterna” entre duas tendências:

- a tendência idealista, que visa identificar o processo sem sujeito a um sujeito [...]
- a tendência materialista, que visa desfazer essa identificação, colocando o real [...] como um processo não-unificado, atravessado por desigualdades e por contradições. [PÊCHEUX, 2009, p. 252].

Assim, ao tomar a contradição como uma lei fundamentada na noção de ideologia e como corrente proveniente da exterioridade que é constitutiva do discurso, Pêcheux aponta o modo material de existência e de funcionamento no sujeito.

“Trata-se, a partir então, de colocar a questão da presença da heterogeneidade no próprio interior da ideologia dominada. Enuncia-se, assim, essa nova conjuntura [...]” [GREGOLIN, 2004, p.129], que, mais tarde vai reorientar as condutas teóricas e práticas de Michel Pêcheux em direção às propostas da arqueologia de Foucault, principalmente pelos horizontes abertos através da discussão da categoria da contradição e sua relação com o *corpus* escolhido para análise, que, no início da década de 1980, passou a ser os discursos do cotidiano.

Em função das condições históricas da época, a crítica que Michel Pêcheux [(1988, 1995, 1997) 2009, p.230] fez às ideias que Michel Foucault expôs em 1969, em **Arqueologia do Saber**, consiste em apresentar a categoria da contradição como um grande avanço para a teoria do discurso e o retrocesso “sobre o que ele mesmo avança, volta à sociologia das instituições e dos papéis, por não reconhecer a existência da luta (ideológica) de classes”. Essa crítica de Pêcheux deixa em segundo plano os trabalhos de análises realizados por Foucault a partir de sua “genealogia do poder”, que coloca o poder intrinsecamente relacionado ao corpo.

E é por estarmos tratando do “corpo velho” e das relações de saber e de poder, que adotamos a perspectiva proposta por Michel Foucault para a categoria da contradição. Assim, ao observarmos a formação das modalidades enunciativas do nosso objeto de pesquisa, percebemos que ela parte de uma contradição, contradição essa que, em termos foucaultianos [1972, p.186], corresponde a uma espécie de ilusão que coloca para nós uma unidade que se esconde ou que é escondida e que está situada em um ponto equidistante entre “o consciente e o inconsciente, o pensamento e o texto, a idealidade e o corpo contingente da expressão”.

Sendo um princípio de incompatibilidade e uma lei que determina as relações de derivação e existência simultânea dos enunciados sobre a velhice, a contradição, nesse caso específico, está na base das formações discursivas sobre o “corpo velho”, que se entrecruzam, porém permanecendo díspares, estabelecendo um espaço de muitas oposições e desempenhando várias funções em diversos níveis. Por exemplo, o fato de

um mesmo sujeito idoso, mediante o olhar de outros sujeitos, ocupar tanto um lugar de inclusão, através da prática de esporte, quanto ser situado em um espaço de exclusão por está fora do mercado de trabalho.

Dessa forma, analisar as contradições existentes nos discursos da mídia sobre o “copo velho” é determinar as maneiras que podem assumir essas contradições, é delimitar as relações que umas estabelecem com as outras e em qual domínio estão centralizadas as suas relações de poder.

É a partir da contradição instaurada pela promoção dos discursos sobre/do “corpo velho” que a análise arqueológica vai buscar as formas de afirmação e negação simultâneas sobre esse tema, demarcando, nas práticas discursivas propostas para o “corpo velho”, o ponto em que as contradições são constituídas, definindo qual forma elas assumem, as relações existem entre si e em qual domínio essas práticas discursivas comandam [FOUCAULT, 1972, p.192].

Sob a perspectiva peuchetiana, a contradição é constitutiva de toda formação discursiva uma vez que a alteridade sempre afeta o mesmo. O interesse na heterogeneidade discursiva, por Pêcheux, a partir de cacos e fragmentos permitiu recuperar as contradições que produzem a história; trabalho a ser feito "nas bordas discursivas da língua", a fim de perceber que “as ideologias dominadas nascem no mesmo lugar da dominação ideológica, sob a forma dessas múltiplas falhas e resistências que o estudo discursivo concreto pode fazer emergir”, nas palavras do autor:

L'intérêt de cet hétérogène discursif, fait de bribes et de fragments, c'est qu'on y repère les conditions concrètes d'existence des contradictions à travers lesquelles de l'histoire se produit, sous la répétition des mémoires « stratégiques ». Ce repérage implique aussi de construire les moyens d'analyse linguistique et discursive, et suppose une réflexion sur ce qui travaille dans et sous la grammaire, au bord discursif de la langue. Pas question, donc, de ré-inventer le mythe anti-linguistique de la parole-libre, belle sauvage échappant aux « règles ». [PÊCHEUX, 1981, p.7]

Desse modo, observamos que nas materialidades escolhidas a partir do arquivo e que mais tarde (re) recortamos para formar o nosso *corpus*, há dois níveis de contradição.

O primeiro nível de contradição funciona durante a produção discursiva como um princípio de sua historicidade. Assim, temos uma série de enunciados, que tem como mote, o “corpo velho”, mas efetivamente é usada a palavra “jovem” e seus derivados: “Eternamente jovem”, “A fonte da juventude”, “Em busca da juventude”.

Isso ocorre porque a contradição está atuando no domínio de memória sobre a velhice. A descontinuidade histórica do lugar do idoso permite o surgimento de enunciados opostos sobre a velhice sobre o “corpo velho”. Não está explícito nos enunciados citados anteriormente. O uso das palavras “velho” ou “idoso” marca uma tomada de posição das revistas que está situada dentro da formação discursiva do consumo.

Desse modo, “a contradição funciona então, ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade” [*op.cit.*]. Ao mesmo tempo em que essa construção é estabelecida pela revista para os sujeitos idosos, há uma memória cristalizada de base arquetípica. Nessa memória arquetípica, o “corpo velho” não foi atravessado por biopoderes mantendo as características próprias da idade cronológica.

Assim, o enunciado “*Velho é a vovozinha*”, que retomaremos no capítulo seguinte, está no centro dessa contradição, pois a “vovozinha” já não é mais a mesma. Desse modo, a contradição se instaura a partir do momento em que as práticas discursivas dão visibilidade às tecnologias de biopoder, pois se há um “corpo velho” jovem, trabalhado para esse fim, há um “corpo velho”, cuja formação discursiva médica o coloca inapto ao convívio social e ao consumo e, por isso, faz-se necessária a intervenção de um discurso pedagógico da saúde.

O leitor/consumidor, ao ter contato com as propagandas e reportagens, vai se situar no ponto de encontro de várias contradições sobre o “corpo velho”, pois há suas memórias sobre o que é ser velho e essa outra prática discursiva corporal, proposta pela mídia, que está constituindo outra identidade baseada na longevidade e em um ideal de juventude além das possibilidades para a velhice. Então, seria o politicamente correto, a lei que estaria colocando essa outra imagem para o corpo velho? O que de fato fez com que o sujeito da reportagem a seguir fosse notícia?

O discurso do politicamente correto entra no jogo discursivo como uma estratégia dos biopoderes que incidem sobre o “corpo velho”, possibilitando o processo de inclusão identitária dos idosos por meio do discurso espetacularizado da mídia. Escolher as expressões “idoso” / “idosa”, “terceira idade” causa a ilusão de que se mudando as palavras, mudam-se as práticas. Os efeitos de sentidos produzidos com o uso dessas expressões em detrimento das palavras “velho” / “velha” não está restrito a uma simples mudança na forma de nomear os sujeitos maiores de sessenta anos, mas um posicionamento político do “corpo velho” por meio do discurso, normalizando a diferença como traço constitutivo dessa construção identitária, provocando um efeito de inclusão.



Figura 16 Época, 18 de outubro de 2009, p. 35.

Desse modo, o que possibilitou a reportagem foi o contraditório, o inusitado, porque é inusitado um sujeito com mais de 100 anos participar de uma competição, vencer e constituir um recorde. Porém, não foi apenas isso que tornou essa reportagem possível. O discurso do politicamente correto colocou, em pauta, uma velhice saudável e competitiva.

A contradição explícita de uma idosa segurando um peso para arremessar encobre outros discursos que interdita dizeres relativos à morte, propondo que se continuar ativo a vida todo e muito além das expectativas de vida, divulgadas pelas instituições.

O discurso do politicamente correto, perpassado pelas disciplinas dos biopoderes, fomenta uma outra construção identitária para o sujeito da reportagem. Essa construção

imagético-discursiva focaliza a longevidade e a saúde, através do esporte, em detrimento à estética corporal apresentada pelo sujeito, para, assim, incluí-lo.

Essa mudança provocada pelo politicamente correto vêm suscitando diferentes olhares da mídia sobre os corpos velhos. Se por um lado, existem as singularidades de um “corpo velho” deixadas de lado, em favor das exigências econômicas do mercado; por outro, os sujeitos, cujas condições econômicas possibilitam um investimento financeiro nas tecnologias para manutenção de um corpo longo e saudável, tendem a aumentar o espaço dedicado aos cuidados de si. Esses idosos são influenciados, não só pelo discurso médico, mas também pelo culto à beleza. Assim, o consumo do produto “beleza” incide sobre os discursos produzidos na e pela mídia para o “corpo velho”, disciplinando e inserindo esse corpo nas técnicas do “cuidado de si”.

A expressão “cuidado de si”, no vocabulário de Michel Foucault, surge no início da década de 1980, quando o autor publica seus estudos sobre a “História da Sexualidade”, em três volumes: *A vontade de saber*, *O uso dos prazeres*, *O cuidado de Si*, que foge do tema do sexo para abordar, por exemplo, a *epimeleia heautou*, a primeira elaboração da ideia de “cuidado de si”, que aborda o papel da leitura e da escrita de si, na cultura grega antiga. Há, ainda, um quarto volume que permaneceu inédito, *As confissões da Carne*, em função da morte prematura deste autor.

Para Foucault, a expressão “cuidado de si” reunia um conjunto de experiências e técnicas que o sujeito elaborava para transformar seu próprio corpo. Assim, a *epimeleia heautou* representava um cuidado centrado em si, mas sem que isso resultasse apenas em uma “autofinalização” material do corpo, pois constitui uma prática que incluía também a elevação do espírito. Na atualidade, a *epimeleia heautou* está na base da “cultura de si” que é

[...] o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula em numerosas doutrinas diferente; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim, uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento elaboração do saber. (*op. cit.*, p.50)

A sociedade atual elabora uma série de tecnologias que fornecem mecanismos de promoção dos cuidados de si, propondo uma moral ética e estética em que o corpo não pode ser “lido” como velho e a mente/alma do sujeito não pode deixar de ser higienizada”, por isso, os discursos do hedonismo e do culto ao corpo estão na base da produção de identidades pela mídia. Dessa forma, “o cuidado de si implica sempre uma escolha de modo de vida, isto é, uma separação entre aqueles que escolheram este modo de vida e os outros” [FOUCAULT, 2006, p.139].

Assim, observamos que a imagem do sujeito da reportagem da revista *Época* de 18 de outubro de 2009, em análise, é composta por símbolos que marcam uma construção identitária para o corpo velho: os cabelos brancos, o formato do corpo, a vestimenta, que ratificam a ideia de uma velhice debilitante. Os sentidos, que daí derivam, podem apontar para um sujeito, cuja fragilidade corporal é apenas aparente, o que se confirmou durante o campeonato, constituindo, assim, uma contradição.

Dessa forma, os símbolos mudam, fazendo com que essa construção identitária do corpo velho deslize. “*Era só não queimar o arremesso que eu venceria*”, enuncia a esportista centenária, coincidentemente trajando um colete azul. O fato dela estar ocupando esse lugar já fazia dela uma vitoriosa: uma “superidosa”, membro de uma comunidade identitária aceita e propagada pela mídia.

Existem marcas do tempo que os cuidados com a materialidade corporal não extinguem, mas os “cuidados de si” vão além.

O sujeito da reportagem venceu a competição e, enquanto puder, irá vencer o tempo, através da manutenção do “espírito jovem”, colocado nesta tese, como uma das tecnologias de prolongamento da vida.



Figura 17 Veja, 29 de abril, 2009

A figura 17 é um comentário¹⁹ da reportagem de capa, da revista Veja “**Genética não é destino**”. Nessa reportagem, o discurso científico, baseado nos cuidados de si, embasa a produção do corpo. Assim, o casal, que figura no comentário da coluna **Leitor**, contribui para a construção de uma identidade de inclusão pela mídia pelo simples fato de praticar esportes, ocorrendo aí, como nos textos anteriores, a implementação da tecnologia do biopoder, que neste caso, propõe **Saudáveis na terceira idade**.

Essa intervenção no tempo de vida das pessoas vai provocando uma necessidade cada vez maior, por parte da ciência, de aumentar seu campo de pesquisa com a finalidade de tornar cada vez mais eficazes, os produtos voltados para os cuidados com o corpo, surgindo, então, as pesquisas na área genética.

Vemos, dessa forma, surgir dois discursos que se entrelaçam nesse comentário da reportagem: o discurso científico, representado pelos dizeres do professor da Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e o discurso da mídia, representado pelo editor(a) da revista. Essas duas posições-sujeito, em uma mesma formação discursiva, acabam por implementar as tecnologias necessárias para a sustentação dos discursos produzidos pelo Capitalismo.

É a partir do que propõe a biopolítica para a velhice que a mídia discursiviza o envelhecimento e sugere formas de controle dos efeitos negativos desse processo, influenciando nas construções de identidades para essa faixa etária. Mas é importante ressaltar a contradição, presente nos discursos sobre o “corpo velho”, como exigência da produção identitária, pois as identidades de exclusão só são geradas se houver a

¹⁹ No sentido cotidiano da palavra.

produção de identidades de inclusão e vice-versa. É essa a contradição fundamental na produção discursiva para o corpo velho.

1.4 PRÁTICAS DISCURSIVAS DE GOVERNAMENTALIDADE PARA O "CORPO VELHO"

Através da análise de alguns dispositivos de segurança, procurei ver como aparecem os problemas específicos da população e, olhando um pouco mais de perto esses problemas, fui rapidamente remetido ao problema do governo. Em suma, tratava-se, nessas primeiras aulas, de instalar a série segurança-população-governo.

(Michel Foucault, 4ª aula, 01 de fevereiro de 1978).

Quando pensamos no tema da velhice, a partir das proposições foucaultianas, vem à tona, entre outras questões, a da manutenção e do governo do corpo velho. Por isso, indagamos que corpo é esse, que precisa de ações governamentais distintas das ações relacionadas às outras faixas etárias? Quais as “técnicas de si para si” que os sujeitos que ocupam esse corpo tendem a desenvolver?

Objetivamos, nessa seção, analisar as práticas discursivas de governamentalidade para o “corpo velho”, que reverberam na mídia, tendo como fio condutor, a noção de governamentalidade, elaborada pelo filósofo francês Michel Foucault e o seu conceito de práticas discursivas.

Dessa forma trabalharemos a questão do “corpo velho” “como operador político e social, parte essencial e constitutiva do poder” [HAROCHE, 2008, p.26], pois ao situarmos a produção discursiva sobre a velhice no campo do “governo de si”, estamos imbricando as relações de poder, fruto da produção discursiva para o “corpo velho”.

Michel Foucault (1972, p.147) diz que prática discursiva “é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época dada [...] as condições de exercício da função enunciativa”. É através de práticas discursivas, tais como a repetida aparição, na mídia, nas duas últimas décadas do século XX, com maior ênfase, de fórmulas para permanecer jovem, que se ratificam estereótipos e se constroem identidades para os velhos.

A noção de governamentalidade desempenhará um papel decisivo em nossas análises, pois é a partir dessa noção que as tecnologias de poder são acionadas, com a interpelação do “corpo velho” através de biopoderes.

Para trabalharmos a noção de governamentalidade, é preciso discutir como Michel Foucault (2008a) entende a noção de governo. Pensar o termo “governo”, junto à Foucault, é fazer uma viagem pelos tratados e manuais de governança produzidos entre o século XVI e o século XVIII. Tais manuais avançam em relação aos documentos produzidos anteriormente, na Idade Média ou na Antiguidade greco-romana, quando em vez de propor conselhos aos príncipes ou falar de governo partir de uma ciência política, eles propõem uma “arte de governar”.

Colin Gordon [1991 apud HAROCHE, 2008] afirma que para Michel Foucault, a expressão “governo” em sentido *lato*, denomina um tipo de função que visa modelar, influenciar ou direcionar o comportamento de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduos. Assim, o governo, como função reguladora das relações de si para si, acarreta uma certa maneira de controle ou modos de influência, das relações dentro das instituições sociais e das comunidades e, por último, das ligações que dizem respeito à execução da soberania política.

O estudo realizado por Foucault abrangeu autores como Maquiavel, Guillaume de La Perrière e Rousseau. Este último propõe que “governar um Estado [...] significará ter em relação aos habitantes uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto a do pai de uma família” (FOUCAULT, 2008a, p. 281). Essa definição está relacionada com a ideia de poder nuclear, cujos feixes de relações partem de um único ponto de forma descendente. A visão de Rousseau contraria o pensamento de Foucault sobre como são exercidos os poderes. Para o francês:

Dizendo poder, não quero significar 'o poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. (Idem, 1999b, p.88)

Michel Foucault (2003) distingue uma forma específica da noção de governo como a reunião de instituições e práticas através das quais se conduzem e são

conduzidos os homens, por meio de técnicas e métodos, desde a administração até a educação. Tais homens, dentro desse conceito, são entendidos e discutidos a partir de sua relação mínima e descentrada com a lógica e a produção de saberes. Tendo como fundamento essa noção de governo, Foucault concebe o neologismo *governamentalidade* que atua como um instrumento para a investigação das práticas de governo exclusivamente liberal, percorrendo o modelo genealógico das estratégias sem estrategista.

Nas palavras de Michel Foucault (2004a, p. 111-112):

Com a palavra “governamentalidade” eu quero dizer três coisas. Entendo por ela o conjunto constituído pelas instituições, pelos procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, ainda que bastante complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por forma maior de saber a economia política, por principal instrumento técnico essencial os dispositivos de seguridade. Em segundo lugar, entendo por “governamentalidade” a tendência, a linha de força que no Ocidente não deixou de conduzir, desde há muito tempo, na direção da preeminência deste tipo de poder que podemos denominar como o “governo” sobre os outros, como a soberania, a disciplina, e que conduziu, por um lado, ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo e, por outro lado, ao desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, creio que seria preciso entender por “governamentalidade” o processo ou, antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, tornado Estado administrativo nos séculos XV e XVI, encontrou-se pouco “governamentalizado”.

Haroche [2008] afirma que a produção textual puritana sobre o governo de si e sobre o governo dos outros frequentemente diz respeito ao jeito de se governar uma família ou aos modos de se pertencer à aristocracia, comportando-se de acordo com normas sociais e levando em consideração uma “arte de ser fidalgo”.

Estes textos produzidos pelos puritanos desenvolvem argumentos baseados nos discursos da ética e da religião e, algumas vezes, são de base política. Se bem que não há como desvincular as duas primeiras da terceira. Mas no relacionamento do governo de si com o político, os escritos puritanos diferem da maneira de ver de outros povos de outras épocas, como por exemplo, os romanos cujo *pater familias* ocupava a posição de sujeito jurídico privado e público, tendo por obrigação bem governar a família. O *pater familias* era o único que tinha voz e vez na sociedade.

No Brasil dos séculos XX e XXI, onde o Estado é laico “graças a Deus!”, a intervenção do discurso religioso, especialmente os discursos da tradição católica, propõem uma tomada de consciência de certo relativismo, de certa falta de rigor das regras que norteiam os comportamentos privados e os públicos em uma sociedade em que os sujeitos marcam suas posições a partir do princípio da opacidade.

Na Igreja Católica, o sexo é normatizado para acontecer apenas com fins reprodutivos. Esse discurso religioso propõe a castidade dos sujeitos idosos e produz uma das muitas contradições do “corpo velho”, pois a borda que delimita o sujeito idoso aposentado assíduo à missa e o sujeito idoso aposentado, consumidor de Viagra®, que mantém ativo sexualmente sem fins reprodutivos é muito tênue.

Dessa forma, deslocamos essa noção de “governamentalidade” para os discursos produzidos no século XXI pela mídia impressa. Por mudarem as condições de produção dos discursos sobre o corpo, mais especificamente, dos discursos sobre a velhice e dos sujeitos idosos, a governamentalidade atuará através dos dispositivos propostos pela intervenção governamental, principalmente no âmbito da seguridade social (aposentadoria, campanhas de prevenção, serviços de apoio e acolhimento, etc.), agindo sobre os fenômenos próprios dessa faixa da população de maneira a prolongar e a melhorar a qualidade de vida dos idosos, com a finalidade de reduzir os gastos governamentais.

Existe uma cultura política do “corpo velho” que atua por meio de dispositivos, dividindo-se em duas características, que se relacionam com uma ciência do Estado e com uma ciência do governo de si, baseada na produção discursiva da Medicina.

Uma característica diz respeito à intervenção do Estado como instituição que fomenta ações de biopolítica para a uniformização e a padronização da capacidade do “corpo velho” manter-se longo e saudável. A outra característica são as estratégias do discurso médico para a produção de ferramentas que atuam através de técnicas medicamentosas, disciplinares e tecnologias de biopoderes, que resultam em um exercício constante de controle e vigilância do próprio corpo pelos sujeitos que ocupam a posição idoso/idosa.

A noção de “governamentalidade” focaliza como se governar, como ser governado e como fazer para ser o melhor governante possível, entre outros aspectos. Ela culmina com a aplicação de tecnologias de poder que têm como alvo, a manutenção da saúde e da vida.

Tal noção servirá como instrumento de interpretação e hipótese viável para a investigação das práticas de divulgação dos dispositivos regulamentadores da seguridade social, por exemplo, as campanhas de combate à violência contra os idosos, como está exposto no site da Prefeitura de João Pessoa:

A Prefeitura de João Pessoa, por meio da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), promove nesta quarta-feira (12) uma comemoração relativa ao Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa. A ação ocorre na sede do Conselho Municipal de Direito do Idoso (CMDI), na Avenida D. Pedro I, Centro, a partir das 9h30.

Embora a noção de governamentalidade tenha como seu objeto preferencial o liberalismo como forma de governo, ou seja, o afastamento do Governo das questões sociais para abrir caminho à iniciativa privada, é no setor público que observamos um maior número de iniciativas como a finalidade de proteção e prolongamento da qualidade de vida dos idosos, principalmente, os idosos de baixa renda. Mesmo quando a prática asilar é exercida por instituições não governamentais, há uma demanda, por parte dessas instituições, por verba pública para auxiliar em suas atividades. A ideia de uma aposentadoria feliz e prazerosa é uma construção da mídia na medida em que ela propõe identidades de inclusão para a velhice.

Diante do exposto, fazemos os seguintes questionamentos: como as modificações nos discursos sobre a aposentadoria e o envelhecimento proporcionam rearticulação nos projetos de vida, de trabalho e de lazer desse grupo etário? E como a imagem do envelhecimento “adequado”, fruto de um projeto de governamentalidade, afeta a produção discursivo-midiática sobre a velhice? Responderemos a essas questões a partir do que está exposto nas imagens a seguir.

Figura 11 Revista Época, 11 de novembro de 2009



Figura 12 Época, 16 de jan. de 2012



DOIS SISTEMAS
Aposentados jogam cartas no Rio de Janeiro. As diferenças entre o sistema público e o privado criam duas classes de aposentadoria para esses brasileiros

O advento da universalização da aposentadoria trouxe uma série de benefícios econômicos e sociais para a população idosa, mas também tem embasado os discursos midiáticos promotores de uma segregação identitária nesse grupo etário, devido à “[...] reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem sucedidas fecha espaço para as situações de abandono e dependência” [DEBERT, 2012, p. 15].

O consumo e o discurso da felicidade proposto pela mídia impressa em forma de manual sintetiza as práticas hedonistas presentes na sociedade atual e fazem com que algumas imagens da aposentadoria sejam vistas [figura 11] de modo positivo e desejadas e a outras imagens [figura 12] sejam encobertas, desencorajadas pelo fato de não serem economicamente produtivas.

No mundo do consumo e do hedonismo (em que o prazer é o princípio e o fim de tudo), tudo e todos se transformam em objetos prontos para serem consumidos, usados e descartados quando não mais servirem aos fins desejados [...] o sujeito do consumo ou o sujeito do gozo vive para si, por isso não faz laços, não se envolve não assumem compromissos que dificultem ou impossibilitem o desfrute da vida, o prazer, o sucesso pessoal. [CORACINI, 2006, p.149]

Dessa forma, no mundo regido pelo consumo, “**A aposentadoria dos seus sonhos**”, escrito em amarelo-ouro, só é possível quando o sujeito é capaz de governar a si mesmo e acumular, durante a sua vida profissional, uma quantidade de bens e capitais suficientes para manter o ócio produtivo, conforme podemos observar na figura 11. Os sujeitos “que chegaram lá” não estão em qualquer lugar.

Abaixo dos personagens da figura 12, há uma legenda com os seguintes dizeres: “*Aposentados jogam cartas no Rio de Janeiro. Diferenças entre sistema público e o privado criam duas classes de aposentadoria para esses brasileiros*”. Essas diferenças são acentuadas por questões de governamentalidade como as políticas previdenciárias, pois a grande maioria dos sujeitos idosos, realmente aposentados, são segurados do INSS – Instituto Nacional de Seguro Social – e os discursos baseados nessa prática de assegurar renda mínima aos idosos apontam para uma construção identitária em que o ócio e a falta de capacidade de consumo prevalecem, vez que esses idosos não tiveram a oportunidade de contratar uma previdência complementar.

Para o Governo, a previdência tem como função “[...] substituir a renda do trabalhador contribuinte, quando ele perde a capacidade de trabalho, seja pela doença, invalidez, idade avançada, morte e desemprego involuntário, ou mesmo a maternidade e a reclusão²⁰”. Esse dispositivo de seguridade, de manutenção da renda faz com que a capacidade de consumo dos idosos não seja extinta, garantindo-lhes um lugar na sociedade. Mas que lugar esse? Certamente, não é aquele proposto pela mídia.

Debert (1997, p. 3-6) aponta três fatores imprescindíveis para dar conformação à ideia de terceira idade e às mudanças das representações sobre o envelhecimento na atualidade. Esses fatores estão relacionados à promoção do “governo de si”, através da aplicação de biopoderes e do “governo dos outros” por meio da manutenção de políticas de Estado que têm como base a noção de governamentalidade.

Assim, o primeiro fator, apontado por Debert, está relacionado com o acontecimento da aposentadoria e pensão universais, tornando a população idosa, dentro da sociedade capitalista, uma faixa etária privilegiada do ponto de vista econômico, uma vez que as outras faixas etárias, os jovens, por exemplo, não têm essa regalia.

²⁰Cf. <http://www.previdencia.gov.br/conteudoDinamico.php?id=418>

O segundo fator diz respeito à maneira como as ideias de corpo e saúde foram reelaboradas no decorrer do tempo nas sociedades ocidentais contemporâneas, agregando a concepção de que “o corpo é um veículo do prazer e da auto-expressão” (FEATHERSTONE, 1992, p.170 *apud* DEBERT, 1997, P.3). Dessa forma, os indivíduos são responsabilizados pelo monitoramento da saúde de seu próprio corpo, tendo como norte, a ideia de que a maioria das doenças é causada pelo próprio indivíduo, pois ele não toma os cuidados necessários para a manutenção de seu corpo, como realizar exercícios físicos sistematicamente, não ingerir bebidas alcoólicas, não fumar e não comer alimentos gordurosos ou ricos em sacarose. É por meio dessa ideia que atua o discurso econômico, propondo que flacidez, rugas, obesidade são indícios de cansaço moral e precisam ser eliminados através do uso de produtos médicos/cosméticos.

O terceiro fator aponta para mudanças no aparelho produtivo, pois o poder aquisitivo das camadas médias da população aumentou, proporcionado, conseqüentemente, o aumento do consumo. Esse aumento engloba um grupo cada vez maior de indivíduos aposentados com a capacidade produtiva em plena forma. Isso fez com que o governo alterasse as regras para aposentadoria, alongando o tempo em que o indivíduo permanece na ativa. Para as pessoas que se aposentaram antes da mudança ou que cumpriram as “dicas” do discurso gerontológico, a aposentadoria deixou de ser um “rito de passagem” da idade adulta para a velhice ou uma maneira de evitar que aqueles cujo declínio socioeconômico é resultante da perda da capacidade produtiva passem fome ou qualquer outra necessidade.

Os deslizes de sentido são constitutivos dos discursos midiáticos sobre a velhice. O fato da perspectiva de vida da população brasileira ter aumentado, somando-se a isso a melhora da qualidade de vida dos sujeitos idosos. Ao vislumbrar esse horizonte, podemos pensar até em comemorar, pois finalmente o Brasil está conseguindo envelhecer. Porém, quais as conseqüências sociais e discursivas disso? Como as múltiplas engrenagens dos poderes e dos micropoderes reagem a esse fato novo da mudança da pirâmide etária brasileira? Como o consumo, a partir de uma memória que além de coletiva também é individual, afeta a produção das construções identitárias para a velhice?

Em cada época, as construções identitárias da velhice estiveram aliadas às mais diversas práticas discursivas e não-discursivas, atravessadas por relações de poder e saber, que eram refletidas nos mais variados gêneros discursivos. Essas práticas produzem identidades que cambiavam/cambiam entre a exclusão e a inclusão, constituindo, assim, o sujeito idoso e a velhice, tanto na época do poder soberano e da sociedade disciplinar, quanto na atualidade, cujos biopoderes e a biopolítica são a base de sustentação da sociedade de controle.

Delimitaremos, desse modo, sobre quais “corpos velhos” estamos discutindo o estatuto de existência. A partir dos vestígios enunciativos e das imagens cristalizadas nas memórias social, individual e coletiva ²¹e suas relações com a lembrança, construiremos um percurso histórico da formação discursiva e da transformação da velhice, tendo como princípio constituinte, as mudanças da concepção de anormalidade do “corpo velho”, produzindo a ideia de um corpo distinto dos outros, mas também permeado pelo poder da normalização, um corpo “gerontolescente”, cujos dados estatísticos enunciam seu acontecimento.

²¹ Discutiremos essas noções de memória no próximo capítulo.



Figura 13 Fonte: Google imagens

CAPÍTULO II

"VELHO É A VOVOZINHA²²": A MEMÓRIA COMO FATOR CONSTITUTIVO DA PRODUÇÃO IDENTITÁRIA MIDIÁTICA SOBRE A VELHICE

²² O vocábulo “velho” era/é associado à decrepitude no fim da vida e, por isso sua relação com as regras que determinam a negatividade de um objeto. Inclusive, visto como “falta de educação” perguntar a idade de alguém, principalmente quando se tratava de uma mulher que não era cronologicamente jovem, constituindo, assim, uma norma de etiqueta.

2.1 A LEMBRANÇA E OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DE UMA MEMÓRIA INDIVIDUAL SOBRE O “CORPO VELHO”

*Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida a minha face?
(Cecília Meireles)*

Quando pensamos em desenvolver essa seção, partimos do princípio de que há uma relação de identificação entre os idosos e as construções identitárias de inclusão/exclusão da mídia para o “corpo velho”, e que essa relação se estabelece por intermédio de lugares de memória, lembrança e memória individual dentro dos campos da memória coletiva e da memória discursiva. Para tanto, pedimos o auxílio das teorias propostas por Maurice Halbwachs, Paul Ricœur e Pierre Nora.

Maurice Halbwachs [1950, 2006, p. 29 – 70] mostra que não é possível pensar a questão da recordação e da localização das lembranças, quando não se toma como referência, os modos e condições de produção sócio-histórica que funcionam como baliza para essa reconstrução, que damos o nome de memória.

Para Halbwachs, a memória individual existe, mas suas raízes ocupam vários lugares/planos que, por questão de oportunidade e simultaneidade, se aproximam por alguns instantes. O autor postula que a rememoração pessoal está localizada no entrecruzamento das múltiplas redes de memória nas quais nos envolvemos, pois é da combinação desses elementos presentes nas redes de memórias que pode surgir aquela forma que damos o nome de lembrança, pois se traduz em linguagem. Dentre a maioria das “intervenções coletivas”, a lembrança é o ente que funciona como fronteira e limite, estando na intercessão do pensamento coletivo.

Partindo dessa noção de “lembrança”, Halbwachs aponta um caminho que pode facilitar a localização espaço-temporal da aventura pessoal da memória, através da observação da sucessão de acontecimentos individuais, que resulta das transformações nas formas de relacionamentos de cada um dos sujeitos com os grupos a que estão ligados nas relações que são estabelecidas entre os sujeitos que compõem cada grupo social.

Para Halbwachs, o sujeito que lembra está sempre inserido e é constituído por grupos de parâmetros memoriais, sendo que a memória é um trabalho do sujeito situado dentro de um grupo.

Para conseguirmos reconstruir um bloco de lembranças de modo a enxergar nelas algo conhecido, é necessário que essas lembranças tenham algum ponto de contato, apesar dos elementos dissonantes que as compõem. Isso pode acontecer, por exemplo, quando nos propomos a narrar um fato ocorrido conosco ou com outras pessoas.

Nunca a narrativa trará o fato em si, mas feixes de relações entre enunciados e vestígios enunciativos que, ao encontrarmos pontos de convergência entre eles, produzirão as lembranças. É também por isso que “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro” [PÊCHEUX, 2008, p.53], pois os nós que os costuram às redes de sentido, também são constituídos a partir da lembrança e da memória individual, embora a noção de memória com a qual trabalhamos esteja ancorada na ideia de exterioridade constitutiva.

No entanto, os pontos de contato não tornam a lembrança confiável imediatamente, pois o sujeito é atravessado pelas vozes de outros sujeitos, funcionando como se uma mesma experiência fosse retomada, não só por esse mesmo sujeito, mas por tantos outros cujas vozes o atravessam. Assim, para que elas tenham força de verdade, é necessário que os discursos acessados, no campo da memória, por esses outros sujeitos ratifiquem os dizeres sobre determinado fato, ressaltando os pontos de contato e recobrando os pontos de fuga/silenciamentos.

Nas palavras de Halbwachs [*idem*, p.30],

[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Assim, retomamos a máxima da Análise do Discurso que diz que o “exterior é constitutivo do discurso” [FERREIRA, 2000], pois para que o sujeito realize seu trajeto de memória, é preciso que ele leve em consideração os vários grupos de lembranças

individuais e coletivas que formam a sua produção discursiva e as reminiscências que o constituem como sujeito histórico.

Se há uma memória coletiva sobre a velhice, é porque há memórias e lembranças individuais que perpassam os textos, no sentido *lato sensu*, e que pontuam as características consideradas como próprias da velhice.

O fato de a mídia promover, como uma necessidade de realização pessoal para os sujeitos que ocupam a posição sujeito idoso, a imagem de uma pele cada vez menos enrugada e mais jovem está relacionada ao fato de que “[...] é comum que imagens desse tipo, impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que temos de um fato antigo” [HALBWACHS, 2006, p. 32] ou de uma memória cristalizada, como é o caso das imagens das inúmeras “vovozinhas” representadas nas histórias infantis. É sempre uma idosa, na cadeira de balanço, com problemas de saúde, ou ainda, é a representação do mal e do que é feio. “Essas imagens talvez não reproduzam exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia” [*idem, ibidem*], pois algumas lembranças de fatos realmente acontecidos são reunidas a uma compacta de massa de lembranças fictícias.

Ricœur [2007] afirma que o estudo dos fenômenos relacionados à lembrança está inserido nas distinções existentes entre as lembranças ligadas à imaginação, à ficção como, por exemplo, os contos de fadas, e aos fatos do cotidiano cuja lembrança os reconstitui. Assim, Ricœur, a partir de sua releitura de Husserl, divide a lembrança em dois aspectos: *Biulding* e *Phantasie*, em que *Biulding* seria a construção imagética da lembrança e *Phantasie* que diz respeito ao imaginário fantástico.

A lembrança, alternadamente buscada e encontrada, encontra-se no entrecruzamento do estatuto de veracidade dessa reminiscência com a historicidade dos fatos. A lembrança, desse modo, tem seu lugar de apoio no confronto existente entre memória e história.

A produção discursiva da mídia e a memória imagética da velhice, em virtude de suas condições de produção, podem dar margem ao sujeito acessar uma ou outra lembrança do que seja a velhice, ou ainda, os sujeitos que ocupam o lugar do idoso, ao propor a narrativa de suas vidas, farão por meio das reminiscências da lembrança. Essas

reminiscências nem sempre correspondem aos fatos cotidianos, por estarem no nível do imaginário.

Isso ocorre, pois memória e lembrança são aspectos diferentes que constituem o arquivo sobre a velhice. Por exemplo, os “arquivos” das próprias existências dos sujeitos. A memória está relacionada à exterioridade histórica que constitui o discurso, e, dependendo da abordagem a partir da qual é estudada, ela pode ser social, discursiva, coletiva, individual, mítica. Já a lembrança diz respeito à maneira como o sujeito acessa a memória e retoma as condições de possibilidades da constituição de determinada imagem, de determinado discurso.

A lembrança pode ser tomada/pensada como uma representação única e rara aplicada à percepção pelo sujeito idoso dos traços que determinam a produção discursiva da velhice e sobre a velhice. Observe o poema de Mário Quintana²³ “*Envelhecer*”:

Antes, todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

Essa inadequação do poeta às características da velhice e à solidão que esta outra “face” da velhice nos remete sintetizam uma imagem cristalizada oposta àquela do hedonismo e da felicidade.

Quando focalizamos o último verso em que o eu-lírico se dispõe à companhia dos “fantasmas”, estes podem ser entendidos como as lembranças que se tornam recorrentes na vida dos idosos, funcionando a rememoração e as narrativas dos fatos cotidianos passados como um ritual.

Outro exemplo é o bordão “*Quando eu era criança pequena lá em Barbacena...*” proferido por Joselino Barbacena (Antônio Carlos Pires), um dos personagens do programa humorístico **Escolinha do Professor Raimundo** [1990-2001]. Esse personagem propõe uma retomada de aspectos da vida cotidiana através da lembrança e da memória individual que rompe uma cadeia lógica provocando o riso.

²³ QUINTANA, Mário. *Envelhecer*. In.: QUINTANA, Mário. **Sapato Florido** - São Paulo: Globo, 2005.

A lembrança pode ser fruto de contradições existentes no nível da memória que interfere na produção discursiva da velhice. Os biopoderes, que dão sustentação a essa produção discursiva e identitária para velhice, são em sua essência contraditórios. Desse modo, gerações diferentes terão memórias distintas do que é ser velho, devido à interpelação dos “corpos velhos” por esses biopoderes.

A lembrança se constitui em imagem a partir do momento que a projetamos no discurso. Assim, sendo fruto da interpretação dos fatos acessados na memória, se não houver possibilidade de acesso ao trajeto de memória, não há como lembrar-se de algo.

Ricœur [2007, p.70] propõe que a lembrança implica os sujeitos como agentes, pacientes, testemunhas de um fato cotidiano. A partir da memória individual e da memória coletiva, o sujeito busca a veracidade ou a “força de verdade” de suas reminiscências.

Ainda conforme Ricœur [2007], convocando os estudos de Nora [1992] (*Lieux de Mémoire*), a lembrança produz um lugar que pode entendido como lugar de memória, pois

[...] o caráter residual da memória, sob o signo da história crítica, leva a dizer que ‘uma sociedade que seria vivida integralmente sob o signo da história não conheceria, afinal de contas, assim com uma sociedade tradicional, os lugares nos quais ancorar a sua memória’, [op. cit., p.XX]. De fato, os lugares continuam sendo lugares de memória, não de história. [RICŒUR, 2007, p.416].

Pierre Nora [1992] propõe a noção de “lugares de memória”, a partir da cisão memória/história como eco da descontinuidade pensada por Michel Foucault em **Arqueologia do Saber** e como último sintoma da transformação da memória apreendida pela história.

Essa noção não está relacionada a lugares fisicamente localizados em determinada superfície, mas a “marcas exteriores [...] nas quais as condutas sociais podem buscar apoio para as suas transações cotidianas” [RICŒUR, 2007, p.415].

Podemos verificar como lugares de memória para a produção discursiva sobre o “corpo velho”, os contos de fadas, como **Chapeuzinho Vermelho** e **Branca de Neve**, a literatura de cordel, como a **História do Cavalo que Defecava Dinheiro**, de Leandro

Gomes de Barros, os romances da geração de 1930, especialmente “**A velha Totonha**” de José Lins do Rêgo.

Nesses textos, temos uma forma de representar externamente o tempo social, uma determinada época. Assim, sobressaem-se, como objetos simbólicos, a cadeira de balanço, a bengala, as roupas, a pele e os próprios personagens idosos. Estes elementos sintetizam imagetivamente esse outro lugar do “corpo velho”, construído em outras condições de produção e a partir de outras formações discursivas diferentes das que atravessam mídia de massa.

Ampliamos a ideia de “lugar de memória” que Ricœur [*op. cit.*], em seus estudos sobre a escrita e o espaço, coloca como “inscrições, no sentido amplo atribuído a esse termo”. Colocando como inscrições, os textos **Chapeuzinho Vermelho**, **Branca de Neve**, **História do Cavalo que Defecava Dinheiro**, “**A velha Totonha**” passam a funcionar como um monumento dedicado a uma imagem de “corpo velho” que só existe cristalizada na memória.

Assim, a “vovozinha” da Chapeuzinho sintetiza a fragilidade e a tendência à morte, a madrasta da Branca de Neve, especialmente a do desenho da Disney, usa uma imagem da velhice como engodo, retomando uma memória de fragilidade do “corpo velho” ao mesmo tempo propõe que velhice e feiura são características imbricadas.

Na **História do Cavalo que Defecava Dinheiro**, Cordel de Leandro Gomes de Barros (republicado em 1999 pela editora Tupinanquim), “a velha dos diabos” transforma-se em “minha velhinha”, quando o Compradre Rico percebe que foi enganado pelo Compadre Pobre e assassina sua mulher.

Neste texto de Literatura de Cordel, o termo “velha” aciona tanto o interdiscurso patriarcalista do Coronelismo quanto discursos religiosos, que colocam como um dos pilares de sustentação da família, a submissão ao marido, constituindo a identidade feminina a partir do casamento:

Ele findou as palavras
A velha ficou teimando,
Disse ele: —**Velha dos diabos**
Você ainda está falando?
Deu-lhe quatro punhaladas
Ela caiu arquejando...

O velho muito ligeiro
 Foi buscar a rabequinha,
 Ele tocava e dizia:
 —**Acorde, minha velhinha!**
 Porém a pobre da velha,
 Nunca mais comeu farinha

Fragmento de **História do Cavalo que defecava dinheiro**

Leandro Gomes de Barros (1865-1918)

O livro “**Histórias da velha Totonha**” de José Lins do Rego, retoma uma personagem que aparece em **Menino de Engenho**, livro deste mesmo autor. Essa personagem rememora tantas outras “velhas” contadoras de história que visitavam ou que residiam em propriedades rurais. Assim, a partir desse “lugar de memória”, dedicado à velhice, em que se “cristaliza e se refugia uma memória dilacerada” do “corpo velho”, a pulverização de seus destroços tem como consequência o apagamento e o esquecimento dessa memória.

Nora [1992 *apud* Ricœur, 2007, p.415] propõe que “[...] os lugares de memória são, primeiramente, restos”, ou seja, fragmentos de memória, vestígios enunciativos que ocupam um determinado espaço identitário, relacionando-se, assim, com a memória coletiva. Ser velho, portanto, é quase uma lembrança irrecusável oferecida contraditoriamente pelo viés da interdição dos “corpos velhos”.

A mídia, através do comentário²⁴, pode até retomar esse lugar de memória da velhice, as memórias individuais e as lembranças, mas com outras funções e finalidades, não se tratando mais do esquecimento de uma memória dilacerada, porém de uma interdição de uma identidade que não se quer espetacularizar.

Há sempre brechas para a interpretação dos fatos, porque o sujeito nunca terá a completa noção de um acontecimento em função do real da língua e da história [cf. PÊCHEUX, 1997], e o que esse sujeito pode fazer é coletar feixes de relações cujos “nós” nem sempre “confiáveis” propõem uma leitura possível e pontuam a produção discursiva sobre a velhice e sobre os sujeitos idosos nas redes de poderes e de sentidos.

Desse modo, para que haja uma lembrança, uma memória individual dos traços e dos fatos que compõem a velhice, é necessário para o sujeito que haja vestígios desses eventos em sua memória para que o testemunho do outro, como afirma Halbwachs, por

²⁴ No sentido foucaultiano do termo.

mais próximo do acontecimento que seja, ative os “já-ditos” e torne o testemunho um mecanismo de ativação da lembrança. Do contrário, jamais será uma lembrança, pois para sê-la, é necessário que a exterioridade histórica seja entendida como parte constitutiva da memória do sujeito.

A não identificação a uma lembrança pode estar relacionada ao desaparecimento de uma memória coletiva mais ampla que envolve os sujeitos de uma determinada sociedade, como por exemplo, o fato de os jovens da geração Y ²⁵ não enxergarem a velhice da mesma forma que os jovens da geração X, em função de uma mudança ocorrida no processo de identificação no interior da memória coletiva sobre o que é ser velho.



26

Assim, na imagem exposta acima, como forma de alegoria, poderíamos dizer que o lado esquerdo da imagem seria o que a geração X tem na lembrança sobre o que é envelhecer; o lado direito já ativaria as lembranças da geração Y sobre como seria uma avó. Halbwachs [*idem*, p.69] diz que “[...] a sucessão de lembranças, mesmo as mais

²⁵ **A Geração X** é composta dos filhos dos Baby Boomers da Segunda Guerra Mundial. (Baby Boomer é uma definição genérica para crianças nascidas durante uma explosão populacional - Baby Boom em inglês, ou, em uma tradução livre, Explosão de Bebês. Dessa forma, quando definimos uma geração como Baby Boomer é necessário definir a qual Baby Boom estamos nos referindo). Os integrantes da Geração X têm sua data de nascimento localizada, aproximadamente, entre os anos 1960 e 1980. **A Geração Y** é também chamada de Geração *Next* ou *Millennials*. Apesar de não haver um consenso a respeito do período desta geração, a maioria da literatura se refere à Geração Y como as pessoas nascidas entre os anos 1980 e 2000. **A Geração Z** é formada por indivíduos constantemente conectados através de dispositivos portáteis e preocupados com o meio ambiente, a Geração Z não tem uma data definida. Pode ser integrante ou parte da Geração Y, já que a maioria dos autores posiciona o nascimento das pessoas da Geração Z entre 1990 e 2009. [Cf. <http://www.geracaoxyz.com.br/geracao-xyz.html>]

²⁶ Essa imagem será retomada no capítulo 4 em uma análise verticalizada.

peçoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos” e isso promove a identificação dos sujeitos com essa ou aquela imagem da velhice.

Halbwachs [1939, *apud* HAROCHE, 2008] no seu artigo “*Consciência individual e espírito coletivo*” chamou a atenção para o fato de que todas as instituições possuem duas facetas, uma faceta material e outra psicológica. Essas facetas estão relacionadas com o tempo e com o espaço que essas instituições ocupam tanto discursivamente quanto materialmente.

No campo da memória e da lembrança, o que os profissionais de *marketing* chamam de “*feed back*” de um produto, pode estar relacionado ao processo de produção de identidades, pois, nesse espaço da propaganda, o relacionamento do provável consumidor com a marca, e conseqüentemente com a instituição, provoca um processo de identificação através memória individual do sujeito com o espaço ocupado pelas instituições.

Nas propagandas a seguir, a relação memória individual e produção identitária para o “corpo velho” coloca em funcionamento, as representações simbólicas nos processos discursivos [*cf.* PÊCHEUX, 2009] como forma de “[...] gerir uma teoria da identificação e de eficácia material do imaginário” a partir de uma tomada de posição do sujeito idoso em relação ao seu corpo.



Figura 14 Revista Veja, 25 de novembro de 2009

Ao observamos a propaganda acima, notamos que a instituição financeira que se instrumentaliza dela para vender seus serviços, recorre a um conteúdo inicial de lembranças.

Estas lembranças se destacam entre as outras por estarem no ponto de entrecruzamento de uma série verbo-imagética, relacionando-nos a um grupo social, neste caso, a família.

As lembranças, acionadas na propaganda da previdência do HSBC, também nos remetem às memórias de sensações sinestésicas com o cheiro do mar, o calor do sol e o toque da pele, neste caso de um familiar, que pode ser um avô ou um pai temporão. Essas lembranças, que a propaganda tenta suscitar, estão no campo das coisas que só existem para nós, como parte da nossa memória individual, mas que também está relacionada a uma memória coletiva sobre a família.

A figura 12 é uma propaganda de previdência privada do Banco HSBC, publicada na revista *Veja*, em 2009. Nela consta o seguinte enunciado: “*Se o que mais importa para você é um futuro mais divertido, Previdência do HSBC*”. Os efeitos de sentido desse enunciado dizem respeito a uma velhice feliz e divertida proporcionada por uma provisão financeira, realizada na época da juventude.

Uma vez que “a interdição é um procedimento constitutivo dos processos identitários” [BARACUHY, 2009, p. 18], outro aspecto da imagem que chama a atenção do leitor é o fato dela interditar a solidão que é comum nessa fase da vida. Nessa e nas outras imagens, há sempre a companhia de um parente, possivelmente neto (a) ou até mesmo filho (a), e/ou ainda um objeto símbolo de sua juventude tardia e que remete a prática de esporte.

No canto esquerdo da imagem, aparece entre colchetes um peixe e na parte exterior dos colchetes, destaca-se o vocábulo “*orgulho*”. Mas o “*orgulho*” não está em pescar o peixe. O que torna o sujeito “idoso” da propaganda um “receptáculo” desse sentimento, é o fato de estar ensinando o garoto a pescar. Essa imagem retoma a memória dos sábios anciões, presentes nas culturas indígenas (inclusive atualmente) e em culturas mais antigas, como a grega e a romana.

Isso é o que importa na propaganda, a felicidade dos personagens, a diversão proporcionada pela pescaria. Esse é o ponto de visibilidade proposto pelo anúncio do HSBC: o sujeito alcança os seus objetivos por causa do Banco. Além disso, a lembrança

que se tenta acionar é uma memória coletiva de família unida, que a propaganda ressalta para o cliente/leitor como objetivo a ser alcançado.

Em suma, a reverberação dessa memória individual de sucesso e felicidade vai depender da perspectiva que o cliente em potencial vai acessar a memória coletiva. Essa perspectiva muda de acordo com os lugares que o sujeito idoso potencial comprador dos produtos HSBC ocupa na sociedade. Esse mesmo lugar muda de acordo com as relações de consumo que esse sujeito mantém como os outros espaços discursivos, além da mídia.

Os arquétipos, na qualidade de imagens primordiais (por exemplo, a mãe, o herói, o vilão, etc.), formatadas a partir da constante repetição de uma mesma experiência, durante muitas gerações, criam imagens que correspondem a alguns aspectos das situações em que o sujeito tem a ilusão de controlar plenamente. *“Os arquétipos, em outras palavras, representam o modelo básico do modelo instintivo”* (Jung, 2002, p.54).

Assim, quando está em cena o “corpo velho”, pode surgir a memória de uma “vovozinha”. Esse arquétipo – a vovozinha – possui uma capacidade de envolvimento dramático incontestável e uma importância psicológica profunda, que incide sobre o fato de que o arquétipo da vovozinha está fortemente ligado a vários aspectos de nossas vidas, entre eles, o religioso e o familiar. Basta recordar da trajetória das “vovozinhas” Dona Benta e Tia Anastásia que aparecem nas histórias de Monteiro Lobato.

As “vovozinhas” são mulheres que quase sempre têm um enorme apelo afetivo e matriarcal, além de apresentarem os traços da velhice que são próprios de etapa da vida, colocando essas personagens algumas vezes no lugar de vítima e outras vezes no lugar de heroína, mas sempre relacionadas aos lugares de memórias que podem ocupar as “representações” imagéticas dos idosos.

Através de gerações, esse arquétipo da “vovozinha” é repetido de várias maneiras. Entretanto, devido ao efeito da atuação da biopolítica através dos biopoderes, ao longo dos séculos XX e XXI, esse arquétipo vem sendo ressignificado e adquirindo outras características condizentes com as condições de produção de nossa época.

Em suma, o arquétipo é uma representação fundadora de discursividade, e, ao mesmo tempo, é parte de uma memória coletiva e individual e uma imagem cristalizada

na memória social. Ao serem repetidos exaustivamente, esses enunciados deixam vestígios e é a partir da regularidade desses vestígios que se constroem identidades.

Na imagem a seguir, é a ideia da valorização dos “*Talentos da maturidade*” que sobressai, ainda retomando o processo de identificação com propaganda através da lembrança de uma família potencial e uma próxima geração.

Os enunciados propostos pela propaganda do Banco Santander torna visível um sujeito idoso que precisa e deve ter seus talentos valorizados, pois há na memória coletiva o discurso da produtividade relacionado à arte. Observe a imagem:



Figura 10 Revista Veja, 26 de junho de 2010

“*A sociedade pode se inspirar com a experiência e o talento de quem tem muito a ensinar*”, esse enunciado pinçado do hipertexto à direita da imagem produz efeitos de sentidos que relacionam a imagem da idosa a um comentário, da “vovozinha” de antes da revolução médico-tecnológica, por causa dos cabelos brancos, mas essa idosa é “moderna”, ela pinta, inclusive o cabelo, ela continua ativa.

Michel de Certeau (2008) postula que, em meio à relação do corpo com a cultura em que ele se insere, cada sociedade, assim como a língua, estabelece qual imagem de corpo é bem vinda (o que delimita, também, as instâncias culturais produtoras do “corpo velho” jovem).

O corpo, do mesmo modo que a língua e a linguagem, é gerido socialmente, funcionando como matriz produtora de sentidos, dando suporte aos significados. O “corpo velho”, pensado a partir dessa ótica cultural, possibilita-nos observá-lo a partir das transformações simbólicas que esse corpo sofreu ao longo do tempo, dentro de uma memória coletiva, que é também cambiante, dos paradigmas de cada cultura, expressando, desse modo, aspectos da velhice constituídos historicamente.

Sant’Anna (2005, p. 12) afirma que na “[...] memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura [...], o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo”, por isso esse “corpo velho” proposto pela propaganda, pertence menos ao que é considerado cronologicamente natural do que ao processo de construção histórica da velhice.

Dessa maneira, o “[...] registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época” [*op.cit.*], relativos ao envelhecimento sob o olhar da mídia, vai remeter às ações de “resgate” de uma vida em comunidade, a partir do questionamento de práticas e de representações corporais.

A personagem proposta pelo Banco exhibe seus talentos provavelmente para o neto e, mais uma vez, a grande sacada do discurso publicitário é “jogar luzes” ao ato de ensinar, porém ensinar de forma prazerosa. Essa “repaginada” confere ao sujeito da propaganda “ares” de autoridade, mesmo porque há uma memória de que a função dos velhos é ensinar.

De acordo com do texto da propaganda, “*com a experiência e o talento de quem tem muito a ensinar*”, é o fato de esse sujeito ter mais idade que lhe confere o direito e o dever de propor algo melhor à sociedade. Assim, essa personagem idosa entra na ordem do enunciável não pelas características físicas, mas pelas características intelectuais, afinal *mens sana in corpore sano* é o que se espera como resultado das práticas que resultam no prolongamento da juventude.

A lembrança e os lugares de memória atuam como delimitadores na formação da memória individual do que é ser velho. Por isso, as gerações mais recentes têm outra memória da velhice, relacionando-a com o prolongamento da vitalidade e da produtividade. A mídia, nas condições de produção atuais, ressalta a positividade dos

biopoderes, tornando-os cada vez mais incisivos, também no campo da memória. A lembrança “presentificada” do “corpo velho” é a lembrança de um corpo interpelado por biopoderes.

2.2 IDENTIDADE E MÍDIA: AS RELAÇÕES DE CONSUMO A PARTIR DOS DISCURSOS SOBRE A VELHICE

“A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. (...) Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”.

Kathryn Woodward

Nesta seção, o objetivo é analisar como as influências do discurso econômico, através do consumo e do dispositivo da mídia, contribuem na produção das construções identitárias para o “corpo velho”, discutindo, a partir disso, a genealogia desse corpo e as regras de formação do discurso que possibilitam a construção da velhice como objeto.

Escolhemos trabalhar com o conceito de identidade como **efeito de linguagem** que é construído nos discursos sociais, baseado no diálogo que a Análise do Discurso estabelece com os Estudos Culturais.

O conceito de *identidade* abrange vários aspectos e possui muitas facetas. Ele pode ser estudado a partir de óticas variadas e, por isso, tem sido alvo de reflexões nos campos da Antropologia, da Psicologia, da Sociologia, da Filosofia, da Psicanálise e dos Estudos Culturais. Assim, para tratarmos sobre identidade, elegemos os teóricos Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward e Zygmunt Bauman. Para nos auxiliar na discussão sobre a cultura da mídia, trazemos as ideias de Douglas Kellner [2004] e Bauman [2003].

Stuart Hall [2002] discute a questão da identidade a partir do período nomeado como “pós-modernidade” ou “modernidade tardia”, que corresponde à segunda metade do século XX. Para esse autor, a extensa discussão sobre a identidade é motivada,

atualmente, pelo fato de que “[...] as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” [2002, p. 7].

A crise da identidade é provocada por mudanças globais que desestabilizaram os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Hall [2002] propõe, ainda, que essa mudança na noção de identidade social é causada também pela transformação da noção-conceito de sujeito, classificando, cronologicamente, essa noção em sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno – fragmentado, disperso, plural. É com esta última designação sobre o sujeito que Hall desenvolve o conceito de identidade. Ele concebe a identidade como um processo cultural, construída nos discursos sociais que circulam em uma dada sociedade. Ele argumenta que

[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. [2002, p.13]

Sendo assim, a identidade é formada no decorrer das épocas, de forma assistemática, tendo como características principais, a incompletude e o eterno processo de construção/desconstrução.



Figura 15 Capa do livro “Dona Benta: Comer Bem”



Irenilda de Oliveira Meneses, 65, mais bela idosa

Figura 16 Folha de S.Paulo. 09/05/2013

Quando pensamos o sujeito idoso, nos deparamos com uma série de construções identitárias baseadas nas imagens cristalizadas na memória social sobre a velhice,

fabricadas a partir das posições sócio-econômicas que o idoso pode ocupar na sociedade. Por exemplo, a imagem da dona-de-casa que envelheceu e se tornou avó, é um dos traços constitutivos da construção identitária arquetípica da “vovozinha”, ao mesmo tempo que existe outro traço identitário que constitui a construção identitária uma mulher com a vida profissional desenvolvida e que, apesar da idade cronológica, ainda é capaz de vencer concursos de beleza. Esse outro traço identitário, evidenciado na figura 14, aponta o descentramento do sujeito, pois essa “avó miss” não está livre de também ocupar o lugar proposto pelos traços da velhice presentes na figura 16, embora exista uma dominante.

Outro autor que discute a questão da identidade como fenômeno da “modernidade tardia” é o sociólogo Zygmunt Bauman. Ele aborda questões como “o que é a ‘nacionalidade’ na modernidade tardia, pós-globalização, que opera por inclusões e exclusões?”, “Como situar a identidade frente às comunidades (de vida; de destino)?”, concluindo que as transformações da modernidade tornaram a identidade uma categoria fluida, líquida, itinerante.

Consequência da instabilidade: todos pertencemos a várias comunidades e temos, por isso, várias identidades. Elas flutuam no ar: algumas, de nossas próprias escolhas, outras impostas. “Sentir-se em casa” exige um preço considerado alto a fim de constituir o “eu postulado” (p. 21).

O pertencimento a várias comunidades influencia na produção de identidades múltiplas, pois está relacionado às imagens e aos discursos que circulam na *memória coletiva*.

Sobre a memória coletiva, o historiador Maurice Halbwachs (2006), em seu livro **A memória coletiva**, observa que esse tipo de memória, quando institucionalizada, tem a função de demarcar e reforçar, não por acaso, a relação do sujeito com o pertencimento a uma identidade e com a delimitação de fronteiras entre grupos distintos como partidos, famílias e nações. Mas essa função só pode ser exercida a partir do momento em que a memória for “oficializada” pelo trabalho dos historiadores profissionais que escolhem as fontes e interpretam os acontecimentos.

Isso resulta, para a memória coletiva, em um jogo entre os sentimentos de pertença e não pertença a uma identidade. Há uma distância entre as imagens que circulam na memória coletiva, os fatos e o que é relatado nos textos, pois todo fato é passível de interpretação.

Na Análise do Discurso, a noção de sujeito deriva do pensamento lacaniano. Este propõe um sujeito que se constitui linguagem através dos jogos de imagens com ele mesmo, com outros sujeitos e com a sociedade. Nesse sentido, a identidade de um sujeito, assim como ele, é plural e cambiante.

Dessa forma, não se pode falar sobre identidade sem falar em alteridade, porque é pela diferença que a primeira é constituída. Em seu artigo “A produção social da identidade e da diferença”, Tomaz Tadeu da Silva (2003, p. 76) afirma que:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.

Por isso, o indivíduo que ocupa a posição sujeito “idoso” será inserido em um processo de construção identitária, a partir das construções identitárias propostas para outras faixas etárias e partir de construções identitárias fabricadas para definir esse ou aquele grupo social, dentro da faixa etária “maiores de sessenta anos”.

Silva (2003, p.78) afirma que as noções de “identidade” e “diferença” somente podem ser compreendidas dentro dos sistemas de significações. A natureza das construções identitárias é cultural e constituída a partir dos sistemas simbólicos. Mas isso não implica dizer que a identidade é plenamente determinada pelos sistemas discursivos e simbólicos, mesmo porque estes sistemas são instáveis, uma vez que a linguagem, entendida como sistema de significação que engloba esses outros dois, não possui uma estrutura estável. Isso ocorre, pois a linguagem

[...] decorre de uma característica fundamental do signo. O signo é um sinal, uma marca, um traço que está no lugar de uma outra coisa, a qual pode ser um objeto concreto (o objeto “gato”), um conceito ligado a um objeto concreto (o conceito de “gato”) ou um conceito abstrato (“amor”). O signo não coincide com a coisa ou o conceito (idem, ibidem).

Dessa forma, a noção de identidade é constituída por outras três elementos principais: símbolos, traços e marcas. Sendo um signo, o **símbolo** vai representar/associar a identidade, produzida para os idosos, por exemplo, a partir das características que são peculiares a essa fase da vida, como a aposentadoria.

A ideia de **traço** está relacionada ao fato do signo trazer sempre consigo o traço daquilo que ele não é, a diferença. Por isso, quando analisarmos os traços que compõem as construções identitárias para a velhice pela mídia, observaremos tanto os traços relacionados aos aspectos positivos de uma identidade de inclusão quanto os aspectos

negativos de uma identidade de exclusão, mas sem que isso signifique um sistema dual de identidades ou que as identidades de exclusão sejam constituídas apenas de aspectos negativos. Mesmo porque esse ou aquele traço só existe “a partir de uma presença que nunca se concretiza” [SILVA, 2003].

O conceito de **marca** pode ser entendido a partir de seu aspecto material e simbólico, atuando do ponto de vista do significante, tanto a partir da estrutura da linguagem e no discurso quando a partir de objetos concretos. Assim, no que diz respeito à velhice, as rugas, o olhar cansado e os dizeres sobre o envelhecimento são marcas definitivas.

Os discursos sobre a velhice são formados por enunciados que circulam principalmente na mídia. Esses enunciados, por serem históricos, trazem consigo vestígios de significações anteriores. É a repetição incessante desses vestígios de significação enunciativa que constituem os traços identitários da velhice, como discurso.

Kathryn Woodward (2003, p.10) afirma que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”. Assim, observamos que as identidades etárias em questão, também são marcadas em suas constituições pelos questionamentos de gênero. Ser velho/velho, idoso/idoso, ancião/anciã produz efeitos de sentidos distintos, mesmo esses sujeitos ocupando a mesma comunidade identitária.

Michel Foucault [1972, 129], quando vai definir o que seria a identidade de um enunciado, aponta que essa identidade está submetida a uma série de condições e limites que lhe é imposta por outros conjuntos de enunciados, a partir dos quais definimos o domínio que podemos utilizar ou aplicar, pelas características das funções ou papéis que se é obrigado a desempenhar.

Assim, se voltarmos a tomar como exemplo a expressão: “Velho é a vovozinha”, observaremos que há feixes de sentidos que associam esse enunciado a uma identidade de exclusão. A materialidade linguística é repetível, por isso, o que mudou foram as relações deste enunciado com outras afirmações, as condições em que elas foram produzidas, utilizadas e reinvestidas de poder, o campo da experiência e o campo da memória a partir do qual verificaremos suas reminiscências.

Em **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas** [2000, p.68], Foucault coloca que a cultura ocidental moderna é marcada por uma outra forma de experiência entre as palavras e as coisas. Essa experiência delimita as bordas de um saber que divide os seres, os signos e as similitudes.

Desse modo,

[...] na orla exterior da nossa cultura e na proximidade maior de suas divisões essenciais [...] abriu-se o espaço de um saber onde, por uma ruptura essencial no mundo ocidental, a questão não será mais a das similitudes, mas das identidades e das diferenças [op.cit].

Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward e Zygmunt Bauman têm em comum com o pensamento de Michel Foucault essa ideia do par identidade/alteridade e que estas se fazem a partir das reminiscências enunciativas instauradas no discurso através dos símbolos, traços e marcas que investem o sujeito do direito de enunciar a partir do lugar que ele ocupa na sociedade. É a partir dessa convergência de pensamento que estruturamos nosso trabalho.

Segundo o filósofo americano Douglas Kellner (2001, p. 297), na sociedade de consumo em que predomina a mídia, a noção de identidade está cada vez mais relacionada ao modo de ser, à construção de uma imagem, à aparência pessoal. Sendo assim, a mídia, em nosso trabalho, é tratada como elemento crucial na proposição e ratificação de identidades Dessa forma,

[...] os enunciados midiáticos se inserem em redes de memória que estabelecem um permanente diálogo interdiscursivo, através de representações, símbolos e imagens constituintes do imaginário social, utilizados ora para fixar, ora para desconstruir identidades. (BARACUHY, 2010, p. 174)

O que queremos mostrar é que as imagens atuam como veículo transmissor, na divulgação das posições sujeito que o idoso(a) pode ocupar e, por isso, a propaganda tem a necessidade de propor estilos de vida e construções identitárias socialmente desejáveis, associados tanto aos produtos que vende, quanto ao próprio produto. Assim, quem adquire o produto ou o serviço o está fazendo por meio de um processo de identificação e mais do que o objeto em si, o(a) idoso(a) está consumindo o valor simbólico do produto.

2.3 MICHEL DE CERTEAU, JEAN BAUDRILLARD E MICHEL FOUCAULT: NOTAS SOBRE A SOCIEDADE DE CONSUMO E O ENVELHECIMENTO

Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras é a condição sine qua non de toda a liberdade individual. Acima de tudo na liberdade de ser diferente, de “ter identidade”.

Zygmunt Bauman

Desde antes do surgimento do sistema capitalista, possuímos a inexorável necessidade de consumir. Consumirmos coisas como água, comida, descanso, habitação, roupas.

O advento do capitalismo veio “organizar” as vontades e as relações de poder que se evidenciaram a partir do exacerbamento do consumo. Continuamos tendo as mesmas necessidades de antes, algumas delas fundamentais, mas estas como as outras, são culturalmente negociadas pelo poderio econômico ou pela falta dele. Além disso, a mídia espetaculariza o que é supérfluo, criando uma espécie de fetiche da mercadoria.

A epígrafe que abre essa seção norteia nosso pensamento sobre a velhice e as relações promovidas pelo consumo. Chegou-se a ponto de que, para envelhecermos e continuarmos sendo aceitos, discursivamente falando, é necessário que nosso capital pessoal seja compatível com a expectativa de consumo que o outro (a sociedade) tem de nós.

A ideia de que se é “livre” plenamente atravessa os discursos e produz a ilusão da inexistência da rede de micropoderes. Se a cada sujeito que ocupa a posição idoso for proposta a necessidade de ele ser singular, de se encaixar em determinados padrões identitários para que possa ser incluído, como o consumo tornará essas pessoas livres? Ou não torna?

Como mencionamos antes, foi a partir do contato de Michel Pêcheux com os historiadores da Nova História, especialmente Michel de Certeau, que a AD teve seu objeto – o discurso – expandido para além das questões políticas e dos universos logicamente estabilizados. Por isso, nessa seção, sentimos a necessidade de dialogarmos com as ideias de Certeau sobre a noção de consumo, que são expostas no livro **A Invenção do Cotidiano vol 1. – As Artes de Frazer** e com as ideias propostas por Jean Baudrillard sobre a sociedade de consumo, uma vez que ambos voltaram os seus olhares

para a vida do “homem ordinário” e as relações existentes a partir de sua emergência como objeto de estudo.

Depois da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, após maio de 1968, a sociedade passou por um processo de reconfiguração, em que a cultura emergiu como um novo horizonte a ser trabalhado. Jean Baudrillard, assim como Michel de Certeau, entre outros,

[...] fez do papel da esfera cultural no cotidiano o principal foco dos seus trabalhos iniciais e últimos. Os três primeiros livros focam no modo pelo qual a cultura, a ideologia e os signos funcionam no cotidiano, enquanto seus trabalhos seguintes devastam a vida dos signos na sociedade. (KELLNER, 1989, p.8)

Por isso, é necessário realizar esse diálogo entre esses dois pensadores, Certeau e Baudrillard, pois para entendermos a noção de Sociedade de Consumo, é preciso compreendermos que o consumo, em sua dimensão singularizada, traz algumas diversidades conceituais, mesmo sendo uma atividade comum na maioria das sociedades contemporâneas. Sendo assim, antes de discorrermos sobre esse tema e seus efeitos na produção discursiva sobre a velhice, falaremos sobre o conceito de consumo em si, para daí, continuarmos nosso trajeto sobre a sociedade de consumo.

O livro **A Invenção do Cotidiano** (1980) de Michel de Certeau é a primeira parte dos resultados da pesquisa por ele e financiada pela DGRST – *Délégation Générale à la Recherche Scientifique et Technique*. **A Invenção do Cotidiano** está dividido entre autores e em dois tomos (*As artes de Fazer* – vol. 1, escrito por Certeau e com o qual trabalharemos; *Morar, Cozinhar* – vol. 2, por Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol).

De acordo com Luce Giard (1980), na apresentação do livro supracitado, a gênese da *história do cotidiano*, pensada por Michel de Certeau, dá-se no momento em que esse historiador, psicanalista, linguista e teólogo vê-se diante dos acontecimentos de maio de 1968. A partir desse momento, Certeau sente-se impelido a romper com os métodos e objetos costumeiros da História e passa a procurar uma forma diferente de pensar seu próprio trajeto e seu objeto.

A partir daqueles acontecimentos, Certeau formula a pergunta que irá modificar a sua pesquisa: “criar o quê e como?”. Essa pergunta inverte um questionamento

comum na História Cultural – “Como se cria?” – tornando-se a base da **“Invenção do Cotidiano”** que “[...] desloca a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos” (op.cit., p.12).

Devido às suas tomadas de posição inovadoras nos textos publicados, a partir de maio de 1968, Michel de Certeau é convidado a redigir o relatório do *Colóquio Internacional de Arc-et-Senans* (1972), preparatório para o encontro de Ministros em Helsinque a fim de definir uma política europeia da cultura.

Em 1974, Certeau publica **A Cultura no Plural**, que é reunião dos relatórios produzidos durante o colóquio e outros textos de temática semelhante. Nessa publicação, pode-se perceber os vestígios do programa de pesquisa que norteará o desenvolvimento da **Invenção do Cotidiano**, uma vez que o que importa, a partir desse momento, são “os caminhos sinuosos que se percebem nas astúcias táticas das práticas cotidianas”.

Assim como Michel Pêcheux ([1977] 2011), Michel de Certeau entende que a pesquisa realizada através de entrevistas com a finalidade de quantificar estatisticamente determinado dado, só identifica o que é homogêneo e reproduz aquilo que é “próprio do sistema a que pertence”.

Ao assumir o posto de Augustin Girard no contrato de pesquisa “Conjuntura, Síntese e Prospectiva”, Certeau continuou a sua crítica, tendo como elemento fundador, a sua reflexão sobre as bases epistemológicas da história. Por isso, ele insiste que os dados numéricos só têm força de verdade, “conforme as condições de sua coleta”, mantendo as suas características iniciais mesmo depois de tratados.

Um dos acontecimentos que marcam a trajetória do projeto de **A Invenção do Cotidiano** é o surgimento, em 1975 da obra **Vigiar e Punir** de Michel Foucault, porém não se pode afirmar claramente que há eco da obra de Foucault no livro de Certeau, uma vez que este último já utilizara em trabalhos anteriores os termos “estratégias” e “táticas”. Entretanto, isso não impediu que Certeau dedicasse a primeira parte do capítulo quatro de “A Invenção do Cotidiano” a Michel Foucault.

Em suma, **A Invenção do Cotidiano** esboça

[...] uma teoria das práticas cotidianas para extrair as maneiras de fazer que majoritariamente na vida social não aparecem muitas vezes senão à título de ‘resistências’ ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção cultural. [op. cit. p.16]

Destacamos o item sobre consumo, proposto por Michel de Certeau em seu livro, que fundamentará o desenvolvimento de nosso tema, dando força à discussão sobre o envelhecimento e o consumo. Por isso, trilhando um caminho semelhante ao de Michel de Certeau, ressaltaremos, na posição sujeito idoso, “seus modelos de ação, característicos dos usuários, dos quais se esconde sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados²⁷ (o que não quer dizer passivos ou dóceis)” (CERTEAU, 2009, p.38).

Para Michel de Certeau (2009), pode-se entender por consumo, uma produção totalmente diversa, caracterizada por uma “quase invisibilidade”, pois essa produção não reside no produto em si, mas no uso que o sujeito faz dele. Na sociedade espetacularizada, os procedimentos de consumo, principalmente aqueles relacionados à linguagem, tendem a difundir, em uma relação de poder assimétrica e com maior velocidade, os produtos culturais pensados por uma elite para a camada “popular” da sociedade. Mas isso não torna esses procedimentos totalmente eficazes, já que o ato de consumir vai depender das astúcias de cada sujeito usuário do produto.

Não se pode qualificar ou identificar esse ou aquele grupo populacional pelos produtos que consome, pois, por exemplo, se há um produto para combater os sinais do envelhecimento, isso não quer dizer necessariamente que os usuários desses produtos sejam maiores de 60 anos ou que os idosos obrigatoriamente o usarão, definindo, desse modo, uma relação de consumo em que há uma distância considerável entre o produto e o uso que é feito dele.

É preciso especificar os esquemas e os tipos de operações realizados na e pela mídia na promoção do consumo, uma vez que a mídia potencializa as estratégias de mercado que criam lugares abstratos de consumo. Assim, ao propor esse ou aquele produto, através da mídia, são realizados certos “tipos de operações nesses espaços que as estratégias [de mercado] são capazes de produzir, mapear, impor” (CERTEAU, 2009). Sendo assim, o que difere as estratégias de mercado das táticas da mídia são as

²⁷ Não estamos relacionando esse termo à noção de ideologia, mas à noção de poderes assimétricos.

formas de intermédio da mídia que se limitam nos usos dessas estratégias de mercado, a “manipular” e a “alterar” o que lhe foi proposto.

Para Baudrillard [1995b], o consumo é a transformação do valor de troca em um sistema de troca/signos e não apenas um estágio do ciclo de produção, apontando para a importância, na sociedade de consumo, da análise forma/signo.

Baudrillard [1995b, p.186] afirma ainda que dentro da formação social da sociedade de consumo, as mercadorias passam a funcionar como signos e os signos, como mercadorias, de uma maneira que não há como separá-los. É sobre a forma ou objeto que recai o valor de uso, o valor de troca e o valor/signo, uma vez que, no ato de consumir, os objetos só se tornam alvo da produção de sentidos mediante a relação como outros objetos. Tal como a mercadoria, o objeto incide como um código na vida social das trocas. Ainda segundo Jean Baudrillard (idem, p. 61):

No ponto em que o símbolo remetia para a falha (para a ausência) relação virtual do desejo, o objeto-signo apenas remete para a ausência de relação, para os sujeitos individuais. O objeto-signo já não é dado nem trocado: é apropriado, mantido e manipulado pelos sujeitos individuais, como quer dizer diferença codificada. É ele objeto de consumo, e é sempre relação social abolida, reificada, “significada num código”.

De acordo com a antropóloga Livia Barbosa (2004, p. 8-9), **Sociedade de Consumo** é um dos nomes dados por alguns pensadores como Jean Baudrillard para definir a sociedade contemporânea.

Mesmo assim, não é simples definir do que se trata a sociedade de consumo, pois essa expressão engloba com frequência outros termos como consumismo, cultura de consumidores que, a princípio, são tratados como sinônimos, mas que abrangem dimensões sociais distintas. Da perspectiva da análise, é possível e adequado que os termos **sociedade de consumo**, **consumidores de cultura** sejam diferenciados, assim como os termos **consumo** e **consumidores** pelas seguintes razões:

[...] quando utilizamos cultura de consumo e/ou sociedade de consumo estamos enfatizando esferas da vida social e arranjos institucionais que não se encontram, na prática, uniformemente combinados entre si, podendo ser encontrados desvinculados uns dos outros. Isto significa que algumas sociedades podem ser sociedades de mercado, terem instituições que privilegiem o consumidor e seus direitos, mas que, do ponto de vista cultural, o consumo não é utilizado como a principal forma de reprodução nem diferenciação social [...]. Ou seja, a escolha da identidade e do estilo de vida

não é o um ato individual e arbitrário [...] na sociedade contemporânea.
[BARBOSA, 2004, p. 8-9]

Na relação entre o sujeito detentor do desejo e o objeto detentor, há uma busca por *status* típica da sociedade de consumo. O sujeito vale tanto quando a sua capacidade de consumir. Por isso, essa busca por *status* influencia na produção discursiva e na construção identitária dos idosos-consumidores.

Os comportamentos por parte dos idosos, segundo o seu foco de consumo (lazer, saúde, estética...), qualifica-os pelo fato de estarem ocupando este ou aquele lugar social em função de suas modalidades e práticas de consumo.

Assim sendo, dentro da cadeia produtiva voltada para o mercado de produtos gerontológicos e cosméticos, há níveis de ações e estilos de fazer que obedecem outras regras além daquelas gerais de mercado. Essas regras regulam e incidem, primeiramente nos sistemas das indústrias, tendo como consequência o imbricamento do setor industrial com o varejista.

Por isso, os “modos de fazer” resultantes dessa sobreposição, como o efeito dominó, criam uma estratificação “de funcionamentos diferentes e interferentes” no setor de serviços direcionados à população idosa, fabricando discursos sobre o que é compatível/pertinente à terceira idade sob o aspecto do consumo.

Cada sociedade tem seus procedimentos e técnicas que produzem certo tipo de verdade em relação ao “corpo velho”, tornando este imerso em uma “verdade” que funciona como uma fonte regrada de efeitos de poderes, determinando uma série de coerções para os corpos que não se inserem nessa “verdade”.

Os idosos, esses sujeitos cotidianos, ordinários, no trabalho, com a idade, acabam comprando as ideias propostas pelas relações intercambiantes entre a indústria, o mercado e a mídia, atuando como “formigas do consumo”.

De acordo com Castro [2009, p.423], Foucault aponta cinco características que perpassam historicamente a “economia política” da verdade.

A primeira característica coloca a “verdade” como foco dos discursos científicos e das instituições que a produzem. O governo, através de suas instituições, define ações

de consumo para o sujeito idoso, como, por exemplo, o uso de preservativos masculinos e femininos, determinado pelo discurso médico e disseminando pela mídia, para cumprir o regime biopolítico de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

A segunda característica mostra a verdade atravessada por uma incitação econômica e política constante. Em função disso, uma das facetas do biopoder que controla a produção de um “corpo velho” jovem coloca este corpo como uma verdade a ser acolhida e concebida mercadologicamente.

A terceira característica mostra que a verdade “é objeto de difusão e consumo” [op.cit] e, em consequência disso, o “corpo velho” está submetido a uma rede de divulgação das tecnologias de consumo que tornam esse corpo aceitável.

A quarta é produzida sob o controle dominante dos aparelhos de Estado, mas não exclusivamente, e pelas instituições políticas e econômicas (universidade, exército, imprensa escrita, mídia). As relações entre saberes e poderes produzidas por estas instituições e pelo Estado fomentam uma verdade que determina a produção discursiva sobre o envelhecimento.

Na quinta característica, que consiste na “economia política” da verdade, está em jogo todo e qualquer debate político e de confronto social. Quando a pirâmide etária brasileira passou ser um problema de governamentalidade, começou-se a determinar, através de embates, quais discursos compunham a “verdade” dessa época.

Essas instâncias da verdade colocam para o “corpo velho” uma necessidade de consumo sem a qual não seria possível inseri-lo nas demandas mercantis do corpo e para o corpo.

O afastamento do estado do produtivo como propunha o Liberalismo e necessidade de um Estado democrático de direito não impediram um movimento de vigilância, porém de forma mais sutil, no nível controle, a vigilância corresponde à democracia. Uma vigilância que é exercida sem que as pessoas percebam.

Quando está em cena o “corpo velho”, é a partir da biopolítica que incide sobre os idosos essa coerção invisível de consumir “saúde”, pois o discurso da Medicina, tomando a perspectiva da medicalização imposta sobre os indivíduos como um ato de

autoridade, traz também embutida uma positividade do domínio de intervenção médica, e que não diz respeito apenas à doença, mas à vida de maneira geral.

A intervenção médica de forma mais incisiva tanto no nível do discurso quanto no nível do “corpo-espécie” e do “corpo-população” transforma discursivamente a saúde em uma espécie de *commodity*.

O “corpo-velho” é inserido no mercado tanto pelo viés do consumo de bens e serviços destinados ao lazer e aos cuidados de si nessa faixa etária, através da venda de suas forças de trabalho, quanto através da saúde. De acordo com a OMS – Organização Mundial da Saúde –, saúde é a ausência de doença. E se não há doença é menos um motivo de intervenção estatal e de gastos públicos.

Por outro lado, há também os discursos da mídia que são embasados, além dos discursos médicos, por uma prática pedagógica de manutenção da beleza, da juventude e da longevidade, que perpassam todos os níveis da mídia, seja ela impressa ou televisiva. Há como meta nesses discursos produzidos para a velhice, criar um ideal de felicidade próprio para os sujeitos que ocupam a posição sujeito idoso e isso inclui o consumo também de imagens e possibilidades.

É a partir do imbricamento das ideias de Michel de Certeau, Michel Foucault e Jean Baudrillard que pensamos o consumo para além de um sistema de trocas simbólicas e de uma pretensa quase invisibilidade. O ato de consumir salta aos olhos e marca a produção identitária para velhice, por isso, associá-lo às noções de governamentalidade e biopolítica de Michel Foucault.

2.4 “CORPO VELHO”: O QUE A ESTATÍSTICA ENUNCIA?

*Como dois e dois são quatro
Sei que vida vale a pena [...].
(Ferreira Goulart)*

As relações de saber e de poder do / sobre o “corpo velho” se consolidam e agem através dos discursos, principalmente, porque esses discursos estão dentro de um campo que contribui para os gestos de interpretação e para a espetacularização de determinados efeitos de sentido, constituídos historicamente.

Em virtude disso, parafraseando Michel Foucault [2008, p.112], analisar as formações discursivas, as positivities e os saberes que correspondem à constituição discursiva do “corpo velho” não é conferir a ele uma “cientificidade”; é percorrer um caminho cuja determinação histórica tem a obrigação de abranger em seu acontecimento, “persistência, transformação e, eventualmente, em seu apagamento” [op.cit.]. Assim, os saberes sobre o “corpo velho” não são a ciência em si, mas o campo efetivo de sua história.

Ao focalizarmos a produção discursiva sobre a inclusão/exclusão sócio-identitária dos sujeitos “portadores de um corpo velho”²⁸, observamos o aparecimento de mecanismos de controle que usam a mídia como dispositivo de poder para propagar saberes normalizadores e normatizadores das ações direcionadas para o “corpo velho” com o objetivo de tornar produtivo esse corpo, que se distingue dos outros, não só pelas peculiaridades da idade cronológica, mas também por aquelas características reverberadas no discurso, que o excluem socialmente.

Os traços e marcas identitárias que são constituídos, de forma binária (jovem/velho), a partir do contraponto com a faixa etária convencionalmente chamada de juventude, passam a ser “governamentalizados” por meio do aparecimento de poderes e saberes que norteiam e sustentam o desenvolvimento social.

Esses poderes que controlam o modo de vida do sujeito idoso, de acordo com Michel Foucault [2011, p.41 – 42], agem através da produção e da maximização da produção, sendo distribuídos conforme as relações de identificação/diferenciação dos sujeitos idosos, atuando não como um fator de exclusão, mas como um fator de inclusão. Esses poderes, que estão ligados a uma série de mecanismos, dentre eles a

²⁸ Colocamos dessa forma, pois dentre as relações pertinentes ao “corpo velho”, existe a relação com a decrepitude física.

estatística, “asseguram a formação, o investimento, a acumulação, o crescimento do saber” [*op. cit.*]. Esse tipo de poder foi inventado na Idade Clássica e até hoje produz técnicas que podem ser transferidas para suportes institucionais como o Estado e a família, dentre outros.

A noção de poder, pensada a partir do século XVIII, conforme Michel Foucault [2011, p. 74 – 75], construiu uma “nova economia dos mecanismos de poder”, ou seja, procedimentos e análises que suprimiram o caráter lacunar do poder do soberano, tornando-o contínuo e mais eficaz, pois as suas disciplinas passaram a atuar na produção de bens e capitais ao longo do processo e não apenas no momento de arrecadação dos lucros.

Assim, o poder de normalização tem seu ponto alto na regulamentação e no controle do “corpo-população” e do “corpo-espécie”, sendo essencial no desenvolvimento de sistemas governamentais ao longo da Idade Moderna. A partir desse momento, os discursos sobre o normal e o anormal têm na sua base de sustentação as tecnologias produzidas por estratégias que se encontram localizadas na interseção entre os saberes e os poderes. Estes constituem as ações governamentais de administração e de instituição de políticas, cuja meta é anular, sempre que possível, as diferenças produzidas pelos lugares de significação no plano da norma.

Essas políticas têm na Estatística um instrumento de constituição de saberes sobre a população, entre outros objetos. Além disso, a Estatística atua como dispositivos de segurança e seguridade social na manutenção das políticas para o “corpo velho”, pois constitui uma reflexão estratégica para conseguirmos compreender o desenvolvimento, por exemplo, das tecnologias de governo, cujo foco é o envelhecimento da população.

De acordo com Correa [2009], as pesquisas que têm como tema o envelhecimento da população passam a ser divulgadas em massa a partir da década de 1950. Mas isso, isoladamente, não afeta a produção discursiva sobre o envelhecimento. O que irá afetar e proporcionar as condições de produção necessárias para a espetacularização da velhice, décadas depois, são as consequências políticas, econômicas e sociais a que estão relacionadas, também, a necessidade de tornar visível e de gerar uma política de gestão e controle desse corpo populacional, que está transformando a pirâmide etária brasileira, criando uma “biopolítica” para o “corpo velho”.

Ao pontuarmos as técnicas de gerenciamento governamental da população idosa, a partir de 1950, e incluirmos desde o cálculo estatístico às ações regulamentadoras, normalizadoras e asilares, de base tecnológica e midiática, é possível observarmos como estes se articulam em uma rede de mecanismos sutis. Tais mecanismos surgem como uma forma diferente de produção de saberes sobre o “corpo velho”, constituídos a partir de uma história das práticas, as quais fazem referência ao controle do fluxo da população idosa entre as camadas sociais, principalmente por causa do advento da aposentadoria, e que remontam a tipos específicos de poderes sobre o corpo.

Os enunciados produzidos pelos dados estatísticos sobre a velhice delimitam o lugar da Estatística na formação das modalidades enunciativas sobre este tema, determinando qual é a importância da estatística na irrupção dos acontecimentos discursivos que projetaram o “corpo velho” na mídia. Mesmo porque o campo enunciativo, em que se situa a mídia, produz dizeres sobre o “corpo velho”, cujas bases estão alicerçadas nos discursos científicos, incluindo aí, a Estatística, dentre outros, para que os enunciados e os discursos produzidos sejam considerados verdadeiros.

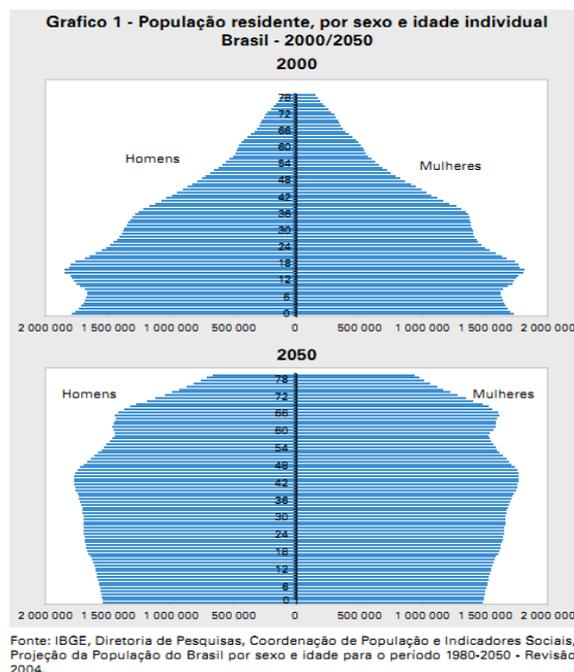
Conforme o dicionário digital Aulete (<http://aulete.uol.com.br>), a Estatística é a “ciência e técnica de captação de dados numéricos para sua análise, comparação e interpretação”, cujos enunciados do campo demográfico são de fundamental importância no desenvolvimento das políticas do corpo e para o corpo, uma vez que, publicadas e transmitidas às instituições, sejam estas médicas, governamentais, financeiras e/ou midiáticas, dentre outras, essas informações estatísticas deslocam o sujeito idoso em relação à posição que ele ocupa na sociedade.

De acordo com Michel Foucault [1972, p. 61-62], o conjunto das informações produzidas pela Estatística, que diz respeito ao meio social, “às epidemias, à taxa de mortalidade, à frequência das doenças, aos focos de contágio, às doenças profissionais”, são fornecidas aos médicos por meio das instituições administrativas e de outros médicos, através das pesquisas sociológicas e geográficas, especialmente no campo da geografia humana. Essas informações acabam influenciando a formação das estratégias da Medicina Social e da Pedagogia constituídas para o “corpo velho”.

Um dos critérios adotados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE —, atualmente, com maior frequência, o critério da dependência, separa a população em jovens (0-14 anos), adultos (15-65 anos) e idosos (acima de 65 anos).

Essa distribuição tem como critério a população ligada ao mercado de trabalho (pessoas de 15 a 65 anos, aproximadamente), empregada ou não, e as pessoas consideradas fora desse mercado (com menos de 15 anos ou mais de 65 anos, aproximadamente). Dados preliminares mostram que é com base nesse critério que outras instituições planejam suas ações e projetam seus discursos sobre a velhice.

A título de ilustração segue o gráfico com a projeção da população de idosos:



Essa tendência de modificação do gráfico se confirma na pesquisa realizada no decênio seguinte, reforçando os discursos que relacionam saberes e poderes sobre o “corpo velho” à Estatística.

O regime discursivo, que resulta na positividade do saber estatístico ao qual “pertencem às condições de exercício da função enunciativa” [CASTRO, 2009, p.336], se exerce a partir das práticas discursivas e dos discursos específicos produzidos pela mídia sobre o “corpo velho”, tendo assim, sua própria historicidade e uma regularidade que diz respeito apenas à positividade do saber estatístico sobre a velhice e o exercício de sua função enunciativa, constituindo desse modo, um *a priori histórico*. Nas palavras de Michel Foucault [1972, p. 157]:

A positividade de um discurso [...] define um espaço limitado de comunicação. Espaço relativamente restrito, já que está longe de ter a amplitude de uma ciência tomada em todo seu devir histórico, [...] mas é um espaço mais extenso, entretanto, que o jogo das influências que se pode

exercer de um autor a outro. [...] Ou, mais exatamente, essa forma de positividade (e as condições de exercício da função enunciativa) define um campo em que eventualmente podem-se desenrolar identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos. Assim, a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar *a priori histórico*.

Dessa forma, a Estatística entra como uma ferramenta na produção discursiva, dando condições para que esse ou aquele enunciado seja proferido. O acontecimento de uma nova pirâmide etária faz com que os dados produzidos pelo IBGE disparem uma reação em cadeia que vai desembocar na mídia como sistema discursivo.

A modificação da pirâmide etária tornou-se uma questão de natureza governamental e pública, especialmente por implicar a necessidade de investimentos econômicos direcionados ao atendimento das demandas dessa população idosa considerada como economicamente inativa.

Nos livros **Tendências Demográficas: uma análise dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000** [IBGE, 2004] e **Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira 2010** [IBGE, 2010], percebemos as modificações, no decorrer do tempo, das pirâmides etárias. Enquanto no primeiro livro havia apenas uma projeção da demanda de atenção e serviços, em virtude das transformações da estrutura etária, para a população idosa; no livro publicado em 2010, há um capítulo inteiro dedicado às demandas biopolíticas da população idosa:

O IBGE vem alertando por meio dos indicadores sociais e demográficos, divulgados anualmente, que a estrutura etária do País está mudando e que o grupo de idosos é, hoje, um contingente populacional expressivo em termos absolutos e de crescente importância relativa no conjunto da sociedade brasileira, daí decorrendo uma série de novas exigências e demandas em termos de políticas públicas de saúde e inserção ativa dos idosos na vida social (*op. cit.*).

A Estatística vai enunciar as necessidades biopolíticas criadas para o “corpo velho” e as questões relacionadas à “governamentalidade” desse corpo.

A relação da Estatística, sua classificação e suas séries numéricas, com outros domínios teóricos e com outras instituições, integram as técnicas e tecnologias de poder que perpassam a disciplina, a soberania e a biopolítica concernentes ao sujeito idoso.

A partir da compreensão do funcionamento da formação dos discursos, cujo ponto de partida são as práticas do “corpo velho” e para o “corpo velho”, a estatística

abre espaço para observarmos a produção de efeitos de sentido e os deslocamentos identitários sofridos por esses sujeitos maiores de 60 anos.

Entendendo o discurso como prática [cf. FOUCAULT, 1972, p.61,147] e efeito de poder [cf. FOUCAULT, 1999, p.96], seu foco de análise possibilita-nos verificar as estratégias de saber e poder que constituem os enunciados presentes na capa da revista *Veja*, publicada em 1995 e o panfleto produzido a partir da demanda da Prefeitura Municipal de Campina Grande, na Paraíba, no primeiro semestre de 2013.

A mídia, como dispositivo de poder e sistema a partir do qual os discursos são disseminados, dá-nos espaço, também, para observarmos a positividade que permeia as estratégias de “governo de si” e “governo dos outros” como parte do mecanismo de atuação das relações de poder. Assim, as condições de produção do exemplar da revista *Veja* que compõe nossa base de dados, e do panfleto, para então, desenvolvermos nossas análises.

Em fevereiro de 1995, portanto oito anos antes da oficialização do Estatuto do Idoso, Lei 10741 de 01/10/2003, a revista *Veja*, edição 1380, publicou a reportagem “*Mexendo com o gigante: a reforma da Previdência é difícil, mas o governo quer mudar já para evitar uma crise futura*”. Essa reportagem, que também mereceu destaque na capa dessa revista, mostra os ecos das mudanças demográficas provocadas pelo aumento da expectativa de vida e pela mudança no regime de planejamento familiar, provocando um número menor de filhos por família. Trata-se de mostrar a necessidade de mudança no gerenciamento dos dispositivos de seguridade social e de segurança do sistema previdenciário.

Nessa época, vivíamos os primeiros meses do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, cuja visão política tendia para o Neo-liberalismo, regime econômico que propõe o afastamento do estado do sistema produtivo, através da venda das empresas estatais e incentivo à livre concorrência das empresas privadas, com o objetivo de tornar a máquina do Estado menos pesada. Dessa forma, a revista coloca como um dos desafios do governo de Fernando Henrique Cardoso, a reforma da Previdência cujo modelo de gerenciamento de pensões e aposentadoria estava se tornando obsoleto, como vinha comprovando os dados estatísticos do IBGE.

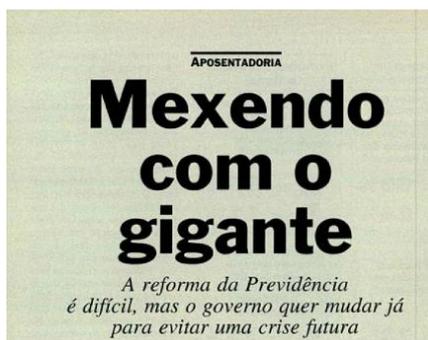


Figura 17 *Veja*, 22/02/1995 p.32



Figura 18 *Veja*, 22/02/1995 p.35

No corpo do texto da reportagem “**Mexendo com o gigante**: a reforma da Previdência é difícil, mas o governo quer mudar já para evitar uma crise futura”, a revista enuncia: “Hoje em dia, qualquer um pode aposentar-se quando completar 35 anos de batente. Quem foi ganhar o primeiro salário aos 14 anos, já pode ir para casa aos 49. Pelo projeto do governo, a idade mínima para a aposentadoria passa ser 65 anos” e “**A velhice sem futuro**. As aposentadorias nasceram há um século, mas ninguém sabe como estarão no começo do próximo milênio”. Neste último, o destaque dado ao enunciado em negrito, tem como base projeções estatísticas que previram o desmoronamento do sistema previdenciário.

A revista *Veja*, assumindo a voz do sujeito que está autorizado pelas instituições a reverberar os discursos produzidos por estas, abre espaço, ao enunciar “*A velhice sem futuro*”, para vários deslocamentos de sentidos, frutos das condições de possibilidades da época e da maneira como esse enunciado pode ser lido hoje.

Assim, esse sujeito, que assume a voz de autoridade, tanto avanta a possibilidade de não se ter o direito de envelhecer em virtude de um retrocesso nas políticas para o “corpo velho” e um descaso com os dispositivos de seguridade social para essa fatia da população em um futuro próximo, quanto a “velhice” e suas peculiaridades passarem a ser consideradas uma identidade anormal, pois essa depreciação do corpo não está em consonância com as tecnologias próprias dos biopoderes que incidem e conjuram esse corpo dito velho.

No título da reportagem, é possível observar a formação de uma rede de memória a partir da produção de sentidos desse enunciado, na época em que foi produzido. O enunciado em questão remonta ao tamanho do sistema da Previdência e à governamentalidade, especialmente do “corpo velho”, que em 1995, a Estatística já enunciava a transformação dos limites cronológicos que delimitariam a formação das modalidades enunciativas que estão na base das construções identitárias para a velhice e para o envelhecimento.

Assim, o título aponta para a urgência de se rever o modelo²⁹ econômico-administrativo, trazendo à tona a historicidade que constitui o enunciado “*o governo quer mudar já para evitar uma crise futura*”, anunciando outro acontecimento: a irrupção de um novo sistema previdenciário, talvez mais eficaz, devido ao aumento do limite mínimo da idade para se aposentar.

Outro aspecto que chama a atenção é o uso do advérbio “já”. A posição em que ele se encontra no enunciado possibilita o deslocamento de sentido, de acordo com a curva melódica e a entonação que o leitor use ao realizar seu gesto de leitura. Dessa forma, a partir do advérbio “já” pode ser produzido tanto o efeito de sentido relativo à urgência, quanto uma explicação à necessidade de mudança.

Fazer reverberar, na rede discursiva, as técnicas de biopoder, estabelecendo uma biopolítica previdenciária para os idosos, é uma das funções do saber produzido pela estatística do “corpo velho”.

O avanço das políticas públicas previdenciárias (que são apontadas aqui como dispositivos da biopolítica do “corpo velho”) resultam, a partir do dispositivo da mídia, na propagação de identidades produtoras de um efeito de inclusão e outro de exclusão, uma vez que um das marcas da produção discursiva sobre a velhice é a contradição.

Pode-se observar que, no discurso da revista *Veja*, sobressai uma necessidade de direcionar o trajeto de leitura realizado pelo leitor em potencial, com vistas a controlar e disciplinar a produção de sentidos dos discursos sobre o sistema previdenciário brasileiro, bem como corroborar com os enunciados produzidos pela Estatística e pelo

²⁹ Usamos a palavra “modelo” em função do campo da Economia adotar esse método estrutural.

governo da época, que colocavam em “xeque” a futura seguridade previdenciária da população idosa.

Além disso, a reportagem que antecede essa que estamos analisando, veicula uma pesquisa realizada no Congresso Nacional em que senadores e deputados responderam em sua maioria que eram a favor de uma reforma mais ampla, tendo em vista o momento geopolítico e econômico da segunda metade da década de 1990.

Essa estratégia de realizar uma pesquisa de opinião com os gestores legislativos para introduzir e anteceder o discurso da revista sobre as reformas constitucionais, a quebra dos monopólios das estatais e os planos de aposentadoria, provocam a intervenção das relações de poder e saber, em que o dizer verdadeiro e as vontades de verdade são produzidos nos discursos que envolvem os sujeitos idosos.

Uma das formas que Michel Foucault define a verdade diz respeito ao ponto de partida, em uma determinada sociedade, das regras de jogo “que fazem nascer determinadas formas de subjetividade, determinados domínios de objetos, determinados tipos de saber” [CASTRO, 2009, p. 421]. Foi esse entrecruzamento de relações de poder com o dizer verdadeiro de base estatística que permitiu à revista realizar a reportagem e nos possibilitou analisá-la através do campo enunciativo do “corpo velho”, partindo dos enunciados que se interrelacionam e produzem sentidos.

A discursivização de enunciados, que têm como base da formação de suas modalidades enunciativas a velhice e o envelhecimento, começam a tomar forma na mídia, mas, mesmo assim, essas diversas modalidades enunciativas “em lugar de remeter à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão” [FOUCAULT, 1972, p.69-70]. Por isso, essa dispersão vai produzir lugares diversos e posições contraditórias no discurso do “corpo velho” e sobre o “corpo velho”, que têm como fonte os dados estatísticos produzidos pelo IBGE.

No enunciado “*Hoje em dia, qualquer um pode aposentar-se quando completar 35 anos de batente. Quem foi ganhar o primeiro salário aos 14 anos, já pode ir para casa aos 49. Pelo projeto do governo, a idade mínima para a aposentadoria passa a ser 65 anos*”, observamos um corpo social constituído por uma malha complexa de micropoderes que o controla. Ela atua de forma a gerenciar os dispositivos que mantêm

o sujeito dentro de um limite em que se é possível tornar-se idoso, mas sem impedir a continuidade da exploração eficaz desse corpo que envelheceu, ressaltando suas potencialidades e capacidades, durante sua vida produtiva, preferencialmente longa, para durante o período em que o sujeito adquire o direito à aposentadoria, ele se aposente o mais tarde possível, uma vez que a expectativa de vida mudou.

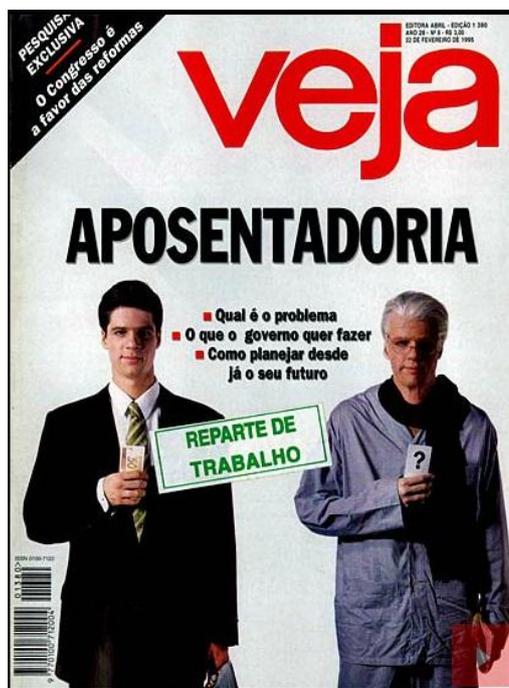


Figura 19. Veja, 22/02/1995

Continuando a análise, na capa da revista, em destaque, consta o vocábulo “APOSENTADORIA”, que, nesse momento, passa a ser o centro das atenções da mídia com a proposta de reforma do sistema previdenciário Brasil por parte do governo. Logo a seguir, surgem os enunciados “Qual é o problema”, “O que o governo quer fazer”, “Como planejar desde já o seu futuro”, no canto esquerdo superior, “Pesquisa exclusiva: O congresso é a favor das reformas”, destacado sobre um fundo preto.

Os sentidos produzidos pela articulação dos enunciados que seguem o vocábulo “aposentadoria” propiciam, no campo discursivo, observar as maneiras que são propostas a execução das práticas de governamentalidade para o “corpo velho”, controlando as escolhas do modo de vida que esses sujeitos se propõem, como forma de subjetivação.

A aposentadoria, através dos discursos da mídia, é percebida culturalmente como um problema que está no nível do gerenciamento das políticas públicas e econômicas. Por isso, a necessidade de se elaborar estratégias para continuar sendo um sujeito “normal” perante a sociedade, mesmo depois de encerrado o período laboral. Notamos, aí, o aparecimento de um discurso pedagógico de si, que se aliará ao discurso médico, o discurso econômico e ao discurso midiático para formar outra construção identitária para a velhice mais aceitável socialmente.

Com o passar dos anos, devido principalmente ao avanço do politicamente correto, houve uma ratificação dos cuidados de si na “constelação discursiva” [cf. FOUCAULT, 1972] sobre o “corpo velho”, especialmente após a oficialização do Estatuto do Idoso. Assim, novas/outras relações de poder passaram a produzir seus efeitos a partir de novos/outros saberes fundamentados no crescimento estatístico da população de idosos, conforme estabeleceram as pesquisas domiciliares realizadas no último censo do IBGE, em 2010.

Assim, a Estatística tem o seu dizer autorizado e considerado como verdadeiro pelas instituições governamentais que a utilizam como dispositivo de produção do saber e de regulamentação do “corpo velho”, como prevê o artigo 15, parágrafo primeiro, inciso I do **Estatuto do Idoso**:

Artigo 15. É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.

§ 1º A prevenção e a manutenção da saúde do idoso serão efetivadas por meio de:

I – cadastramento da população idosa em base territorial;

As análises desenvolvidas por Michel Foucault [2011, p. 144 – 145], a partir das materialidades produzidas sobre a questão da sexualidade, no século XIX, resultou para nós na apresentação de um procedimento cuja positividade é fundamental para o desenvolvimento dos saberes da estatística sobre o envelhecimento, que são os procedimentos da confissão e da revelação forçada. Mais tarde retomaremos esses procedimentos para discutirmos a sexualidade na velhice.

Porém, o que vai nos interessar agora, é a possibilidade de deslocamento desses procedimentos de poder para observarmos o seu entorno, em que a Economia e o

discurso pedagógico fazem o sujeito idoso romper o silêncio e escolher filiar-se a essa ou àquela construção identitária, confessar-se velho em favor de uma positividade, pois não se trata mais de “vigiar e punir” apenas, mas de aderir à normalização através da autorregulamentação.

Nascimento [2013, p.131] propõe, em relação ao corpo deficiente, que ele precisa afirmar sua deficiência em favor de uma positividade e de uma estratégia de normalização, atravessada por efeitos negativos, “pois continua segregando os sujeitos com deficiência e construindo práticas sociais que enfatizam a diferença e a incapacidade”. O “corpo velho” também precisa assumir estratégias e mecanismos que permeiam o intradiscorso, a lei nº 10.098, de 2000, prevê a reserva de 2% para portadores de deficiência, ao mesmo tempo em que o artigo 41 do Estatuto do Idoso de 2003 diz:

É assegurada a reserva, para os idosos, nos termos da lei local, de 5% (cinco por cento) das vagas nos estacionamentos públicos e privados, as quais deverão ser posicionadas de forma a garantir a melhor comodidade ao idoso.

Os interdiscursos que permeiam a constituição desse Estatuto enredam seus fios discursivos em outras materialidades, resultando, por exemplo, no panfleto a seguir:



Figura 20 <http://www.campinafm.com.br/jornalintegracao/noticia/sttp-discute-vagas-de-deficientes-em-seminario>

Esse direito às vagas exclusivas de estacionamento garantido por lei não é algo automático. Porque não basta apenas ser aposentado ou idoso para fazer uso da vaga, há necessidade de confessar-se velho às instituições. Ou seja, é preciso ter a credencial que autoriza a utilização e que é concedida pela STTP – Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos – da Prefeitura de Campina Grande, mediante cadastramento prévio. O mesmo acontece em várias outras cidades do país.

Esse paralelo pessoa portadora de deficiência e pessoa idosa contradiz todo um arcabouço discursivo produzido pela mídia para o “corpo velho”. Os enunciados “EDUCAÇÃO”, “*Seminário Respeito às Vagas Exclusivas*”, “*Essa vaga não é sua nem por um minuto*” sobre os símbolos representativos dos deficientes e dos idosos aparecem articulados à produção de sentidos fundamentada na materialidade do panfleto. Tais efeitos de sentidos apontam para as microrrelações de poderes existentes entre os “idosos confessos” e os outros idosos adeptos de outra forma de positividade.

A lógica nos propõe que para estacionar é necessário possuir um veículo, para possuir um veículo é necessário ter condições para mantê-lo. Sendo assim, o art. 41 do **Estatuto do Idoso** contribui para acentuar a pulverização das múltiplas identidades para o “corpo velho”, pois esse “idoso confesso” entra no processo de normalização pelo fato estratégico de possuir um veículo. É devido a esse tipo de estratégia que o artigo 41 faz sentido.

Outro aspecto, que nos chama a atenção no panfleto, é a presença das vozes das instituições governamentais e das instituições não governamentais, dando lastro ao discurso pedagógico do Seminário, que alia as construções identitárias para os deficientes às construções identitárias para os idosos, como se uma pudesse se passar pela outra, o que nem sempre é o caso.

Desse modo, como os sujeitos que ocupam o lugar de idoso extrapolam o limiar da norma, eles serão atingidos pelas tecnologias dos biopoderes de maneiras distintas, pois os idosos não produzem e nem estão inseridos no mercado da mesma forma que os outros sujeitos adultos considerados “normais” e que também não fazem parte de uma identidade unificada.

As estratégias de poder, que perpassam desde a soberania jurídica, o disciplinamento e o biopoder, funcionam para o “corpo velho” como um conjunto de instrumentos que mantêm e fazem funcionar, para os corpos, uma biopolítica midiática divulgadora do artigo 41 do **Estatuto do Idoso**. Esse artigo funciona como dispositivo de segurança, pois tem a função de garantir a integridade física no trânsito dos “idosos confessos”.

Esses dispositivos não se imbricam, agindo de forma paralela e alternada, como um batimento, com a finalidade de provocar a normalização dos sujeitos idosos, agindo

sobre o “corpo velho” de cada um dos sujeitos ou no corpo populacional dos idosos, de maneira a estabelecer a governamentalidade. Foucault (2008b, p. 14) diz que

[...] basta ver o conjunto legislativo, as obrigações disciplinares que os mecanismos de segurança modernos incluem, para ver que não há sucessão: lei, depois disciplina, depois segurança. A segurança é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina.

O interdiscurso, que constitui a base da produção de sentidos do enunciado “*Essa vaga não é sua nem por um minuto*”, faz remissão ao **Código Brasileiro de Trânsito** [lei Nº 9.503, de 23 de setembro de 1997] no anexo em que constam os conceitos e definições. Nesse anexo, “*parada*” é definida como “*imobilização do veículo com a finalidade e pelo tempo estritamente necessário para efetuar embarque ou desembarque de passageiros*”, aquele “*minuto*” do adágio popular. “*É só por um minuto*”.

Atualmente, os discursos das instituições promovem a docilização e o controle dos sujeitos, mas não por meio apenas de punições. Os corpos são controlados e disciplinados através dos discursos e de dispositivos de poder, como é o caso do panfleto da Prefeitura de Campina Grande em que o discurso pedagógico que circula na mídia propõe a busca do bem-estar físico do sujeito idoso, através da manutenção de vagas exclusivas de estacionamento, e o bem-estar mental, através da tentativa de controle dos outros donos e/ou motoristas não considerados velhos.

Dizemos que é uma tentativa de controle desses motoristas, pois as campanhas educativas e as normas de trânsito não garantem o cumprimento desse privilégio para o idoso confesso. Foucault [1999, p.91] diz que “onde há poder, há resistência”. Essa resistência de que fala Foucault não é aquela pregada pelos teóricos marxistas, como uma força motriz das revoluções, a resistência, da perspectiva foucaultiana, está baseada em microlutas, microrresistências múltiplas e intrínsecas às relações de poder, como um potencial interlocutor, inseparável e irredutível.

Por isso, a necessidade de campanhas educativas e seminários que embutem no arcabouço simbólico dos vocábulos “educação” e “civilidade”, a internalização das técnicas e tecnologias de biopoder e biopolítica que incidem sobre os corpos, o que faz, por exemplo, com que um sujeito legalmente idoso (com sessenta anos ou mais), mas não confesso e, portanto, não portador da “carteirinha do idoso”, não estacione em uma

vaga que por lei seria direito dele. Mesmo porque a imagem delimitadora desse espaço propõe um tipo de velhice que não está no verdadeiro de nossa época e constitui um símbolo de exclusão, embora a finalidade da vaga exclusiva seja incluir.

O objetivo de Michel Foucault, durante a construção de sua obra, era “dar cabo uma ‘história do sujeito’ ou, antes, dos modos de subjetivação” [CASTRO, 2009, p.408]. É a partir dos modos de subjetivação que são observadas as formas de relação do sujeito idoso consigo mesmo, os procedimentos e técnicas através dos quais é constituída essa relação, as ações por meio das quais o idoso transforma o “corpo velho” em objeto do saber e que práticas (também discursivas) possibilitam a esse sujeito, que ocupa o lugar de idoso, se (re) significar, deslocando-se entre as construções identitárias propostas pela revista *Veja* e pelo panfleto produzido sob a encomenda da Prefeitura Municipal de Campina Grande.

Essa discussão nos remete para as estratégias biopolíticas que colocam o “cuidado de si” como uma técnica disciplinar de si e aponta para o discurso gerontológico, o qual se ramifica a partir dos discursos médico, econômico e estatístico dentro das formações discursivas constituídas no sistema midiático. Esses discursos se baseiam no desdobramento interno de duas formas opostas de ser idoso e de possuir um “corpo velho”, culminando com o que Michel Foucault [2006, p.137] chamou de “uma velhice para qual nos preparamos”.

Há uma ratificação e uma promoção, nos discursos sobre os sujeitos idosos, de um “governo de si” cuja função é homogeneizar esses “corpos velhos”, conforme as tecnologias do biopoder, como forma de anular, tanto através da normalização, quanto por meio da exacerbação da conduta médica na manutenção de um corpo saudável, jovem e belo, através do discurso midiático e, também, mediante políticas públicas.

Essas políticas públicas, cujo alvo é combater as causas que tornam, de forma generalizada, o “corpo velho” improdutivo, têm como base propulsora o saber estatístico divulgado pela mídia a partir do censo do IBGE de 2010, que aponta, como já dissemos antes, um crescimento da população, acompanhado pelo aumento da qualidade de vida, resultando na positividade para as construções identitárias do sujeito idoso. Envelhecer é cada vez mais inevitável, no entanto, a sociedade contemporânea não aceita a imagem arquetípica da velhice que ficou cristalizada nas memórias social e coletiva.

A velhice, tratada desse modo, aparece como um demérito do “corpo-espécie” que os sujeitos precisam, pelo menos, suavizar seus traços. Surge, assim, um dado estatístico novo. É cada vez maior o número de idosos que burilam sua imagem, viajam, se produzem e vão às festas. E é cada vez maior a contrapartida das instituições que enxergam nesse “novo idoso” um nicho de mercado e uma ótima oportunidade de negócios, uma vez que tornaram seu corpo um objeto imperecível, encapsulado nas regras ditadas pelos biopoderes.

No próximo capítulo, intitulado “*Panela velha é que faz comida boa*”: *O visível e o enunciável nas construções identitárias para “o corpo velho”* serão abordadas as questões referentes às curvas de visibilidade e os regimes de enunciabilidades para o “corpo velho”. Uma vez que se torna visível, ele pode funcionar como uma armadilha, quando as relações de poder e biopoder que incidem sobre esse corpo, tornam-no alvo de um controle discursivo e corporal coercitivo com a finalidade de, na produção de determinados saberes sobre os sujeitos idosos, construir identidades de inclusão e exclusão.



Figura 21 FONTE: GOOGLE IMAGENS

CAPÍTULO III

"PANELA VELHA É QUE FAZ COMIDA BOA"³⁰: O VISÍVEL E O ENUNCIÁVEL NAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS PARA "O CORPO VELHO"

³⁰ Música de Sérgio Reis que faz referência às qualidades de uma mulher experiente.

3.1 O “CORPO VELHO”: AS COMUNIDADES DE RECREAÇÃO E A ORDEM DO SENSÍVEL

*As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas.
(Zygmunt Bauman)*

Nesta seção mostraremos como o “corpo velho” ganhou visibilidade desde o desenvolvimento das comunidades de recreação. Elegemos essa meta, pois os discursos produzidos pela mídia sobre as comunidades de idosos embasam os movimentos sociais de segregação etária, que constroem nichos de mercado, valorizando o consumo de itens supérfluos pelos sujeitos idosos.

Assim, no âmbito dessas comunidades e fora delas, em função de memórias coletivas, construções identitárias múltiplas são disseminadas por veículos midiáticos como revistas, jornais, programas de televisão.

Navarro [2011] trabalhou com os processos discursivos de subjetivação do idoso, tendo como base a Teoria das Fórmulas, desenvolvida por Alice Krieg-Planque. De acordo com Navarro e Bazza:

Os discursos produzidos sobre os indivíduos pertencentes à terceira idade apresentam certa regularidade que dá visibilidade ao trabalho de (re)construção da identidade desses sujeitos [...] das quais a fórmula “melhor idade” é emblemática [NAVARRO; BAZZA, 2012,p.145].

A Teoria das Fórmulas consiste em um conjunto de formulações linguísticas e discursivas utilizadas em um certo momento e em um espaço público determinado, fazendo com que as questões políticas e sociais sejam cristalizadas. Krieg-Planque [2010] estabelece uma relação entre a Lexicologia e os estudos sobre fórmulas, abrindo espaço para a definição do seu objeto de estudo, que consiste na investigação do motivo pelo qual algumas palavras e expressões vão se consolidando no espaço público, chegando ao ponto de, como diz a autora, tornarem-se onipresentes.

Mesmo apontando para caminhos diferentes, o entrecruzamento do estudo das fórmulas no campo da Lexicologia é produtivo, segundo essa autora, pois se voltam para os usos da palavra. A Lexicologia estuda o percurso da palavra durante o desenvolvimento das épocas, já o foco do estudo das fórmulas é um momento específico do percurso desenvolvido por essa palavra, no tempo exato em que “o acesso

de uma palavra à condição de fórmula é parte integrante da história dos usos dessa palavra” [KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 19].

Krieg-Planque não atribui à mídia a responsabilidade de criação e de invenção das fórmulas. Ela aponta que a mídia, de modo geral, tem como responsabilidade principal fazer circular as fórmulas e não as criar. Portanto, a mídia, restrita à função de grande divulgadora de fórmulas, participa de um processo de aceitabilidade nas relações de poder às quais são submetidos os discursos que se organizam na sociedade.

Krieg-Planque [2010, p. 121] ratifica a participação da mídia no processo de criação de fórmulas, ressaltando as suas funções de selecionar e filtrar os materiais e operar transformações nesses discursos, que não podem ser apenas “empacotados” e “transmitidos”. A fórmula como referente social acarreta um território comum para a unidade ou sequência verbal cristalizada.

Tal território precisa ser compartilhado entre os falantes e ser reconhecido como um signo, remetendo a algo para todos em certo momento. Deter um caráter cristalizado e inscrever-se numa dimensão discursiva, funcionar como um referente social e comportar um aspecto polêmico, são os aspectos que predominam.

Assim, se a cristalização e o referente social da fórmula determinam possíveis objetos descritíveis nas práticas languageiras, é porque a cristalização e o referente social integram a dimensão discursiva de provérbios, ditados, máximas, slogans, bordões e divisas, dentre outros, ao sinalizarem linguisticamente questões sociais e políticas, que merecem ser investigadas. Sob essa perspectiva, Krieg-Planque diz que

[...] ela [a fórmula] põe em jogo a existência de pessoas: a fórmula põe em jogo modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100).

Krieg-Planque [2010, p. 122] defende que as fórmulas participam, de maneira significativa, nas “complexas relações de dominação que os discursos organizam”. De acordo com a pesquisadora, há, inclusive, vários procedimentos discursivos que fazem com que essas expressões solidificadas discursivamente sirvam a certos objetivos políticos. Neologismos de sentido, repúdio, distorção, reformulação são algumas dessas estratégias do dizer.

Ao trabalhar a “melhor idade” como uma fórmula, Navarro [2011] observou, em seu *corpus* de análise, que os enunciados cujo tema era o sujeito idoso agrupavam-se em torno de quatro trajetos temáticos: 1. um corpo que não envelhece; 2. um corpo que não se cansa; 3. um corpo que produz; e 4. um corpo que deseja.

Assumimos o trabalho de Navarro como um guia, mas não trabalhamos a partir da noção de fórmula, pois para nós, o “corpo velho” não constitui um estereótipo, mas uma “bacia semântica”, um arquétipo, no sentido proposto por Jung, que perpassa o imaginário coletivo. Além do mais, estamos focados no viés biopolítico do “corpo velho”, já que, retomando mais uma vez a fala de Michel Foucault [2008], “o corpo é uma realidade biopolítica”, sendo este viés baseado nas relações de poder, que incluem também o dispositivo da sexualidade, um dos fundamentos de nossa tese.

“A modernidade não apenas disciplina corpos individuais, ela também produz corpos coletivos” [PRADO FILHO & TRISOTTO, 2008, p.118], por isso, é quase impossível não vivermos em comunidade, pois o crescimento das cidades nos obriga a isso. Mas quando envelhecemos, de qual comunidade, de qual “tribo” faremos parte, já que existe uma dissociação discursivo-identitária entre velhice e atividade social? Em função disso, criam-se outros tipos de comunidade que, de uma forma ou de outra, têm como consequência mais visível, a produção de identidades de inclusão e de exclusão.

Propor uma “melhor idade” é um dos mecanismos discursivos dos biopoderes dentro de uma formação discursiva econômica, voltada para o consumo de bens materiais e imateriais por parte dos sujeitos legalmente considerados idosos. Desse modo, são constituídas o que chamamos, apenas por uma questão de distinção, de comunidades de convivência e acolhida e comunidades de recreação.

Ambas as comunidades partem do mesmo princípio de congregar os idosos e idosas, mas, ao fazer isso, causam um efeito contrário em relação às outras faixas etárias da população. Algumas comunidades de convivência e acolhida, pelo caráter hierárquico e asilar, só aumentam a segregação da população idosa residente, como é o caso das instituições da capital paraibana, como o *Lar da Providência*, *A casa da vovozinha*, o *Lar da AMEM – Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância*, por exemplo.

É evidente que não descartamos a positividade do trabalho dessas instituições de acolhimento ao indivíduo idoso, mas o que chamou nossa atenção foi o afastamento geográfico imposto a esses indivíduos que reverbera na produção discursiva sobre os sujeitos idosos na mídia.

Mesmo tendo surgido mediante uma grande inquietação com a pobreza, as instituições que lidam com a miséria na velhice, muitas vezes estão localizadas nas periferias (não por acaso). Porém, esse fato emerge da arregimentação de todo um conjunto de operações de natureza biopolítica e práticas de governamentalidade de um “corpo velho” considerado improdutivo e, por isso, fora da zona de consumo.

Deslocamos, desse modo, o conceito foucaultiano de asilo para os aspectos cotidianos da velhice, devido à transformação dos discursos médicos em relação ao “corpo velho”. Nessas instituições de acolhimento ao indivíduo idoso, as atividades desenvolvidas assumiram um caráter terapêutico, reajustando sócio-politicamente a imagem dos idosos internos. Desse modo, para esses sujeitos, o trabalho tornou-se “despojado de todo valor de produção, só será imposto a título de [...] engajamento da responsabilidade com o fim único de desalienar o [...] que a coação física só limita aparentemente”. [FOUCAULT, 1978, p.529].

A economia neoliberal contemporânea costuma direcionar para a família, no lugar do Estado, a responsabilidade pelo cuidado de auxiliar pobres e doentes, delegando a essa comunidade parental a função de, também, responsabilizar-se socialmente. Mas se o doente pode ser entregue aos parentes, o mesmo nem sempre acontece com o idoso ou a idosa, pois o acolhimento ou não desses sujeitos vai depender das lembranças e da história de vida deles com essa comunidade afetiva.

Após uma breve explicação sobre as comunidades de convivência, chegamos às comunidades de recreação, que se diferenciam das primeiras por vários aspectos, dentre eles, pelo seu caráter de atendimento a idosos não-residentes.

Assim, sem que nada indique o modo de existência particular da velhice, de modo geral, nem o sentido de sua exclusão, as comunidades de recreação são fundamentais na readmissão desse outro “corpo velho” na sociedade e no mundo do trabalho, mesmo que esta atividade laboral não esteja fundamentada na lucratividade e na produtividade de seu objeto.

Tendo como exemplo o *Centro da Pessoa Idosa*, mantido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB, podemos observar, a partir dos relatos expostos na matéria do *site* da prefeitura desta cidade, a imbricação dos elementos trabalho, saúde, sensação de utilidade, na formulação de uma técnica de biopoder que propõe, através das promessas da vida em comunidade, uma melhoria na qualidade de vida desses idosos, uma vez que a palavra “comunidade” dentre os seus significados está a promessa de prazeres “que gostaríamos de experimentar, mas que não se alcança mais” [BAUMAN, 2003, p.7].

Para além das fronteiras estabelecidas pelas construções identitárias da mídia, que colocam à deriva os fundamentos principais das comunidades de idosos, estão as sensibilidades psíquicas, físicas, emocionais deliberadas ou não. Essas fronteiras delimitam a importância ou a negação das outras comunidades identitárias não privilegiadas, por esse dispositivo de poder – a mídia.



Figura 22 Centro da Pessoa Idosa - João Pessoa

“Aqui a gente sente mais alegria de viver.” É o que diz Violette Ghislaine, 81 anos, moradora de Mangabeira VIII, sobre o Clube da Pessoa Idosa (CPI) – do qual é frequentadora assídua há dois anos. Inscrita nas aulas de ginástica gerontológica e artesanato, Violette contou que conheceu o local por meio de uma amiga da filha e se encantou pela estrutura e as atividades oferecidas. “Vim conhecer e achei uma maravilha. É ótimo. Chamo esse lugar de refúgio”, disse. [...]. Atualmente, o CPI disponibiliza mais de 20 oficinas e atividades, nos turnos da manhã e tarde, sempre de segunda a sábado. “Gosto de vir pra cá. Venho pela manhã e também à tarde”, contou Arnaldo Carneiro da Cunha, 68 anos, morador do Altiplano, que, depois de passar por um acidente, começou a fazer psicoterapia e Oficina da Memória no local.

Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/centro-da-pessoa-idosa-leva-esporte-arte-e-cultura-aos-pessoenses/>

Parece-nos relevante discutir sobre os efeitos da ideia de família, como primeira comunidade afetiva. Para isso, consideramos as transformações ocorridas nas

comunidades de recreio em virtude da adequação dessas instituições, principalmente quando públicas, às políticas do governo de si e dos outros que, a partir do discurso gerontológico e de uma pedagogia do corpo saudável, conjuram o “corpo velho”: *“Inscrita nas aulas de ginástica gerontológica e artesanato, Violette contou que conheceu o local por meio de uma amiga da filha e se encantou pela estrutura e as atividades oferecidas”*.

Desse modo, organiza-se uma rede, aparentemente paradoxal, de práticas e de discursos. De um lado, estão as entidades governamentais ou instituições de previdência, em que o idoso é levado a reprojeter sua vida social, em função de um decréscimo no seu poder aquisitivo, devido à perda de alguns benefícios inerentes à vida produtiva. De outro, encontram-se entidades não governamentais e instituições midiáticas que propõem recuperar ou simplesmente não perder os ritos da vida social externa à família.

Assim, as comunidades de recreação surgem como um espaço que favorece a reunião prolongada de semelhantes, no caso, os idosos, fundamentando um “espírito corporativo” próximo às sensações de se viver em família, mas sem que isso seja necessariamente uma forma de isolamento.

É justo nesse efeito de comunidade que a mídia “joga luzes”, pois as comunidades de recreação também podem ser comparadas às comunidades estéticas de Kant, sobre as quais fala o sociólogo polonês Zigmunt Bauman, no seu livro **Comunidade: a busca por segurança no mundo** [2003]: “o governo dos comportamentos responde hoje a critérios mais estéticos do que éticos. Conforma-se não mais à autoridade moral dos líderes, a seus ideais, e sim, acima de tudo, ao comportamento de personalidades midiáticas” [*op.cit.*, p.62]. Não é a toa que a mídia usa a imagem das celebridades, que são cronologicamente idosas, mas não aparentam isso, para divulgar as tecnologias de biopoder através de uma pedagogia para o “corpo velho”.

Bauman [2003, p.62] define um dos principais usos da “comunidade” para “confirmar, pelo poder do número, a propriedade da escolha e emprestar parte de sua gravidade à identidade que confere ‘aprovação social’, deve possuir os mesmos traços”.

Se retomarmos o que diz a modalidade panóptica do poder, veremos que a visibilidade funciona como uma espécie de armadilha, pois nas comunidades de recreação, tornam-se mais visíveis as disciplinas que perpassam o corpo social dos idosos. A mídia, como um panóptico, constrói uma estética de como viver com o “corpo velho”, mas em um lugar onde não há coerções, a não ser no caso do exemplo a seguir [“turismo diferenciado”], perder a viagem que todos irão fazer.



Figura 23 Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade - Sede Paraiba

Print Screen do “Street View”

TURISMO DIFERENCIADO

O que é ABCMI?

Sociedade civil sem fins lucrativos, de duração indeterminada, constituída pelas Associações dos Clubes da Melhor Idade em funcionamento no país.

Clubes da Melhor Idade

Milhares de brasileiros encontram uma forma saudável de convivência, participando de viagens especialmente preparadas, a custos significativamente mais baixos.

Figura 24 ABCMI Turismo diferenciado.

<http://abcminacional.com.br/>

Entidades como a *Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade – ABCMI* – usam da sedução da mídia para fazer valer o discurso econômico e as atitudes de consumo. Outro ponto, que difere esse tipo de comunidade de recreação das comunidades de convivência já citadas, é o nível de renda de quem é assíduo.

A ideia da mídia como panóptico leva-nos a pensar o sistema midiático como um centro difusor de identidades que controla cada esfera social através da produção discursiva voltada para a efemeridade do consumo.

Ao controlar, através dos regimes de visualidade, a produção identitária e os próprios “corpos velhos”, a mídia normatiza as positivities e as negatividades da velhice. Por isso, essa diferenciação identitária a partir das comunidades também afeta a ordem social, valorizando os sujeitos idosos de maior capacidade financeira.

Desse modo, as identidades que circulam nas comunidades de recreação são outras, diferentes das que podem ser construídas pela mídia, quando esta focaliza as comunidades que acolhem idosos de baixa renda e mesmo estes que fazem parte de alguma comunidade de recreação ocupam um lugar diferente dos que precisam de outro tipo de atenção, nas comunidades de convivência e acolhida.

Assim, os idosos, que podem contribuir financeiramente com os serviços dos clubes da melhor idade, cobram delas ações, como cursos e atividades esportivas e turísticas, cuja base são as disciplinas dos biopoderes, as quais em relação à manutenção e à construção de identidades para esses idosos, “têm o papel preciso de introduzir assimetrias insuperáveis e de excluir reciprocidades” [FOUCAULT, 2010, p.209]. Mas o papel dessa comunidade não vai além do período de duração dos eventos que se repetem e marcam o ápice efêmero da vida em grupo desses idosos.

Nesse tipo de comunidade, as responsabilidades de cada membro de manter o vínculo uns com os outros é de curto prazo, não importando se o sujeito é usuário ou um profissional de um campo que lida com essa faixa etária. Isso impede o estabelecimento de qualquer responsabilidade ética, no sentido de um projeto de convivência em longo prazo. A mídia se apropria da ideia de família, na posição de comunidade ética, para propor suas construções identitárias de inclusão às instituições.

Conforme Bauman [2003], as comunidades estéticas são o contrário das comunidades éticas, pois estas são constituídas por compromissos de longo prazo, garantindo os direitos adquiridos, cumprindo normativamente as obrigações que estabelecem a sua durabilidade, assegurando a projeção de compromissos futuros, mesmo porque essa durabilidade também pode ser fundamentada e assegurada institucionalmente.

O que torna visível e sensível a “arte de cuidar de si” como uma disciplina de biopoder, materializada nos enunciados, a seguir, é a criação de uma paradoxal construção identitária de não pertencimento ao lugar do idoso. Quando ocorre de se abrir espaço para os contra-discursos, a mídia faz essa “abertura” mediante um efeito de coerção da construção identitária que se quer rechaçar.

O que torna visível e sensível a “arte de cuidar de si” como uma disciplina de biopoder, materializada nos enunciados, a seguir, é a criação de uma paradoxal construção identitária de não pertencimento ao lugar do idoso. Quando ocorre de se abrir espaço para os contra-discursos, a mídia faz essa “abertura” mediante um efeito de coerção da construção identitária que se quer rechaçar.



Figura 25 Revista Época, edição 243.

“Luiza Brunet, sua mãe e sua filha: cuidados em três gerações”



Figura 26 Aposentados jogando baralho, revista Época, 16/01/2012

“Dois sistemas: aposentados jogam cartas no Rio de Janeiro. As diferenças entre o sistema público e o privado criam duas classes de aposentadoria para esses brasileiros”.

O sistema discursivo midiático ressalta nas comunidades (sendo a família, a primeira delas), a criação de identidades para os idosos de forma a traçar o percurso temático pensado por Navarro [2011]: “1. um corpo que não envelhece; 2. um corpo que não se cansa; 3. um corpo que produz; e 4. um corpo que deseja”.

A mídia isola os sujeitos idosos para depois inseri-los nos espaços destinados ao corpo jovem como forma de mimetizar ou uniformizar as identidades, embora haja brechas para a existência de contradiscursos e outras identidades (v. fig. 26). Essa tentativa de uniformização identitária começa pelo uso das cores (como já foi discutido no primeiro capítulo), perpassa pelo uso da comunidade familiar e suas gerações para mostrar como não envelhecer e como aparentar ser jovem por mais tempo; conforme mostra o seguinte enunciado: “*Luiza Brunet, sua mãe e sua filha: cuidados em três gerações*”.

Em relação à estética de um “corpo velho jovem” e aos “cuidados de si”, também no plano emocional, a mídia “blinda”, por meio dessa relação, os discursos sobre a velhice contra a inserção eventual de qualquer movimento de negatividade mesmo porque, por mais artificial que possam parecer, as tecnologias e as técnicas de manutenção do corpo têm sua produtividade comprovada, produzindo, assim, uma positividade para o “corpo velho”.

Ao mesmo tempo em que a mídia enfatiza a vida em comunidade, dependendo do tipo de comunidade, os discursos produzidos serão sempre outros, pois a pedagogia do envelhecimento suscita uma série de técnicas disciplinares que incluem a higienização emocional através do combate à solidão. Mas a mídia coloca uma fronteira fundamental entre as comunidades familiares e/ou de amigos: eles precisam produzir ou consumir de alguma forma.

Tanto é que a figura 26, recortada da revista *Época* de 16/01/2012, ilustra uma matéria sobre a aposentadoria de funcionários públicos, colocando a “injustiça” dessas aposentadorias em relação ao setor privado.

A imagem dos aposentados na fig.26 é colocada para o público em geral de forma negativa, pois o ócio não é um espaço produtivo financeiramente nem para a saúde. A “ordem” dos biopoderes é se movimentar.

Dependendo da formação discursiva predominante (econômica, médica, pedagógica, gerontológica, etc.), o sujeito idoso, em relação à suas comunidades de pertencimento ou de não pertencimento identitário, sofre um processo de dessubjetivação definido pela relação desse sujeito com o próprio corpo e com os discursos de base biopolítica produzidos pela mídia. O corpo do sujeito idoso deixa, assim, de definir o indivíduo e de representar uma totalidade populacional completamente heterogênea em seus aspectos mais importantes e, por isso, constitui um desafio para os gestores públicos e produtores de mídias definirem que corpo velho é esse.

O sujeito idoso, independente de sua faixa de renda, é atacado em diversas frentes, fazendo com que a sua relação, de si para consigo, seja transpassada por um mecanismo pulsional capaz de produzir uma experiência-limite que, com frequência, leva o desejo desse sujeito a ser guiado por fatores mercadológicos e construções identitárias que despedaçam e transformam a imagem que os idosos têm ou tinham do próprio corpo.

Trata-se de favorecer, pela perda de um referencial arquetípico, a produção de uma sensibilidade que admite, mas interdita questões a respeito dos sujeitos idosos: como as marcas na pele, a possibilidade da manutenção do sexo nessa faixa etária e a velhice como última etapa para a morte.

O fluxo desenfreado de informações sobre as novas tecnologias para o prolongamento de uma aparência jovem e sobre as técnicas de manutenção da saúde, sem a consultoria e o aval competentemente necessários, nos discursos da mídia, tornam as construções identitárias, produzidas para a velhice, arbitrárias ao ponto de serem construídos corpos que deveriam ser velhos, mas são monstruosamente a-temporais. São esses corpos que têm maior visibilidade e são colocados como ideais de beleza.

3.2 CURVAS DE VISIBILIDADE E REGIMES DE ENUNCIABILIDADES PARA O "CORPO VELHO".

*De curvas é feito todo o Universo - o Universo curvo de Einstein.
(Oscar Niemeyer)*

O conceito de visibilidade, nos moldes da noção de enunciado, foi elaborado por Michel Foucault [2000] a partir das análises de imagens de quadros. Consiste “nas formas de luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações” [DELEUZE, 2005, p.62]. Tais curvas de visibilidade não podem ser confundidas com as formas palpáveis, físicas, com figuras ou com imagens veiculadas (por exemplo, na mídia impressa, digital, ou televisiva), nem com os regimes de enunciabilidade que se referem imediatamente aos ditos, às falas proferidas ou mesmo escritas.

Os domínios do visível e do enunciável pertencem ao campo da articulação e da complementaridade, uma vez que “há disjunção entre falar e ver, entre o visível e o enunciável” (ibidem, p. 73). Sendo assim, existe uma independência relativa entre esses conceitos de visibilidade e enunciabilidade, já que o objeto específico ao qual o enunciável faz referência, “não é uma proposição a designar um estado de coisas ou um objeto visível”; assim como “o visível não é tampouco um sentido mudo, um significado de força que se atualiza na linguagem” (*op. cit.*).

Os regimes de enunciação, no campo da velhice, vão além daquilo que é dito sobre a posição sujeito idoso, tornando possível e justificável os dizeres sobre esses sujeitos. A produção enunciativa sobre o envelhecimento, apesar de variada, permite que apenas poucos enunciados encontrem uma efetiva de forma entrar na “ordem do discurso”, devido às condições de possibilidades que a produção enunciativa enfrenta. Tais condições dificultam a ultrapassagem ou mesmo definem as leis de interdição que

se referem aos limites dos discursos sobre a velhice na mídia. É um regime ligado fortemente à vontade de verdade. É a partir dos enunciados e seus vestígios que se descobrem, se desvendam as possíveis construções identitárias para velhice pela mídia.

Na mesma direção que os enunciados, as curvas de visibilidade não se referem ao modo específico de ver de um sujeito – ou da forma como ele concluiu, individualmente, uma determinada coisa –, afinal, “o próprio sujeito que vê é um lugar na visibilidade, uma função derivada da visibilidade” (Deleuze, 2005, p. 66).

Portanto, as formas de olhar o/do sujeito antecedem ao desejo dos idosos, considerados neste trabalho como objeto modificável de sua própria visibilidade. As maneiras de olhar são, pois, anteriores à vontade individual de um sujeito, entendido como alvo, como uma variável das condições de sua própria visibilidade.

As pistas que nos foram dadas por nosso *corpus*, projetaram-nos algumas formas paradoxais de pensarmos o “corpo velho” e o sujeito idoso nos seus processos de subjetivação nas últimas duas décadas. A valorização constante de um “si”, produzindo, de maneira contínua, uma imagem de corpo para os velhos, cuja extensão corporal vai de encontro aos limites instaurados e reestabelecidos pela mídia, fixa como campo de visualidades, a “arte de cuidar de si” e uma atitude positiva em relação ao próprio corpo.

Os limites identitários, propostos pela mídia, nem sempre são gerenciados de forma que as estratégias de aceitação sejam totalmente eficazes. Por causa dessa recusa a esses limites, determinados pelas normas das disciplinas dos biopoderes que incidem sobre o “corpo velho”, o “si” e não o “eu”, na perspectiva de indivíduo, apresenta-se como um espaço simbólico em que o acontecimento de um “corpo velho” jovem, como “uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário remoto e voltado contra seus utilizadores” [FOUCAULT, 2008d, p. 272], encontra nos discursos da mídia, seus pontos de luminosidade e suas regras de enunciação.

Bauman [2005, p.104] afirma que “[...] a mídia fornece a matéria bruta que seu leitores/expectadores usam para enfrentar a ambivalência de sua posição social”. Ela disponibiliza também as pistas, através das marcas e traços ressaltados em seus discursos, para a conformação de uma imagem ideal da velhice. Assim, ela assume o lugar de detentora do dizer verdadeiro, produzindo uma parresia do “corpo velho” que

deriva em um questionamento: a constituição do “corpo velho”, como ser da atualidade, a partir das relações com a verdade, com o poder e com a moral.

Tais relações podem ser evidenciadas e ratificadas, a partir do curso **O governo de si e dos outros** [FOUCAULT, 2010d], no qual as primeiras aulas focalizam o texto “Was ist Aufklärung?”, de Kant. Foucault considera esse texto como característico da Modernidade, especialmente devido à maneira distinta como é tratado o presente. Essas discussões também aparecem em um artigo posterior de Foucault, escrito em 1984, e que se intitula “*O que são as Luzes?*”, publicado, mais tarde, na coletânea organizada por Manuel de Barros Motta, **Ditos e Escritos** [FOUCAULT, 2008d].

Em ambos os textos, Michel Foucault postula que Kant não buscara compreender o presente a partir de uma totalidade ou de uma realização futura, porém traçara um questionamento sobre a diferença sobre o “hoje” e o “ontem”: “qual a diferença que ele introduz hoje em relação à ontem?” (FOUCAULT, 2008d, p. 337). Juntando-se a essa questão, Kant concebera as Luzes como um processo que nos liberta do estado de “menoridade”, significando “certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir nos domínios que convém fazer uso da razão” (FOUCAULT, 2008d, p. 337).

O homem é o responsável principal por seu estado de menoridade e, por isso, não terá meios de emergir deste estado, se não operar uma mudança em si mesmo. Foucault acrescenta: “É preciso considerar que a Aufklärung é ao mesmo tempo um processo do qual os homens fazem parte coletivamente e um ato de coragem a realizar pessoalmente” (FOUCAULT, 2008d, p. 338). Desse modo, a questão da coragem é uma peça fundamental na construção da maioridade desse homem e a questão da “atitude”, como diferença na história e como razão para uma tarefa filosófica.

Chamando a atenção para a “arte de si mesmo” e a deslocando para o “corpo velho”, a arte de constituir-se, como sujeito, deve ser entendida a partir de uma atitude crítica em relação ao presente, em imaginá-lo de modo diferente e transformá-lo “com a prática de uma liberdade que, simultaneamente, respeita esse real e o viola” (FOUCAULT, 2008d, p.344).

É essa “atitude” que traz uma positividade para os discursos midiáticos sobre a velhice, pois essa positividade faz com que os sujeitos se adaptem às disciplinas dos biopoderes como se estivessem exercendo a prática da liberdade. Essa ilusão de uma escolha própria livre causa a adesão à imagem de um corpo não perecível. A noção de atitude auxilia nos estudos dos aspectos do “ser si” no presente:

Por atitude, quero dizer um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. (FOUCAULT, 2008d, p. 341-342).

Foucault, desse modo, entende essa atitude como uma crítica permanente ao nosso ser histórico, apontando para os limites da atualidade, ao sublinhar o que já não é mais indispensável para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos. Assim, ele estabelece o fio que pode nos atar à relação do passado com a atualidade, uma vez que “o trabalho crítico também implica a fé nas Luzes; ele sempre implica, penso, o trabalho sobre nossos limites, ou seja, um trabalho paciente que dá a forma à impaciência da liberdade” (FOUCAULT, 2008d, p.351).

Mas como observar essa “impaciência da liberdade” senão através da materialidade dos enunciados, no caso de nossa pesquisa, produzidos sobre o “corpo velho” em diversos veículos da mídia, especialmente, os impressos?

As maneiras de olhar, nas palavras de Deleuze, são “formas de luz que distribuem o claro e o obscuro, o opaco e o transparente, o visto e o não visto” (*op. cit.*); são uma combinação entre o visível e o que pode ser enunciado, associação e organização das coisas que, em consigo mesmas, produzem, especialmente, parte dos saberes que constituem práticas concretas de manutenção da juventude. Esses aparatos de visibilidade são mencionados aqui como relativos aos dispositivos da seguridade social e da sexualidade.

Assim, o que está em cena, nesses locais de visibilidade e de enunciação, é a incessante produção de imagens sobre o envelhecimento e ou a velhice (como processo e fim). Ou seja, trata-se de constituir, em torno das formas de visibilidade e enunciação, as práticas sempre contínuas de manutenção e de prolongamento da vida, tanto quanto estabelecer a posição sujeito idoso neste ou naquele discurso que o tornou objeto.

Ao capturar os sujeitos idosos, ao torná-los visíveis e enunciáveis através de modos específicos e distintos dos outros, os aparatos de visibilidade e enunciação tornam cada vez mais eficazes os “agenciamentos concretos”, aos quais se destinam os dispositivos da seguridade social e da sexualidade.

Nesse sentido, parâmetros como as curvas de visibilidade e os regimes de enunciabilidade “estabelecem uma geografia do olhar para a imagem, produzem um estrato histórico singular, firmando uma posição de sujeito em um tempo determinado, nesse caso específico de um limiar sobre o corpo” (MILANEZ, 2011, p.209). As ideias sobre a aposentadoria e como se deve envelhecer são fixados pelos dispositivos que as sustentam, não como condição *à priori* da velhice, mas de maneira a dar visibilidade e promover a positividade de determinados aspectos dela. Desse modo, aposentar-se deixa de ter um aspecto negativo, na perspectiva do consumo, para assumir uma positividade.

Isso ocorre, pois as formações históricas são constituídas de visibilidades e dizibilidades. Assim como a Gerontologia, na qualidade de sistema de divulgação e expressão que define um campo propício aos dizeres sobre velhice, a mídia, como forma do conteúdo, define um local de visibilidade, um lugar em que é possível observar os discursos e as imagens da velhice que foram pinçadas e ressaltadas.



Figura 27 Capa da revista Época 29/09/2003 - Eternamente Jovem

“Eternamente jovem. Como os homens de hoje podem viver mais, melhor e com mais saúde que seus pais. E aproveitar a vida até os 80 anos”.

“Os 20 mandamentos para manter a saúde e a cabeça em dia”.

“Especialistas contam como retardar o envelhecimento”.

“A receita para chegar em forma à terceira idade e fazer o que quiser”.

Foucault [2008d, p.278] afirma que um dos usos da história é a

[...] dissociação sistemática de nossa identidade. Pois essa identidade, no entanto bem frágil, que tentamos assegurar e reunir sob uma máscara, não passa de uma paródia: o plural a habita, inumeráveis almas nela disputam; sistemas se entrecruzam e dominam uns aos outros.

Essa identidade para o “corpo velho” que se esfacela e se multiplica criando outras “máscaras” para o sujeito idoso, a partir de uma pedagogia do “corpo velho”, chama a atenção do sujeito para uma “atitude” diferente e, ao mesmo tempo, recorrente na memória social e na memória coletiva. No *corpus*, há pelo menos treze materialidades (propaganda, capa de revista, reportagem), relacionando a velhice saudável ao esporte.

Outro fato que chamou a nossa atenção foi a intericonicidade da capa da revista **Época** de 2003 [fig.27] e da revista **Isto é** de 2011 [figuras 46 e 52], pois ambas colocam a motocicleta como um ícone de juventude. Além do mais, as duas possuem como interdiscurso os “Road Movies³¹” que tem como personagem principal um motoqueiro.



Viver a vida com liberdade enseja uma “atitude”, por parte do sujeito idoso, que requeira isso. É nesse momento que a mídia proporciona uma visibilidade para o corpo desse sujeito, que não é mais aquele jovem rebelde, mas traz no corpo e sobre o corpo, como uma segunda pele, as marcas e os símbolos dessa rebeldia considerada típica dos adolescentes, agora, ressignificada no processo de subjetivação do sujeito idoso.

³¹ Esse gênero de filme ganhou importância a partir da década de 1950, quando os galãs, personificados pelos atores James Dean e Marlon Brandon, representavam a rebeldia dos jovens da época. O visual "rockabilly", inspirado em cantores como Elvis Presley, também compunha o imaginário coletivo do que era ser jovem nessa época.

Essa capa da revista **Época** foi publicada dois dias antes da oficialização do **Estatuto do Idoso**. Portanto, ela acaba acontecendo concomitantemente ao Estatuto. A preocupação com a população de idosos e com o corpo que estava se tornando velho já vinha em curva de visibilidade ascendente e a irrupção da lei 10.741 inseriu o discurso jurídico no conjunto dos discursos que fundamentam as construções identitárias da velhice.

Ter uma lei específica e revistas não especializadas publicando matérias e capas com foco especial no “corpo velho” mostra uma diferenciação na produção de identidades entre as faixas etárias. Vejamos o seguinte: “*Eternamente jovem. Como os homens de hoje podem viver mais, melhor e com mais saúde que seus pais. E aproveitar a vida até os 80 anos*”. Esse enunciado “*Eternamente jovem*” sintetiza o tema recorrente, ao longo do tempo, nas publicações que pesquisamos, o prolongamento da juventude, o regime das enunciabilidades faz com esse tema esteja sempre retornando nas revistas ao longo do tempo, conforme propõe Foucault [1999] na noção de comentário.

Assim temos: “*Viver bem para viver mais e melhor*”, “*A fonte da juventude*”, “*Como viver mais e melhor*”, “*Em busca da juventude*”, “*Receitas da ciência para manter-se jovem*”, dentre outros enunciados, cujo regime de enunciação materializa as relações de saber e poder que constituem os biopoderes e a biopolítica.

“*Os 20 mandamentos para manter a saúde e a cabeça em dia*”. Esse enunciado é sustentado interdiscursivamente pelo discurso religioso referente aos dizeres da “*Tábua dos Dez Mandamentos*” recebida por Moisés, cuja narrativa consta no *Antigo Testamento* da Bíblia Cristã que corresponde ao *Torat* para os judeus.

Ao registrar na materialidade do enunciado, o seu entrelaçamento com o discurso religioso, o sujeito enunciator, que representa a “voz” da revista, produz um efeito de autoridade que tem o objetivo de incidir sobre os corpos e mentes dos potenciais leitores, disciplinando-os.

Nessa capa de revista em análise (Figura 24, capa da revista *Época* 29/09/2003), notamos duas estratégias principais que dão visibilidade e veracidade aos discursos midiáticos. Observamos também o efeito manual em “*A receita para chegar*

em forma à terceira idade e fazer o que quiser” e o uso do discurso científico, especialmente o discurso médico, atravessado e dando sustentação à formação discursiva midiática, para credibilizar seus dizeres. O vocábulo “receita” nos remete à produção de uma “fórmula” de construção de uma “melhor idade”

Na figura 25, mostrada a seguir, acontece algo parecido, mas como o gênero discursivo é propaganda, a maneira de interpelar o sujeito idoso é um pouco diferente, pois lhe é cobrada “uma nova atitude”. Embora a imagem corpórea denote a virilidade do sujeito representado, não seria apenas isso que constituiria uma estratégia eficaz para a “conquista” dos que compõem o público-alvo. Inclusive, o cenário escolhido prova que o desenrolar da cena não poderia ocorrer com qualquer pano de fundo, as imagens que se repetem são sempre relativas à natureza, por isso, aparecem com frequência o céu e/ou o mar.

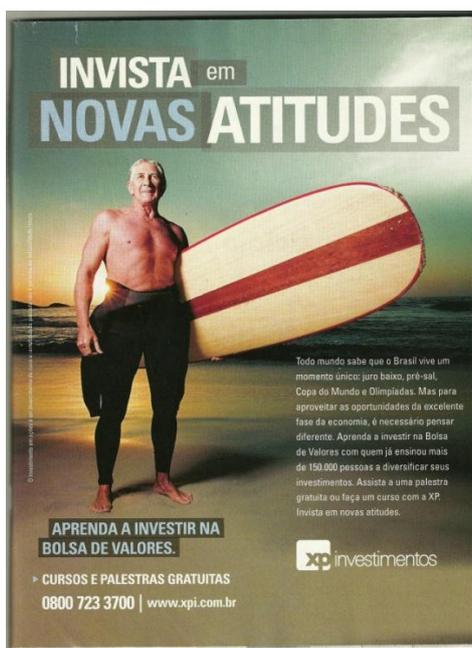


Figura 28 Época, 16 de novembro de 2009, p. 89

Na propaganda acima, pensando semiologicamente, abre-se um espaço corporal discursivo que se entrelaça com os enunciados “Invista em novas atitudes”, “Aprenda a investir na Bolsa de Valores”. A imagem, em destaque na propaganda, traz um homem idoso com uma disposição corporal diferente da imagem cristalizada do que é um corpo velho esteticamente.

A exposição de um tórax bem definido e pele bronzeada em um corpo velho, inserido em uma prática cotidiana relacionada ao esporte, o *surf*, referem a um ideal de beleza e juventude, a um biopoder que reforça a produção e a manutenção de um corpo jovem através das técnicas esportivas. O detalhe da roupa de surfista aberta caindo como uma capa e o pôr do sol ocorrendo por trás do personagem nos remete a outra imagem: a do Super-homem.



Figura 29 Super-homem, acessada em 23/07/2013.

Assim, vemos emergir a imagem do “superidoso”, cumprindo as regras da publicidade em que se coloca um sujeito com mais de 60 anos, praticando um esporte ou qualquer outra atividade, com a finalidade de provocar surpresa, admiração, empatia, viabilizando a “entrega” da ideia do produto.

Os enunciados “*Invista em novas atitudes*”, “*Aprenda a investir na Bolsa de Valores*” materializam o discurso da mídia que propõe essa outra construção identitária para a velhice. Como é característico do gênero propaganda, os verbos “*aprender*” e “*investir*” estão no imperativo, trazendo consigo uma ideia de necessidade, de obrigação.

Os discursos do politicamente correto e o discurso econômico perpassam os discursos da mídia sobre o corpo velho, propondo “novas tomadas de posição”. É notório que, de acordo com esses discursos, a “*atitude*”, pela qual clama a propaganda, inclui saber investir na Bolsa de Valores, mas também insere uma necessidade de transformação, uma nova postura diante da atualidade.

A partir dessa “nova” atitude, o sujeito idoso, cuja razão foi “iluminada” pela propaganda, delimita seu lugar de pertencimento e as regras de sua atuação mediante o discurso da propaganda, para que ele se enquadre no ideal de liberdade proposto.

Dessa forma, o politicamente correto embasa a formação de uma identidade corporal que apaga as marcas do tempo e ressalta a necessidade de se manter sempre jovem, belo e saudável. Mas se é o rosto que traz os “indícios que autenticam uma pessoa, [...] um testemunho inédito do corpo como uma visão nova da identidade” [COURTINE e VIGARELLO, 2009c, p.341 – 342], é ela, a face, que traz os traços e altivez e felicidade que a **XP Investimentos** deseja como marca e que torna o ato de investir na Bolsa, um símbolo de uma velhice feliz e estável, dentro do que rege os discursos do que é politicamente correto.

3.3 A VONTADE DE VERDADE E A PRODUÇÃO DE DISCURSOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO

[...]

*Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Pensamos essa seção a partir do objetivo de analisar as formas do dizer verdadeiro que constituem a relação mídia e “corpo velho”, tendo em vista os discursos que incluem ou excluem as construções identitárias do corpo velho.

A heterotopia identitária do sujeito idoso nos discursos da mídia faz com que esse sujeito, a partir dos processos de subjetivação e exercícios de poder sobre o próprio corpo, relacione o dizer verdadeiro com os dizeres da mídia. Os saberes sobre o corpo, desde os vários lugares identitários proporcionados para ele pela mídia, não o tornam um monopólio, e não impedem que esse corpo, situado dentro condições de possibilidades sócio-culturais, passe a ser entendido como uma construção. Assim como o dizer verdadeiro também é uma construção estabelecida dentro da ordem discursiva social contemporânea.

A mídia, em relação à produção discursiva, nesse caso, atua como produtora de um dizer verdadeiro sobre a velhice e o envelhecimento. Os sujeitos idosos, são o alvo desse dizer por estarem inseridos em uma cultura, que valoriza as tecnologias do biopoder e as assume como verdade. Assim,

[...] nessa cultura de si, nessa relação consigo, viu-se desenvolver toda uma técnica e toda uma arte que se aprendem e se exercem. Viu-se que essa arte de si necessita de uma relação com o outro. Em outras palavras: não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade, dizer toda a verdade, ou em todo caso dizer toda a verdade necessária, e dizê-la de uma certa forma[...] [FOUCAULT, 2010d, p. 43].

Quando é posta em cena a palavra “aposentadoria”, os sentidos que ela arregimenta apontam, prioritariamente, para duas imagens cristalizadas na memória social: uma está relacionada à prática do hedonismo em sua plenitude e a um ideal de felicidade; e a outra está relacionada à incapacidade produtiva e a uma infelicidade latente.

Por isso, essa seção com partirá dos seguintes questionamentos: como as modificações nos discursos sobre a aposentadoria e o envelhecimento proporcionam rearticulação nos projetos de vida, de trabalho e de lazer desse grupo etário? E como a imagem do envelhecimento “adequado” afeta a produção discursivo-midiática sobre a velhice, construindo identidades de inclusão?

Uma celebração de uma segunda “adolescência” após os 60 anos, a ideia de uma aposentadoria feliz e prazerosa e de uma “irresponsabilidade” quase utópica é uma construção da mídia na medida em que ela propõe identidades de inclusão para a velhice. É também mais que isso, pois a sociedade atual elabora uma série de tecnologias que fornecem mecanismos de promoção dos cuidados de si, propondo uma moral ética e estética em que o corpo não pode ser “lido” como velho e a mente/alma do sujeito não pode deixar de ser “higienizada”. Por isso, existem os discursos do hedonismo e do culto ao corpo que estão na base da produção de identidades pela mídia.

Nas imagens a seguir, a grade de análise será baseada na tecnologia do biopoder, pois o prolongamento da vida, a manutenção da saúde e a preocupação estética pertencem ao regime discursivo do biopoder.



Figura 30 A geração sem idade - Capa da revista Veja edição 2121, 15/06/2009.

A liberdade trazida pelos saberes produzidos na contemporaneidade não é plena, por isso, para construir nosso corpo, nos submetemos a uma produção discursiva que define como identidade de inclusão o corpo “perfeito”, sem as marcas do tempo.

Se antes a velhice era considerada apenas como um fato natural inevitável, agora, ela pode ser no mínimo mascarada, o que pode levar o “corpo velho” a passar por modificações por intermédio de cirurgias plásticas e pela prática de atividades esportivas que se impõem ao olhar rígido, de formas contidas por um lado, e exacerbadas, por outro. *“Dr. Hollywood”, o cirurgião das estrelas, diz qual a hora certa para recorrer ao bisturi.*

Esse exagero na produção de um corpo jovem a qualquer custo, sustentado pela espetacularização dos discursos médico e econômico, e entrelaçamento destes com o discurso da mídia, dão sustentação ao enunciado: *“O cirurgião das estrelas”*, fazendo deste, um exemplo de como a vontade de verdade da mídia interpela o “corpo velho” produzindo identidades de exclusão

Sobre essa questão, Foucault afirma que

o domínio e a consciência do seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do próprio corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação do seu próprio corpo contra o poder, a saúde

A GERAÇÃO SEM IDADE.

Mulheres e homens maduros que já desfrutam dos formidáveis avanços da medicina na conservação da juventude.

A ciência anuncia uma certeza: comer pouco (mas pouco mesmo) prolonga a vida, a saúde e a beleza.

6 receitas de pessoas entre 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer.

“Dr. Hollywood”, o cirurgião das estrelas, diz qual a hora certa para recorrer ao bisturi.

contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. [...] O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo [FOUCAULT, 2008a, p. 146].

Os enunciados a seguir são fruto da regulamentação dos discursos midiáticos sobre a velhice e os “cuidados de si”, que perduraram através dos séculos: “*A ciência anuncia uma certeza: comer pouco (mas pouco mesmo) prolonga a vida, a saúde e a beleza. 6 receitas de pessoas entre 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer*”. Esses enunciados têm como mote o gerenciamento da atividade alimentar, marca, assim, uma atitude por parte do sujeito idoso que o deixaria mais próximo de um ideal de juventude e beleza.

Direcionados para o sujeito idoso, no enunciado “*comer pouco (mas pouco mesmo) prolonga a vida*”, a atitude alimentar e o discurso médico são articulados dentro das formações discursivas que compõem o sistema dos dispositivos midiáticos, tendo como fundamento, o discurso científico, que coloca o “corpo velho”, assim como o gordo, “um corpo marcado pela falência moral e que, portanto, deve ser corrigido, modificado e aperfeiçoado” [PEREIRA, 2013, p.168].

Atualmente, o sujeito idoso, que não pratica as “técnicas de si”, está fadado a ser posto fora da margem estabelecida pelos padrões de beleza divulgados pelos veículos midiáticos, tornando-se, à vista da mídia, um corpo “anormal”. Mas o que é possuir um corpo velho anormal?

Soa-nos estranho colocar a velhice como algo fora das regras, pois a regra é envelhecer, se considerarmos, apenas o aspecto biológico. Porém, o biopoder, através da reverberação discursiva da mídia, propõe para os sujeitos idosos a maneira “correta” de envelhecer.

A segregação identitária, que exclui o sujeito idoso, pode ser compreendida a partir do procedimento de controle que padroniza o que é jovem, belo e produtivo, qualquer outra situação que fuja das características consideradas como propícias, é colocada como anormal.

Dessa maneira, o “corpo velho” velho (em oposição a um “corpo velho” jovem) é posto na periferia discursiva da sociedade devido às suas particularidades que o tornam diferente dos demais, pois o modelo de beleza corrente e espetacularizado é inatingível. Sempre que se acha que o limite está posto, ele estará além, causando uma

ilusão, a ser compreendida mais tarde no âmbito da transgressão, que envolve não só a mídia, mas todo um conjunto de instituições que delimitam normas para os sujeitos.

3.4 A MÍDIA E O MONSTRO: IDENTIDADES DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO

A relação do “corpo velho” com o que é considerado normal e o que é considerado anormal, pela via da AD, pode ser tomado como espaço de inscrição da memória discursiva e (des)construção de limites pré-estabelecidos.

A mídia propõe aos sujeitos idosos maneiras de envelhecer que normatizam as construções identitárias para velhice e modificam os processos de subjetivação desses sujeitos. Mas isso não significa que as propostas da Mídia sejam todas negativas, pois “[...] a norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, uma espécie de poder normativo” (FOUCAULT, M, 2011, p. 43), que interfere na produção de identidades.

O “corpo velho” pode ser considerado “anormal” no sentido de que fora entendido como instituído fora da norma do que é considerado culturalmente “correto”, em uma determinada época.

A anormalidade é definida e estabelecida discursivamente como resultado de práticas discursivas e não discursivas, fruto de processos históricos e culturais. Nesse ponto, as ideias de Foucault [1997] são vitais para as nossas análises, pois essas ideias contestam o que é anormal e desnaturaliza aquilo que a mídia coloca como verdade absoluta.

Do ponto de vista histórico, as anormalidades estavam ligadas ao crime, ao mal, às aberrações [FOUCAULT, 2011a]. As construções identitárias atuais dos idosos e outros sujeitos, que destoam do padrão do corpo ideal, têm o mesmo efeito de marcar negativamente e excluir esses corpos alheios à norma.

Na perspectiva foucaultiana, a relação de poder de corpos normais/corpos anormais refere-se a um passado histórico ainda bastante atual, encoberto apenas pelo discurso da oportunização e da acessibilidade. Assim, não importa se o sujeito é velho, gordo ou deficiente, o que está em jogo são as microrrelações de poder que tornam esses

sujeitos aceitáveis ou não, pois o efeito de flexibilidade da norma funciona como uma oportunidade para que esses sujeitos se encaixem nela.

No livro **Os Anormais**, Foucault [2011a] afirma que essas relações podem desdobrar-se em locais de poder a favor da hegemonia da norma. O livro apresenta um percurso genealógico da noção de "anormal", constituída durante o século XIX. Inicialmente, a constituição da norma ocorre no embate entre os saberes jurídicos e penais, até uma psiquiatrização do desejo e da sexualidade, no fim do século XIX.

Foucault [2011a] afirma que o grupo dos anormais se constituiu em correlação a um conjunto de instituições de controle, com uma série de mecanismos de vigilância e de disposição dos elementos na rede dos poderes. Esse grupo se formou a partir de três categorias: o monstro moral, o indivíduo a corrigir e o onanista. Falaremos, aqui, apenas do monstro, que não é o monstro moral, como definirá Foucault [2011a, p. 64, 68,78-89]. Esse autor afirma que o monstro moral surge no romance gótico, no século XIX com a publicação dos textos do Marquês de Sade. Essa categoria relaciona os saberes da Medicina e do Direito dessa época e coloca a criminalidade diretamente ligada à possibilidade de todo criminoso de ser um monstro em potencial. A relação da patologia com o que é considerado fora das normas sociais pré-estabelecidas, ou ainda, do criminoso com o patológico, passa a figurar dentro do funcionamento das tecnologias características de controle do poder de punir. Uma das formas de monstro moral é o político, que pode ser entendido como aquele que exerce o poder de forma a perturbar a ordem pública, infringido o pacto social fundamental.

A partir dessa categoria do monstro moral, pretendemos pensar sobre o sujeito que focalizamos na nossa pesquisa. Foucault diz que esse monstro é marcado por dois elementos: o jurídico e o biológico. Existe uma norma cultural, cuja exigência postula que o sujeito seja ou não de determinada forma, esteja ou não dentro de uma determinada ordem, e esse tipo de ordem é marcada pelo corpo.

No domínio constituído pelo “corpo velho”, existe a necessidade de um controle fundamentado nas disciplinas dos biopoderes, tal como vem acontecendo nas últimas décadas, especialmente com a exacerbação de uma política do corpo jovem, quando da busca pela manutenção da vida propiciando o acontecimento de enunciados como “*Você quer envelhecer... assim... assim... ou assim?*”, conforme consta na imagem a seguir.



Figura 31 Você que envelhecer... - Revista Veja 23/06/2010

Tendo isso em mente, quando lemos a matéria exposta ao lado, observamos os seguintes enunciados: “*Quem pode e gosta de cuidar da aparência consegue cruzar os 60 muito bem – desde respeite os seus limites*”. “*MAIS OU MENOS LISO – Variações sobre o bisturi: Brigitte que nunca usou, Úrsula, que usou demais e Helen que fez a coisa certa*”. Os sujeitos, que são considerados “monstros” no sentido foucaultiano do termo, são justamente aqueles que fugiram dos padrões de beleza normatizados pela mídia e que provocaram uma ruptura na ordem discursiva social da manutenção da juventude.

A fabricação desse corpo a-temporal nos remete a uma questão pensada por Michel Foucault no estudo do enunciado e nos faz perguntar: “por que este corpo e não outro em seu lugar?”.



Figura 34 Dieta Já. Jun./2004



Figura 33 Dieta Já. Abril/2006.



Figura 32 Ana Maria, 10/01/2014

As micropráticas estão na base de formação dos poderes que regem a construção discursiva do corpo velho. Ao impor um corpo que aparenta ter vinte ao um sujeito que já passou dos sessenta, cria-se uma tensão entre a imagem que se deseja alcançar e o corpo que ainda não foi totalmente moldado pelos biopoderes.

Portanto, o envelhecimento do corpo, representado nas revistas, anula a ideia de uma velhice destinada ao abandono e à falta de cuidados. Assim, são fabricadas identidades, dando margem à criação de um mercado de consumo específico para essa faixa etária através do oferecimento de mercadorias como um novo vestuário, novas formas de lazer e de relação com o corpo e os afetos.

A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é constituído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. Dito de outro modo, há um carácter primitivamente prescritivo da norma, e é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do normal e do anormal se tornam possíveis. Essa característica primeira da norma em relação ao normal, o fato de que a normalização disciplinar vá da norma à demarcação final do normal e do anormal, é por causa disso que eu preferia dizer, a propósito do que acontece com as técnicas disciplinares, que se trata muito mais de uma normação do que de uma normalização [FOUCAULT, 2008b, p.74-75].

As micropráticas estão na base de formação dos poderes que regem a construção discursiva do corpo velho, tornando o corpo um lugar de circulação de poderes. Se existe a necessidade de propor um corpo magro e sarado mesmo depois dos sessenta anos, é porque há um discurso contrário, baseado em práticas as quais a mídia não valoriza.

R7 Portal R7
 Betty Faria, aos 72 anos, fala sobre fotos de biquíni na praia:
 "Fiquei com raiva porque me arrasaram" <http://r7.com/Na8X>

"Pude viver momentos de beleza, não tenho mais, mas não é por isso que não vou poder ir à praia de biquíni. Não sou ressentida, posei três vezes para a Playboy e tenho o direito de ficar velha"

(Foto: Andre Freitas/AgNews)



Curtir (desfazer) · Comentar · Compartilhar · **Bate-papo (Desativad**

116.355 · 15.268 · 9.310 · há 18 horas

Figura 35 Facebook, 20/02/2014.

Um fato que ocorreu em julho de 2013, e reverberou nas mídias, retorna esse ano a ocupar espaço pelo mesmo motivo: a velhice e o conceito de beleza. Tal conceito atua como um divisor de águas que coloca qual corpo pode ser destacado, no campo das visualidades e determina qual sujeito deve silenciado, interditado.

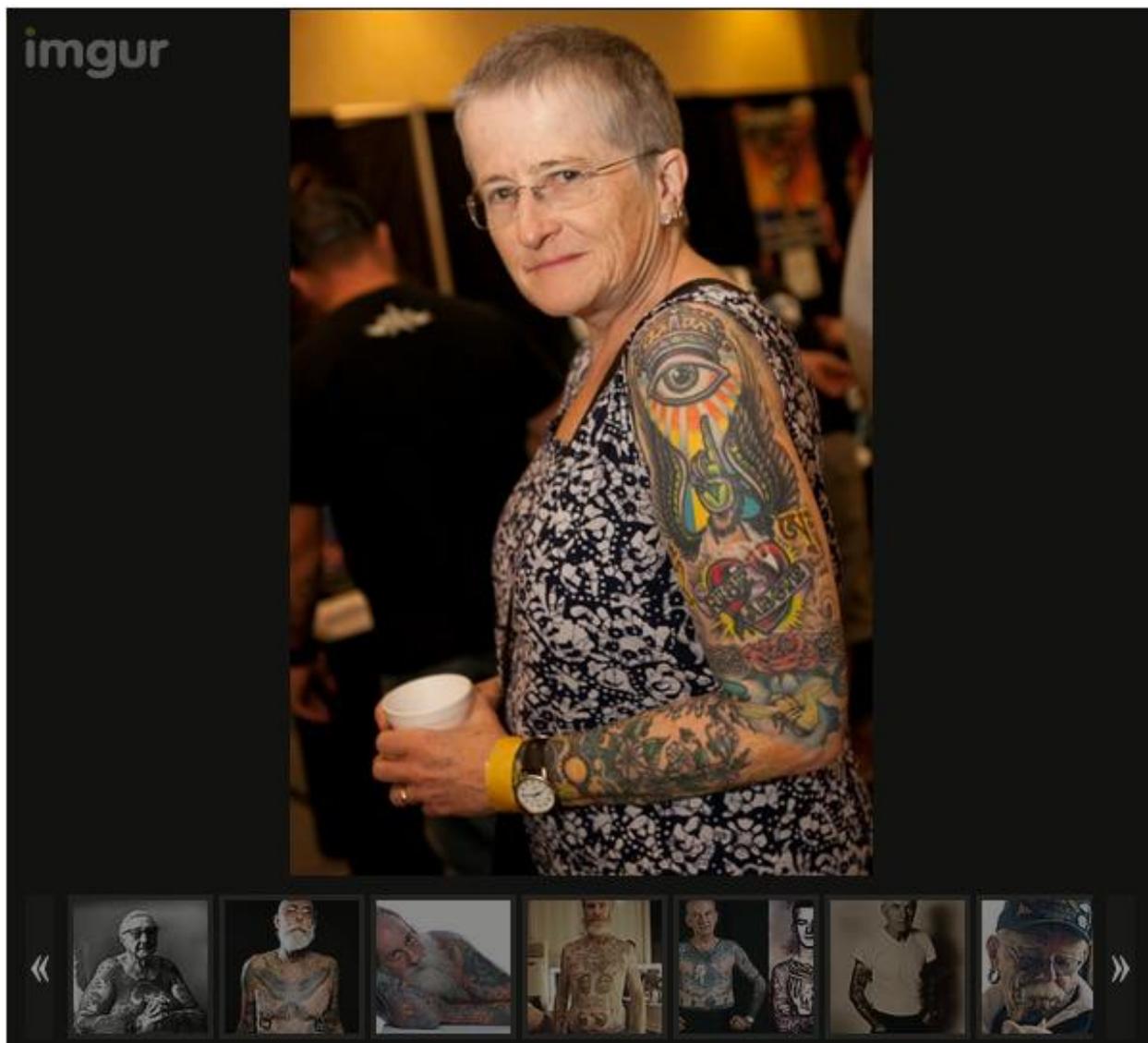
Desse modo, o sujeito detentor de um corpo velho passa a sofrer coerções sociais por expor um corpo esteticamente inapropriado às normas da beleza.

Esse mesmo conceito de beleza vai depender da situação histórico-cultural a partir da qual a mídia vai produzir seus discursos. O “corpo velho” pode se encaixar sim em um modelo de beleza, desde que atenda às normas do biopoder e se torne um “corpo velho” novo.

O corpo do sujeito idoso como um lugar político, arregimenta relações de poder que interditam a imagem de Betty Faria, ao mesmo tempo em que se nota o estranhamento causado por um ideal de corpo que não foi alcançado faz com que a imagem repercuta na mídia em geral, particularmente nas redes sociais.

O fato de a atriz não ser mais dona de um corpo perfeito faz com que a sua “audiência” vocifere contra ela. “Quem vai à praia de burca?”, reclamou a atriz. As construções identitárias propostas pela mídia e as imagens cristalizadas na memória social sobre a velhice não incluem a imagem de uma mulher de 72 anos usando biquíni, mesmo porque esse sujeito não usou de todas as tecnologias médicas e cosméticas, devidamente recomendadas pelo consumo através da mídia, por isso, Susana Vieira pode, mas a Betty Faria não é permitido exibir o corpo.

Esse processo de rompimento de limites que é estabelecido a partir das memórias social e coletiva, dos movimentos de resistência do “corpo velho” e dos processos de interdição dos objetos que perpassam esse corpo é o tema do próximo capítulo.



FONTE: <http://catracalivre.com.br/geral/design-urbanidade/indicacao/mas-e-quando-voce-ficar-velho-idosos-tatuados-respondem-a-pergunta/>

CAPÍTULO IV

“VÉI, NA BOA”:³² RESISTIR, TRANSGREDIR OU... MORRER JOVEM?

³² Optamos por usar, como parte do título deste capítulo, uma brincadeira com a gíria derivada da palavra “velho”, por a gíria ser uma transgressão às normas estabelecidas para a língua, escrita principalmente, transgressão essa que não rompe e nem se opõe aos limites pré-estabelecidos, mas os ratifica [cf. CASTRO, 2009].

4.1 A MÍDIA E A FORMAÇÃO DE UMA MEMÓRIA DE TRANSGRESSÃO PARA O “CORPO VELHO”

Iniciamos a primeira seção deste capítulo explicando mais pontualmente o conceito de transgressão e sua relação com produção identitária para o “corpo velho”, tendo como ponto de partida o entrelaçamento desse corpo com a memória social e com a memória coletiva.

Quando inter-relacionamos os estudos do campo da mídia e os do campo da Análise do Discurso, há uma complementaridade, cuja soma de saberes propicia o enriquecimento de ambos os campos, uma vez que estes têm como foco e objeto as produções de sentido, a partir dos discursos que circulam na sociedade.

A produção discursiva da mídia acerca do “corpo velho” delimita espaços e posições peculiares para o sujeito idoso: a contradição, que é intrínseca ao “corpo velho”, coloca o idoso, através da produção discursiva, ocupando tanto uma posição socialmente inadequada quanto inserida nas normas sociais, como por exemplo, em relação oposta à posição sujeito “idoso-idoso”, o discurso da mídia constrói o sujeito “idoso-jovem”. Isso ocorre em função de um batimento entre memória e produção discursiva.

Dessa forma, serão focalizados, aqui, os efeitos de sentidos dos enunciados sobre a associação do “corpo velho” com a transgressão de limites decorrentes da articulação do discurso, da história e da memória cristalizada da posição sujeito idoso, com a finalidade de provar essa relação “corpo velho” / transgressão na conjugação dos estudos da Análise do Discurso e das Teorias foucaultianas.

Estando este trabalho situado na fase arqueogenalógica de Michel Foucault, em que este teórico alia o estudo da produção dos saberes à análise das formas de exercício de poder, tomamos o sujeito idoso, e os objetos que lhe são concernentes, como constituídos pelo discurso, na condição de prática social determinada historicamente.

A mídia, além de funcionar como um dispositivo de poder, atua na reverberação dos discursos sobre o “corpo velho”, sendo este corpo constituído dentro uma *prática discursiva*, fruto da relação do processo histórico com a linguagem, por isso, essa relação é indissolúvel, pois o primeiro é constitutivo da segunda.

De acordo com Gregolin [2007b, p.13], para podermos entender o funcionamento da mídia é vital analisarmos “[...] a circulação dos enunciados, as posições dos sujeitos aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória”.

Desse modo, traçaremos um trajeto histórico dos sentidos produzidos a partir da constituição da posição sujeito idoso materializada nos discursos da mídia. Para tanto, analisaremos as redes de memória que colocam em evidência o estabelecimento de relações entre as práticas discursivas em que se baseia a transgressão e a produção de identidades para a velhice.

Para Foucault [2009], o gesto da transgressão está fortemente relacionado ao limite, o qual só é possível percebermos, na sua totalidade e origem, a partir do momento em que ele foi transposto. Essa relação em forma de jogo entre limite e transgressão nos dá a sensação de ser gerenciada continuamente e com afimco de forma que o limite sempre se reestabeleça, de uma maneira ou de outra, mediante a transgressão.

Relacionando-a com os limites em nossa sociedade, a sexualidade passa a ter importância na nossa cultura, na perspectiva de Foucault, em virtude da ligação com a morte de Deus, aqui compreendida como “o espaço a partir de então constante de nossa experiência” [FOUCAULT, 2009, p.30]. A morte de Deus dá margem a outras formas de pensamento, mas também aponta para a impossibilidade do mesmo, pois essa morte estrutura, como um esqueleto de nervos, a experiência contemporânea.

Como um limiar da memória, o limite recua e se reestrutura para, então, voltar a ser intransponível. Porém, esse jogo não se concentra apenas nesses dois elementos, uma vez que são incertos e se embaralham quando tentamos compreendê-los.

O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível [FOUCAULT, 2009, p.32].

O limite e a transgressão, tal como a identidade e a alteridade, devem um ao outro a sua existência e a sua densidade material: não há como existir um limite

sumariamente intransponível, pois ele só existe mediante o gesto da transgressão que não se finda em si mesmo, pois o limite, de forma contundente, abre-se para o que é ilimitado, ao mesmo tempo em que, como por osmose, é absorvido por aquilo que rejeita.

A transgressão esterça a “corda” do limite até o extremo da sua existência, ou seja, até transformar o limite. É como forçar uma membrana que cede à pressão mas não se rompe, apenas muda de forma. A transgressão está para o limite como o enunciado está para o discurso. Assim, a transgressão se relaciona com limite, não a partir de oposições, mas de forma espiralada, da qual ele não se pode separar.

A partir dos procedimentos do deslocamento, da irrealização e da ausência, a transgressão vê-se diante do gesto discursivo que a conjura, pois ela não está ligada à ideia de contraponto de alguma outra coisa, mas de oposição ao limite.

Isso não quer dizer negar, mas deslocar, tornar irreal, abrir-se como uma fenda em que a água de um rio desenha seu leito, a fim de que, partindo de um vazio em que a existência não é provada, possamos escavar muitas coisas. Foucault afirma, em seu “Prefácio à transgressão”, que:

A transgressão não está [...] para o limite como o negro está para o branco, o proibido para o permitido [...]. Ela está mais ligada a ele [limite] por uma relação em espiral que nenhuma simples infração pode extinguir. Talvez alguma coisa como relâmpago na noite que, desde tempos imemoriais, oferece um ser denso e negro ao que ela nega, o ilumina por dentro e de alto a baixo, deve-lhe entretanto sua viva claridade, sua singularidade dilacerante e ereta. [...] A transgressão não opõe nada a nada [...], ela toma, no âmago do limite, a medida desmesurada da distância que nela se abre e desenha o traço fulgurante que a faz ser [FOUCAULT, 2009, p. 33].

É a partir da concepção nietzscheana da “Morte de Deus” que podemos entender essa relação existente entre o limite e o “Ilimitado”. A transgressão é um gesto de profanação em um mundo que não possui mais a mesma relação anteriormente estabelecida com o sagrado.

Situando novamente a experiência do divino no cerne do pensamento, a filosofia desde Nietzsche sabe, ou melhor, deveria saber, que ela interroga uma origem sem positividade e uma abertura indiferente à paciência do negativo. Nenhum movimento dialético, nenhuma análise das constituições e de seu solo transcendental pode ajudar a pensar uma tal experiência ou mesmo o acesso a essa experiência. O jogo instantâneo do limite e da transgressão seria atualmente a prova essencial de um pensamento sobre a

“origem” ao qual Nietzsche nos destinou desde o início de sua obra – pensamento que seria, absolutamente e no mesmo momento, uma Crítica e uma Ontologia [...] [FOUCAULT, 2009, p.34-35].

Retornemos, desse modo, à linguagem. O autor supracitado coloca o sujeito filosófico, nessa teorização, no seio de uma linguagem não dialetizada, cujo reconhecimento vai nos levar a entender que não somos tudo e que o sujeito não habita a totalidade dessa linguagem.

A dispersão da subjetividade no interior de uma linguagem na qual se espolia, mas proliferada no espaço deixado vazio, é indicada por Michel Foucault como uma das estruturas fundamentais prováveis do pensamento contemporâneo.

Assim, Foucault encontra uma forma de situar uma linguagem sem o sujeito das propostas da Filosofia e da Fenomenologia, que prometem uma “subjetividade triunfante”, transgredindo, desse modo, essa noção de sujeito, fato que Bataille [1926] já vinha tentando desconstruir em sua obra há algum tempo [cf. FOUCAULT, 2009].

A partir daí, notamos o surgimento de “[...] uma linguagem circular que remete a si própria e se fecha sobre um questionamento dos seus limites” [2009, p.40]. O filósofo francês, para retomar a configuração dessa linguagem, usa a metáfora do Olho para avaliar a legitimidade dessa figura que encontra em Bataille, uma forma de se tornar o ser transgressão de seu próprio limite. Foucault atenta, ainda para

[...] o momento em que a linguagem chegada aos seus confins irrompe fora de si mesma, explode e se contesta radicalmente no rir, nas lágrimas, nos olhos perturbados do êxtase, no horror mudo e exorbitado do sacrifício, e permanece assim no limite deste vazio, falando de si mesma em uma linguagem segunda em que a ausência de um sujeito soberano determina seu vazio essencial e fratura sem descanso a unidade do discurso (p. 43).

No decorrer da obra de Foucault, a noção de transgressão e as experiências-limite passaram a se articular com as noções de práticas de cuidado de si e de resistência. Por isso, essas experiências com a noção de limite, em uma parte de sua obra, nos faz interrogarmos em que medida o espaço da linguagem, em que estão situados os sujeitos idosos “no movimento dos discursos e da constelação dos corpos”, está aberto às experiências do limite e da transgressão?

Há uma máxima que diz “o tempo é o senhor de tudo”, mas como transgredir o tempo senão através da linguagem? Por isso a ideia da constituição de uma memória de transgressão para o “corpo velho”, pois essa relação corporal com o tempo resulta na produção de discursos que tentam propor um movimento de transgressão, que muitas vezes pode ser definido por uma necessidade criada para o sujeito idoso.

Não poderíamos deixar de observar, desse modo, o encontro do “corpo velho” que se tenta governar, através da disciplina e o do controle, com o “ingovernável” – o tempo. O quadro lógico da sintomatologia do “corpo velho” o levará, de uma forma ou de outra, a sucumbir à passagem do tempo.

A mídia tenta propor para os idosos uma transgressão que se fundamenta no rompimento dos limites da passagem do tempo, que deixa as suas marcas no corpo, colocando-o no lugar da mediação discursiva entre o social e o biológico. O corpo do sujeito idoso torna-se, nos discursos da mídia, suporte para a transgressão dos limites impostos pelo tempo.

Desde o advento da biopolítica, as ideias de juventude longa, de produtividade, de corpo saudável, passaram a circular com frequência pelas instituições, mas a partir do momento em que essas ideias passaram a se materializar, nos discursos da mídia, em forma de enunciado, seus vestígios e sua repetibilidade passam a constituir uma memória de transgressão do tempo cronológico e do tempo discursivo.

Partindo da fluidez do sujeito idoso contemporâneo, trazemos para análise (figura 36) o primeiro exemplar (em vinte anos de fundação da revista **Veja**) em que o enunciado materializado na capa faz alusão ao rompimento dos limites do tempo e a imposição de outros, delimitando as possibilidades do próprio tempo.



Figura 36 Veja, edição 1140, 25/07/1990

“Em busca da juventude. Como a ciência prolonga e melhora a vida”. [Veja, edição 1140, 25/07/1990].

A ampulheta contida pelo discurso científico com um nó acobreado funciona como metáfora do tempo e anuncia uma possível transgressão, ao mesmo momento em que “teatraliza” um limite.

Este objeto exposto na capa da revista marca, também, algo que nesse momento, as condições de produção não deixaram vir à tona com maior contundência – o “corpo velho” e a lista de palavras, ou pelo menos uma, dentre as que o designam.

A velhice foi interdita no enunciado *“Em busca da juventude. Como a ciência prolonga e melhora a vida”*, pelo simples motivo de que esse corpo ainda não havia sofrido sua “metamorfose” também discursiva. Nesse momento, tenta-se transgredir o tempo, mas ainda não era possível exibir um “corpo velho” novo, pois “o motivo da transformação dos corpos acontece no momento em que se entra no domínio do interdito” [MILANEZ, 2013, p.17].

Retomando a “morte de Deus”, como a profanação do “Ilimitado”, o tempo, no discurso da mídia, ocupa o lugar de um deus dessacralizado, mas ainda vivo e teimando em escorrer por entre os dedos. Se o tempo estabelece e ao mesmo tempo rompe o limite, como ele funciona nessa “vida líquida” [cf. BAUMAN, 2001]?

Neste ponto é importante destacar a problematização de Claudine Haroche [2008] em seu livro **A Condição Sensível**. Neste livro, Haroche retoma a noção de liquidez. A autora ressalta um descompasso entre a formação do eu no que se refere à

liquidez. Ela diz que a “[...] fluidez destituída intrinsecamente de limites acarreta modificações nas estruturas e pode pôr em questão a possibilidade de estruturação e mesmo de existência do eu” [2008, p. 123].

Essa fluidez torna as construções de identidades para a velhice e os processos de subjetivação de forma tão efêmera que faz do corpo do idoso, um laboratório, na tentativa de controlar³³ o tempo.

Assim, “o esmaecimento das fronteiras entre os objetos materiais reais e imagens virtuais” [op.cit.] propõe o desengajamento em identidades produzidas anteriormente, para, como em um exercício de ascese, romper minimamente as barreiras do tempo discursivo através dos cuidados de si, criando, dessa forma, um efeito de transgressão do “corpo velho”, que reverbera e se cristaliza na memória social ao longo do tempo.



“Viva bem aos cem. Médicos explicam o que fazer, a partir dos vinte anos para manter a saúde e a qualidade de vida na velhice. Confira as dicas dos especialistas em nutrição, fitness, mente, sexo e beleza”. [Isto é, edição 1675, 16/01/2002].

Figura 37 Isto é, edição 1675, 16/01/2002

Porém, como é possível causar esse efeito de intransitividade do tempo? Se na figura 33 (revista **Veja**, edição 1140, 25/07/1990), o tempo estava representado pela ampulheta. Enquanto isso, na edição 1675 da **Isto é**, o relógio sobreposto à face da modelo é que aponta a direção dos fios da produção de sentidos. A introdução, no fio

³³ Nesse caso, exercer ou tentar exercer o controle sobre o incontrolável também é uma forma de transgredir.

discursivo, de um corpo criado para ser “supernatural”, apesar de negar os efeitos do tempo, estabeleceu espaços de transgressão e interdição, propiciando, através da remissão de memórias, especialmente coletivas, a localização de vestígios enunciativos constitutivos de construções identitárias que incluem socialmente os idosos.

Michel Foucault, questionando a velhice e seus aspectos relativos aos cuidados de si, disse que esse exercício

[...] precisa ser praticado durante a vida, principalmente na idade adulta, e em que assume todas as suas dimensões e efeitos durante o período da plena idade adulta, compreende-se bem que o coroamento, a mais alta forma do cuidado de si, o momento de sua recompensa, estará precisamente na velhice. (...) A velhice deve ser considerada, ao contrário, como uma meta, e uma meta positiva da existência. Deve-se tender para a velhice e não resignar-se a ter que um dia afronta-la. É ela, com suas formas próprias e valores próprios, que deve polarizar todo o curso da vida. [FOUCAULT, 2006, p. 134-135].

Os discursos da mídia dizem de forma diferente o que propõe Foucault nesse trecho de **A Hermenêutica do Sujeito**. Embora esse autor e as revistas estejam na mesma direção, a meta da vida é ficar velho, os sentidos são outros, pois as condições de possibilidades também o são. As revistas tratam de veicular os interesses econômicos das instituições, em função da biopolítica. Assim, a proposta de cuidar do próprio corpo ao longo para desfrutar de uma velhice “tranquila” e “feliz” vem satisfazer uma necessidade vital ao desenvolvimento da população idosa.

O enunciado “*Viva bem aos cem*” coloca em questão o “valor ambíguo ou limitado da velhice” (FOUCAULT, 2006, p. 134). Concomitantemente a ficar velho, surge uma imagem de fragilidade corporal e inabilidade para desenvolver certas tarefas, ao depender do auxílio de outras pessoas. O discurso, produzido a partir daí, faz referência à sabedoria e propõe uma forma diferente da greco-romana de se relacionar com o “corpo velho”:

[...] não se diz mais às pessoas o que Sócrates dizia a Alcibíades: se queres governar os outros, ocupa-te contigo mesmo. Doravante, se diz: ocupa-te contigo mesmo e ponto final. “Ocupa-te contigo mesmo e ponto final” significa que o cuidado de si parece surgir como um princípio universal que se endereça e se impõe a todo mundo [FOUCAULT, 2006, p.138].

Na capa a seguir, existe uma intericonicidade que remete tanto a um dos afrescos da Capela Sistina, no Vaticano, quanto à metáfora do tempo publicadas nas duas revistas anteriores.



Figura 38 *Época*, edição 633, 05/07/2010

A metonímia e a antítese das idades, representada pelas mãos de uma criança e de uma idosa, que atam as “extremidades” da vida, aponta o sujeito idoso, na perspectiva do interdiscurso, como aquele que tem experiência, aquele que sabe, mas também o coloca na posição daquele que está próximo do fim. As mãos protagonizam o enunciado da revista, mantendo a sua visibilidade como um ponto de luz que chama a atenção do olhar pelo contraste com o fundo vermelho.

Desse modo, “as mãos se tornam traços que embasam a morfologia de uma identidade corporal determinada por apagamentos” [MILANEZ, 2009, p.217], pois é possível perceber a passagem do tempo em cada corpo pela textura da pele, pelo tamanho e formato das mãos.

No enunciado “*Os segredos da vida longa. Cientistas descobriram os genes da longevidade. Como isso pode nos ajudar a chegar aos cem anos (até você que não gosta de muito exercício e curte uma friturinha)*”, observamos a proposição de uma ascese do “corpo velho”. De acordo com Castro [2009, p.45], os principais sentidos e a função primordial da ascese helenístico-romana, estudada por Foucault, são favorecer as condições de subjetivação do discurso verdadeiro que, neste caso, coloca a revista **Época**, na qualidade instituição midiática, na posição de sujeito da enunciação do discurso verdadeiro.

O discurso médico-científico coloca uma extensão temporal relativa à expectativa de vida do sujeito e multiplica, durante a produção do enunciado, as

“Os segredos da vida longa. Cientistas descobriram os genes da longevidade. Como isso pode nos ajudar a chegar aos cem anos (até você que não gosta de muito exercício e curte uma friturinha)”.
[*Época*, edição 633, 05/07/2010].

possibilidades de transgressão: “*até você que não gosta de muito exercício e curte uma friturinha*”, estabelecendo os cuidados de si como norma.

Através de uma pedagogia do corpo saudável, o discurso médico-científico serve de base para a propagação de um saber perpassado por biopoderes. Esse saber surge como parte da metamorfose discursiva pela qual está passando o corpo do idoso nos discursos da mídia, nas últimas três décadas. Essa transformação discursiva evidencia as sensibilidades desse sujeito e o exagero em relação a sua interpelação pelo discurso do consumo. Além disso, o modelamento desse corpo e sua adequação às normas dos biopoderes atingem o corpo dos idosos tanto no nível do biológico quanto no nível do sujeito discursivo.

Os elementos, por meio dos quais são pontuadas as transgressões do corpo velho, só são possíveis de existir na medida em que desacralizam e desestruturam uma ordem pré-estabelecida, seja ela dada sócio-culturalmente ou determinada pela natureza do tempo cronológico. Esse tempo não é o mesmo proposto para os sujeitos idosos, desde que a mídia começou a gerenciar e a produzir discursos, cujo foco dá visibilidade à população maior de 60 anos, em diversos níveis de aceitação social.

A biopolítica discursivo-midiática nos fez focalizar três pontos principais (a pele, o sexo e a morte) concernentes ao sujeito idoso contemporâneo, que são interditados, pelo menos em parte, nas capas das revistas, e que resumem os lugares de transgressão e de interdição nos discursos produzidos pela mídia para os idosos e nos próprios “corpos velhos”.

4.2 LUGARES DE TRANSGRESSÃO E INTERDIÇÃO: A MORTE, A PELE E O SEXO

4.2.1 A MORTE

*Duas vezes se morre:
Primeiro na carne, depois no nome.*

Os nomes, embora mais resistentes do que a carne, rendem-se ao poder destruidor do tempo, como as lápides.
(Manuel Bandeira)

A morte está em nossas vidas desde o momento em que nascemos. Se ponderarmos bem, morremos um pouco a cada segundo, por isso, a fase da vida caracterizada como velhice, tem como característica a percepção da proximidade do fim através da morte. Porém, aqui não trataremos apenas de morrer, trataremos de como morrer e o quão interdito discursivamente e transgressor pode ser esse fato da vida.

Discutiremos, neste tópico, as práticas de si em torno do questionamento da morte como uma das dimensões do **cuidado de si** (*epiméleia heautoû*), como uma das disciplinas dos biopoderes, na constituição do sujeito idoso, tendo como ponto de partida as ideias reunidas e teorizadas por Michel Foucault em “**A Hermenêutica do Sujeito**”. Na parte que trata sobre a velhice, na qual nos deteremos com mais calma, Foucault traça um percurso sobre o pensamento dos teóricos greco-romanos desde antes de Cristo até o fim do período helenístico.

A noção do **cuidado de si**, na cultura greco-romana, era um ensinamento de vida, alicerçado em uma série de práticas que remontam à Antiguidade e às formas de pensamento anteriores a Platão e que não eram precisamente filosóficas, porém, eram geralmente muito valorizadas nessas culturas.

Para falar sobre a velhice, primeiro Foucault elenca uma série de pensadores como Platão, Sêneca e Cícero, dos quais são expostas as ideias sobre como chegar à velhice, para depois começar a exibir as suas próprias ideias sobre a velhice e a morte.

Quando Michel Foucault [2006] cita Cícero, no momento em que este discorre sobre a velhice, por exemplo, o filósofo francês traz à tona a ampla discussão promovida por esse escritor em **A velhice saudável**. Já com oitenta e quatro anos de idade, Cícero, cujas ideias são descritas por Foucault, define a velhice de forma plácida

e suave como reflexo da nobreza exercida pelo sujeito durante todo percurso da vida, tranquilamente e sem corrupção.

Foucault refere-se, ainda, a Platão, que morreu com oitenta e um anos e em plena atividade de escritor, e a Sócrates, que redigiu o Panatenaico³⁴, aos noventa e quatro anos. E conclui: “os imbecis é que atribuem à velhice deficiências e falhas” [2006, p. 29].

A forma contemporânea de Capitalismo, que se fundamenta nos fluxos de capitais, privilegiando o consumo material e imaterial, além da produção, dissemina por todo o corpo social, o modelo da empresa, redefinindo os espaços políticos, os corpos, as populações e as subjetividades (DELEUZE, 1998). O “corpo velho”, como uma realidade política e econômica, inserido nesse modelo de empresa capitalista, encontra na morte um dos espaços de interdição.

Foucault [1999] afirma que a interdição direciona seu foco especialmente para as esferas da sexualidade e da política, que logo em seguida, são articuladas aos campos do desejo e do poder.

A disciplinarização dos sujeitos submetidos às normas das instituições médicas, educacionais [e midiáticas], deixa fluir para os “corpos velhos” modulações mutáveis e efêmeras sobre o denominado capital humano no qual se concentra o Neoliberalismo (FOUCAULT, 2008c). Nessa perspectiva, a mídia transmite uma ideia de que o idoso é um profissional dotado de flexibilidade, inteligência emocional e habilidades comunicativas consumíveis em um mercado econômico competitivo.

O sujeito idoso aparece nas redes sociais sempre feliz e aparentando menos idade em sua superfície corporal do que de fato o é. Isso é uma forma de interditar a morte e tentar transgredi-la. Mas não se pode transgredir a morte, pode-se transgredir com a morte, como mostraremos mais adiante.

O modelo proposto para uma velhice ativa que emerge nos discursos atuais de forma nodal, precisa ser questionado em virtude das novas modalidades de inserção do idoso no mercado de trabalho e de consumo. Essas modalidades promovem os dotes intelectuais em detrimento dos dotes físicos das pessoas acima de 60 anos.

³⁴ Obra escrita para ser publicada nas grandes Panateneas, celebradas no terceiro ano de cada Olimpíada, em honra a Palas Atenas, a deusa da sabedoria.

O discurso do consumo é tão voraz que atinge o “corpo velho” até na hora da morte. Há cemitérios particulares que oferecem serviços especiais de manutenção dos corpos e a fabricação de uma imagem pós-morte. Isso não se fala, apenas acontece. Deleuze e Guattari [1993, p. 208] afirmam que

[...] a morte pode ser assimilada a um estado de coisas cientificamente determinável, como função de variáveis independentes, ou mesmo como função do estado vivido, mas aparece também como um acontecimento puro, cujas variações são coextensivas à vida.

Propor uma positividade para a velhice é uma forma de excluir a morte dos discursos da vida, tornando-a livre de paradigmas pré-estabelecidos, pelo menos até o próximo “nó” nas redes discursivas e a próxima fissura na malha dos micropoderes. A velhice, como momento de suprema liberdade, usa da resistência para transformar-se em algo diferente da morte, do esquecimento, atravessando o estágio de transição atual para se abrir a outras possibilidades, que não apenas essas propostas de juventude eterna reverberadas pela mídia. É nesse sentido que podemos compartilhar da afirmação de Deleuze e Guattari [1993,p.9]:

Há casos em que a velhice dá não uma eterna juventude, mas ao contrário uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um dardo que atravessasse as eras [...].

Certeau (2009, p.264) afirma que “os moribundos são proscritos (*outcasts*), porque são os desviantes da instituição por e para conservação da vida”. Mas quando o sujeito, que até então não era considerado passível de morrer nem tão cedo, resolve dar cabo da própria vida? E quando a expectativa de vida supera as expectativas? Quais efeitos de sentido isso acarreta?

De acordo com Michel Foucault (1999b, p.127 -130), desde a Idade Clássica, o poder sobre a vida e sobre a morte concernia apenas ao soberano. Mas com a evolução das épocas, especialmente a partir do século XVII, esse poder foi atenuado e modificado. Assim, na sociedade disciplinar, o poder era o “[...] direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la”. Mas com o aparecimento do biopoder surge uma espécie de poder baseado na regulamentação da vida, fundamentado no seu prolongamento.

Esse tipo de controle, contemporaneamente, vem incidindo sobre os discursos da mídia sobre a vida, auxiliando no processo de interdição da velhice como símbolo de doença e morte, pois o problema não é mais “fazer viver e deixar morrer”, agora é uma questão de intervir e usar a medicina para se continuar vivo a qualquer custo. Não é a velhice ou o envelhecimento o tabu, é a morte.

Quando pensamos em espetacularização da vida e da morte de idosos pela mídia, observamos os aspectos que fazem o prolongamento da vida saudável além dos 70 anos como uma forma de exibir o potencial econômico de cada sujeito idoso.

O conceito de espetáculo que utilizamos é o que se passou a designar simplesmente como os “excessos midiáticos”. Para essa perspectiva, o “espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos”. (DEBORD, 1997, p. 171).

Nos excertos a seguir, até fala-se da morte, mas o discurso converge para a vida prolongada do arquiteto, que provocou estranhamento por se manter ativo além dos cem anos, mas ao mesmo tempo colaborou para a divulgação das tecnologias de vida, embora algumas não pudessem ser aplicadas a ele, por isso a necessidade de se propor uma justificativa para esse desacordo entre o corpo físico e o político.

Excerto3: “*UMA VIDA MAIOR*”. Niemeyer no seu escritório em 2007. O arquiteto incansável teve uma vida maior, mais longa e mais produtiva do que seria razoável sonhar (Revista Época, 10 de dezembro de 2012).

Excerto4: *Despedida: O corpo de Niemeyer sai do Palácio do Planalto, em Brasília, depois do velório. No fim, ele foi cercado pelo poder e pelo povo na cidade que ajudou a erguer* (Idem, ibidem).

Debord (1997) enfatiza que o estágio espetacular da sociedade é o momento em que o processo de acumulação capitalista avança sobre a vida cotidiana com fins de organizá-la para o consumo. Assim, quem adquire a revista falando sobre a morte, comprará o conceito não da morte, mas as ideias que levam ao consumo de produtos para a sustentabilidade da vida.

Excerto5: *Viver 104 anos é para poucos: apenas a sorte de uma genética rara explica a longevidade excepcional de Niemeyer, um homem que fumou, bebeu, comeu carne – e soube viver* (Idem, ibidem).

Excerto6: *...mas o estilo de vida não explica superidosos como Niemeyer* (Idem, ibidem).

A inserção do discurso científico na base de sustentabilidade dos discursos acerca da morte de Oscar Niemeyer propõe um explicação de cunho genético como uma forma de tentar amenizar discursivamente “os custos” da vida. Neste caso, é ressaltado o fato do arquiteto ter vivido bastante e produtivamente, não a sua morte. A visibilidade recai sobre seus feitos, não sobre o seu desaparecimento.

A seguir, discutiremos como se construiu e se transformou o discurso acerca do suicídio, montando, assim, uma arqueologia do discurso católico para o suicídio, que coloca o suicida como um transgressor da vontade de Deus.

Foucault, na **aula de 17 de fevereiro, segunda hora do curso de 1982**, analisa o poder da escolha de se viver ou morrer no limiar da vida, naquele estágio em que se torna factível a velhice ideal, quando a sabedoria já foi adquirida, bem como levanta o ponto de haver uma simetria no ato de deliberar acerca do suicídio.

O ato de findar a própria vida, como uma fuga de si mesmo, traz a “visão do alto que a ascensão ao topo do mundo, no *consortium Dei*” propicia em virtude do estudo da natureza [FOUCAULT, 2006, p. 336]. O gesto de matar-se coloca o homem diante da mesma relação de poder exercida por Deus, “uma espécie de co-naturalidade ou de co-funcionalidade em relação a Deus” [*op.cit.*].

O conceito de salvação é tão importante para o sujeito que transgride as normas da vida. A princípio, esse conceito estava relacionado à proteção, conservação. Porém, esses sentidos, ao longo do tempo, foram deslocados, passando por várias condições de produção, desde os filósofos gregos até o Cristianismo. Foucault diz que o conceito se

[...] inscreve, ordinariamente, em um sistema binário. Situa-se entre a vida e a morte, ou entre a mortalidade e a imortalidade, ou entre este mundo e o outro mundo. A salvação faz passar da morte para a vida, da imortalidade para a mortalidade, deste mundo para o outro. Ou ainda faz passar do mal ao bem, de um mundo da impureza a um mundo da pureza, etc. Portanto, está sempre no limite, é um operador de passagem. [FOUCAULT, 2006, p. 222].

Foucault [2006] continua propondo que o conceito de salvação, nessas condições históricas de possibilidades, remete a uma operação complexa, na qual o sujeito é responsável pela sua própria salvação, porquanto se torna ele o seu agente e o seu operador, mas que também é necessário **O/outro**, cujo papel é muito variável e difícil de definir. Por exemplo, no período denominado platônico-socrático, em que a salvação podia ser mediada pela cidade ou pelo cuidado consigo mesmo. Mas o que está em jogo, “é a transgressão, a falta, a falta original, a queda, que tomam necessária a salvação” [FOUCAULT, 2006, p. 223].

De forma que o suicídio, antes considerado crime juridicamente, passa a apenas escandalizar as estruturas sociais, principalmente quando o sujeito que comete o ato, pela lógica social, estaria fadado a desencarnar naturalmente.

Pensando nesse rompimento abrupto da vida, lembramos-nos do fato de o ator Walmor Chagas [1930 -2013], octogenário e diabético, ter cometido suicídio, rompe com a cadeia lógica do biopoder e da biopolítica, mas é a mídia que torna o suicídio um acontecimento:

Excerto 1: *A morte do ator Walmor Chagas, na última sexta-feira, revela uma triste realidade no país: a alta taxa de idosos que dão fim à própria vida.* (COLLUCCI, Cláudia. *Folha Online*. 24 de janeiro de 2013)

Excerto 2: *As taxas elevadas entre os mais velhos ocorrem no mundo todo. Há vários fatores associados, como a perda de parentes referenciais, sobretudo do cônjuge, solidão, existência de enfermidades degenerativas e dolorosas, sensação de estar dando muito trabalho à família e ser um peso morto, abandono, entre outros* (Idem, ibidem).

Dando menos importância às questões subjetivas do suicida, o que marca na espetacularização dessa morte é a exposição, através de uma figura da mídia, de uma estatística que rompe com a moral religiosa, especialmente a moral cristã. O sujeito que tenta ou consegue cometer o suicídio, de acordo com essa moral, está condenado ao inferno. Deus, assim como o soberano absolutista, é quem possui o direito a gerir a vida.

Quando o “cuidado de si” em suas práticas tornou-se uma forma de existir, a arte de viver e seu entrelaçamento com uma arte de morrer passou a ter como consequência o esvanecimento das preocupações e os medos relacionados ao fim da vida. Com a

finalidade de “encarar” a morte sem se prender às fobias do dia-a-dia, morrer torna-se um instrumento de transgressão, à revelia de sua interdição discursiva.

Não sendo uma apologia ao suicídio, mas ao direito de gerenciar a própria vida, para além da proposta da mentalidade cristã-católica, em que uma vida de trabalho de elaboração do si para o si objetivando a transformação do “eu”, do ser sujeito, pelo processo de conversão-salvação, para encontrar uma espécie de saber que proporciona uma existência preparada para os seus inerentes percalços, uma alma soberana, a plenitude na velhice, a perspectiva da morte como um aspecto natural da vida.

Assim, tanto no **excerto 1** quanto no **excerto 2**, a determinação do sujeito em morrer suscita à busca por explicações sejam elas científicas, religiosas, emocionais ou econômicas, pois é preciso “esclarecer a sociedade” sobre o fato, embora o suicídio exista desde tempos imemoriais. Mas só foi possível observá-lo em idosos a partir do último século, quando a expectativa de vida aumentou.

Dessa forma, o sujeito que, a princípio teria 60 anos de vida ou um pouco mais, depara-se com um “bônus” de pelo menos vinte anos. Por isso, “[...] essa obstinação em morrer, tão estranha e, contudo tão regular tão constante em suas manifestações, portanto tampouco explicável pelas particularidades ou acidentes individuais, foi um das primeiras surpresas de uma sociedade [...]” [FOUCAULT, 1999b, p.130] que tem a vida como um grande espetáculo.

Quando pensamos em espetacularização da vida e da morte de idosos pela mídia, suas formas de interdição e transgressão, observamos os aspectos que fazem o prolongamento da vida saudável além dos 70 anos uma forma de exhibir o potencial econômico de cada sujeito idoso.

4.2.2 A PELE

*Como um suco de lágrimas pungidas
 Ei-las, as rugas, as indefinidas
 Noites do ser vencido e fatigado [...].
 (Cora Coralina)*

A epígrafe, que abre essa seção, trata de uma das características da velhice que incidem sobre o corpo velho e que são interditas pelas disciplinas dos biopoderes. Essas disciplinas propõem uma “moral” da pele lisa, fazendo com que o sujeito idoso sinta-se desconfortável dentro da própria pele, diante dos fragmentos identitários que o colocam à margem de uma sociedade perfeita e idealizada, como nos processos de eugenia ocorridos durante as guerras mundiais.

No entanto, aqui não são etnias ou credos que precisam ser “reconfigurados” ou, nos casos mais graves, extintos, mas sim as linhas de expressão e rugas que marcam na pele de cada sujeito, a sua própria história cotidiana.

A pele, que “envelopa” o “corpo velho”, aparece em diversas vezes como alvo de interdições e transgressões, revelando-se ao outro como “um envelope frágil e que convida às penetrações físicas e às intrusões psíquicas” [Anzieu, 1989, p.38].

O corpo “racializado” do idoso, a partir das inscrições do tempo na pele, é confinado e transgredido em sua “cápsula” protetora, cuja função psicanalítica coloca o sujeito idoso diante dos processos de subjetivação. Tais processos fazem o idoso burlar as normas estabelecidas, mesmo que seu gesto de resistência seja permanecer parecendo velho, em decorrência das condições financeiras.

A partir dos discursos sobre a pele dos idosos, a linguagem e sua manifestação nas trocas do cotidiano constroem imagens de referência que possibilitam a existência de uma memória de texturas epidérmicas a partir da qual é possível nos identificarmos de maneira subjetiva como membros de determinados grupos sociais e etários.

Trata-se, portanto, de pensar a relação do “ser-si”, definindo a maneira de como o sujeito idoso estabelece, através da própria pele, as ligações consigo mesmo, acentuando os elementos dinâmicos das formas de subjetivação.

O indivíduo, na condição de “Eu” subjetivo, é deslocado, quando o discutimos a partir do campo da AD. Nesse sentido, ele se torna um sujeito discursivo-social, cujas possibilidades de análises de sua relação com a pele, especialmente durante a velhice, propõem modos de investigação que trazem ferramentas psicanalíticas para o estudo da pele dos idosos através da linguagem.

As ferramentas propostas pela releitura da Psicanálise freudiana propõe, por intermédio de Didier Anzier [1989], a concepção de um “Eu-pele”, que em Freud corresponde ao “self”, ao indivíduo empírico. Essa noção freudiana pode ser relida e deslocada para a noção de sujeito, como propõe Foucault, mas um sujeito que se subjetiva mediante a sensação tátil do toque na pele, uma vez que

[...] toda atividade psíquica se estabelece sobre uma função biológica. O Eu-pele encontra seu apoio sobre as diversas as diversas funções da pele. Esperando proceder adiante a seu estudo sistemático, assinalo aqui brevemente três funções [...]. A pele, primeira função, é a bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno aí armazenados com o aleitamento, os cuidados, o banho de palavras [o seio entra aí uma realidade totalizante]. A pele segunda função, é a interface que marca o limite com o de fora e o mantém no exterior no exterior, é a barreira que protege da penetração pela cobiça e pelas agressões vindas dos outros, seres ou objetos. **A pele, enfim, terceira função, ao mesmo tempo que a boca e, pelo menos, tanto quanto ela, é um lugar e um meio primário de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes; é, além disso, uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações.** (grifo nosso) [idem, ibidem, p.45].

Essas relações com as marcas corporais fazem da pele dos idosos (mas não só ela) um espaço em que se identificam não apenas as individualidades e as texturas que lhes são peculiares, mas todo um processo histórico que constrói as identidades aceitáveis para o “corpo velho”. Através da pele, essa faixa etária é inserida em um processo de “tribalização”, causado por marcas do tempo na pele ou por tatuagens, determinando o sujeito idoso, tanto por suas ações quanto por sua forma de propor ideias.

O “ser si mesmo” é ter uma pele própria e servir-se dela como um espaço onde se colocam as sensações no lugar [idem, ibidem, p.57], em uma rede complexa de discursos que possibilita ao sujeito idoso identificar-se ou ser identificado como grupo.

O corpo do sujeito idoso é colocado como instrumento de práticas sociais e invólucro material das formas conscientes e das pulsões inconscientes, suscitadas pelos mecanismos de controle do corpo.

Como afirma Courtine [2009c, p. 10], antes do século XX, o organismo não havia sido penetrado pelas tecnologias de visualização médica tão veementemente, o corpo não conhecera uma superexposição tão obsessiva, nunca as imagens das brutalidades sofridas pelo corpo nos campos de concentração durante a Segunda Guerra tiveram equivalente em nossa cultura visual.

O século XX criou o monstro espetacular, mas também definiu um certo modelo específico de beleza que perpassa as faixas etárias.



Figura 39 *Época*, edição 298, 02/02/2004



Figura 40 *Época*, edição 519, 28/04/2009

Diante das capas da revista *Época*, edições 298 e 519, observamos as possíveis estratégias discursivas e os tipos de enunciados que colocam a interdição das rugas, por meio da disseminação de tecnologias de biopoderes e de “técnicas de si”, tendo como base de sustentação o discurso médico.

Essas estratégias transgridem a velhice arquetípica, propondo uma moral da pele lisa, que “leva o indivíduo, não simplesmente a ações, sempre conformes aos valores e às regras, mas também a um certo modo de ser característico do sujeito moral” [FOUCAULT, 2010c, p.36].

É interessante notar que os enunciados “*Conheça as novas técnicas de beleza que fazem a pele perder as rugas e ganhar o brilho de 20 anos atrás*” e “*os segredos das mulheres que são lindas – e tem rugas*” dialogam sempre com imagens femininas, mostrando o antes e o depois ou, ainda, mostrando gerações diferentes, mas com estruturas corporais muito próximas.

Não é de hoje que a mídia insiste em associar a feminilidade à beleza. Os sujeitos dessas capas constituem uma “ascética” de si, caracterizando tanto a subjetivação da verdade desta época em relação ao corpo dos idosos, bem como uma atitude de “Modernidade” em relação a essas práticas discursivas que interdita as rugas.

Todavia, no centro dessa disposição permanente, há que se observar os desvios na construção de sentidos de ordem interdiscursiva. Já que as rugas são associadas à feiura, elas precisam ser eliminadas ou, pelo menos, exibidas de maneira a suavizar-se durante a produção imagética, causando um efeito de apagamento da feiura que rompe com os paradigmas de juventude e beleza. Mas quando as rugas, normalmente interditas, constituem a aparência de um modelo de beleza?



Daphne Selfe, a modelo mais velha do Mundo, tem 84 anos (Foto: Reprodução)

Até o dia 26 de abril ainda é possível realizar as inscrições no concurso que promete eleger a mais bela idosa da capital paulista, promovido pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, por meio do Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG).

Figura 41 Be Style, em 16/04/2013

O concurso promovido pela Secretaria da Saúde de São Paulo, através do **Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia**, para promover ações de base biopolítica, apropria-se da imagem da modelo mais velha do mundo, Daphne Selfe, atualmente com 86 anos. O trabalho mais recente dessa modelo, a que tivemos acesso, data de 25 de janeiro deste ano de 2014, publicado na seção **ModaS** do jornal espanhol **El País** [cf. <http://smoda.elpais.com/articulos/daphne-selfe-la-modelo-cuya-48-carrera-despego-cuando-cumplio-70/4392>].

Os discursos médico e gerontológico, situados no espaço das instituições governamentais, são disseminados através dos dispositivos midiáticos, a fim de normalizar uma imagem que, a princípio, transgrediria a imagem de pele aceitável, na concepção do discurso midiático sobre a velhice.

A associação da velhice com a beleza, assumindo inclusive as características que são peculiares a essa fase da vida, é mais um mecanismo do biopoder, que usa o desejo dos sujeitos com o objetivo de controlar o corpo dos idosos, fazendo-os manter uma melhor qualidade de vida para que permaneçam belos.

Sant'ana [2005, p.125] afirma que durante várias épocas, especialmente antes da década de 1950, os conselheiros da beleza eram os médicos e os escritores moralistas que sustentavam a ideia de que a beleza [também da pele] devia transparecer a pureza e a castidade da alma feminina em função da natureza sagrada do corpo [velho] feminino. É possível imaginarmos o choque desses “conselheiros” ao se depararem com a imagem corporal exposta na capa a seguir.



Figura 42 Revista *Época*, edição 408, 13/03/2006.

Courtine (2005), em seu artigo *Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo*, publicado no livro **Políticas do Corpo**, delimita um trajeto histórico da constituição do sentido de esporte como prática de consumo de massa, aspecto característico do modo americano de vida. Esse modo americano de moldar o corpo constituiu uma prática que se tornaria o “*body building*” (fisculturismo) moderno. O fisculturismo é um conjunto de técnicas de exercícios corporais com máquinas e aparelhos que têm por objetivo tornar o corpo uma totalidade de músculos bem definidos que possam ser vistos e apreciados.

O corpo perfeito, nesse discurso, é o atlético, narcisístico, que se põe ao olhar do outro como objeto de espetáculo e que se quer como modelo de saúde estética. Por que não aplicar essa definição ao “corpo velho”, também tatuado?

Não há como escapar dessas reformulações propostas pela mídia e disseminadas socialmente. O corpo velho, fruto da geração que viveu o Maio de 1968 e suas consequências pelo mundo, agora, também é tatuado. É certo que há velhos tatuados de longa data, que se tatuaram na juventude, mas também existem velhos tatuados na velhice. É outra perspectiva de reconhecer-se através da pele. De qualquer forma, a pele do idoso torna-se lugar e instrumento de transgressão por meio da sensação tátil (textura da pele) conjugada com a inscrição na superfície epidérmica.

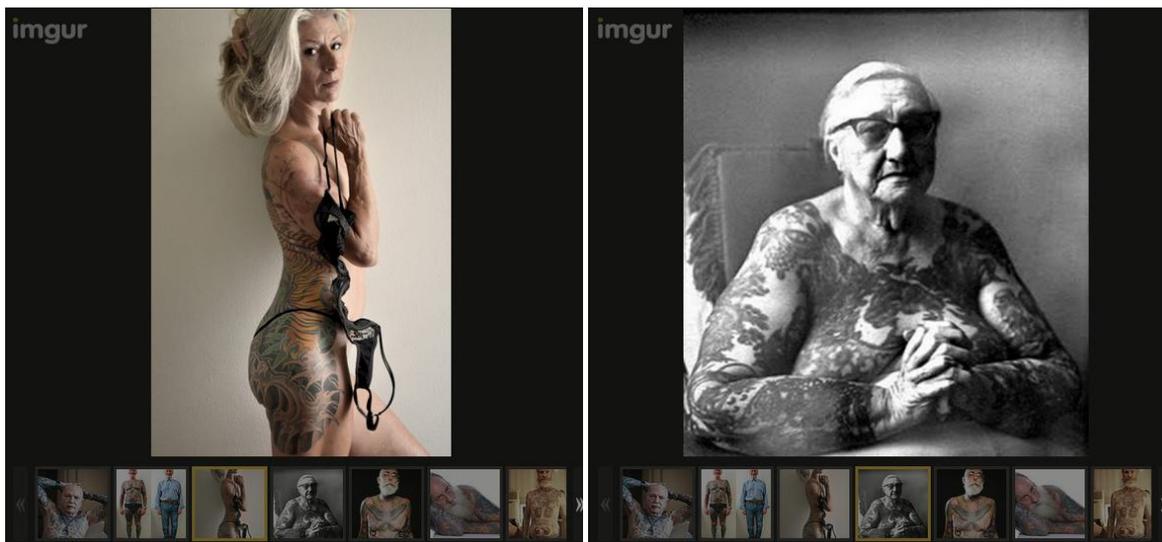


Figura 43 Corpo "velho-jovem" tatuado

Figura 44 Corpo "velho-velho" tatuado

Disponível em: <http://catracalivre.com.br/geral/design-urbanidade/indicacao/mas-e-quando-voce-ficar-velho-idosos-tatuados-respondem-a-pergunta/>

O espaço destinado a essa geração de idosos está configurado a partir da sensualidade da aparência física ou ainda, mediante os adereços inscritos no corpo. Para os sujeitos idosos apresentados anteriormente, a pele tatuada é a “roupa”.

Mas, a transgressão desses sujeitos em relação às normas sociais e aos discursos midiáticos sobre os idosos é a transposição de rituais socialmente aceitos em outras culturas para a cultura ocidental pós-moderna, esvaziando um sentido cristalizado anteriormente para possibilitar outras produções de sentidos.

O gesto de tatuar o “corpo velho” “desorganiza [...], produz um mal-estar simbólico na relação com o ‘outro’ corrompida, corroída por práticas sociais que se historicizam por pesados processos de exclusão, de negação, de segregação, de apagamento, de silenciamento” [ORLANDI, 2004,p.124] do “corpo velho”.

O mesmo valor que coloca a pele do idoso como algo detentor de possibilidades flexíveis também leva o sujeito idoso a textualizar o seu próprio corpo através das mais diversas técnicas, o piercing e a tatuagem.

Do lado de fora, o excesso transborda, tudo é texto, é escrita, e o sujeito se subjetiva escrevendo também para todo lado. Daí a voltar-se para si mesmo é um passo que é dado: o corpo se textualiza. Inscrição no corpo como anúncio/denúncia de que o confronto do simbólico com o político faz

problema (reivindicação de si). Fora: várias camadas de publicidade, de pichações, de letras assinadas nas diferentes superfícies [...] Isso representa como um trabalho do excesso do sujeito no sujeito: transbordando de um excesso de linguagem o tempo todo visível sobre o sujeito, que passa a necessidade de um excesso de marcas visíveis em si mesmo. [ORLANDI, p.270, 2006]

Essa revolução epidérmica do “corpo velho” se acha confirmada em muitas outras perspectivas propostas pelo discurso midiático, pois “as marcas do corpo não identificam apenas individualidades, mas todo o processo histórico que constrói essas identidades” [COITO, 2012, p.73].

Nesse momento, entramos em uma fase de democratização controlada e amplificada das técnicas, tecnologias e esquemas estabelecidos para a manutenção e a promoção das fronteiras que delimitam um corpo aceitável tanto no nível da pele, em ambos os sexos, quanto em relação à sexualidade como um todo.

4.2.3 O SEXO

*Velinhos
Impotentes
Agora
Gozam
Rindo
À toa
(TOLEDO, 2010, p. 32)*

Bérgson argumenta que “o riso é de fato uma espécie de trote social” [2001, p. 101], constituindo, também, um gesto de transgressão, pois uma de suas funções é subverter a norma. É isso que ocorre com a epígrafe dessa subseção. Observe o acróstico, que foi desenvolvido a partir da primeira marca de remédio para disfunção erétil cuja divulgação midiática foi estrondosa: o *Viagra*®, fabricado pela *Pfizer*®, a partir de 1998. “*The blue diamond tablet*”, como consta no site <http://www.viagra.com/>, “diamantes azuis em forma de comprimido³⁵”, que são mais do que um remédio, são uma promessa de felicidade.

O humorista se apropria do *marketing* em torno desse remédio para fazer rir, a partir da ratificação de uma memória cristalizada: “velinhos impotentes”, o que, em termos de efeitos de sentido, está no mesmo nível do arquétipo da “vovozinha”. Ambos carregam a memória social de que o idoso não exerce a sua sexualidade.

O riso também é uma das manifestações do inconsciente, uma vez que “só me dirijo a ele (o Outro sujeito) na medida em que suponho já repousar nele aquilo que faço entrar em jogo em minha tirada espirituosa” (LACAN, 1998, p. 121, *apud* RIGUINI, 2009).

Nessa perspectiva psicanalítica, para o fato de se usar *Viagra*® tornar-se algo risível, é necessário que o discurso da medicalização da impotência seja algo partilhado socialmente. Assim, o acróstico com o nome da medicação só terá os feixes de sentidos que o humorista deseja para aqueles que sabem dos efeitos dessa medicação.

No campo linguístico, o riso é fruto dos deslizamentos de sentidos. Como ensina Maria Cristina Leandro Ferreira (2000, p.107 – 122), o equívoco atinge a língua de várias formas e se manifesta sob as mais variadas marcas sintáticas, materializando-se e

³⁵ Tradução livre.

adquirindo significações. Essa possibilidade de (des)construir os sentidos existe, pois a língua é um sistema sintático passível de jogo.

Dessa forma, é a partir dos equívocos e dos deslizamentos que o riso se instaura na formação do acróstico com o nome do remédio e nos enunciados que o compõem. O enunciado “*Agora gozam rindo à toa*” nos remete a uma imagem ridícula e, no mínimo estranha: um velho tendo um ataque de riso durante o coito. Afinal, o Viagra® serve para curar o mau humor ou a impotência? Pensando bem, serve para curar os dois!

Dreyfus e Rabinow (2010) afirmam que, para Michel Foucault, a questão da sexualidade é um objeto que se constrói a partir da história e não está relacionada com os aspectos biológicos dos sujeitos. Esse autor evidencia que o conceito de sexo também apareceu em um momento particular da história dentro dos discursos sobre a sexualidade. Sendo assim, sua tese central é “de que a sexualidade foi inventada como um instrumento-efeito do biopoder” (*op. cit.*).

Dreyfus e Rabinow afirmam, ainda, que foi devido ao dispositivo da sexualidade, que os biopoderes alcançaram todos os recantos do corpo e da alma, por meio da constituição de uma tecnologia específica, que é a confissão do sujeito individual através da autorreflexão ou por meio do discurso. Essas considerações iniciais sobre o dispositivo da sexualidade abrem caminho para Foucault analisar a tecnologia particular e o discurso do sujeito envolvido na confissão, da mesma forma que propôs as análises das tecnologias referentes à disciplina, colocando as duas tecnologias no campo dos biopoderes, ampliando, assim, a grade de interpretação.

No capítulo sobre o dispositivo da sexualidade, no livro **História da Sexualidade I**, Michel Foucault expõe como ele concebe a noção de poder, propondo-o como difuso no social e presente em todos os extratos da sociedade. A partir dessa definição, ele relaciona essa noção de poder com as de discurso e de sexualidade.

Foucault rejeita a ideia de poder como simplesmente opressor, além de não entender o sexo como algo animalesco, uma força selvagem, a ser domesticada. Então, ele propõe entender como o poder e os desejos se articulam, funcionando como instrumento para coibir a liberdade, possibilitando-nos concordar com a sua vigência, pois o alcance do poder é muito maior.

O discurso jurídico e as leis deixaram de representar o poder de maneira mais ampla, pois ele passou a ser concebido, a partir do século XVIII, de uma maneira que extrapolava os limites de sua definição, criando novas tecnologias de dominação. Nós somos controlados e normatizados por múltiplos processos de poder. Essa visão do poder também é vital para uma história da sexualidade.

A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1999b, p.88-89).

Para Michel Foucault, o poder emana de todas as partes, formando uma rede de relações. Essas relações são dinâmicas, móveis, e mantêm ou destroem grandes esquemas de dominação. Essas correlações de poder são relacionais, pois, segundo o autor, se relacionam sempre com inúmeros pontos de resistência que são ao mesmo tempo alvo e apoio, "saliência que permite a apreensão" (FOUCAULT, 1999b, p.91). As resistências, dessa forma, devem ser vistas sempre no plural.

O autor propõe quatro "prescrições de prudência" no desenvolvimento do seu método de análise. A *regra de imanência* que constitui a produção de saberes e se relaciona com relações de poder; focos de saber-poder.

A regra das *variações contínuas*, formada pelas relações de poder, que não são estáticas e, por isso, essa regra evita a existência da dualidade opressor/oprimido. O *duplo condicionamento* em que os focos locais de controle são condicionados por estratégias globais e vice-versa, provocando um apoio mútuo entre estratégias e poderes.

A *polivalência tática dos discursos*, na qual o discurso não reflete a realidade, articulando o poder e o saber, pois não há discurso excluído e nem discurso dominante. O que há é uma multiplicidade de discursos, inseridos em estratégias diversas. Sendo assim, o discurso veicula e produz o poder. Um exemplo disso é o discurso que instituiu o sexo fora do casamento como pecado, classificando-o como uma afronta à sociedade,

mas também dando a possibilidade de se falar sobre e de se reivindicar espaços e discursos próprios.

Foucault discorre sobre quatro estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer "perverso". Essa nova tecnologia sexual surge no século XVIII, criando uma relação entre degenerescência, hereditariedade e perversão.

O dispositivo da sexualidade, que instituiu o sexo como verdade maior sobre o indivíduo, avançou do controle da carne para o controle dos corpos e dos prazeres. O autor opõe o dispositivo da sexualidade ao dispositivo da aliança, que definia o proibido e o permitido. O dispositivo da sexualidade chega ao auge a partir da ascensão da sociedade burguesa. Estando ligado a esta, ele passou a afetar também as camadas populares, submetidas antes apenas ao dispositivo da aliança.

É a partir dessas considerações que discutiremos como é posto em jogo pela mídia a questão do sexo na velhice. Assim como Michel Foucault, entendemos o sexo como objeto histórico e, por isso, utilizaremos para nos auxiliar em nossas análises, o dispositivo da sexualidade. Esse dispositivo é proposto pela mídia com a finalidade de enredar o sujeito idoso, atuando como um produtor de discursos sobre a ideia do funcionamento do sexo na velhice e sua relação com o consumo nesse período da vida.

E por vivermos em uma sociedade na qual o discurso econômico prevalece e o consumo de bens materiais/imateriais e serviços para a manutenção de um corpo ativo, belo e produtivo é quase uma regra, a sexualidade torna-se cada vez mais alvo dos mecanismos que promovem a aquisição de produtos mantenedores de uma vida sexual ativa, devido à existência de um “lugar” de memória caracteriza a posição sujeito idoso, a partir da negação de uma sexualidade plena no período da velhice.

Há ainda a questão relacionada ao gênero desse sujeito maior de 60 anos, pois, em relação às mulheres idosas, as exigências para que ela fuja do estereótipo da “vovozinha” as atinge à flor da pele. Elas têm a necessidade de prolongarem a juventude para se inserirem na ordem da beleza e, por isso, utilizam-se do Botox®,

fazem plásticas, entre outras formas de medicalização, relacionadas aos cuidados com a estética de si.

Já para os homens idosos, a estética é outra, mas as exigências de consumo do mercado são embasadas pelo discurso midiático, no que lhe é mais caro e íntimo, a sua sexualidade. Assim, com o avanço das técnicas médicas e da associação destas com as ações de marketing das companhias farmacêuticas, algumas “doenças” típicas do corpo velho masculino, como as disfunções relacionadas ao órgão sexual masculino, deixaram de ser silenciadas e passaram a circular nos *mass media*.

De acordo com Azize (2011, p.185), “[...] a publicidade das disfunções masculinas voltada para o público leigo tem este caráter paradoxal: o produto em questão é uma doença, mas a mensagem que se vende é de conforto, dos possíveis resultados, do ideal a ser atingido ou da satisfação a ser reestabelecida”.

Em função das tecnologias propostas pelo dispositivo da sexualidade, as ações de Estado, tendo como intermediária a mídia impressa, passaram a ter como alvo a população idosa. Isso possibilitou que a propaganda institucional focalizasse as novas práticas discursivas que embasam os discursos sobre a sexualidade feminina na terceira idade.

Essa mudança na forma de encarar o sexo nessa faixa etária é também provocada pelo politicamente correto e vêm suscitando diferentes olhares da mídia sobre os corpos velhos. O sujeito exposto na figura 45, na página seguinte, não deixou de sofrer a ação do tempo, no entanto, o fato de estar segurando uma camisinha destoa da construção imagética arquetípica para o “corpo velho”, que é relacionada à inatividade sexual e à falta de perspectiva.

Essa construção imagética arquetípica, nas palavras de Simone de Beauvoir (1990), é fruto de um ideal convencional sugerido às pessoas idosas, em que o medo do escândalo e do ridículo tornam os idosos reféns do olhar do “outro”.

Assim, a propaganda (figura 45) situa-se em um momento de ruptura entre os dizeres sobre a velhice que têm como base o discurso religioso, pregando a castidade e a decência nos dizeres sobre a velhice, sustentados pelos discursos da/na mídia.

A propaganda em questão tem como tema o carnaval, uma festa fortemente relacionada à exaltação da libido e a liberação das pulsões sexuais, tendo como proposta

o afã do desejo na velhice e a ligação dos sujeitos com mais de 60 anos ao mundo erótico, sendo esses sujeitos, portanto, sexuados.



Figura 45 Veja, 25 de fevereiro de 2009

A imagem do sujeito, que aparece na propaganda, é composta por símbolos delimitadores de uma construção identitária para o corpo velho: os cabelos brancos, o formato do corpo, a vestimenta, que ratificam o estereótipo. Os sentidos, que daí derivam, podem apontar para um sujeito cuja fragilidade corporal é apenas aparente.

Os símbolos mudam, fazendo com que essa construção identitária do corpo velho deslize. Observe os enunciados a seguir: *“Bloco da Mulher Madura” / “Use camisinha. É coisa de mulher segura.” / “Sexo não tem idade para acabar. Proteção também não.”*. Tais enunciados só são possíveis em razão do verdadeiro da época em que vivemos e de uma biopolítica midiática.

A biopolítica propõe mecanismos bem mais suaves, perspicazes e economicamente mais racionais do que simplesmente dar assistência. É o que acontece, por exemplo, a partir de um relatório do Ministério da Saúde, divulgado em 2006, que mostra um aumento na incidência de casos de AIDS entre idosos, em razão da mudança de comportamento sexual deles nas últimas duas décadas, graças ao avanço das tecnologias médicas, incluindo a invenção de medicamentos como o Viagra. Dados como esse, ressaltam a necessidade de campanhas de prevenção, incluindo a produção de material publicitário como essa propaganda que estamos analisando.

Isso ocorre devido à necessidade do Estado de não permitir que os sujeitos idosos deixem de ser capazes de produzir, economicamente viáveis e socialmente ativos, em função da falta de cuidados preventivos com a própria saúde.

Observando a propaganda, notamos o jogo entre as expressões “mulher madura/mulher segura” rompendo com a ideia de “santidade” proposta pelas igrejas cristãs para os velhos, o que os afasta da possibilidade de uma vida sexual plena.

Essa ideia recai com maior força sobre as idosas que sobre os idosos, uma vez que os cabelos brancos e algumas rugas não contradizem o ideal de virilidade, principalmente em função de uma cultura machista em que a mulher idosa ou não é o objeto do desejo, mas também devido a uma “sensualização” do benefício de prazer (FOUCAULT, 1999b, p.45), permitido apenas quando o sujeito “confessa” a sua sexualidade.

Portanto, ser madura e segura está relacionado tanto ao fato de ser suficientemente inteligente para usar preservativo durante o coito, quando à possibilidade de a maturidade assegurar confiança suficiente para se expor e não ser apontada como uma “velha devassa”, pois os discursos que circulam na mídia reforçam a imagem de um velho saudável e ativo, inclusive sexualmente, e que tem meios de gerir o próprio corpo.

Dentro do tema da sexualidade, mas contradizendo os exemplos anteriores, segue a crônica de Rui Castro, *Prazeres da “melhor idade”* [cf. anexos]. Através do riso, mostra a virilidade masculina e, principalmente, aborda que a falta dela pode não ser um estágio passageiro, mas condição permanente, digna de tratamento especial pela sociedade:

No outro dia entrei no ônibus e fui dizendo:
 - "Sou deficiente".
 O motorista me olhou de cima em baixo e perguntou:
 - "Que deficiência você tem?"
 - "Sou broxa!".

Apesar dos avanços das técnicas médicas e do aumento, não só da quantidade de vida, mas também da qualidade dessa vida, ser velho ou tornar-se velho ainda é visto como um fardo, pois

[...] a partir do momento em que passam ser a “coisa” médica ou medicalizável, como lesão, disfunção ou sintoma, é que vão ser surpreendidas no fundo do organismo ou sobre a superfície da pele ou entre todos os signos do comportamento. O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. (FOUCAULT, 1999b p.45)

Ser chamado de velho, em determinadas circunstâncias, é até considerado ofensivo. Assim surgem as expressões melhor idade e terceira idade como forma de amenizar as relações de sentido que a palavra “velho” arregimenta e de provocar o consumo de ideias e de produtos da “tecnociência – em sua tácita aliança com a mídia e com o mercado” (SIBILIA, 2011, p.87).



Os segredos de quem tem qualidade de vida na *terceira idade* e o que fazer para chegar lá de forma produtiva e feliz. Saiba quais as oportunidades de trabalho, lazer e bem-estar para os mais idosos no Brasil.

Figura 46 Revista Isto É, 11/06/2011

No enunciado acima, a expressão *terceira idade* não pode ser substituída pela palavra *velhice* sem que os efeitos de sentido sejam outros, pois o vocábulo *velhice* é marcado simbolicamente pelos vestígios de uma memória social da velhice como um “problema social”, uma vez que a instituição da aposentadoria e dos asilos colocaram os idosos à margem das ordens discursivas e sociais.

Ao venderem a ideia de que a *terceira idade* tem seus segredos e só pode pertencer a essa categoria quem soube “envelhecer bem”, a mídia propõe uma espécie de segregação que divide os sujeitos maiores de 60 anos entre aqueles que podem pagar pela *terceira idade/melhor idade* e aqueles que são velhos.

Outro aspecto que chama a atenção na capa da revista é a imagem que remete aos filmes com James Dean, na década de 1950. O homem desse tempo não deixou de ser viril, agora ele é um “gatão da terceira idade”, produtivo e feliz.

Há um ditado popular que diz: “dinheiro não traz felicidade, mas ajuda”. Não é o que propõe o cronista Ruy Castro na crônica “**Prazeres da ‘Melhor Idade’**”, que utiliza o riso para mostrar que ser velho consiste na perda gradativa das qualidades de um corpo viril e da vida socialmente produtiva. Isso acarreta uma série de consequências

para a vida desse sujeito. Um delas, dentro do discurso da sexualidade, está relacionada com a produção de uma “verdade” para o “corpo velho” pela mídia, pois

O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. (FOUCAULT, 1999b p.45)

Adquirindo controle sobre a vida sexual dos idosos, através dos biopoderes, a mídia propõe outras tecnologias. Enquanto o enunciado da revista diz *“Os segredos de quem tem qualidade de vida na terceira idade e o que fazer para chegar lá de forma produtiva e feliz. Saiba quais as oportunidades de trabalho, lazer e bem-estar para os mais idosos no Brasil”*.

Na crônica de Ruy Castro o enunciado que chama a atenção é *“a voz em Congonhas anunciou: “Clientes com necessidades especiais, crianças de colo, **melhor idade**, gestantes e portadores do cartão tal terão preferência etc.”. Num rápido **exercício intelectual**, concluí que, não tendo necessidades especiais, nem sendo criança de colo, gestante ou portador do dito cartão, só me restava a “**melhor idade**” - algo entre os 60 anos e a morte”*.

O termo *melhor idade*, muito mais do que qualquer outro eufemismo proposto pelo discurso do politicamente correto, é um produto a ser consumido. Quem compra essa ideia e os apetrechos mercadológicos da tecnicociência, adquire também a ilusão de estar enganando a morte, porque o grande tabu não é a velhice, mas a morte. Assim, o cronista usa o riso para dessacralizar a morte.

Ruy Castro segue desconstruindo o discurso da potencialização da virilidade masculina que circula nos meios de comunicação e na sociedade de maneira geral, enfatizando os contradiscursos e produzindo um embate com as construções discursivo-midiáticas para a velhice. Por isso, enquanto na piada e na capa da revista, a velhice masculina, medicalizada ou não, põe à mostra a imagem do “gatão da terceira idade”, na crônica a imagem é outra:

[...]dei de olhos com uma menina de uns 25 anos que me encarava... Me senti o máximo. Me aprumei todo, estufei o peito, fiz força no braço para o bíceps crescer e a pelanca ficar mais rígida, fiquei uns 3 dias mais jovem. Quando já contente, pelo menos com o flerte, ela ameaçou falar alguma coisa, meu coração palpitou. É agora... Joguei um olhar 32 (aquele olhar de Zé Bonitinho) ela pegou na minha mão e disse:
- "O senhor não quer sentar? Me parece tão cansado?"
Melhor Idade??? Melhor idade o cacete.

O “gatão da terceira idade”, apesar de toda medicalização e dos efeitos da biopolítica e do biopoder, ainda terá sua identidade construída em razão do olhar do outro.

Isso tem como consequência cotidiana a rejeição às particularidades do corpo velho, consideradas negativas. Assim, para manter-se jovial e produtivo, na medida do (im)possível, é preciso cuidar do corpo através da prática esportiva, da cosmética, de tecnologias médicas preventivas e de tantos outros mecanismos de manutenção da vida e da beleza que demandam o consumo de bens, mercadorias e serviços que têm essa finalidade.

Dessa maneira, os idosos que estão à margem das possibilidades econômicas sofrem um processo de segregação e hierarquização social, em função da “articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro” (FOUCAULT, 1999b, p. 133), portanto para não ser excluído, o idoso deve se esforçar ao máximo para poder continuar sendo importante para o mercado seja através de sua produtividade ou de sua capacidade de consumo.

4.3 BRASIL, UM PAÍS DE "GERONTOLESCENTES"

— *A adolescência vai dos 10 aos 20 anos: a envelhescência vai dos 45 aos 60. Depois sim, virá a velhice, que nada mais é que a maturidade do envelhescente.*

(Mário Prata)

Durante as análises realizadas ao longo da tese, observamos a existência de jogos e relações de poderes que só podem ser materializados mediante a produção de forças complementares e opostas. Essas forças margeiam e ao mesmo tempo constituem, pelo efeito da contradição, a produção discursiva a respeito do “corpo velho”. Só existe um “si” porque existe um O/outro; uma construção identitária só ocorre em função de uma alteridade, há um “corpo velho” em razão da existência de um “corpo jovem”, e só é possível de existir a transgressão por conta da existência dos limites.

Porém, essas relações, aparentemente duais, esbarram na noção de que os limites das coisas não formam uma barreira estanque, mas uma borda.

A existência dessa borda está de acordo “[...] com cada multiplicidade, que não é exatamente um centro, mas é a linha que envolve ou é uma extrema dimensão em função da qual se pode encontrar as outras” [DELEUZE, 1997, p.27]. Por isso, há uma espécie de “devir” em que a multiplicidade das fronteiras é constituída não apenas a partir de entidades simbólicas, como as instituições, mas também a partir das coisas consideradas anormais dentro dos jogos de saberes e de poderes.

Desse modo, o anormal é o elemento transgressor que funciona como borda, abrindo espaço para uma melhor compreensão das múltiplas identidades que ele margeia. Conforme Foucault [2008, p.32], no processo de produção de identidades de inclusão e de exclusão, “[...] o limite abre violentamente para o ilimitado, se vê subitamente arrebatado por aquilo que rejeita, e preenchido por essa estranha plenitude que o invade até o âmago”.

Essa forma de olhar e de propor o “corpo velho”, partindo dos batimentos inclusão/exclusão, transgressão/interdição, dá-nos margem para pensarmos como as identidades relacionadas à velhice podem ser colocadas pela mídia, tendo como ponto de partida, a contradição como elemento central no uso dos biopoderes. Nesse sentido,

as palavras “velho/velha” vêm sendo usadas cotidianamente de forma a seus efeitos de sentidos mais frequentes provocarem a interdição dessas palavras.

Swain (2008) afirma que Michel Foucault, quando discorreu sobre as outras possibilidades da velhice, o seu olhar estava voltado para a população francesa e o seu posicionamento era o de um francês que observa os sujeitos maiores de sessenta anos, definindo-os como um grupo consumidor, voltado para a economia de mercado. Mas no Brasil, o consumo seria apenas um dos vieses.

Sob um ponto de vista binário, o corpo só é velho quando colocado em oposição a uma perspectiva a que chamamos de juventude, mas não é apenas isso, pois esse referente está em um espaço cujos valores são suscetíveis a mudanças, tanto culturais quanto sociais. A velhice se torna, desse modo, uma projeção de um lugar identitário que centraliza as relações de poder existentes entre os sujeitos e a mídia, hierarquizando os lugares ocupados pelos sujeitos idosos para tornar o processo de exclusão mais eficaz.

Ao assumir o discurso gerontológico como uma das verdades de nossa época, colocamos o “corpo velho” “como lugar de memória que trará um novo acontecimento: a valorização do corpo não mais considerado por seus atributos físicos” [MILANEZ, 2009, p.221], mas a promoção de um modo de viver que valoriza características psicológicas, como a experiência, a inteligência e capacidade de resolver problemas.

Mesmo sendo interdita e silenciada em nossa cultura, a velhice é inevitavelmente uma meta que almejamos atingir. A questão não diz respeito a ser velho/velha, diz respeito a como envelhecer. Pois “a velhice é a marca da morte em nossos corpos e peles, em nossos olhos, em nosso olhar, mas também o é a doença, o medo, o ódio, o poder que dissolve as entranhas, ao decretar na norma, o direito à vida” [SWAIN, 2008, p. 261].

É justamente, a partir dessa ideia de juventude e vida “eternas” que o discurso da mídia, por meio de vários veículos (rádio, televisão, jornais impressos, jornais televisionados, revistas, etc.), propaga os discursos médico e gerontológico. Veja o exemplo do Globo Repórter exibido em 20/09/2013, as repórteres Graziela Azevedo e Beatriz Thielmann, ao produzirem a reportagem sobre longevidade, acionaram as vozes

de autoridade de um médico geriatra e de um médico gerontólogo. É importante lembrar que há algumas diferenças entre a Medicina Geriátrica e a Gerontologia.

Debert [2012], no livro **A reinvenção da Velhice**, mostra as construções próprias do discurso gerontológico, como discurso produtor de saberes sobre a velhice, mas que, mesmo assim, tem seu campo de funcionamento regulamentado pelos dizeres da mídia e dos movimentos sociais criados em torno do processo de envelhecimento da população. O discurso gerontológico, nesse jogo entre mídia e os movimentos sociais no Brasil, esforça-se para ter força de verdade e ser legitimado como conhecimento científico. Assim, a autora enfatiza as estratégias usadas para legitimar o discurso gerontológico como científico.

Dentro do campo multidisciplinar, a Gerontologia constituiu o idoso como um problema social e se aplicou em ressaltar para a sociedade brasileira, os problemas desencadeados pelo envelhecimento do indivíduo e da população. Nos últimos anos, o discurso gerontológico aponta para a desconstrução de seu objeto de estudo, dando aos profissionais da Gerontologia a missão de combater a velhice.

Essa transformação do olhar da Gerontologia é fruto do sucesso dos movimentos e programas para a terceira idade que produziram um discurso, cujo objetivo era desconstruir a imagem da velhice com algo negativo e, reunindo um público relativamente jovem, abriram espaços para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas pudessem ser vividas coletivamente.

A diferença entre os profissionais de Gerontologia e os profissionais da Geriatria está na forma de atuação de cada um destes. Os gerontólogos são especialistas da área de humanidades que tratam de analisar o custo financeiro do envelhecimento, definir as necessidades dos aposentados e as formas de resolvê-las, mostrar os problemas que o crescimento da população idosa traz para o prolongamento da vida, em contraposição às taxas de natalidade, entre outros aspectos. Os geriatras são especialistas da área médica e “radicalizam na ideia de construção social” da velhice [cf. DEBERT, 2012].

Retomando o exemplo do **Globo Repórter**, o primeiro médico a expor suas opiniões é Diretor do **Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas da USP**, Wilson Jacob Filho, cuja principal recomendação era

[...] que as pessoas não tenham apenas um único plano, seja o plano alimentar ou da atividade física ou o plano de relacionamento. Questione que o plano pode falhar. Isto lembra muito aquele ditado popular de colocar todos os ovos numa só cesta, de que isto é perigoso pra quem planeja uma vida.

O médico geriatra reproduz os dizeres que circulam na sociedade sobre como manter uma vida longa e feliz e faz perpassar no seu discurso, inclusive, um ditado popular para credibilizar o seu dizer, fechando o ciclo de produção de sentidos desejado pela mídia.

Já o médico gerontólogo Alexandre Kalache, de 68 anos, que aparece no “*frame*” a seguir, atua de forma mais “holística”, intervindo no nível do discurso.



Figura 47 Globo Repórter Longevidade. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1N29g3c-POM>

Nós não vamos envelhecer como os meus avós. Eu hoje sou mais velho do que o meu avô quando ele morreu e ele morreu um velhinho. Eu tenho, agora, vinte, vinte e cinco anos pra me rebelar, pra virar a mesa, pra gritar, pra exigir os meus direitos, ou seja, **eu vou ser meio como um adolescente**, só que eu vou chamar diferente: “**gerontolescente**”. Este termo “gerontolescente” não está no dicionário de hoje. Mas eu lhe garanto, daqui à trinta anos vai estar [grifo nosso].

O gerontólogo discorre sobre os neologismos “*gerontolescente*” e “*gerontolescência*” que significam mais do que sugere a sua relação com a palavra “adolescente”. Esse neologismo está transpassado por relações de poder que garantem uma positividade para a velhice, fazendo que o governo de si e o governo dos outros, no que diz respeito ao “corpo velho”, seja discursivamente mais eficaz no manejo e na promoção da “vida feliz” dos idosos.

Segue na mesma direção, essa crônica escrita por Mário Prata [1997], na qual ele cria dois novos termos para os sujeitos que estão envelhecendo: “envelhecete” e “envelhescência”:

Se você tem entre 45 e 65 anos, preste bastante atenção no que se segue. Se você for mais novo, preste também, porque um dia vai chegar lá. E, se já passou, confira.

Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes: infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto. Esqueceram-se de nos dizer que entre a maturidade e a velhice (entre os 45 e os 65), existe a ENVELHESCÊNCIA.

O escritor, obviamente, não parte do discurso científico para propor o termo "*Fase de Envelhescência*", que vai dos 45 aos 65 anos. Ele o faz a partir de experiências cotidianas. A relação entre as palavras adolescência, *gerontolescência* e *envelhescência* é biopolítica, pois atinge os jovens e os idosos em sua constituição corporal, na qualidade de espécie, e como corpo populacional.

O que torna, minimamente, próximos esses conceitos de *gerontolescência* e *envelhescência* é que ambos fazem relação com o processo de envelhecer, apesar de Prata [1997] estabelecer uma idade cronológica inferior a que é prevista no Estatuto do Idoso. Se bem que na época em que foi escrita essa crônica, as condições de possibilidades históricas de produção eram outras, o que inclui a expectativa de vida da população brasileira inferior a que temos hoje.

A produção de palavras para auxiliar a definição do que é ser velho ou do que é estar envelhecendo ressalta o caráter subjetivo do "corpo velho", mesmo quando há insistência, por parte da mídia, de reverberar arquétipos da velhice como forma de exclusão.

De maneira geral, a idade cronológica funciona como um divisor de águas, quando se está em jogo a posição em que o sujeito ocupa em nossa sociedade. Por isso, ser idoso ou ser velho, discursivamente falando, é muito mais uma questão de pertencimento a uma formação discursiva e a uma construção identitária do que propriamente a uma questão de idade cronológica.

O aparecimento de uma "obsessão dos invólucros corporais" [COURTINE, p.86, 2005], principalmente a partir da década de 1980, produziu outros olhares para o corpo de modo geral e para o "corpo velho".

Na proporção em que os discursos sobre a manutenção da juventude do corpo se proliferavam, a produção de sentidos possíveis para as palavras **velho/velha**, **idoso/idoso**, mediante as condições de produção específicas, foram alterados. Mas isso

não implica dizer que antes dessa década não havia uma tendência de interdição do vocábulo “**velho**”.

As regras, que determinam a ratificação de uma memória e de um efeito de normalização, proporcionado pela biopolítica, a partir de dados estatísticos, incidem no corpo por meio do discurso.

Observamos que os dizeres produzidos sobre o “corpo velho”, a partir dos campos da Pedagogia, da Medicina, da Economia, da mídia, entre outros. além dos biopoderes e jogos de poder que perpassam esses discursos, em que as microrresistências e as transgressões dão o mote, partem da existência de uma memória a cerca do “corpo velho”, para a produção de neologismos como “*gerontolescente*” e “*envelhecete*”.

Observe os discursos e os contra-discursos que permeiam as séries a seguir:



Figura 48 Revista Veja, 23 de junho de 2010

“A velhice é uma
doença sem alta”
Pedintra diz que se acovardou com a idade

Figura 49 Folha de São Paulo,
02/05/1998.

Ao compararmos as figuras expostas anteriormente, verificamos, respectivamente, os seguintes enunciados: “*A hora é agora. Eles já passaram dos 65, mas continuam ativos, saudáveis e bem dispostos. São os idosos jovens*” e “*A velhice é uma doença sem alta*”. Tais enunciados, apesar de uma aparente oposição, fazem parte da mesma formação social, na qual ser **velho** ou ser chamado de **velho** é visto de forma pejorativa, desqualificadora e ou descredibilizadora do discurso dos sujeitos maiores de sessenta anos.

“*Eles já passaram dos 65*”, portanto são **velhos**, mas não se usa essa palavra, na reportagem, porque é socialmente incorreto chamar alguém de **velho**. Porém, é menos desqualificador, independentemente da idade cronológica, ser enquadrado como idoso? Se a resposta for positiva, então por que a necessidade da expressão “*idosos jovens*”?

O apagamento do vocábulo “**velho**” com a associação do termo “idoso” à palavra “jovem” são fruto de uma memória em que a velhice é vista como doença, em virtude da improdutividade e inatividade dos sujeitos nesta fase da vida.

“*Eles já passaram dos 65, mas continuam ativos, saudáveis e bem dispostos. São os idosos jovens*”. A primeira parte do enunciado (“*Eles já passaram dos 65*”) lembra que os sujeitos são velhos, no entanto a conjunção adversativa “mas”, que introduz a segunda parte do enunciado, muda a direção de sentidos.

Isso ocorre, pois segundo Koch [1987,p.107], o morfema “mas” é um operador argumentativo por excelência. Por isso, a informação mais importante do enunciado está colocada após a conjunção. Desse modo, o que a revista quer ressaltar, na reportagem, é a associação da velhice a uma imagem de felicidade.



Figura 50 revista Veja, 25/02/2009.

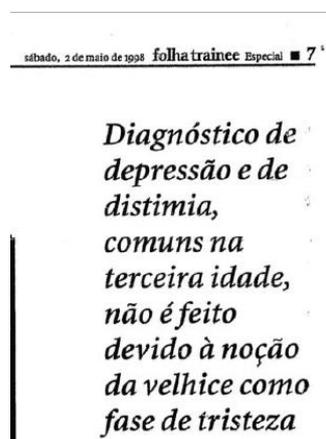


Figura 51 Folha de São Paulo, 03/05/1998.

O mesmo acontece nas figuras 46 e 47 em que observamos, respectivamente, os seguintes enunciados: “*O balanço do vovô. Renascidos das cinzas. Como veteranos esquecidos ganharam nova vida no pop.*” e “*Diagnóstico de depressão e distímia, comuns na terceira idade, não é feito devido à noção de velhice como fase de tristeza.*”

em que a alegria de viver aparece como algo a ser “resgatado”, mas que não é próprio da idade.

Há uma hierarquização na significação das palavras referentes aos sujeitos maiores de sessenta anos: **vovô**, **veterano**, **terceira idade** e **velhice**, em que “velhice” é o termo que mais se distancia do que propõe a normalização do biopoder.

Assim, o uso dos termos dependerá da relação sujeito/atividade/consumo, uma vez que o “vovô” faz todos balançarem com sua música. Por isso, chamar alguém de **velho** ou **velha**, na maioria dos casos, é visto de forma pejorativa, fazendo com que o sujeito enunciador possa sofrer algum tipo de coerção.

Norbert Elias [2001], em seu livro **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**, discorre sobre o funcionamento das regras que determinam a separação dos sujeitos em estratos sociais. Assim, “sociedade de corte”, com a pronúncia do “o” fechada é uma formação social.

A corte constitui, na análise de Elias, o centro das relações sociais, a partir do qual são estabelecidas as relações de poder entre os sujeitos das monarquias francesas de Francisco I e Luis XIV. Já “sociedade de corte”, com a pronúncia do “o” aberta, marca a presença de uma ritualização em que a etiqueta consistia e consiste (devido a uma memória) em um divisor de águas, estratificando a sociedade da época, cuja etiqueta estava inscrita no luxo da monarquia.

A etiqueta funciona, até hoje, como um dos mecanismos que formam as engrenagens dos jogos de poder. Demarcando essa posição histórica da etiqueta, Norbert Elias mostra a ambivalência dos poderes em cada relação social, mesmo porque tanto o soberano quanto os súditos eram submetidos às formalidades coercitivas da etiqueta de corte.

Com a etiqueta, a sociedade de corte procede a sua autorrepresentação, cada pessoa singular distinguindo-se de cada uma das outras e todas elas se distinguindo conjuntamente em relação aos estranhos ao grupo, de que cada uma em particular e todas juntas preservam a sua existência como um valor autossuficiente. [*op.cit.*, p.120]

Essa relação de identificação e “desidentificação”, causada pela etiqueta, faz com que os sujeitos se aliem às regras constitutivas das normas de civilidade, fruto do

“efeito manual”. Esse efeito produz uma necessidade de inserção do sujeito idoso no mundo dedicado à juventude através do discurso pedagógico. É também pelo viés da etiqueta que, neste deslocamento conceitual, para nossa época e objeto, do estudo realizado por Elias, é instaurado o discurso politicamente correto.

O politicamente correto permeia e embasa os outros discursos, como o midiático, o gerontológico, o econômico, por exemplo, promotores de uma interdição contínua do vocábulo “velho”, devido à construção de um lugar de memória e de uma memória coletiva enquadrada no sistema que classifica os comportamentos dos sujeitos ao relacionar-se com o “corpo velho” como civilizado ou não, através das regras de etiqueta.

Apesar de ter havido uma abertura, notadamente nas capas de revistas para a exploração mercantil e controle do processo da velhice, admitindo-se, dessa forma, o vocábulo “envelhecer”. A memória da velhice, como um primeiro passo para o isolamento, interfere nas construções identitárias da mídia para o “corpo velho”, silenciando os dizeres que estão fora da ordem discursiva aceita pela sociedade.



Figura 53 revista Época 28 de abril de 2009



Figura 52 revista Isto É, 01 de junho de 2011.

Nos enunciados presentes nas capas que têm como tema o “corpo velho”, “*a arte de envelhecer*” e “*envelhecer bem*”, o foco não está no fim, mas no processo. Isso

ocorre devido a um “efeito manual³⁶” como procedimento de controle dos discursos pela instituição da mídia, que interdita os vocábulos “velho/velha”, “idoso/idoso”.

Embora a palavra “envelhecer” tenha em sua estrutura o radical “velh-”, os seus afixos deslocam a produção de sentidos para os modos de não se tornar aquele “corpo velho” cristalizado na memória social e refutado como uma identidade aceitável, a partir dos processos de identificação, fruto de discursos presentes na lembrança individual de cada sujeito e cristalizada na memória coletiva, como processo de embasamento da produção de identidades pela mídia.

No enunciado da revista **Isto é**, “*Os segredos de quem tem qualidade de vida na terceira idade e o que fazer para chegar lá de forma produtiva e feliz. Saiba quais as oportunidades de trabalho, lazer e bem-estar para os mais idosos no Brasil*”, a expressão *terceira idade* não pode ser substituída pela palavra *velhice* sem que os efeitos de sentido sejam outros, pois este vocábulo é marcado simbolicamente pelos vestígios de uma memória social da velhice como um “problema social”, uma vez que a instituição da aposentadoria e dos asilos colocaram os idosos à margem das ordens discursivas e sociais.

Dessa forma, a presença do discurso pedagógico de manutenção do “corpo velho” a partir do que sugere os discursos da Gerontologia e da Medicina Geriátrica, provoca uma sensação de legitimidade dos discursos das revistas *Época* e *Isto É* sobre o envelhecimento.

Isso ocorre porque os discursos de base científica têm força de verdade, embora sejam plenamente construídos. Temos como exemplo de discurso de base científica, os discursos da Medicina que se constitui como “estratégia de biopolítica” [FOUCAULT, 2008, p.80]. Assim, a revista **Isto é** propõe um controle sobre o “corpo velho” que tem como ponto de partida a reverberação de discursos sobre a velhice que proliferam na sociedade como um todo.

Partimos da ideia de que o “corpo é uma realidade biopolítica” [*op.cit.*], cujos procedimentos são uma intervenção política do corpo e no corpo. A produção de

³⁶ Cf. Nascimento, Maria Eliza Freitas do. A pedagogia do sorriso na ordem do discurso da inclusão da Revista Sentidos: poder e subjetivação na genealogia do corpo com deficiência. João Pessoa, 2013 (tese). Neste trabalho, ver a definição na página 64.

sentidos das palavras velho/velha, idoso/idosa se dá pela falta, pelos silenciamentos e interdições. Por isso, mídia e as instituições governamentais usam esses procedimentos para “maquiar” uma realidade relacionada à decrepitude dos sujeitos idosos.

A necessidade de trazer para a nossa discussão as noções de lembrança e lugares memória, a partir de Maurice Halbwachs e Paul Ricœur, pois se os efeitos de sentidos produzidos a partir da palavra “velho” remetem a uma negatividade, é porque nos mais diversos níveis de memória resídua, há práticas discursivas e não-discursivas que embasam essa negatividade, na produção de sentidos sobre velhice, tornando o “corpo velho”, um corpo contraditório.

O corpo tem uma grande importância na atualidade, uma vez que é considerado, mesmo na velhice, um instrumento de comunicação que demarca fronteiras identitárias. Assim, o “corpo velho” sinaliza grande parte das relações que os sujeitos idosos mantém consigo mesmos e com os outros, tornando-se um objeto a ser incessantemente renovado, transformado.

Os sujeitos idosos por estarem inseridos, junto com os outros sujeitos, em um mundo no qual a aparência é cultuada, gerando uma série pré-concepções sobre a velhice, que por mais incisivas que sejam, são deixadas no nível da latência.

No decorrer deste estudo, o “corpo velho” foi sendo proposto como uma categorização construída no meio cultural, através da marcação da diferença. Como afirma Woodward,

essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos [WOODWARD, 2003, p.39-40, grifos da autora].

A metamorfose discursiva sofrida pelo “corpo velho” nas últimas décadas constituiu uma transgressão, mas também uma resistência, pois o processo de normalização, que mudou a posição da fronteira, instituiu um novo limite, extinguindo a pretensa transgressão.

No espaço discursivo da mídia, a construção identitária “idoso-jovem”, devido às tecnologias da biopolítica, tornou-se a norma. Porém, não é “qualquer” idoso-jovem que a mídia coloca como uma construção identitária aceitável, Esses sujeitos, além de atender todas as demandas do discurso médico e do discurso pedagógico, de base biopolítica, precisam estar enquadrados em certas normas de consumo.



Figura 54 *Época*, edição 308, 08/04/2004 - Segunda adolescência

Observe os seguintes enunciados propostos na capa da revista **Época**, edição 308: “*Segunda Adolescência: com os filhos crescidos, homens e mulheres entram numa nova etapa da vida – com tempo, dinheiro e disposição, querem diversão e prazer.*”, há uma relação interdiscursiva entre o que está exposto nessa capa e a narrativa de “Peter Pan”, só que em lugar de não crescer, a revista propõe não envelhecer.

Dessa forma, os sujeitos, já tendo cumprido “todas” as etapas da vida, retomam um estágio em que se pode fazer coisas de adulto, ter dinheiro como se imagina que todo adulto tenha, mas não tenha que se responsabilizar com deveres cotidianos. É essa ideia de “segunda adolescência” que a mídia dá visibilidade quando abre espaço em seus veículos, sejam eles audiovisuais ou impressos, para reportagens/matérias especiais sobre a velhice e o envelhecimento.

Uma das características mais marcantes da “modernidade líquida” é a valorização do “novo”. Por isso, a mutabilidade e a capacidade de permanecer ou aparentar ser jovem estão no centro de algumas das contradições do “corpo velho”.

Como mudar com a idade e continuar o mesmo jovem de antes diante dos olhos dos outros? Ser velho demanda um reconhecimento por parte dos outros sujeitos, da mesma forma que ser um “gerontoescente” também demanda esse tipo de reconhecimento.

O olhar do outro é fundamental para a constituição do sujeito discursivo, de modo geral. Por isso, processo de construção de identidades, depende da marca do olhar do outro. Se o culto à juventude e à beleza, incrementado com ideais de competência e altas performances, é o que predomina, ser velho deveria sempre fazer com que esse sujeito se encontrasse em um lugar denegrado e marginalizado.

Mas observando os dados mais recentes publicados na página do IBGE, notamos que há margem para outras possibilidades, mesmo quando o índice de projeção da dependência econômica de idosos é diretamente proporcional ao aumento da população.

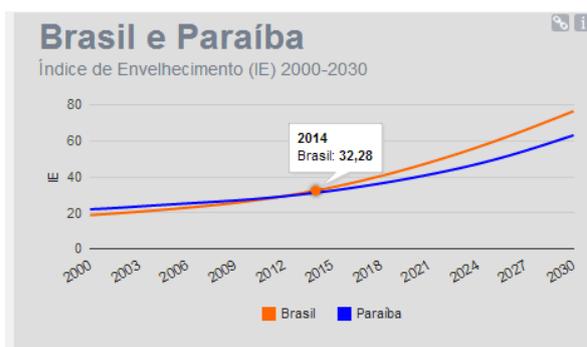


Figura 55 Índice de envelhecimento da população brasileira 2014

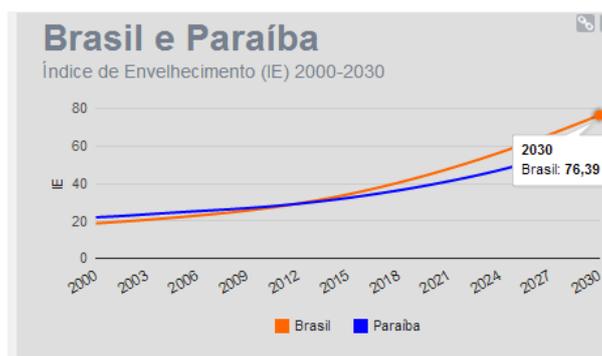


Figura 56 Índice de envelhecimento da população brasileira projeção 2030

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>

Mesmo fazendo parte das práticas discursivas e não discursivas, as construções identitárias que excluem os idosos da vida social não são específicas da população idosa, na condição de minoria [política], como as estatísticas mostram.

É evidente que há sim, essa produção identitária exclusiva, porém, não é a única e também não funciona de forma binária. O mesmo sujeito idoso, por essa heterogeneidade e dispersão, que o constitui como sujeito contraditório, pode ocupar tanto um lugar de inclusão quanto de exclusão, dependendo das condições de possibilidades históricas de produção de seu discurso.

No caminho para o envelhecimento, a população brasileira tem demandado uma série de atitudes governamentais e biopolíticas que afetam a produção discursiva sobre essa faixa etária.

A mídia, como um dos dispositivos das estratégias de poder que afetam e fazem funcionar os outros dispositivos de normalização e regulamentação do “corpo velho”, torna as ideias de “envelhescência” e “gerontolescência”, uma “realidade” cada vez mais cotidiana, em termos de dados comprobatórios.

Portanto, nas duas próximas décadas, as identidades produzidas pela mídia para os idosos terão como lastro as práticas sociais e discursivas do corpo velho gerontolescente, em uma tentativa de apagar essa outra identidade da qual não se quer falar ou dar visibilidade, a menos que ocorra algo desastrosamente importante³⁷ com os “velhos-velhos”.

37 Como no caso da Clínica para idosos “Santa Genoveva” que, entre janeiro e maio de 1996, 156 idosos morreram na Clínica Santa Genoveva, no Rio de Janeiro. A mortalidade mais alta foi observada em maio: 143/1.000 internações. Isto resultou no fechamento da clínica pelo Ministério da Saúde e em uma ampla espetacularização pela mídia.

"QUANDO CRESCER, QUERO SER VELHA": CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Assim como a irrupção de uma tese funciona como a Teoria da Evolução, o seu término também é gradual, pois é uma decisão arriscada concluir uma pesquisa. Mas quando o *corpus* se torna saturado dos mesmos dizeres sobre o mesmo objeto, é hora de parar e dar um efeito de fim ao trabalho.

Milanez [2006], em sua Tese, inicia suas *considerações finais* dizendo que “corpos não se concluem”. Ratificamos esse enunciado e o deslocamos para o nosso objeto, o “corpo velho”, pois construímos uma história do presente desse corpo nos discursos da mídia.

Não podemos controlar a fluidez dos discursos contemporâneos, assim como não há outra maneira de ler o “corpo velho” sem levar em conta essa relatividade e a contradição que se encerram em nosso objeto. Por isso, nos perguntamos: como terminar um texto que está alicerçado nas vontades de verdade da ordem social contemporânea? A volatilidade dos discursos midiáticos sobre o “corpo velho” nos deixou rastros suficientes para podermos sublinhar algumas questões e reafirmar certas ideias expostas ao longo do texto?

No caminho que traçamos até aqui, vislumbramos algumas perspectivas teóricas e práticas para atingir o objetivo de analisar o “corpo velho” na mídia brasileira, a fim de explicar como ocorre a relação saber-poder na produção de identidades de inclusão/exclusão que resulta na espetacularização da posição sujeito “superidoso”/ “gerontolescente”/ ”envelhescente”, tendo como fio-condutor as noções de Biopolítica, Biopoder e Governamentalidade, mas não só.

Seguimos os vestígios enunciativos presentes nas memórias social, individual, discursiva e coletiva. Constatamos que, a partir delas, podem-se fomentar construções identitárias múltiplas e contraditórias acerca do “corpo velho”.

Estudamos a produção “cromático-discursiva”, especialmente a da cor azul, para definirmos de que forma as cores influenciam na produção identitária midiática para a velhice.

Assumimos que a pele do sujeito idoso, entre as rugas e as tatuagens, também é uma superfície passível de subjetivação.

O que ficou desse caminho foi a certeza de termos adentrado as veredas discursivas, tendo como norte a Análise do Discurso e a perspectiva arqueogenalógica de Michel Foucault, visando escavar os vestígios enunciativos que possibilitam à mídia, produzir identidades de inclusão e de exclusão para o “corpo velho”.

Para isso, retomamos a produtividade das relações de poder que permearam as diferentes formas de governo, mostrando suas implicações sobre o corpo até os efeitos do biopoder e da biopolítica, nas esferas individual e coletiva.

Durante a tese, observamos que há uma demanda discursiva sobre a velhice. Essa reivindicação se fundamenta no entrelaçamento dos discursos da mídia, da Gerontologia e da Medicina Geriátrica. Esses discursos partem do princípio disciplinar e normativo do biopoder, apontando para os dispositivos que normalizam/normatizam, através de mecanismos discursivos, o que é ser velho (a)/idoso na contemporaneidade, determinando quais funções esses sujeitos podem e devem exercer na sociedade.

Os cultos à juventude, à longevidade, à saúde através do esporte, e a beleza, como produto, entrelaçam-se aos discursos de disciplinamento e de controle dos corpos velhos, na atualidade. O auge desse entrelaçamento é a rejeição aos “corpos velhos” que não se enquadram na imagem de idoso normatizado pela mídia.

As práticas de governamentalidade são exercidas por todas as esferas da sociedade de controle, devido, principalmente à geração excessiva de informações sobre a manutenção do corpo e ao aumento da vigilância, do monitoramento e da prevenção de possíveis “desvios”. Essas práticas discursivas e não discursivas de governamentalidade promovidas pela biopolítica da mídia têm como efeito a produção de identidades de inclusão e exclusão para o “corpo velho”.

A normatização do “governo si” pelos idosos tornou-se possível em função de uma memória do que é ser velho. Portanto, é através da memória discursiva que nos é permitido perceber a circulação de formulações anteriores. É ela que possibilita, via intradiscurso, analisar os elementos ressignificados do interdiscurso.

Na sociedade ocidental contemporânea, não se trata mais de atingirmos a velhice, mas de como chegamos a ela e quais “práticas de si” nos apropriamos para transformá-la. Tais práticas fundamentais para a produção de identidades que oscilam entre a exclusão e a inclusão, constituem, de forma cambiante, o sujeito idoso e a velhice.

O corpo é suporte para os significados, do mesmo modo que a língua e a linguagem, gerindo socialmente e funcionando como matriz produtora de sentidos. O “corpo velho”, pensado a partir dessa ótica cultural, possibilita-nos observá-lo em suas transformações simbólicas sofridas ao longo do tempo, dentro de uma memória coletiva e dos paradigmas de cada cultura, expressando, desse modo, aspectos da velhice constituídos historicamente.

Assim, a lembrança e os lugares de memória atuam como mecanismos reguladores da formação da memória individual sobre o que é ser velho. Por isso, as gerações mais recentes têm outra memória do “corpo velho”, relacionando-a com o prolongamento da vitalidade e da produtividade, já que a mídia propõe dessa forma. Portanto, a lembrança “presentificada” do “corpo velho” é a lembrança de um corpo interpelado por biopoderes.

Quando está em cena o corpo do idoso, a biopolítica da mídia propõe uma coerção invisível de consumir “saúde”, pois o discurso da Medicina, tomando a perspectiva da medicalização imposta sobre os indivíduos como um ato de autoridade, traz também de forma latente uma positividade do domínio de intervenção médica, que não diz respeito apenas à doença, mas à vida de maneira geral.

Sob outra perspectiva, observamos também o surgimento de discursos da mídia embasados por uma prática pedagógica de manutenção da beleza, da juventude e da longevidade. Há como meta, nesses discursos produzidos para a velhice, criar um ideal de felicidade próprio para os sujeitos que ocupam a posição sujeito idoso e isso inclui o consumo também de imagens e desejos.

Observamos que em todas as capas analisadas são reforçados alguns regimes de visualidade. Entre eles está a normatização das positivities e das negatividades da velhice, interferindo na produção identitária para a velhice e nos próprios “corpos

velhos”. Por isso, a diferenciação identitária, baseada nas comunidades, afeta a ordem social, valorizando os sujeitos idosos de maior capacidade financeira.

Desse modo, as identidades, que circulam nas comunidades de recreação, são diferentes das que podem ser construídas pela mídia e, praticamente, o oposto da produção identitária resultante da reverberação discursiva sobre as comunidades que acolhem idosos de baixa renda. Além disso, mesmo os idosos de baixa renda, que fazem parte de alguma comunidade de recreação, ocupam um lugar diferente dos que precisam de outro tipo de atenção, nas comunidades de convivência e acolhida.

Isso acontece, pois a mídia se apropria da ideia de família, na posição de comunidade ética, para propor suas construções identitárias de inclusão às instituições.

As pistas que nos foram dadas por nosso *corpus* projetaram-nos algumas formas paradoxais de pensarmos o “corpo velho” nos seus processos de subjetivação nas últimas duas décadas. A valorização constante de um “si”, produzindo, de maneira contínua, uma imagem de corpo para os velhos, estabelece como campo de visualidades, a “arte de cuidar de si” e uma atitude positiva dos idosos em relação em ao próprio corpo.

Chamando a atenção para a “arte de si mesmo” e a deslocando para o “corpo velho”, verificamos uma “prática de liberdade” que transgride esse corpo ao mesmo tempo em que respeita seus limites. Tal prática demanda uma “atitude”, inserida na positividade dos discursos midiáticos sobre a velhice, pois a mídia faz com que os sujeitos se adaptem às disciplinas dos biopoderes como se estivessem exercendo a prática da liberdade. Essa ilusão de uma livre escolha propicia imagens de um corpo não perecível às quais os idosos aderem. Por isso, os limites que estabelecem as curvas de visibilidade e os regimes de enunciabilidades também ratificam um efeito de liberdade que levam a relação da mídia com o “corpo velho” ao patamar da norma e do dizer verdadeiro, sendo a mídia, o dispositivo desse poder.

Esses “novos” regimes de visibilidades acentuam a celebração de uma segunda “adolescência” após os 60 anos. É também mais que isso, pois a sociedade atual elabora uma série de tecnologias que fornecem mecanismos de promoção dos cuidados de si, propondo uma moral ética e estética em que o corpo não pode ser “lido” como “velho”.

Dessa maneira, o corpo do idoso visto como **velho** é posto à margem da sociedade devido às suas particularidades que o tornam diferente dos demais, pois o modelo de beleza corrente e espetacularizado é inatingível, sempre que se acha que o limite está posto, ele estará além, causando uma ilusão, a ser compreendida mais tarde no âmbito da transgressão, que envolve não só a mídia, mas todo um conjunto de instituições que delimitam normas para os sujeitos.

A mídia produz e reverbera discursos sobre o “corpo velho”, delimitando os espaços e as posições específicas para o sujeito idoso. Em decorrência disso, tratamos de traçar um trajeto histórico dos sentidos produzidos a partir da instituição da posição sujeito idoso materializada nos discursos desse dispositivo de poder. Portanto, as redes de memória traçadas colocam em evidência o estabelecimento de relações entre as práticas discursivas em que se baseiam a transgressão e a produção de identidades para a velhice.

Esse pensamento parte da metamorfose discursiva pela qual está passando o corpo do idoso nos discursos da mídia, nas últimas três décadas, evidenciando as sensibilidades desse sujeito e o exagero em relação a sua interpelação pelo discurso do consumo, o modelamento desse corpo para adequá-lo às normas dos biopoderes, que atingem o corpo dos idosos tanto no nível do biológico quanto no nível do sujeito discursivo.

Verificamos que as Revistas **Veja**, **Isto é** e **Época** servem de suporte material para os discursos da mídia sobre a velhice e o envelhecimento. Esses discursos midiáticos promovem o controle sobre o “corpo velho”, utilizando como técnica disciplinar, um “efeito manual”.

As técnicas e tecnologias do biopoder e da biopolítica para o “corpo velho” nos permitem entender que cada movimento do corpo é culturalmente definido, sendo parte constitutiva dos saberes sancionados pelas relações de poder presentes em nossa sociedade.

As maneiras como o sujeito idoso utiliza o seu próprio corpo e se dispõe em relação aos corpos dos outros é regulamentada e condicionada pelas condições social e histórica de produção dos saberes.

O corpo é construído discursivamente por **Veja**, **Isto é** e **Época**, a partir do controle de fatores como a atividade física, a estética e a ciência; biopoderes do

cotidiano que apontam para os sujeitos idosos, as mudanças em seus estilos de vida, levando-os a se inserirem em uma “arte de cuidar de si”.

Essas considerações não são realmente finais, definitivas, pois ainda há muito a dizermos sobre nosso objeto. A maneira como estabelecemos as fronteiras do nosso *corpus* definiu nosso modo de análise.

Porém, o nosso objeto de estudo, o “corpo velho”, permanece produtivo para outros olhares e perspectivas, outros efeitos de sentidos de dizeres ainda não materializados.

Todo enunciado é passível de tornar-se outro [cf. PÊCHEUX, 1997b, p. 53], assim como todo discurso está aberto a atravessamentos. Por isso, na medida em que remontamos nossos dizeres sobre o “corpo velho”, retomamos outros discursos e possibilitamos a construção de outros sentidos, estabelecendo, a partir de reconstruções e desconstruções, um espaço discursivo-midiático para o nosso objeto. No entanto, é hora de tirarmos o “corpo velho” de cena, finalizando nosso discurso.

REFERÊNCIAS

ANZIER, Didier. **O eu-pele**. Tradutoras: Zakie Yazigi Rizkallah, Rosali Mahsuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

AZIZE, Rogério Lopes. *A “Evolução da Saúde Masculina”: virilidade e fragilidade no marketing da disfunção erétil e da andropausa*. In.: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BARACUHY. *Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina*. In: Veredas *Online* – Análise do Discurso – 2/2010. Juiz de Fora: PPG Linguística/ UFJF, 2010. p. 167-177.

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARROS, Myriam Morais Lins de. *A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira*. In.: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BARROS, Leandro Gomes de. **História do cavalo que defecava dinheiro**. João Pessoa (PB): Tupyranquim, 1999.

BARROS II, João Roberto. *Prometeus: Filosofia em Revista*. Universidade Federal de Sergipe. Ano 5. N.9. jan. – jun. de 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **Sociedade de Consumo**. São Paulo: Elfos, 1995a.

_____. **Para uma crítica da economia política do signo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995b.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Vida para consumo**. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.347 – 444.

BELTING, Hans. *Imagem, Mídia e Corpo: uma nova abordagem à Iconologia*. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, São Paulo, julho/2006 n.08

CORACINI, Maria José. *Discurso e escritura: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar*. In: ECKERT- HOHH, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço-tela**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

_____. (Org.). **Identidades silenciadas e (in)visíveis : entre a inclusão e a exclusão : (identidade, mídia, pobreza, situação de rua, mudança social, formação de professores)**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

CORALINA, Cora. **Melhores Poemas**; seleção e apresentação Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 3a edição, 2008. 4a reimpressão, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução Luce Giard. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COITO, Roselene de Fátima. *O corpo tatuado: a imagem de uma identidade em 3d*. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro. (orgs.). **Produção de identidades e Processos de Subjetivação em Práticas Discursivas**. Maringá – PR: Eduem, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **A história da infância sem fim**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

COLLUCCI, Cláudia. **Walmor Chagas e o suicídio entre idosos**. *Folha de S. Paulo*, 23/01/2013. Acessado em 24/01/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/1219075-walmor-chagas-e-o-suicidio-entre-idosos.shtml>

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CASTRO, E. . **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). *História do corpo: 3. As mutações do olhar. O século XX - 3*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques e HAROCHE, Claudine. *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*. Lisboa: Editora Teorema, 1988.

_____. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT´ANNA, D. B. de. (Org.) *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 81-114.

_____. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Tradução Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

_____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Supervisão da tradução Patrícia C. R. Reuillard. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009a.

_____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: GREGOLIN, M. do R. e SARGENTINI, V. (Orgs.) *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2009b, p. 11-19.

_____.; VIGARELLO, Georges. *Identificar: traços, indícios, suspeitas*. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). *História do corpo: 3. As mutações do olhar. O século XX - 3*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009c.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; (Orgs.). *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos, SP: Claraluz, 2011, p. 145-162.

_____. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COSTA, Celise Dalla. *A arte de morrer como uma dimensão do “cuidado de si” no pensamento dos filósofos greco-romanos*. In.: **Theoria** - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre. Volume V - Número 12 - Ano 2013.

DEBERT, G. G. . **A Reinvenção da Velhice. Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1. ed. 2.reimp. São Paulo: EDUSP, 2012.

_____. *A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, SÃO PAULO, v. 12, n.34, p. 39-56, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Tradução de Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. **Foucault**. Trad. Cláudia Santana Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2.ed. rev. – Rio de Janeiro: Forense, 2010.

DUARTE, André. *Foucault e a governamentalidade: genealogia do liberalismo e do Estado Moderno*. In.: BRANCO, G. C.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Foucault: filosofia e política**. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.53-70.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. [1993]. Tradução de Marina Appenzeller. 8.ed. Campinas – SP: Papirus, 2004.

ELIAS, Nobert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Tradução de Pedro Sösekind. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. A noção de enunciado em Foucault e sua atualidade na AD. In: FERNANDES, Cleudemar Alves.; SANTOS, João Cabral dos. (orgs.). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos/SP: Claraluz, 2007.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. In.: *Estudos da Língua(gem)*. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso - Vitória da Conquista, n.1, p. 91-97, junho de 2005

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 3 ed., Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1972.

_____. **História da loucura na idade clássica**. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A ordem do discurso**. 5 ed., São Paulo: Edições Loyola. 1999a.

_____. **História da sexualidade (vol. 1): a vontade de saber**. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia da ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, segunda reimpressão 2000. (Coleção Tópicos)

_____. *Aula de 17 de março de 1976*. In: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.285-315.

_____. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Ramos Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **História da sexualidade (vol. 2): o cuidado de si**. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. p.45 – 74.

_____. **Microfísica do Poder**. (tradução e organização de Roberto Machado) 25.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.

_____. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins fontes, 2008b.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

_____. **Ditos e escritos**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro.- 2.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008d. v.2.

_____. *Prefácio à Transgressão*. In. FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.v.3.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. 38.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

_____. **História da sexualidade (vol. 2): a vontade de saber.** 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010c.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983).** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 d.

_____. **Os anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

_____. *A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II.* Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Martin Fontes, 2011b.

_____. **Ditos e escritos.** Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. v. 5.

_____. **Segurité, territoire, population.** Paris: Seuil/Gallimard, 2004a. *Apud DUARTE, André. Foucault e a governamentalidade: genealogia do liberalismo e do Estado Moderno.* In.: BRANCO, G. C.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Foucault: filosofia e política.** 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.53-70.

GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. A língua inatingível: o discurso na história da linguística. Campinas: Pontes. 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Identidade: objeto ainda não identificado?*. Estudos da Língua(gem), Vol. 6, No 1. 2008.

_____. *Discurso, História e a produção de identidades na mídia.* In: FONSECA-SILVA, M. da C. e POSSENTI, S. (Org.) **Mídia e rede de memórias.** Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007a, p. 39-60.

_____. *Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades.* Dossiê. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 4, nº 11, Nov. 2007b, p. 11-25.

_____. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org). **Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Clara Luz, 2006.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos.** São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. (org). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido.** 2ed. São Carlos: Clara Luz, 2003a.

_____. (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003b.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo**. São Paulo: Annalube, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. **Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história**. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) *Gestos de Leitura*. 3. ed. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2010, p. 161-183.

HALBWACHS, Maurice. *Conscience individuelle et spirit collectif*. In: **Classes sociais e morphology**. Paris: Minuit, 1939. *Apud* HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Tradução Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

_____. **Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **Identidade e pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Tradução Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Marai Luiza Appy, Dora Mariana. Petrópolis: Vozes, 2000.

KELLNER, D. **Jean Baudrillard: from marxism to postmodernism and beyond**. California: Standford University, Press. 1989 *Apud* SANTOS, Tarcylene Cajueiro. *A sociedade de consumo: os “media” e a comunicação nas obras iniciais de Jean Baudrillard*. Revista Galáxia, São Paulo, n.21, p.125-136, jun. 2011.

_____. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: Edusp, 2001.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico**. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010. 144p

LACHI, Poliana; NAVARRO, Pedro. *O corpo modado: corporeidade mediada e subjetivação*. In.: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro. (orgs.). **Produção de identidades e Processos de Subjetivação em Práticas Discursivas**. Maringá – PR: Eduem, 2012. p.19 – 39.

LEITE, Maria R. B. *Entrevendo oásis e silêncios no discurso da propaganda turística oficial sobre o Nordeste*. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, SP, 2004, 267p.

MACIEL, Laurinda Rosa. *Medicalização da sociedade ou socialização da medicina? — reflexões em torno de um conceito*. In: História, Ciências, Saúde Vol. VIII(2), 1999, p. 464 – 468. Acessado em 10 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a10v08n2.pdf>

MILANEZ Nilton. **As aventuras do corpo: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa**. (Tese de Doutorado) Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2006.

_____. A escrita do corpo fios e linhas do jogo escriturístico na Revista. In: FONSECA-SILVA. M. C.; POSSENTI. S. (Org.) *Mídia e rede de memória*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007, p. 77-91.

_____. *Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso*. Maringá, v. 31, n. 2, p. 215-222, 2009

_____. *Materialidades da paixão: sentidos para uma semiologia do corpo*. In.: SARGENTINI, Vanice; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI (orgs.). **Discurso, Semiologia e História**. São Paulo: Claraluz, 2011.

_____. *A “Casa de Usher” de Roger Cor’man, o campo de memória e o cromático-discursivo – no discurso fílmico*. R.Let. & Let. Uberlândia – MG. V.28. n.2. p.579 -590. jul./ dez. 2012.

_____; Santos, Jamille da Silva. (orgs.) **Modalidades da transgressão: discursos na literatura e no cinema**. Vitória da Conquista: LABEDISCO, 2013.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H.. **Produção textual na universidade**. São Paulo : Parábola Editorial, 2010.

MONTEIRO, Emmanuele ; BARACUHY, R. . *A vida começa aos 70: os discursos da mídia sobre o envelhecimento*. In: X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, 2013, Vitória da Conquista - BA. Anais do X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico. Vitória da Conquista - BA: UESB, 2013. v. 1.

_____.; LEITE, Maria Regina Baracuhy . *Sexo, saúde e esporte: os discursos da mídia sobre o corpo velho*. In: VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2011, Natal/RN. Anais do VI SIGET. Natal/RN: -, 2011.

_____. *Os discursos sobre o envelhecimento em Veja e em Época*. In: II Simpósio Nacional Linguagens e Gêneros Textuais, 2009, Campina Grande. II Simpósio Nacional Linguagens e Gêneros Textuais. Campina Grande - PB: Realize, 2009.

NAVARRO, Pedro. *Enunciado, subjetivação e “melhor idade”*. Estudos Linguísticos, São Paulo, 40 (3): p. 1551-1561, set. – dez. 2011.

_____.; BAZZA, Adéli Bortolon. *A subjetivação do “novo idoso” em textos da mídia*. Estudos da Língua(gem) Vitória da Conquista – BA. v. 10, n. 2. p. 143-159. dezembro de 2012.

NASCIMENTO, Eliza Freitas do. **A pedagogia do sorriso na ordem do discurso da inclusão da Revista Sentidos: poder e subjetivação na genealogia do corpo com deficiência**. João Pessoa, 2013. Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA

ORLANDI, E. P. “Sobre o intangível, o ausente e o evidente”. In: GADET, F.; PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes. 2004, p. 7-10.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Ouverture du colloque*. In *Matérialités Discursives*. Colloque des 24, 25, 26 avril 1980. Université Paris X – Nanterre. Lille, Presses Universitaires, 1981.

_____. *A Análise de Discurso: três épocas* (1983). In: GADET, F.; HACK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997a.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997b.

_____. *Papel da Memória*. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999b.

_____.; GADET, F. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes. 2004.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1988, 1995, 1997] 2009.

_____.; GADET, Françoise. *A língua inatingível*. In: ORLANDI, Eni (org.) **Análise do Discurso: Michel Pêcheux**, 2.ed..Campinas, SP: Pontes Editores, 2011a.

_____. *Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso* [1977]. In: ORLANDI, Eni (org.) **Análise do Discurso: Michel Pêcheux**, 2.ed..Campinas, SP: Pontes Editores, 2011b.

_____. *Sobre a (Des-)construção das teorias linguísticas*. In: **Línguas e instrumentos linguísticos**. In: ORLANDI, Eni (org.) **Análise do Discurso: Michel Pêcheux**, 2.ed..Campinas, SP: Pontes Editores, 2011b.

_____. *L'étrange miroir de l'analyse de discours*. In: *Langages*, 15e année, n°62, 1981. *Analyse du discours politique* [Le discours communiste adressé aux chrétiens] pp.

5-8. Acessado em 23 de fevereiro 2014. Disponível em : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1981_num_15_62_1872

PEREIRA, Tânia Augusto; BARACUHY, Regina. *O insustentável peso do corpo gordo*. In.: LEANDRO, M. L. S.; ARANHA, S. D. G.; PEREIRA, T. A. (orgs.) **Os sentidos (des)velados pela linguagem**. João Pessoa – PB: Ideia, 2012. p.31-48.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. **O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático: o corpo em cena nas capas da revista veja**. João Pessoa, 2013. (Tese) – UFPB/CCHLA.

PRATA, Mário. **"100 Crônicas", Você é um Envelhescente?** Cartaz Editorial/Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 13.

REVEL, Judith. *Michael Foucault conceitos essenciais*. (C.P.Filho & N. Milanez, Trad.). São Paulo: Claraluz, 2005.

SANT'ANNA, Denise B. de. (Org.) *Políticas do corpo*. 2. ed. Tradução dos textos em francês Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTOS, João B. C. dos. A Análise do Discurso do Brasil: entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.) *Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia, MG:EDUFU, 2010, p. 119-159.

SANTOS, Tarcyenne Cajueiro. *A sociedade de consumo: os "media" e a comunicação nas obras iniciais de Jean Baudrillard*. Revista Galáxia, São Paulo, n.21, p.125-136, jun. 2011.

SARGENTINI, Vanice; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI (orgs.). **Discurso, Semiologia e História**. São Paulo: Claraluz, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.)(2000). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ. Vozes.

SILVA, Francisco Paulo da.; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. *Análise de discurso político e a política da análise do Discurso: O Estranho Espelho da Análise do Discurso*. In.: Anais do I Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/FranciscoPauloDaSilva.pdf>

SOARES, Sylvia S. G. de S. **Envelhescência. Um fenômeno da modernidade à luz da psicanálise**. São Paulo: Editora Escuta, 2012.

STASSUN, Cristian Caê Seemann; ASSMANN, Selvino José. *Dispositivo: Fusão de objeto e método de pesquisa em Michel Foucault*. Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.99, p. 72-92, jul/dez. 2010

SWAIN, Tania Navarro. *Velha? Eu? – Autorretrato de uma feminista*. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.261 – 270.

TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro. (orgs.). **Produção de identidades e Processos de Subjetivação em Práticas Discursivas**. Maringá – PR:Eduem, 2012.

TOLEDO, Ari. **Os textículos de Ari**. São Paulo: Novo Século, 2010. p. 32.

WRIGHT, R. M. ; LUIZA, G. . *Doença, cura e serviços de saúde. Representações, práticas e demandas Baniwa*. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, v. 17, n.2, p. 273-284, 2001.

ANEXOS

[PRATA, Mário. "100 Crônicas", *Você é um Envelhescente?* Cartaz Editorial/Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 13].

Se você tem entre 45 e 65 anos, preste bastante atenção no que se segue. Se você for mais novo, preste também, porque um dia vai chegar lá. E, se já passou, confira. Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes: infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto. Esqueceram de nos dizer que entre a maturidade e a velhice (entre os 45 e os 65), existe a ENVELHESCÊNCIA.

A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, há a envelhescência. E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida com a adolescência? Coloque os óculos e veja como este nosso estágio é maravilhoso: — Já notou que andam nascendo algumas espinhas em você? Notadamente na bunda? — Assim como os adolescentes, os envelhescentes também gostam de meninas de vinte anos.

— Os adolescentes mudam a voz. Nós, envelhescentes, também. Mudamos o nosso ritmo de falar, o nosso timbre. Os adolescentes querem falar mais rápido; os envelhescentes querem falar mais lentamente.

— Os adolescentes vivem a sonhar com o futuro; os envelhescentes vivem a falar do passado. Bons tempos...

— Os adolescentes não têm idéia do que vai acontecer com eles daqui a 20 anos. Os

envelhescentes até evitam pensar nisso.

— Ninguém entende os adolescentes... Ninguém entende os envelhescentes... Ambos são irritadiços, se enervam com pouco. Acham que já sabem de tudo e não querem palpites nas suas vidas.

— Às vezes, um adolescente tem um filho: é uma coisa precoce. Às vezes, um envelhescente tem um filho: é uma coisa pós-coce.

— Os adolescentes não entendem os adultos e acham que ninguém os entende. Nós, envelhescentes, também não entendemos eles. "Ninguém me entende" é uma frase típica de envelhescente.

— Quase todos os adolescentes acabam sentados na poltrona do dentista e no divã do analista. Os envelhescentes, também a contragosto, idem.

— O adolescente adora usar uns tênis e uns cabelos. O envelhescente também. Sem falar nos brincos.

— Ambos adoram deitar e acordar tarde.

— O adolescente ama assistir a um show de um artista envelhescente (Caetano, Chico, Mick Jagger). O envelhescente ama assistir a um show de um artista adolescente (Rita Lee).

— O adolescente faz de tudo para aprender a fumar. O envelhescente pagaria qualquer preço para deixar o vício.

— Ambos bebem escondido.

— Os adolescentes fumam maconha escondido dos pais. Os envelhescentes fumam maconha escondido dos filhos.

— O adolescente esnoba que dá três por dia. O envelhescente quando dá uma a cada três dias, está mentindo.

— A adolescência vai dos 10 aos 20 anos: a envelhescência vai dos 45 aos 60. Depois sim, virá a velhice, que nada mais é que a maturidade do envelhescente.

— Daqui a alguns anos, quando insistirmos em não sair da envelhescência para entrar na velhice, vão dizer:

— É um eterno envelhescente!

Que bom.

[CASTRO, Ruy. **Prazeres da "Melhor Idade"**. In.: Folha.com (28/01/2012). Acessado em 09/07/12].

A voz em Congonhas anunciou: "Clientes com necessidades especiais, crianças de colo, **melhor idade**, gestantes e portadores do cartão tal terão preferência etc.". **Num rápido exercício intelectual**, concluí que, não tendo necessidades especiais, nem sendo criança de colo, gestante ou portador do dito cartão, **só me restava a "melhor idade" - algo entre os 60 anos e a morte.**

Para os que ainda não chegaram a ela, "melhor idade" é quando você pensa duas vezes antes de se abaixar para pegar o lápis que deixou cair e, se ninguém estiver olhando, chuta-o para debaixo da mesa. Ou, tendo atravessado a rua fora da faixa, arrepende-se no meio do caminho porque o sinal abriu e agora terá de correr para salvar a vida. Ou quando o singelo ato de dar o laço no pé esquerdo do sapato equivale, segundo o João Ubaldo Ribeiro, a uma modalidade olímpica.

Privilégios da "melhor idade" são o ressecamento da pele, a osteoporose, as placas de gordura no coração, a pressão lembrando placar de basquete americano, a falência dos neurônios, as baixas de visão e audição, a falta de ar, a queda de cabelo, a tendência à obesidade e as **disfunções sexuais**. Ou seja, nós, da "melhor idade", estamos com tudo, e os demais podem ir lamber sabão.

Outra característica da "melhor idade" é a disponibilidade de seus membros para tomar as montanhas de Rivotril, Lexotan e Frontal que seus médicos lhes receitam e depois não conseguem retirar.

Outro dia, bem cedo, um jovem casal cruzou comigo no Leblon. Talvez vendo em mim um pterodátilo da clássica boemia carioca, o rapaz perguntou: "**Voltando da farra, Ruy?**". **Respondi, eufórico: "Que nada! Estou voltando da farmácia!"**. E esta, de fato, é uma grande vantagem da "melhor idade": você extrai prazer de qualquer lugar a que ainda consiga ir.

Primeiro, a aposentadoria é pouca e você tem que continuar a trabalhar para melhorar as coisas. Depois vem a condução.

Você fica exposto no ponto do ônibus com o braço levantado esperando que algum motorista de ônibus te dê uns 60 anos.

Olha... a análise dele é rápida. Leva uns 20 metros e, quando pára, tem a discussão se você tem mais de 60 ou não.

No outro dia entrei no ônibus e fui dizendo:

- "**Sou deficiente**".

O motorista me olhou de cima em baixo e perguntou:

- "**Que deficiência você tem?**"

- "**Sou broxa!**"

Ele deu uma gargalhada e eu entrei.

Logo apareceu alguém para me indicar um remédio. Algumas mulheres curiosas ficaram me olhando e rindo...

Eu disse bem baixinho para uma delas:

- "Uma mentirinha que me economizou R\$ 3,00, não fica triste não"

Bem... fui até a pedra do Arpoador ver o por do sol.

Subi na pedra e pensei em cumprir a frase. Logicamente velho tem mais dificuldade.

Querem saber?

Primeiro, tem sempre alguém que quer te ajudar a subir: "Dá a mão aqui, senhor!!!"

Hum, dá a mão é o cacete, penso, mas o que sai é um risinho meio sem graça.

Sentar na pedra e olhar a paisagem.

É, mas a pedra é dura e **velho** já perdeu a bunda e quando senta sente os ossos em cima da pedra, o que me faz ter que trocar de posição a toda hora.

Para ver a paisagem não pode deixar de levar os óculos se não, nada vê.

Resolvo ficar de pé para economizar os ossos da bunda e logo passa um idiota e diz:

- "O senhor está muito na beira pode ter uma tontura e cair."

Resmungo entre dentes: ... "só se cair em cima da sua mãe"... mas, dou um risinho e digo que esta tudo bem.

Esta titica deste sol esta demorando a descer, então eu é que vou descer, meus pés já estão doendo e o sol nada.

Vou pensando - enquanto desço e o sol não - "Volto de metrô é mais rápido..."

Já no metrô, me encaminho para a roleta dos **idosos**, e lá esta um puto de um guarda que fez curso, sei eu em que faculdade, que tem um olho crítico de consegue saber a idade de todo mundo.

Olha sério para mim, segura a roleta e diz:

- "**O senhor não tem 65 anos, tem que pagar a passagem.**"

A esta altura do campeonato eu já me sinto com 90, mas quando ele me reconhece mais moço, me irrompe um fio de alegria e vou todo serelepe comprar o ingresso.

Com os pés doendo fico em pé, já nem lembro do sol, se baixou ou não dane-se. Só quero chegar em casa e tirar os sapatos...

Lá estou eu mergulhado em meus profundos pensamentos, uma ligeira dor de barriga se aconchega... Durante o trajeto não fui suficientemente rápido para sentar nos lugares que esvaziavam...

Desisti... lá pelo centro da cidade, eu me segurando, **dei de olhos com uma menina de uns 25 anos que me encarava... Me senti o máximo.** Me aprumei todo, estufei o peito, fiz força no braço para o bíceps crescer e a pelanca ficar mais rígida, fiquei uns 3 dias mais jovem.

Quando já contente, pelo menos com o flerte, ela ameaçou falar alguma coisa, meu coração palpitou.

É agora...

Joguei um olhar 32 (aquele olhar de Zé Bonitinho) ela pegou na minha mão e disse:

- "**O senhor não quer sentar? Me parece tão cansado?"**

Melhor Idade??? Melhor idade o cacete.



Época edição 388



Época edição 340



Época edição 308



Época edição 298



Época edição 280



Época edição 243



Época edição 168



Época edição 122



Época edição 116



Isto é edição 2066 17 de ...



Isto é edição 1857



Isto é edição 1685



Época edição 760



Época edição 756



Época edição 633



Época edição 599



Época edição 519



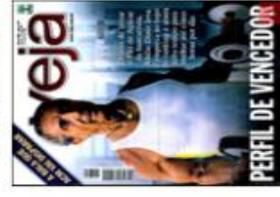
Época edição 408



Veja edição 1738



Veja edição 1708



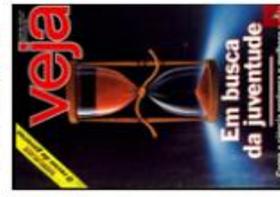
veja edição 1690 07 do 0...



Veja edição 1614



Veja edição 1380 22 do 0...



Veja edição 1140 25 do 0...



Isto é edição 2248



Isto é edição 2238



ISTO É edição 2168_1 d...



Veja edição 2299



Veja edição 2121



Veja edição 2068



Veja edição 2034



Veja edição 1957



Veja edição 1871



Veja edição 1806

